JOÃO RIBEIRO

SELECTA CLASSICA

Com annotações philologicas, grammaticaes, em complemento das doutrinas expostas no curso superior da *Grammatica Portugueza* do mesmo auctor

eadem
4
1689

3ª EDIÇÃO

(MUITO MELHORADA)

LIVRARIA FRANCISCO ALVES
166, Rua do Ouvidor, 166 — Rio de Janeiro
S. Paulo
65, Rua de S. Bento
Bello Horizonte
1055, Rua da Bahia
1914

Carlos Henrique Liberalli 1923

BIBLIOTECA
C. H. LIBERALLI
2/47

SELECTA CLASSICA

Obras do mesmo Autor

Propriedade da LIVRARIA FRANCISCO ALVES

Historia do Brasil, para Gymnasios e Escolas Normaes, curso superior, 3ª edição. 1 vol. cart..... 4$000

Historia do Brasil, para Escolas Primarias, adoptada para uso das Escolas do Estado de Minas, curso medio. 1 vol. cart..... 1$000

Historia do Brasil (Rudimentos de), para Escolas Primarias, curso primario. 1 vol. cart..... 1$000

Autores Contemporaneos. Selecta dos autores do seculo XIX, adoptada pelo Governo para os exames das linguas franceza, ingleza e allemã. Edição contendo numerosas annotações philologicas. 1 vol. cart..... 3$000

Grammatica Portugueza, da infancia, curso primario (1º anno). 1 vol. cart..... 1$000

Grammatica Portugueza, elementar, curso medio (2º anno). 1 vol. cart..... 2$000

Grammatica Portugueza, curso superior (3º anno). 1 vol. cart..... 3$000

Diccionario Grammatical. 1 vol. cart..... 4$000

Historia do Brasil (edição do Centenario). 1 vol. cart.. 3$000

Livro de Exercicios, para servir com a Grammatica do 1º anno. 1 vol. cart..... 1$000

Selecta Classica — Periodo archaico, periodo classico; quinhentistas e seiscentistas; com annotações philologicas e grammaticaes. 1 vol. cart..... 4$000

Historia Antiga (Oriente e Grecia). 1 vol. cart.....(exgotada)

Frazes Feitas (Explicação de proverbios e modismos vernaculos). 1 vol., br. 2$500, enc. em carneira..... 3$500

Segunda série das **Frazes Feitas**. 1 vol., br. 2$500, enc. 3$500

JOÃO RIBEIRO

SELECTA CLASSICA

Com annotações philologicas, grammaticaes,
em complemento das doutrinas expostas no curso superior da
Grammatica Portugueza do mesmo auctor

3ª EDIÇÃO
(MUITO MELHORADA)

LIVRARIA FRANCISCO ALVES
166, Rua do Ouvidor, 166 — Rio de Janeiro
S. Paulo
65, Rua de S. Bento
Bello Horizonte
1055, Rua da Bahia
1914

Typ. da Livraria Francisco Alves

SELECTA CLASSICA

A

FRANCISCO ALVES DE OLIVEIRA

O. D. C.

O auctor.

ADVERTENCIA

(3ª EDIÇÃO)

Conservamos o texto estereotypado da edição anterior, a que não foi necessario fazer modificações.

No intervallo, porém, da 2ª para a 3ª edição, appareceram em Portugal edições novas de obras antigas: a *Virtuosa Bemfeitoria,* e a *Corte imperial,* dirigidas por Bruno, da Bibliotheca Municipal do Porto, e o *Cancioneiro geral de Resende,* publicado por Gonçalves Guimarães, de Coimbra; todas do periodo archaico.

Bruno publicou ainda a *Fastiginia,* manuscripto do seculo XVII, de Thomé da Veiga; e Mendes dos Remedios fez uma edição critica da *Chronica do Condestabre.* Tambem importante é a nova edição das *Peregrinações* de Mendes Pinto, pelo general Brito Rebello.

J.

INDICE GERAL

Periodo ante-classico

(Sec. XI-XV)

Noticia..... IX
Nobiliarios..... X
Chronicas e livros de piedade..... XI
Romances..... XI
Primeiros historiadores..... XII
Cancioneiro dos nobres XIII
Canc. da Vaticana... XIV
Canc. Colocci Brancuti..... XIV
Reliquias apocriphas XV
Excerptos (Sec. XII)
Noticia particular de Lourenço Fernandez XXVII
Carta de Partilhas... XXVIII
Lenda do Rei Leir... XXIX
A cabra, o filho e o lobo XXX
O vilão que acutilou a cobra..... XXX
O vaqueiro que combate por seu senhor.. XXXI
Livro da Virtuosa Bemfeitoria..... XXXIV
Leal Conselheiro.... XXXVI
Ainda El-Rei Dom Duarte..... XXXVII
Frag. de um «Flos Sanctorum»..... XXXVIII
Gomez eannez de Zurara..... XXXIX-XL
Roteiro de Vasco da Gama..... XLI
Chronica do Condestabre..... XLII
O Alfageme de Santarem..... XLIV
Fernan Lopez XLV
Periodo Trovadoresco. (Sec. XII-XIV)
João de Guilhade... XLVIII
Ayres Nunez, Clerigo XLVIII
Paay Soares de Taveiroos..... XLIX
El-Rei Dom Diniz.. L
Periodo de Epigonos. (Sec. XIV-XV)
Garci Ferrandes.... LII
Canc. de Garcia de Rezende..... LIII

Periodo classico

I. — Os Quinhentistas (Sec. XVI)

Noticia..... 3
GARCIA DE RESENDE
Retrato de D. João II..... 6
O homem que bebia vinho. 8
Dito de D. João II..... 8
Fantasma..... 9
GIL VICENTE
Sermão aos padres..... 10
BERNARDIM RIBEIRO
Menina e Moça..... 14

Culpa da terra 16
As historias..... 18
O rouxinol 18
FRANCISCO DE MORAES
Dialogo. Amores..... 20
Aprestos de casamento.... 21
Doutores..... 22
F. MENDEZ PINTO .
O Pekin..... 24
Prisão em cisterna..... 28
JOÃO DE BARROS
A viciosa vergonha..... 29
Tres sortes de vergonha... 31
Parabola..... 33
Amor pelo dinheiro..... 35
Jovens e velhos..... 35
Santa Cruz e Brazil..... 37
DIOGO DO COUTO
Portuguezes de ouro..... 39
O naufragio de Sepulveda . 41
SÁ DE MIRANDA
Dial. da Mentira e Discrição 44
Ultima scena dos—Estrangeiros..... 47
ANTONIO FERREIRA
Monologo de Bristo..... 50
Este mundo..... 51
Da comedia — O cioso.... 52
LUIS DE CAMÕES
Seleuco..... 54
Outra scena do Seleuco.... 57
Scena do Filodemo..... 59
Carta..... 60
Carta..... 61
Oitavas dos Lusiadas, 17, 19, 23, 38, 67, 69, 72, 75, 79, 83, 87, 90 e ... 115
JORGE DE VASCONCELLOS
Ulyssipo..... 63
Aulegrafia..... 64
Monologo do Parasito..... 66
HEITOR PINTO
Sciencia e caridade..... 68
Vida e morte..... 69
A formosura..... 70
A ociosidade..... 71
Virtude e fraqueza..... 72
A idéa segundo Platão 74
Banquete egypcio..... 75
AMADOR ARRÁIZ
Fidalguias..... 76
O amor de Deus pelos justos 78
A fé e o imperio..... 79
A dôr..... 80
DAMIÃO DE GOES
..... 81
FR. BARTOLOMEO DOS MARTYRES
Carta a uma senhora..... 83
GARCIA DE ORTA
Colloquios..... 85
PEDRO DE MARIZ
Terra de Santa Cruz..... 86
F. RODRIGUEZ SILVEIRA
Serviço militar..... 88
A. CASTILHO (o antigo)
O Brazil..... 91
JOÃO DE LUCENA
As santas aguas da fé..... 92
O amôr mestre de musica.. 93
Lirio do campo 94
A formiga 95
S. Francisco de Xavier.... 96
FR. THOMÉ DE JESUS
A Cruz..... 97
Doutrina..... 99
AFFONSO D'ALBUQUERQUE
Gôa..... 101
JERONYMO OSORIO
Jornada d'Africa..... 104
FR. LUIS DE GRANADA
Parabola..... 107
ANTONIO TENREIRO
Pombos correios..... 109
F. R. LOBO SOROPITA
Carta..... 111
JOANNA DA GAMA
A tristeza..... 113
PANTALEÃO D'AVEIRO
Na terra santa..... 115

II. — Os Seiscentistas (Sec. XVII)

Noticia..... 121
FR. LUIS DE SOUSA
Clerigo da boa vida 125
Brandura do Arcebispo na admoestação..... 127
Renuncia..... 129
Milagre de esposa..... 130
Caridade..... 133
O arcebispo e o menino... 136
A claustra..... 138
F. RODRIGUEZ LOBO
Descuido..... 141
Novellas..... 142
Pe ANTONIO VIEIRA
Parabola de Isaias 149
Carta a El-Rei..... 152
A alma 182
Columnas do throno 185
Dar esmola..... 187
O tempo e o amor 188
A ausencia..... 189
Dilação..... 190
Os escravos 193
Madrugada..... 196
Onde cahiu o diabo 198
Carta..... 200
Ladrões..... 202
JACINTO FREIRE
Discurso de Coge, Cofar.. 204
Carta de D. João de Castro. 206
Os prologos 210
DOM FRANC. MANOEL
Mulheres que sabem latim. 211
Segredos..... 212
Vozes portuguezas..... 213
Se os mouros pintassem .. 215
Vicios 217
Pe MANOEL BERNARDEZ
Gladiadores..... 218
Os frades e as formigas... 222
O frade e o passarinho.... 227
Na taverna..... 230
Os tres risos..... 230
Moral politica..... 231
Historia dos tres cegos.... 232
Sentença..... 235
«ARTE DE FURTAR»
Da arte de furtar 236
Mãos postiças..... 238
FREI A. DAS CHAGAS
A illusão..... 240
Rapidez da graça..... 241
OREGORIO D'ALMEIDA
Profecia da restauração... 243
Pe B. DO QUENTAL
Lenda do peccador..... 244
A. DE SOUZA MACEDO
Riso e lagrima..... 246
Elzevir 246
DOM F. DE PORTUGAL
Da prisão 247
FREI JOÃO DOS SANTOS
Mouro feiticeiro 249
Outro caso do feiticeiro... 251
Pe M. GODINHO
Pesca de perolas 253
DUARTE RIB. DE MACEDO
Casamento do imperador Theophilo..... 256

Seculo XVIII

BISPO DO PARÁ
No Amazonas..... 265
Um poeta bahiano..... 265
CAVALLEIRO DE OLIVEIRA
Carta..... 266
MANOEL DE FIGUEREDO
Edipo 267
ANTONIO JOSÉ
Outro eu 270
Pe THEODORO DE ALMEIDA
O campo e a cidade..... 272

A. RIBEIRO DOS SANTOS
Pastoraes..... 273
LUIZ A. VERNEY
Cultismo..... 274
FILINTO ELYSIO
A proposito de maus versos 276
Paysagem 278

NOTA ás estancias dos *Lusiadas*..... 279
BIBLIOGRAPHIA 281
INDICE das notas..... 293

INTRODUCÇÃO

PERIODO ANTE-CLASSICO

O periodo *medieval* ou *ante-classico* da linguagem e da literatura portugueza discorre desde o seculo XI aos começos (1520) do seculo XVI. Até o seculo XIII não ha documentos literarios, apenas documentos officiaes, escripturas e papeis forenses. Os seculos XII e XIV marcam a época do influxo provençal na poesia dos primeiros trovadores; tambem por esse tempo apparecem os primeiros escriptos em prosa. No seculo XV já a prosa sobrepuja a poesia, e surgem nessa era chronistas, historiadores e precursores dos quinhentistas; a actividade poetica nessa ultima phase de transição abrange os mesmos nomes que vão representar a reacção do renascimento na época seguinte.

Ainda está por fazer-se uma chronologia quanto possivel exacta dos documentos da antiga lingua, e seria um incitamento a ainda maior numero de erros que os que correm, repetir hypotheses e fantasias de alguns criticos e eruditos de hoje (1).

---

(1) Adopto neste ponto uma das classificações, a melhor, ao meu parecer, de Theophilo Braga (*Modernas Idéas*, II, 338 e em outros logares), pela qual nitidamente distingue um periodo em que «*preponderam elementos medievaes*» (é o que denominamos ANTE-CLASSICO), e o outro que é o producto do renascimento greco-latino em toda a Europa.

I

Comtudo, podem-se aqui indicar summariamente os escriptos em prosa de que havemos noticia (2), guiando-nos principalmente neste assumpto a historia da literatura de Carolina Michaëlis de Vasconcellos:

A) Os **Nobiliarios** ou, segundo a expressão antiga, *Livros de linhagem*. Possuimos quatro redacções d'esses livros, mais ou menos incompletos, e todas impressas no volume *Scriptores* (Port. Mon. Historica): *α*) o mais antigo chamado o *Livro velho*. *β*) O segundo, pequeno fragmento onde se contém a *lenda de Gaya*. *γ*) O terceiro, tambem fragmentado, onde se lê a descripção incompleta mas viva e interessante da *Batalha de Salado*. *δ*) O quarto e ultimo, conhecido por *Nobiliario do Conde D. Pedro*, o qual é o mais conhecido (3).

---

(2) Uma das razões que fortalecem o meu sentir de que effectivamente não ha como subdividir ao extremo o periodo archaico e anteclassico, é esta universalmente reconhecida de que os documentos em prosa em todo aquelle discurso do tempo offerecem completa homogeneidade na linguagem, nas fórmas e construcção. Nem São Boaventura nem Herculano, grande conhecedor da lingua e da época, estremavam e distinguiam escriptos do seculo XIV ou XV, a não ser pelo estudo de caracteres e indicios indirectos, mais da historia que da linguagem. Os mais antigos são naturalmente (a par de papeis e documentos juridicos) resumos em romance de tratados religiosos ou excerptos vulgarisados da Biblia, obras de disciplina que, uns e outros, não passavam dos claustros fóra. O povo por sua vez elaborava a literatura não escripta com as suas lendas e romances ou estorias: não ha, pois, lugar de extranhar, como o faz C. Michaëlis, a formação subita e perfeita da novella do Amadis na época de Dom Diniz. Tambem mais tarde Gil Vicente e Camões são os primeiros e os nunca egualados; a elaboração literaria da epopéa e do theatro que os precede é por assim dizer invisivel (Cf. C. Michaëlis).

(3) O manuscripto do Livro velho (1343) foi achado por Lousada, 1580, e publicado, pela primeira vez e segundo uma cópia, por Sousa, nas *Provas* I, 141-173 da *Historia Genealogica*, 1739. Herculano formou uma lição entre varias cópias, mas o manuscripto original perdeu-se. || O terceiro livro citado acima, chamado *Nob. do*

B) **Chronicas e livros de piedade.** — Nesta classe incluimos *α*) a *Chronica breve do Archivo Nacional*, mero registro de noticias de 1150 a 1325. Foi publicada no vol. *Scriptores* (Port. Mon. Hist.) *β*) *Chronicas breves de S. Cruz. Livro da Noa de S. Cruz*. *γ*) *Chronica dos Vicentes;* tambem a *Chronica da conquista do Algarve* (em copia que parece muito posterior) e a *Vida de S. Isabel*. E os livros de historia: *Estoria geral* e uma *Chronica de Hespanha*. *ϱ*) Os livros e fragmentos de literatura religiosa publ. por S. Boaventura: a *Regra de S. Bento;* os *Actos dos Apostolos;* as *Historias abreviadas do testamento velho;* e do **Cod. Alcob:** o *libro das Confissões* e o *Castello perigoso*, etc. (4).

C) **Romances.** — Neste genero estão as composições de maior valor literario, mas incompletas ou falhas ou modernizadas (sem falar nas que desappareceram ou se não encontraram até agora. *α*) A *Historia Troyana* tirada do romance francez *Roman de Troie;* as novellas de *Annibal* e de *Julio Cesar* (se o eram) mencionadas entre os livros da bibliotheca de D. Duarte. *β*) Os romances do *Graal* que parecem ser uma trilogia: o livro de *Joseph de Arimathea;* o *Merlin* ou o *Conto do*

Collegio dos Nobres, andava junto e encadernado com o *Cancioneiro da Ajuda*. || Do quarto, o *Livro do Conde*, ainda existe na Torre do Tombo uma das varias copias que se conhecem. Tambem se julga perdido o manuscripto original.

(4) Neste titulo incluimos obras varias que afinam pela historia civil ou religiosa. As chronicas de S. Cruz estão nas *Provas* da *Historia Geneal.* de Souza. || Da interessante *Chronica dos Vicentes, da fund. moesteiro de S. Vicente de Lixboa*, ha uma nova edição, Porto, 1873. || O texto exacto da *Estoria geral* não está definido. O Codice da Bibl. Nac. de Madrid (do sec. XIV) é mais antigo que o da *Torre do Tombo* e o de Paris, que trazem modificações e addições posteriores. Foi publicada uma parte (192 paginas) pelo Dr. Nunez de Carvalho, Coimbra, 1863, o mesmo que editou o *Roteiro* de D. João de Castro. || Da *Historia da Espanha* em lingua portugueza (ou *Coronica de E.*) que a possuia D. Duarte, ha um exemplar no Escurial (Car. Michaëlis. *Gesch. der port. Litt.* 211).

A's especies indicadas da literatura religiosa juntem-se as lendas e vidas de *Santa Euphrosina*, de *S. Maria Egypcia*, a collecção de exemplos piedosos e edificantes publicados por J. Cornu na *Romania* XI e a *Vida de Santo Amaro*, publicada na mesma revista, vol. XXX, por Otto Kolb (1901).

Brado; e a *Demanda do Sancto Graal*. A este cyclo pertencem a *Estoria do Emperador Vespasiano* (a qual é talvez um resumo do José de Arimathea) e uma *Historia de Lancelote, Leonel e Galvam* (5). γ) O romance de *Amadis de Gaula* de Vasco de Lobeira, cujo original portuguez se perdeu, mas existiu ao menos até 1686 (existia então uma cópia na bibliotheca do Conde de Vimieiro). Eis tudo (6).

D) **Primeiros Historiadores.** — Começam já no periodo de transição para a época classica. Nesta nova série que é a mais conhecida da edade ante-classica incluem-se os nomes de: **D. Duarte** (1391-1438) ou auctor do *Leal Conselheiro* e do *livro de Ensinança de bem cavalgar*; o **enfante D. Pedro**, o auctor da *Virtuosa Bemfeitoria*, livro ainda hoje, por negligencia, não publicado; e os primeiros historiadores, que verdadeiramente merecem esse nome, **Fernam Lopez, Gomezeannez de Zurara**, a que se ajuntam Vasco Fernandez de Lucena e Ruy de Pina, precursores immediatos dos quinhentistas (7).

---

(5) Esta deve existir em Sevilha, aonde foi parar. A *Demanda* foi publ. por C. Reinhardstoettner. Berlim, 1887. A *Estoria do Emp. Vespasiano* foi impressa em 1496 e reimpressa recentemente.

(6) A *Historia troiana*, pelo mesmo auctor, escripta em duas versões em portuguez e em hespanhol, existe na Bibl. Nac. de Madrid. || Varnhagen viu, segundo conta no *Cancioneirinho*, 165, um manuscripto *Livro de Joseph Abarimathia intitulado a primeira Parte do Santo Grial*, cópia de outro do seculo XIV. || Pára ainda em Sevilha no *Convento del Angel*, em portuguez, uma *Historia de Lancelote, Leonele Galvan*; d'ella, ao escrever sua historia da literatura portugueza e pensando talvez em uma chrestomathia historica que a insigne romanista planeja escrever, esforçava-se por obter uma cópia mas... *eine Kopie dieses wichtigen Codex habe ich noch nicht erhalten können*, diz ella. (C. Mich., op. cit, 216) || O romance de *Amadis de Gaula* merecera todo um capitulo, se houvera logar aqui para essa, entre todas, questão capital na historia das origens da literatura portugueza, para cuja elucidação ninguem mais contribuiu do que Teophilo Braga. || Ajunte-se aqui o nosso primeiro fabulario *O Livro de Esopo*, descoberto e publicado por J. Leite de Vasconcellos.

(7) Neste titulo em que se incluem os primeiros prosadores onde já se notam as qualidades primarias do estylo e da linguagem que só espera a perfeição classica do seculo seguinte, haveria ainda lugar para o *Livro de montaria*, até hoje inedito.

II

As primeiras manifestações da literatura portugueza (1200-1385) são poesias liricas de imitação, canções ao modo das dos *trovadores provençaes*, exemplares do genero em todo o sul da Europa. Da imitação, porém, elevou-se a altura de typo e amostra para outros povos. (8).

Os trovadores portuguezes cujos nomes conhecemos d'aquelle periodo chegam quasi ao numero de duzentos, mediocres e eguaes, mas alguns sobresaem a todos: Dom Diniz, Affonso X, o clerigo Airez Nunez, Joam de Guilhade, Joam Airez, Pero da Ponte, Pero Garcia e Fernam Garcia.

Não ha vestigio de poesia épica: a epopéa até essa epoca é anterior á nacionalidade e é mais christã; traduz-se no poema do *Cid*, que symboliza toda a Hespanha christã em lucta contra o Mouro. A epopéa portugueza começará em Aljubarrota.

As canções portuguezas foram reunidas em varios albuns e collecções ou *Cancioneiros* pertencentes a reis ou fidalgos, e as que conhecemos em estado mais ou menos perfeito são as seguintes:

a. O **Cancioneiro dos Nobres,** tambem chamado o **Cancioneiro da Ajuda** (por haver pertencido á bibliotheca do

---

(8) Foi grande serviço á lingua portugueza que com isso ganhou a sua primeira expressão literaria e transcendeu os limites da nacionalidade como liugua culta. Rara, nesta era, é a composição em lingua estranha e um ou outro raro dizer ou estribilho se toma das linguas cultas medievaes. (*Or sachez veroyamen*... Canc. da Ajuda, 126, ou alguns provençalismos *nient, en gage, senner,* sem falar em fórmas dialectaes portuguezas que não vêm ao caso). Nega com razão Carolina Michaëlis, *op. cit.* pg. 181 a existencia dos italianismos, que o não são, apontados por Theophilo Braga. (*Vat.* XXXII e *Curso,* 71.)

Não fica distanciada da producção dos poetas provençaes a fecundidade dos trovadores portuguezes. Carol. Michaëlis contou, eliminadas as duplicatas de varios cancioneiros, nada menos de 2116 poesias de mais de 150 trovadores. || A linguagem dos cancioneiros era mais propriamente uma fórma culta musical e literaria da lingua do norte de Portugal. As *canções,* como o provam as notações musicaes do codice da Ajuda, eram para se *cantarem.* Algumas as obsceuas ou pilhericas, ao menos, deviam ser recitadas: d'ahi talvez a distincção como a queria Santillana (Car. Mich., 202) entre *cantares* e *dizeres.*

Collegio dos Nobres até 1825 e d'ahi em diante á Bibliotheca da Ajuda). É um fragmento e contém umas trezentas canções. Foi publicado em 1823 *(Paris)* por lord Carlos Stuart, em edição de 25 exemplares.

Foi ainda publicado por Varnhagen, *Madrid*, 1849, sob o titulo *Trovas e Cantares*. Suppoz Varnhagen que todas as canções fossem de um unico auctor, provavelmente o Conde de Barcellos, por se achar o cancioneiro reunido num mesmo codice ao Nobiliario d'aquelle Conde. Verificou-se o erro mais tarde.

Afinal teve o *Cancioneiro da Ajuda* a sua edição definitiva e monumental, graças á erudição e sciencia de Carolina Michaëlis. (Halle, 1904).

β. O **Cancioneiro da Vaticana,** assim chamado por ser o codice (sob n. 4.803) da bibliotheca vaticana em Roma. A primeira edição foi feita por Caetano Lopez de Moura sob o titulo de *Cancioneiro d'el Rei Dom Diniz* (Paris, 1847).

Depois, E. Monacci, philologo italiano, fez a edição diplomatica e completa *(Halle*, 1875). E sobre esta de Monacci, publicou Th. Braga a sua edição critica em 1878.

O *Cancioneiro de D. Diniz* foi depois restituido por H. Lang em excellente e eruditissima edição.

Ainda ao Cancioneiro da Vaticana pertence o texto do *Cancioneirinho das Trovas antigas* de Varnhagen (Vienna, 1870) e as *Cantigas de J. de Guilhade*, restituidas por O. Nobiling.

γ. O **Cancioneiro Brancuti** ou de Angelo **Colocci** (por haver pertencido ao philologo Angelo Colocci e depois ao Conde Brancuti). De todos os codices é este o mais importante e o mais completo. Até ha pouco, quando se editava o Cancioneiro da Vaticana, julgou-se perdido o *Cancioneiro Colocci*. Grande numero, cerca de mil canções d'este, são em commum com o *Canc. da Vatic.* ou da *Ajuda*, e 443 são ineditas.

No tricentenario de Camões, Molteni editou (em *Halle*, 1880) o *Cancioneiro Colocci* (9-10).

δ. Da época que se segue cabe aqui citar as *Cantigas de Affonso, o sabio*, editadas luxuosamente pela Academia Hespanhola (1889); a edição dos fragmentos de *Macias o Namorado*, por *H. Rennert* (Philadelphia, 1900) e o *Cancioneiro gallego castelhano*, por *H. Lang* (New-York, 1902), ambas preciosas e importantes (sec. XIV-XV).

Ha ainda a considerar as reliquias apocryphas (11).

(9-10) Ha noticias de outros Cancioneiros que nunca foram encontrados: o *Cancioneiro do Conde de Marialva*, citado desde Fr. Bernardo de Brito e onde se encontram *apocriphos* de que trataremos depois; o *Livro das Cantigas do Conde Barcellos*, e é o que Varnhagen por engano suppoz achar quando publicou um fragmento de cancioneiro igual ao da *Ajuda*.

É possivel, comtudo, que o chamado *Livro das Cantigas* seja o codice original de todas as outras cópias, dos codices da *Ajuda* e outros. Neste caso o erro de Varnhagen limita-se a dar simplesmente como de auctor unico um album facticiamente collectivo dos trovadores da época. || O codice da *Vaticana* é uma cópia de letra do seculo XVI, tirada de manuscripto desconhecido, e é o mesmo o caso do cancioneiro *Colocci*: e ambos, ainda que os mais abundantes, são incompletos, sendo o segundo de mais rico conteúdo que o primeiro. || O primeiro em Portugal a revelar a existencia em Roma do cancioneiro de D. Diniz foi Duarte Nunes de Lião na sua *Chronica* do mesmo rei. Lisbôa, 1600, fol. 133. A edição de Monaci traz o titulo *Il Canzoniere port.* || Braga, *Curso de Litt.*, pg. 86, enumera o *Cancion.* de Mecia de Cisneros, o *Livro das trovas* de D. Diniz e os demais que mencionamos como elementos componentes do *Livro das Cantigas* do Conde de Barcellos. Não me parecem concludentes as razões que em favor d'esta conjectura allega o erudito critico; nem tambem me parece que da phrase «mando o *meu livro das cantigas* a El-Rey de Castella» se deva tirar um sentido necessariamente contrario ou diverso do de «mando o livro das minhas cantigas» phrase mais clara, porém não opposta á primeira, como dá a entender Car. Michaëlis, *op. cit.*, 187, *nota* 5, traduzindo «o *meu livro das cantigas*» por «das mir gehörige Buch der Lieder. *O meu livro das cantigas* póde perfeitamente significar o *livro das cantigas que escrevi* ou das Buch meiner Lieder.

Não transformemos, pois, uma simples probabilidade em verdade inconcussa.

(11) Seguimos nos textos d'estas producções a lição de Antonio Ribeiro dos Santos — *Mem. de Litter. da Academia*, VIII, part. I, e foi tambem a que seguiu Ferreira, *Curso* I, 175, sem embargo de algumas pequenas variantes que, tratando-se de composições ficticias como essas, pouco importam. A mais importante é a do verso 3º da segun-

I (Uma d'ellas) é o **Poema da Cava**:

O rouço da Cava imprio de tal sanha
A Juliam e Orppas á saa grey daninhos,
Que ensembra co os netos d'Agar fornesinhos
Huãa atimarom prasmada façanha:
Cáa Muça e Zariph com basta campanha
De juzo da sina de Miramolino
Ca falso Infançon, e Prestes malino
De Cepta aduxerom ao Solar de Espanha.

E porque era força, adarve e foçado
Da Betica Almina, e o seu Casteval
O conde per encha e pró communal
Em terra os encréos poyaram a saa grado
E Gibaraltar, maguer que adarvado,
E co compridouro por saa defensão
Pelo suso dito seu algo de afão
Presto foy delles entrado e filhado.

E os ende filhados, leaes á verdade
Os hostes sedentos de sangue de oniudos
Meterom a cutelo apres de rendudos
Sem esguardarem a sexo nem idade,
E tendo atimada a tal crueldade,
O templo e orada de Deos profanarom
Voltando em mesquita hu logo adorarom
Saa besta mafoma, a medes maldade.

---

da estancia da *Canção do Figueiral*, (segundo a disposição estrophica que adoptamos) como em nota no logar devido se ha de dizer. || As fontes da questão dos apocriphos: Fr. Bernardo de Brito — *Monarchia lusitana*, Lisbôa 1609; e *Chronica de Cistér, ibid. 1602*; Miguel Leitão de Andrade — *Miscellanea*, Lisbôa, 1629. Manoel de Faria e Souza — *Epitome de las Historias portuguezas*, Madrid 1628, e *Europa portugueza* (que é uma 2ª ed. ampliada da obra antecedente) tomo I, Lisbôa, 1667.

O gozu e assalto que os da alevozia
Tramarom por voltos de algo sayones
Co'os dois almirantes da hoste mandones
Quedarom com farta soberba e folia
A Algesira que o medés temia
Por ter a maleza cruenta sabudo
Mandou mandadeyro como era teudo
Ao rouçam do rey que em Toledo sia.

Deram enorme antiguidade a esse asnatico poema, cuja composição, segundo Faria e Souza, deveria datar do seculo IX.

Ribeiro dos Santos suppunha que fosse composto nos seculos XII ou XIII. Theophilo Braga, no seculo XV, por causa da disposição estrophica especial só vulgarizada n'aquella era. A razão estava com João Pedro Ribeiro, que a julgára apocripha, a esta como as outras reliquias, por falta de provas, por se encontrar uma d'ellas em uma novella de Leitão de Andrade (1629) e as outras inventadas por Bernardo de Brito «cuja fé é nenhuma», e porque as palavras usadas correspondem a fórmas idiomaticas de varias épocas, o que mostra ser um «*todo afeitado*» e um «*artificio*». Accresce que n'esse tempo, em que vieram a luz, não se sabia onde estavam os cancioneiros antigos, e vogava a estreita opinião patriotica dos mesmos Brito e Faria e Souza de que toda a fórma poetica, inclusive o *soneto*, a *endecha*, a *canção* eram cousas todas de invenção portugueza e antiguissima.

O poema da *Cava* foi achado por Leitão de Andrade em um *velho codice* que nunca ninguem mais viu (12).

II. A segunda *reliquia* achada e copiada por Fr. B. de Brito de uma «memoria» desconhecida é a celebre *canção de Gonçalo Hermiguez*, a qual é um verdadeiro disparate, de palavras arbitraria-

(12) *Poema da Cava*, tambem chamado da *Perda de Hespanha*. Notem-se as phrases *E porque era força... Sem esguardar a sexo nem idade...* perfeitamente modernas.

mente formadas, sem sentido, sem metro e sem rima, que veio illudindo a todos os criticos (excepto João Pedro Ribeiro) até ao erudito Theophilo Braga que, sem embargo do grande conhecimento que tem do assumpto, lhe prestou credito e d'ella fez uma traducção ou cousa que o valha. Eil-a a Canção de *G. Hermiguez*, no original:

Tinherabos, non tinherabos
Tal a tal ca assoma,
Tinheradesme, non tinheradesme;
De lá vinherades, de cá filharedes;
Cá amabia tudo em soma.

Per mil goivos trebelhando
Oy, oy bos lombrego,
Algorem se cada folgança
Asmei eu; perque do terrenho
Nom ha hi tal perchego.

Ouroana, Ouroana, oy tem per certo
Que inda bida do biber
Se olvidrou por teu olvidro, porque em cabo
O que eu ei de la chebone sem referta,
Mas non ha perque se ver.

Theophilo Braga fez a traducção seguinte que me parece obscurissima (13).

---

(13) Não é melhor a de Almeida Garrett, publicada no tomo V da *Revista Universal Lisbonense*:

Ora vos tenho, ora não;
E um a um elles que chegam!
Já me apanhaes e já não...
D'aqui largam, e d'ali pegam,
Que anda tudo ao repellão.

Tenho-vos, não vos tenho,
A um e um tudo acode !
Tiveram-me, não tiveras !
De lá fartada cá vieras,
Pois luctam a quem mais póde.

Por mil jocos trebelhando
Hoje, hoje vos prescruto !
Alguem d'aqui la folgando
Suppuz ; porque esse terreno
Nunca deu ai tal fructo.

Mas não ha porque se ver,
De minha vida o viver
Por teu alvidro olvidei.
Diz o canto sem mentira :
Ninguem Oriana me tira
Porque é alfim o que eu hei. (14).

III. A terceira *reliquia* são duas cartas suppostas de Egas Muniz Coelho dirigidas a uma dama, D. Violante. Foram

---

Por mil goivos retouçando
Ai, ai, que vos avistei !...
Já sei porque ando lidando,
Que em taes terras, bem pensei,
Melhor fructo não verei.

Oriana, Oriana, oh tem por certo
Que esta vida, do viver,
Toda em ti se olvidou n'aquelle apêrto,
E o que, em troco, eu vim a haver
Não ha mais para se ver.

(14) Escusado é dizer que as fórmas *tinherabos*, *vinherades*, *andabia*, *chebone* jamais pertenceram ou poderiam pertencer á lingua portugueza. Th. Braga traduz *chebone* por *chacona* (que é uma trauscripção arbitraria de Costa e Silva) e exprime d'ahi a convicção (são palavras de Car. Michaëlis, *Gesch. der port. Litter.*) que a poesia é resto que sobreviveu a um grupo de *Chaconas de Ouriana* referentes ao romance de «*Amadis*» ! ! Admira que aquelle auctor, incontestavelmente homem de vasta erudição, deslize em tão pueris e aereas hypotheses.

dadas á luz pelos mesmos Leitão de Andrade e Faria e Souza, que as collocaram no tempo de Affonso Henriques. Outros fizeram-n'as do tempo de D. João I, o que mais se conforma com a linguagem dos versos. Nenhuma authenticidade possuem e parecem composições feitas no dialecto archaico da Beira, como se vêem taes em Gil Vicente (seculo XVI). Garrett deu-lhes uma versão symbolica e muito mais bella que o original.

São provavelmente, ao meu ver, composições de algum poeta archaisante e que datam dos principios do seculo XVI ou, quem sabe? talvez de Gil Vicente (15).

Eil-as com a versão de Garrett:

I

Original.	(Versão de Garrett)
Fincaredes bos embora	Ficae-vos em boa hora
Taom coitada	Tão chorada,
Que ei boime per hi fora	Que eu vou-me por ahi fóra
De longada.	De longada.
Bai-se o bulto do mei corpo,	Vae-se o vulto do meu corpo,
Mas ei non	Mas eu não.
Que ós çocos bos finca morto	Que aos pés vos fica morto
O coraçom.	O coração.

(15) Car. Michaëlis. *op. cit.* apud Groeber, 3 — B — 4 § 21, pag. 164. Os fundamentos com que João Pedro Ribeiro negava a authenticidade d'estas *reliquias* são em resumo os seguintes: Não posso reconhecer, diz elle, a genuinidade d'estes documentos, 1º por falta de provas de sua antiguidade que não allegaram Leitão na sua novella nem Brito, cuja fé é nenhuma. 2º porque todas as palavras que nellas se empregam, todas *de diversas idades* da nossa lingua, formando um *todo afeitado*, parecem ser mais obra de um artificio estudado. 3º As cartas de Egas Moniz Coelho e a de Gonçalo Hermiguez tão visinhas de outros documentos verdadeiros, distinguem-se tanto em barbaridade que até nisto mostram affectação. Vide Ferreira, *Curso* I, 183. J. P. Ribeiro no tomo I das *Dissertações Chronol.*

Se pensades que ei vom
Nom no pensedes,
Que chantado em bos estom
E nom me bedes.

Mei jazido e mei amar
Em bos acara;
Grenhas tendes de espelhar
Lusia cara.

Nom farom estes meis olhos
Tal abesso.
Que esgravizem os meis dolos
Da compeço.

Mas se ei for pera Mondego
Pois la vom,
Carullias me fagaom cego
Como ei som.

Se das penas do amorio
Que ei retouço,
Me figerem tornar frio
Como ei o ouço.

Asmade-me se queredes
Como Lusco
Se no torvo me acharedes
A muy fusco.

Se me bos a mi leixardes,
Deis me guarde,
Nem asmeis bos de queimardes
Isto que arde.

Ora non leixedes, non,
Ca sois garrida,
A se non, Christé la jon
Per inha vida.

E se pensaes que eu vou
Não no pensedes:
Que unido comvosco estou
E não me vedes.

Em vós meu ser, meu amor,
Que de vós nasce;
Tranças tendes de espelhar
Lucida face.

Não quero os olhos voltar
Tam de avesso,
Que os meus males va contar
Do começo.

Mas se eu for para Mondego
Como vou,
Carochas me façam cego
(Que já o sou!)

Se n'estas penas de amor
Com que lido,
Como dizeis, esfriar
O meu sentido,

Amae-me assim, se quereis,
D'este modo;
Senão peior me achareis
Cego de todo.

Se vós a mim me deixardes...
Deus me guarde!
Que fareis vós em queimardes
O que já arde?

Ora não me deixeis, não,
Que sois garrida!
E se não kirieleisão
Por minha vida.

II

(*Original*)	(Versão de Garrett)
Bem satisfeita ficades	Bem satisfeita ficaes,
Corpo d'oiro	Corpo de oiro ;
Alegrades a quem amades	Alegraes a quem amaes
Que ei já moiro.	Que eu já moiro.
Ei bos rogo bos lembredès	Mas peço que vos lembreis
Ca bos quige,	Que vos quiz,
A que dolos nom abedes	E que penas não haveis
Que bos fige.	Que vos fiz.
Cambastes a Pertigal	Trocastes a Portugal
Por Castilla,	Por Castella,
Abasmades o mei mal,	E levaes-me a alma, inda mal !
Que dôr me filha.	Que dôr hei n'ella !
Pranhaisme por Castijanos,	Deixais-me por castelhanos...
Epestineque,	Que negra sorte !
A chantaisme binte enganos	E teceis-me mil enganos
Que me segue.	Por me dar morte.
Bedes moiro, bedes moiro,	Vedes moiro, vedes moiro,
Biolante,	Violante !
Longe bá o sestro agoiro,	Longe vá o sestro agoiro
Por diante.	Por diante.
Bos bibede hu centenairo	Vós vivei um centenario
Muy garrioso,	Mui ditoso !
Que ei me boi para o trintairo	Que eu me vou para o trintario
Lagrimoso.	Lagrimoso.
A se a bossa remembrança	Se um dia á vossa lembrança
Ei bier,	Eu vier,
Dizei, Egas tem folgança	Dizei : Egas tem folgança !
Hoxiquer.	Dizei siquer.

A se ouvirdes na mortulha
Os campaneiros,
Retouçade na murmulha
Os meis marteiros.

Quando ouvirdes papear
O castejom,
Lembrede-bos lhe fige dar
Ja de cotom.

A que bos quige, e requige,
Como ber,
A nunca a cousa bos fige.
Desprazer.

Nem bos podo maes falar
Que non falejo,
Ca bem podedes asmar
Qual ei sejo.

Tenho todo o arcaboiço
Sem feiçom,
Mas ei bos vejo, e bos oyço
No coraçom.

Bedesme boi descahindo
Nesta hora;
Bos amor ficade rinde
Muito embora.

Quando ao meu enterramento
Se tocar,
Revolvei no pensamento
O meu penar.

E quando esse castelhano
Basofiar,
Lembrae-vos que desengano
Lhe fiz já dar.

Ai que vos quiz e requiz
Como o ver!
Em coisa alguma vos quiz
Desprazer!

Não vos posso mais falar
Bem me fino...
Bem podeis imaginar
Qual sou mofino.

Tenho todo o arcaboiço
Sem feição,
Mas inda vos quero e oiço
No coração.

Vêde, já vou descahindo
N'esta hora...
Vós, amor, ficae-vos rindo
Muito embora.

IV. Ainda outra *reliquia* da antiga poesia é a famosa *Canção do Figueiral*. Fr. Bernardo de Brito, o primeiro que a publicou, attribuiu-a a um certo Goesto Ansur, personagem fabuloso. João Pedro Ribeiro considerou-a apocripha. Em todo o caso nada tem de commum com a antiga literatura poetica portugueza, senão que é formada sobre a lenda primeva do tributo de donzellas christãs que se pagava ao rei mouro.

É uma composição do seculo XVI, que provavelmente com o seu espirito de falsificador escreveu Fr. Bernardo de Brito, eximio nesse genero de imitações. Não lhe faltam bellezas de fórma e sentimento e indole popular. De todas as apocriphas é esta ao menos a unica que póde brilhar com um ou outro lampejo de authenticidade (16).

Canção do figueiral

No figueiral figueiredo a no figueiral entrey
Seis niñas encontrara, seis niñas encontrei;
Para elas andara, para elas andei
Llorando las achara, llorando las achei,
Logo las pescudara, logo las pescudei (perconte.)
Quem las mal tratara y a tam mala ley?

No figueiral figueiredo a no figueiral entrey,
Uma me repricara: — infançom, nom sei,
Mal ouvesse la terra que tene o mal rei.
S'ei las armas usara, ya mi fee non sei,
Se hombre a mi levara de tam mala lei.
Adios vos vayades, garçom, ca non sey
Se onde me falades, mais vos falarei.

No figueiral figueiredo a no figueiral entrey,
Ei li repricára: — A mi fee nom irey,
ca olhos d'essa cara caros comprarei,
a las longas terras em traz vós me irei,
lingua de aravias eu la falarei;
mouros se me vissem, eu los matarei.

(16) Apezar do que linhas acima deixei dito, inclino-mo a crêr na authenticidade d'este documento que tem o cunho e o metal da poesia popular, e d'elle se encontram allusões até no *folk-lore* do Brazil. || No terceiro verso da segunda estrophe *Mal ouvesse la terra que tene o mal rei*, Car. Michaëlis com razão notou o engano de Storck, que traduziu *ouvesse* como fórma de *ouvir*, quando é de *haver*.

No figueiral figueiredo, a no figueiral entrei,
Mouro que los guarda cerca las achei,
mal las meaçara, eu mal me anojey ;
troncom desgalhara, troncom desgalhey;
todolos machucara, todolos machuquey,
las ninhas furtara, las ninhas furtei,
la que a mim falara, na alma la chantey,
No figueiral figueiredo, a no figueiral entrei.

Parece uma paraphrase «afeitada», sim, mas consertada de elementos poeticos populares.

V. Não está na classe tradicional das *cinco reliquias* anteriores, a elegia de um certo Dom Mendes Vasques de Briteiros, acreditada como authentica por Theophilo Braga, que é quasi tão disparatada como a canção do *Tinherabos* de Gonçalo Hermiguez (*A juso da querida mendo jázes*, publicada por Fr. Fortunato de S. Boaventura — 1827 — na sua *Historia de Alcobaça*, Prova XVI, no *Canc. Pop.* p. 202 de Th. Braga). Outros pequenos apocriphos são menos conhecidos e sem importancia.

Nos excerptos que se vão ler segue-se quanto possivel a ordem chronologica dos documentos do portuguez antigo, que n'uma chrestomathia historica deviam ser precedidos de outros do latim medieval, qual o conhecemos, da região lusitanica (17), mas não faze-

(17) Ha um aspecto original na decadencia do latim, que merece ser estudado no que respeita ao portuguez.

Referimo-nos á influencia do latim da igreja e das obras christãs que, constituindo a unica literatura notavel da decadencia romana, tornaram-se os verdadeiros agentes da formação do latim medieval.

O livro de maior prestigio, a Biblia, que foi traduzido na Africa, e conhecido sob o titulo Vetus Itala e mais a *Vulgata* disseminaram plebeismos e fórmas novas e barbaras que persistiram desde então para sempre.

É muito de notar-se a influencia do latim africano. Sabe-se que muitos padres notaveis eram d'aquella parte, Tertulliano, Cypriano, Arnobio, Agostinho.

D'entre os numerosissimos factos já analysados por Herman Rönsch (*Itala und Vulgata*, Marburg) no corpo d'aquelles dous livros, notaremos rapidamente os seguintes: a) A formação de substantivos com suffixos: *nugamentum* por *nugæ ; calcaneum* por *calx ; pœnitudo* por *pœna ; dolositas* por *dolus*, etc. b) A auctorisação de plebeismos: *ca-*

mos aqui (longe dos documentos originaes), uma *chrestomathia historica*, e sim um mero esboço do desenvolvimento do antigo portuguez. (18).

---

ballus, mansio, bucca, testa, etc, e de fórmas adjectivas com o valor de substantivos: *diurnum* por *dies ; murale* por *murus ; hibernum, matutinum.* etc. c) Grande numero de adjectivos em *alis, bilis, bundus, lentus, osus...* como *amarulentus, placibilis, æternalis, meticulosus,* etc. d) Verbos de varios processos de derivação : *mensurare, potionare, deteriorare ;* com prefixos: *deplanare, confortare, incrassare, perconterrere, discooperire* e outros muitos ; fórmas frequentativas : *projectare, compressare, recollectare,* etc. e) A composição dos vocabulos é frequentissima : *imbonitas, inveritas, disconvenientia ;* facto que se torna extensissimo nas particulas : *deintus, deforis, demane, deretro, abante,* etc. f) São admittidos varios hebraismos, como o superlativo do substantivo : *vanitas vanitatum.* Entre os grecismos convém notar o emprego de *habeo* com o infinito, uso que esporadicamente apparece em Cicero e torna-se a fórma habitual das linguas romanas. || Muitas outras vozes corriam já, autorisadas pelo uso dos escriptores : *discursus* por *sermo ; burrus* por *asinus,* e *pejorare* (Coelius Aurelius) *testa* (Ausonius) *amicabilis* (Codigo Justiniano).

(18) Apenas como um dos ultimos especimens do latim na época em que já se falava o romance portuguez, incluimos aqui um documento do seculo XI :

1063

Sub christi nomine ego fredenandus rex et sanchia regina nobis patri episcopo domno cresconio et omnibus ecclesie sancti iacobi apostoli canonicis tam presentibus quam futuris facimus hanc scripturam firmitatis de villas quas olim adefonsus rex bone memorie in suburbio colinbriense quas nuper dominus de manu gentilium abstulit et sancta vestra intercessione dicioni nostre subdidit. idest villa in ripa de fluvio viaster cum ecclesia sancti martini et villam crescenrire et iuxta flumium villa com ecclesia sancti laurentii et terciam partem de villa travazolo inter agatham et uaugam. Omnes has villas cum terminis et adiacenciis seu cum omni prestancia sua et quicquid ad easdem villas pertinet vel pertinere videtur sicut adefonsus rex et eius uxor enxemena regina ecclesie beati iacobi dederunt nobis subditas tradimus iure perhenni. Quuisquis uero spiritu rapacitatis deceptus hanc donationem olim a predecessore nostro bone memorie factam etan..... confirmatam usurpare vel infringere conatus fuerit sit ab omnipotenti deo confusus et ab ecclesia dei in eterna dampnatione cum vida Christi traditore dampnatus.

Noto die VI° idus marcü. Era IC^{a} prima.

Fredinandus rex conf.—Sanchia regina conf. — etc.

EXCERPTOS

Noticia Particular de Lourenço Fernandéz

(Seculo XII)

(1185)

...noticia de torto, que fecerum a *Lourencius Fernandiz*, por plazo, que fece *Goncavo Ramiriz* antre suos filios, e *Lourenço Ferrnandiz*, quale podedes saber: e ove aver de erdade daver, tanto quome uno de suos filios, da quanto podesem aver de bona de seuo pater, e sua mater. E depois fecerum plazo novo e convem a saber quale: in elle seem taes firmamentos, quales podedes saber. *Ramiro Goncalviz*, *Goncalvo Gonca e Eluira Goncalvis* foram fiadores de sua Irmana que orgase aquele plazo, come illos; super isto plazo ar ferum suo pleito e a maior ajuda que illos hic conocerum, que les acanocese *Laurenco Fernandiz*, sa irdade per preito, que a tévesse o Abate de Santo Martino, que como vencesem octra que asi les dese de ista o Abate, e que nunqua illos lecxassem d'aquella irdade, d... sem seu mandato; se a lexarem, intregarem ille de octra, que li plaza: E d'aver, que overum de seu pater, nunqua le inde derum parte. Deu *Dum Goncavo* a *Laurenco Fernandes*, *e Martim Goncalvis* XII. casaes por arras de sua avoo: e filaram li illos inde VI. casales cum torto; e podedes saber como. Mandou *Dum Guncavo* a sua morte de XVI. casales de *Veracin*, que fructarum, e que li nunqua inde derum quinnons, e de VII e medio casaes entre *Coina* e *Bastuzio* unde li nunqua derum quiniom; e de III. in Tefuosa, unde li nunqua ar derum nada, e duno casal de Coina, que levarum inde III. anos o fructo com

torto, e por istes tortos que lli fecerum, tem qua seu plazo quebrantado, e qua li o devem porsanar.

Carta de Partilhas

(Secu'o XII)

(1192)

In christi nomine amen. Hec est notitia de partiçon, de devison, que fazemos antre nos dos erdamentus e dos coutos, e das Onrras, e dous Padruadigos das Eygreygas, que forum do nosso padre, e de nossa madre, en esta maneira: que Rodrigo Sanches ficar por sa partiçon na quinta do Couto do Viiturio, e na quinta do Padroadigo dessa Eygreyga, en todolos us herdamentus do Couto, e de fora do Couto: Vasco Sanchiz ficar por sa partiçon na Onrra Dulveira e no Padroadigo dessa Eygreyga, em todolos herdamentus Dolveira, e en nu casal de Carapezus de vluar, e en noutro casal en Agiar que chamam Quintaa: Meen Sanchiz ficar por sa partiçon na Onrra de carapezus, e nus outros herdamentus, e nas duas partes do Padroadigo dessa Eygreyga e no Padroadigo da Eygreyga de Treysemil, e na Onrra e no herdamento Darguiffe, e no herdamento de Lavorados e no Padroadigo dessa Eygreyga: Elvira Sanches ficar por sa partiçon nos herdamentos de Centegaus, e nas tres quartas do Padroadigo dessa Eygreyga e no herdamento de Treyxemil, assi us das sestas, como noutro herdamento. Estas partiçoens, e divisoens fazemos antre nos, que vallam por en secula seculorum amen.

Facta, Karta mense Marcii, Era MCCXXX. Vaasco Suariz, testis — Vermuu Ordoniz testis — Meen Fanrripas testis — Gunsalvu Vermuiz testis — Gil Dias testis — D. Minon testis — Martim Periz testis — D. Stephani Suariz testis — Ego Johanes Menendi Presbiter notavit.

(*Diss. chronologicas e criticas* de J. P. Ribeiro, vol. I, documento nº).

Lenda do rei Leir

(Livros de linhagens *apud* Portugalliæ monumenta historica)

Quando foi morto rrey Balduc, o voador, rreynou seu filho que ouue nome Leyr. E este rrey Leyr nom ouue filho, mas ouue tres filhas muy fermosas e amauaas muito. E huum dia ouue sas rrazoões com ellas e disselhes que lhe dissessem verdade quall dellas o amaua mais. Disse a mayor que nom auia cousa no mundo que tanto amasse como elle, e disse a outra que o amaua tanto como ssy meesma, e disse a terçeira, que era a mẽor, que o amaua tanto como deue d'amar filha a padre. E elle quislhe mall por en, e por esto nom lhe quis dar parte no rreyno. E casou a filha mayor com o duque de Cornoalha, e casou a outra com rrey de Scotia; e nom curou da meor. Mas ella por sa ventuira casousse melhor que nenhuma das outras, ca se pagou della elrrey de França e filhoua por molher. E depois seu padre della em sa velhiçe, filharomlhe seus gemrros a terra e foy malandante, e ouue a tornar aa merçee delrrey de França e de sa filha a meor, a que nom quis da parte do rreyno. E elles reçeberomno muy bem e deromlhe todas as cousas que lhe forom mester e homrraromno mentre foy uiuo, e morreo em seu poder. E depois se combateo elrrey de França com ambos os cunhados de sua molher, e tolheolhes a terra. Morreo elrrey de França e nom leixou filho vivo. E os outros dous a que tolhera a terra ouuerom senhos filhos e apoderaromsse da terra toda, e premderam aa tya, molher que fora delrrey de França, e meteromna em huum carçer, e alli a fezerom morrer.

[A cabra, o filho e o lobo] (19)

(a) [P]om emxemplo este poeta e diz que hũa cabra leixou sseu filho em ssua casa, e çarrou a porta e mandou-lhe que sse nom partisse nem abrisse a porta a nhũa persoa ataa que ella viesse. E como lhe disse esto, foy-sse a cabra a paçer.

E hũu pouco estando, veo o lobo e bateu aa porta, e começou de falar como sse fosse cabra, dizemdo que lhe abrisse a porta.

A cabrita disse:

— Saae-te d'aqui, falso ladrom, e nom te achegues aqui! [ca tu nom] es a mynha madre, mas falsamente tu arremedas a uoz d'ella; e pella fendedura da porta vejo eu bem que tu es llobo.

E o lobo vemdo que o conhoçia, foy-sse sseu caminho.

Per este emxemplo este poeta nos amoesta que os filhos deuem de sseer obidiemtes aos mandamentos do padre e da madre; e diz que como os filhos som bem aventurados, obeedeçemdo ao padre e aa madre, assy pelo comtrayro os que nom obedeçem a sseus mandados.

[O vilão que acutilou a cobra] (20)

[P]om emxemplo este poeta e diz que hũu vilãao criou hũu coobra per espaço de tempo. Hũu dia deu este vilãao hũa cuitelada na cabeça aa cobra; fugio d'elle, e o vilãao afaagaua-a, que sse tornasse pera ell, e pedio-lhe perdom, e a coobra lhe disse:

---

(19) Leitura do Dr. J. Leite de Vasconcellos.
(a) Onde ponho colchetes, está roto o ms.
(20) Veja nota 19.

— Eu te perdoo, mas nom quero mays viuer com tiguo, ca ssempre me temeria d'aquy avamte dc ty que me désses outra tal ferida; e ja com tiguo nom viueria ssegura: pois me nom foste lleall amiguo, ja nunca auerey fiuza em ty.

E dictas as palauras, a cobra sse partio d'elle.

Per este emxemplo este poeta nos amoesta que nós nom deuemos comfiar d'aquelles que nos hũa vez emganam, porque assy como nos emganam hũa uez, assy uaam cuidando d[e n]os emguanar outra, ca ho bem que nos faz o homem que nom he fiell nom se deue chamar «bem», mas «mall».

[O vaqueiro que combate por seu senhor] (21)

[C]omta o doutor este emxemplo e diz que hũu caualeyro, familiar d'hũu rrey, conhoçia hũu homem velho que nom avia filhos e era ja muyto velho e desapossado e era muyto rrico, ca ell ssempre fora e era ofiçiall d'el-rrey, que avia curado sseus caualeyros.

Este caualeyro lhe avia grande emveja, porque era rrico, e buscava cada dia maneyra em como lhe tomasse o que tijnha; e ffoy-sse a el-rrey e acusou-ho dizendo que quanto ell tijnha, todo furtara a el-rrey, e que de furto era assy rrico, dizendo d'ell muyto mal, e que era ladram e homem de maa condiçom: e que esto lhe queria prouar em hũu campo com a espada na mãao.

El-rrey fez chamar o velho, e mandou-lhe que sse escusasse ou emtrasse em campo com ell; e sse com ell nom sse estreuesse de

(21) Veja nota 19.

combater, que buscasse outrem que sse com ell combatesse em sseu nome.

O caualeyro era muy valemte em armas. E o velho rreçeaua de sse combater com elle, ca o caualeyro era muy mançebo, e elle era mui velho e muy desapossado: e amdaua rrogando paremte[s e a]mygos a que ell ja fezera muytas boas obras, e nom podia achar quem quy[se]sse tomar a avemtura por ell, ca sse temiam do caualeyro. Este velho sse querelaua e dizia:

—Muytos ajudey ao tempo de sseus mesteres, assy a paremtes como amygos, e ora nom acho paremte nem amyguo! Quando a furtuna he comtra o homem, todolos paremtes ffogem d'ell, como ora fazem de mym!

E este velho tijnha hũu sseu pastor que lhe guardaua sseu guaado. E veemdo o pastor sseu ssenhor amdar tam triste, ouue piedade d'ell, e preguntou-lhe porque andaua com tanta tristura. O uelho lhe comtou todo sseu negoçio. O pastor, que ouue d'elle doo, lhe disse:

—Meu ssenhor, eu quero tomar esta avemtura em vosso nome.

O uelho lhe deu muytas graças.

Ho outro dia, do combate, mandou este pastor bem armado ao campo a combater-sse com este caualeyro. Quando o caualeyro vyo este vaqueyro, disse que a ell seria gram vergomça sse sse muyto amdasse combatemdo com este vaqueyro, mas que loguo o emtendya de vemçer: e compeçou tirar e dar com ssua espada gramdes golpes no vaqueyro. Ho uaqueyro cobria-sse e leixaua-o bem camssar, e algũas vezes esquyvava os guolpes do caualeyro: esto fazia ell por o leixar bem canssar. O caualeyro maginaua que sse nom podia defemder o uaqueyro, e cada uez o despreçaua mais. O caualeyro tomou hũu ssodairo, e enxugaua ho rrostro, porque ssuava. Ho vaqueyro sse achegou a ell, e deu-lhe hũu golpe no cotouelo do braço derejto, que o caualeyro perdec a força do braço, e arredou-

sse por de tras, e posse-sse a sseer; e o uaqueyro <o> outrossy sse asseemtou no campo. Ho uaqueyro disse ao caualeyro que sse leuantasse; ho caualeyro disse que nom queria. O uaqueyro, veendo que o caualeyro nom sse queria leuantar, posse-sse outra vez a sseer no campo.

Aaqueste combate estava pressemte el-rrey com outros muytos barõoes pera o ueer; e veendo-os ambos sseer, toda a gemte compeçou d'escarneçer. Ell-Rey mandou-lhes dizer que sse combatessem. Ho missigeyro disse ao uaqueyro que sse alçasse e sse combatesse ou sse desse por veençudo; ho uaqueyro disse:

—Eu nom me dou por vemçido, mas eu ssom vençedor, ca eu nom quero dar no homem que ssee asseemtado; mas sse o caualeyro sse quiser aleuantar em pee, eu ssom prestes de me combater com elle.

A gemte essarneçia. Ho uaqueyro foy-sse ao caualeyro e disse muyta vilania, porque sse nom queria leuantar; ho caualeyro rrogou ao pastor que lhe perdoasse, e que sse fosse com Deus, ca ell sse daua por vencido.

Ho vaqueyro sse partio do campo com gramde homrra, e con com gram prazer; o uelho folgou muyto, e feze-o herdeiro de todos sseus bẽes. E nom foy mays vaqueyro (22)

(22) O *Livro de Esopo* foi descoberto e editado pelo erudito philologo Dr. J. Leite de Vasconcellos.

Livro da Virtuosa Bemfeitoria (23)

Muy alto principe : Vosso seruidor per obrigaçom de sangue e naçom e pura uontade uossas maãos beyjando humildosamente em meerce e beençom uossa me encomendo. Senhor muito nobre de grande alteza; pero que de booscos de muytos cuidados e de grandes rrochas de feitos stranhos seia çercado uosso coraçom: Eu nom creo porende, nem cuido que asoombramento lhe podem trazer de squeçimento que scia dãpnoso em aquellas cousas hu compre lembrança : Porem som certolque bem acordado serees que ao tempo que o muy podroso e alto principe El-Rei senhor nosso teue cor-

---

(23) A *Virtuosa Bemfeitoria,* escripta pelo infante D. Pedro (1392 - 1449) grande guerreiro na christandade e um dos creadores da prosa portugueza, ainda existe inedita. Havia de ser escripta na primeira metade do seculo XV e é uma paraphrase do *De Beneficiis* de Seneca feita com liberdade e com a erudição do tempo. Tambem escreveu D. Pedro as *Oras de confissam* (segundo o testemunho de D. Duarte no *Leal Conselheiro*) de que não ha mais noticia. D'elle é a traducção de *De Officiis* que está appensa á *Virt. Bemf.* no codice da Bibliotheca de Madrid ; que o é, affirma C. Michaëlis, não contra a opinião de Innocencio da Silva, como diz a escriptora ; Innocencio apenas expõe a possibilidade de engano na transcripção da palavra *nosso* por *uosso* (Cf. Innocencio *Dicc. bibliogr.* VI, 379). Ha outras obras menores de D. Pedro, as *Cartas á cidade de Coimbra* etc. A popularidade enormie do seu nome se deve o haverem-lhe mais tarde attribuido um grande numero de obras (até o mesmo *Amadis*) que nunca escreveu ou sonhou escrever ; d'ahi, problemas, ainda não resolvidos para a critica literaria, como a da auctoria do *Auto, livro* ou *Itinerario de D. Pedro,* de um certo Gomes de Santistevam? (Cf. Car. Michaëlis *op. cit.* 247. Innocencio—*Dicc.*) A questão provém de que o Bispo de Beja nos *Cuidados literarios* fala de um *Itinerario de* D. Pedro (disse por lamentavel engano *Conde,* o que faz suppor tratar-se do filho de D. Diniz, quando devia dizer *Infante*). Este *Itinerario* não poderá ser senão o chamado *Auto do infante D. Pedro* (ou, como descreve Barbosa — *Livro do infante D. Pedro que andou as quatro partidas do mundo,* com indicações de livreiro e de data, evidentemente falsas). D'este *Livro do infante,* popularissimo, ha para cima de vinte edições. Comtudo nunca vi exemplar das duas de 1842 ou 1849 (no *suppl.* de Innocencio) e 1859, que, segundo R. P. de Mattos no seu util *Manual Bibliogr.*, viram a luz no Rio de Janeiro. || As obras originaes de D. Pedro, excepção feita de fragmentos impressos aqui e alli, ainda não tiveram um editor !

tes per perçebimento da guerra sperada com os Castellãos em Sanctarem onde ambos erees ; presente elle uos me perguntastes en que ponto ou termho staua hũu liuro dos bencfficios entom chamado que eu começara en aquelle anno : E eu uos disse que ia era fyndo segundo preposito e tençom primeira que eu ouuera en o começar : Mais seendo per myn despois provehudo muy muytas cousas achej em elle que pareciam bem dignas de ẽmenda e muytas mais que a meu entender em elle deuião seer acrecentadas, E auendo emenda com tall adimento quall eu tynha em minha tençom seria hũu liuro assaz peertencente pera os principes e grandes senhores mais que a my cuidados atantos e tam grandes senpre recreciã que de o acabar muyto douidaua. E uos mc disestes que me trabalhasse de o acabar, porque não auia tempo alguu atam embargado per huu cuidado que elle nom desse logar e spaço de homem cuidar em ontras cousas assaz muy pequenas. El-rey disse que nom perteecia aos cuidados da guerra mesturas de penssamentos que fossem alheos, porque em sy eram elles atã grandes que bem parece que outros com elles no coraçom nom podem caber. E que porem de compoer liuro nem de cuidado outro semelhante por cousa algua me nom trabalhasse.

E pero os mandados assy desuayrados fosse hũu do outro o grande deseio que tenho e uoontade de ambos seruir, e no que mandardes uos obedeçer a todo cumprir despoer me fiz, outorgando todo meu cuidado ao que perteeçia pera deffensom de uossas gentes e terras e Reynos com empeençimento de uossos ẽmigos. E do acabamento do liuro eu dey encõmenda ao lecenceado frey João uerba meu confessor fazendo per outrem o que de acabar per my entonces era embargado. E elle tomou aquelle liuro que eu tinha feyto. E tãmbem outro que fez seneca em que me eu fundara : e apanhou o que achou em elles que fosse bem dicto ou bem ordenado. E corregendo e acrescentando o que entendeo seer compridoyro acabou o liuro adeante scripto, o qual he dictado em alguns logares quanto quer scuro e em outros bem claro e parte troncado e em pausas curtas que ao dictar som de gram trabalho. E outra parte em pausas compridas que de rrazoar he mais chãa maneyra. E tall deferença he feyta por que aynda quc principalmente o liuro aos

prinçipes seia adenreçado a outros muytos da geral doutrina. E porque antre muytos ha desuayramento assy de entenderes como de uoontades desuayradamente foi a obra composta pera o engenhoso e sotill achar delectaçam a seu entẽdimento. E ao simprez porem nom minguasse a tal clareza per que aprender nom podesse as cousas que a ele conuen : E tambem aquelles que filham prazer em nouas maneyras de curto fallar achassem hi algũu comprimento do que em esto quer o seu deseio. E os que chaão fallam e querem ouvyr achassem scriptura segundo seu geyto.

(Seculo XV)

Leal Conselheiro (24)

Pera se mostrar como per o inmiigo somos tentados a filhar mayor sentido d'alguas cousas que convem, e d'outras menos que he razom, se conta huu enxempro per fegura, como per huu spelho manta e pandeiro, muytos engana, dizem que tenta com spelho pera se filhar tam rijo sentido d'alguã cousa, per que nos quere enduzer, quando continuadamente nos apresenta, posto que nom queiramos, renembrança a huũs de mulher, que ama ou deseja, a outros riqueza que cobiça, ou de pessoa que lhe fez tal erro, que mostra razom de se vyngar, e de cousas que muyto teme ou receea para enduzer a tristeza; com taes nembramentos se diz tentarmos com spelho, porque sempre parece que nos traz ante os olhos ou lembrança do coraçom a fegura d'aquella cousa que com desejo sentido nos faz amar, desejar, temer, ou avorrecer.

---

(24) D. Duarte, um dos grandes nomes da gloriosa e feliz dynastia de Avis, foi um moralista e philosopho. O seu *Leal Conselheiro* é uma serie de tratadinhos sobre varios assumptos, e as edições que possuimos (a de Paris, 1842, e a de Lisboa, 1843), feitas sobre o manuscripto da Bibliotheca nacional franceza, são incompletas, pois ainda restam ineditos varios d'aquelles opusculos, que alli teriam logar proprio, ao menos como materia supplementar.

Por quanto tal sentido errado nom se correge sem outro virtuoso, nembrandosse os malles que se podem seguir das cousas mal feitas, na presente vida e na que speramos, todo esto com amanta se trabalha de cobrir, mostrando que nom he mal, ou nom tanto que se deve leixar, e que se nom sabera, nem dos senhores por ello receebera pena, e d'outros menos preço e vergonha, e de Nosso Senhor com myngua de fé nom faz conta, ou diz que he tão mysericordioso que por tão pouco nom perdera, e que tempo avera pera se ẽmendar; e assy cego com tal cobertura lhes faz que nom vejam, entendam, nem syntam os malles que obram, e o que por ello se pode e deve seguyr.

(Seculo XV).

Ainda El Rei Dom Duarte (25)

(Enssynança de bem cavalgar)

Por que todollos homẽes naturalmente desejam sua honrra, poveito, e bom prazer me parece que todollos senhores caualleiros e escudeiros esta manha devem muito desejar. Visto em como della estes beens ueem aos que a bem praticam. Efallãdo da honra e proveito, logo seria de contar quantos em as guerras del Rey meu senhor e padre, cuja alma deos haja, e em nas outras ham percalçado grandes famas, estados, e boas gaanças por seerem muyto ajudados desta manha. E nõ he contra rasom por que huã, das mais principaaes cousas de q· se mais ajudam os q· andam en ella, e som boos caualleiros.

E por tanto bẽ se pode entender a grande vantagem que teẽ os boos cavalgadores nos feitos deguerra, se ouverẽ as outras bondades e razoadamente dos que som desta manha mynguados, posto que nas outras sejom seus jguaes, pois he hũa das melhores q· os guerreyros devem aaver. E em boos feitos muy pouco perassy se

(25) O *Livro de Enssynança de bem cavalgar* foi impresso nas edições citadas de D. Duarte (vide nota antecedente).

aproueitam de boos cavallos aquelles queos bem nom sabem caua.. gar, segundo cõpre pera aquel feito o que delles se hã desservyr. Ca som alguũs boos cavalgadores dhuãs sellas queo nom som doutras.

(Seculo XV).

Fragmento de um « Flos Sanctorum » (26)

« Logo lhes fez hum vento moy manso, e moito bom, que os fez correr pelo alto, moito em paz e em bem: e quando chegarom direito de Portugal a hum lugar, que ha nome Bouças, aveo assy que hum ricomem, que tinha da outra parte do Douro a terra da Amaya, e faziom bodas em Bouças, que jaz na Amaya, donde era natvral o cavaleiro: e a festa a Alé dize era moy grande, e a cavalaria e a gente moita, e cada hum fazia o que sabia, que pertencia a boda, e os huns lançavom ao taboado, e os outros bafordavom, mas entre estes que bafordabom, bafordava hi o noivo: E aveo assy pera mostrar Deos as suas maravilhas aos que elle quer pera sy: que o noivo indo bafordando, o cavallo em que iva, tirou pelo freo, e meteuse com el no mar, e se sonegou per so agoa ataa direito da nave hu andava o corpo de Santiago; e ali saheo o cavaleiro a par da nave, e catouse, e vio o cavalo e a sella, e o peitoral, e a Allamia, e os panos todos cheios de vieiras, e por saber mais daquillo tirou o sombreiro; e catouo, e vio em el outro tal, e foi espantado todo, quando assi se vio cheio de vieiras, e que viera per so agoa sem dano nengum que ouvesse, e que estava sobre o mar e bem como em terra cham. »

(Seculo XV).

---

(26) Encontra-se no tomo V das *Memorias de litt.* da Academia portugueza, no *Ensaio sobre a Filologia portugueza...* por Antonio das Neves Pereira. « He de um *Flos sanctorum,* diz elle, do qual faz mençâo D. Rodrigo da Cunha no Catalogo dos Bispos do Porto, I *Part. Cap.* 2º e diz que se conservava na livraria do Mosteiro de Aleobaça. »

Gomezeannez de Zurara (27)

(Chronica do Conde D. Pedro)

Quando elle esta Istoria mandou escrepver jaa eram passados a cerca de vinte annos, que regnava, nos quaes se passaram muy grandes e notaveis feytos e assi acabados por sua propria Pessoa, como por seus servidores, e naturaes por sua ordenança e mandado: e como quer que eu mais quizera ser, mais ocupado em dar razom de seus feitos, que dos alheios, principalmente pelas muitas virtudes, que sempre nelle conheci, e por ser mais obrigado a elle, que a outra alguua pessoa terreal, elle nunca em ello quiz leixar obrar segundo meu dezejo, ante per muitas vezes me requereo, e encomendou, que me trabalhasse da junctar, e escrepver os ditos feitos principalmente por louvor, e gloria d'aquelle Conde, e dos outros nobres, e virtuosos varoens, que com elle por defensom da santa Fee, e honrra da Coroa de Portugal, naquella Cidade tam virtuosamente trabalharom. E assy que o bom desejo, e a vontade deste Rey D. Affonso foi a principal causa de se esta obra começar, e

---

(27) Gomezeannez, natural de Zurara do Minho ou da Beira, escreveu a *Chronica de João I*, como continuador de Fernão Lopez (ed. de 1644), a *C. do Conde D. Pedro de Menezes* (ed. na *Coll. de Ined.* de Hist. portugu.) e a *Chronica do descobrimento e conquista de Guiné*, só editada em 1841, J. P. Aillaud, Paris. || Inclue-se aqui Gomezeannez por amostra dos antigos chronistas. Como já fiz seutir, não ha o proposito nestes raros excerptos de registrar, ainda que por fragmentos, toda ou quasi toda a literatura do periodo archaico, o que estaria no plano de uma chrestomathia, e não neste livro onde as modernisações orthographicas de edições ou cópias diversas *hurlent de se trouver ensemble*. Ao demais, faltam excerptos de muitos trovadores, do antigo cancioneiro e do de G. de Rezende e dos que viveram entre a formação de um e do outro; faltam Joam Alvarez, Vasco Fernandez de Lucena, Ruy de Pina e o mesmo Principe Henrique, todos indispensaveis e illustres — aos quaes se se ajuntarem os escriptores menores e os escriptores anonymos, tanto bastaria para alentado volume. A SELECTA CLASSICA não tem outro intuito que o de expôr aos olhos do estudante da linguagem classica toda a actividade e o innumeravel esforço que precedeu a lingua culta dos quinhentistas.

acabar ; e des y requerimento de huma filha d'aquelle Conde, que se chamava Dona Leonor de Menezes molher por certo virtuosa e de gran saber, a qual foi casada com Don Fernando Bisneto d'ElRey Dom Joham, e Filho primogenito do Illustre, e Virtuoso Principe Dom Fernando, que foi Duque de Bragança, e Marquez de Villa Viçosa, de Arrayólos, e d'Ourem e de Barvellos e de Neiva, e Senhor do Chaves, de Monforte. E porque segundo o Filosofo o recompensamento do ganhe deve ser dado e aquelle, que he muito nobre e excellente ; devem por certo todos os que vierem de geraçom deste Conde, assy por via direita, como colateral, ser muito obrigados a este Rey, porque naõ soomente se contentou de os fazer escrepver em nosso proprio vulgar portuguez, mas ainda os fez traduzir aa Lingua Latina, porque nom soomente os seus naturaes ouvessem conhecimento e saber das grandes Cavallarias d'aquelle Conde, e dos outros que com elle concorrerom, mas que ainda fossem manifestos a todo conheecimento de a nobreza da Christandade, per Mestre Mateus de Pisano, que foi Meestre deste Rey Dom Affonso, o qual foi Poeta Laureado, e hum dos sufficientes Filosofos e Oradores que em seus dias concorrerom na Christandade.

(Seculo XV).

Gomezeannez de Zurara (28)

(Dese. e Conquista de Guiné)

Era opinyom antre muytas gentes da Spanha, e ainda doutras partes, que aquellas grandes aves que se chamam emas, nom chocavam os ovos, mas que assy como poynham na area, que assy os leixavam ; o que foe achado muyto pello contrairo; ca ellas pooem 20 e 30 ovos, e os chocam segundo as outras aves. E diz que as cousas de que em aquella terra podem aver proveito os que vivem de mercadarya, trautando com elles, que som aquelles Negros, de que elles teem muytos que fartam, e ouro que ham da terra da-

(28) *Vide* a nota anterior.

quelles, e coirama, e lã, e manteiga, e assy queijos que hi ha muytos, e assy tamaras e grande abastança que ham de fara, e ambar, e algallya, e anime, e azeite, e pelles dos lobos marinhos, de que ha muytos no ryo do Ouro, segundo ja ouvistes. E podense hi haver das mercadaryas de Guinee, que som muytas e muy boas, segundo adyante sera scripto. E foe achado que ataa esta era de 1446 annos do nacimento de Jhũ Xpõ, foram em aquellas parte cinquoenta e hũa caravellas: mas da soma dos Mouros que filharom, falaremos em fim deste primeiro livro. E foram estas caravellas a allem do Cabo muytas legoas. E achasse que tada aquella costa vay ao sul, com muytas pontas, segundo que este nosso principe mandou acrecentar na carta do marear. E he de saber que o que o que se sabya em certo da costa, do mar grande eram 200 legoas e som acrecentadas sobre ellas esta uj ºL.; e o que se mostrava no mapamundy, quanto ao desta costa. nam era verdade, ca o nom pintavam senom a aventura; mas esto que agora he posto nas cartas foe cousa vista por olho, segundo já teendes ouvido.

(Seculo XV).

Roteiro de Vasco da Gama (29)

Estando o navio do capitam mór alinpando-se vêo hum homem de ydade de quorenta anos, o qual falava muito bem venezeano, todo vestido de pano de linho e huma touca muito boa na cabeça, e hum trasado na cinta, e como sayo fora, foi loguo abraçar o capitam mór e capitães, e começou a dizer como elle hera christão e era da parte do levante, e que viera muito pequeno em esta terra, e cõmo vivya com hum senhor que tinha corenta mill homens de cavallo, o qual era mouro, e que elle asy mesmo era mouro, porem que a vontade de dentro era toda de christaõo, e que em elle estando

(29) Do *Roteiro de Vasco da Gama*, publicado por Alexandre Herculano, Lisboa, 1861, passa por ser auctor Alvaro Velho, um dos companheiros do heróe. Foi esta edição precedida de outra, *Porto*, 1838, menos estimavel.

em sua casa lhe vieram dizer como estavam em Calecut huns homens que nynguem nom hos emtendia, e que andavam todos vestidos, e que quando elle aquilo ouvira disera que taees homens nom podiam ser senam francos, que asy chamam a nósoutros em estas partes; emtam elle pidira liçença que o leixase vir vernos e que se o nam leixasem que de nojo morreria, e que emtan seu senhor lhe disse que viesse e que nos dissése que se alguma eousa nos eonprise de sua terra que nolla daria offereeendo naoos e mantimentos, e mais que se em sua terra quisesemos viver que elle folgaria muito.

(Seculo XV).

Chronica do Condestabre (30)

Estando ainda Nunalvrez em palmela depoys da hyda d'al mada, el Rey de castella se levantou do cerco honde jazia sobre Lixbõa, e foy posto fogo no arrayal quintaães d'arredor de noyte tam grande, que parecia que Lixbõa era em fogos acendida, e esto parecia assy de palmela. E d'esto foy Nunalvrez muy cuydoso e muyto anojado, cuydando que era feyto algum engano ou treyçam ao Meestre, que que em Lyxboõa estava, per alguns grãdes que com elle nom tinham bõa maneyra. E este nojo lhe durou ataa outro dia pera manhãa que o dia foy craro, e Lixbõa pareceo sem cajom de fogo e nobrecida como ante parecia. E como Nunalvrez soube que el Rey de castella se partya do arrayal, e porque lhe foy dito que levava consigo muytos mortos, e doentes, e entendeo que hyrya a alõga per o caminho pos em sua vontade de lhe hir atalhar ao caminho, e cõ ajuda de Deos o desbaratar. E logo para ello mãdou pidir licença ao Meestre a Lixbõa. E o Mestre lhe mandou

(30) A *Coronica do condestabre* cuja edição mais antiga conhecida é de *Lisboa*, 1526, pertence pela linguagem ao seculo XV. É de auctor ignorado e presumivelmeute anterior a Fernão Lopez, senão coetaneo.

dizer que todavia o non fezesse, mas que lhe rogava que aguardasse que elle, queria alló hir, d'esto nom prouve muyta a Nunalvres por a grande vontade que logo tinha de hyr, pero foylhe forçado d'aguardar. E porque o Meestre nom vinha tam cedo, se foy com certos escudeyros hua noyte a aldea galega. E estando pera se meter em dous batees pera passar a Lixboa, fallou huu d'aquelles escudeyros assaz vallente, e disse: Senhor Nunalvrez, eu sonhava a outra noyte passada como vos parties deste lugar em batees, e que passando pera antre frota d'el Rey de castella vos prendião, pollo qual eu vos peço por mercee que nom partaes E Nunalvrez lhe respondeo que elle ficasse com seu sonho. E nom no que quis levar, e o escudeiro ficou. E Nunalvrez embarcou, e se meteo nos batees, e atrovessou pella frota d'el Rey de castella que jazia d'ante Lixbõa. E em meo da frota mandou dar trompetas, de guisa que fez envarilhar toda frota porque nom sabiam quem era. E todavia foy sua vya, e chegou a Lixbõa e pousou com Joham Vaaz d'almada, e esteve hy e fallou com Meestre alguuas cousas que lhe compriam. Antre as quaes a primeira, e principal que o leyxasse hyr a el Rey de Castella, come lhe já enviara dizer. E o Meestre lhe não quiz dar lugar, dizendo que elle queria alló hyr. E por se esta cousa poer assy em trepasso, el Rey de Castella passou assy seu caminho per tomar. Polla qual razom a obra cessou, e Nunalvrez se tornou em seus batees pera palmela se foy a Setuval, hõde se para elle vierom alguus fidalgos dos que com o Meestre estiverom em Lixboõa no cerco. E de hy se foy a Evora.

(*Coronica do Condestabre de Portugal Dom Nuno Aluarez Pereyra*).

O Alfageme de Santarem

Chegando o Priol e con ele Nun'Alvrez a Santaren, Nun'Alvrez foi ben apousentado en Santa Maria de Palhães e un dia [a] a tarde, depois de cea, saiu Nun'Alvrez a folgar pela praia do Tejo a fundo contra Santa Eirea e passou per ante a porta de um Alfageme, que morava a cerca da praia, e viu-lhe teer ante a porta ũa espada muito limpa e ben garnida de seus garnimentos, e tomou-a na mão e fez pergunta ao alfageme se lhe corregeria assi ũa sua e ele lhe respondeu que si e muito milhor, e Nun'Alvrez mandou logo por ela e mandou-a dar ao alfageme que a corregesse.

E en outro dia aa tarde, indo Nun'Alvrez folgar per aquele meesmo logar e chegando aa porta daquele meesmo alfageme, viu já a sua espada estar corregida ben e muito [a] a sua vontade e tomou-a na sua mão e foi con ela mui ledo e mandou logo ao seu comprador que pagasse o alfageme muito aa sua vontade, e o alfageme lhe respondeu:

— Senhor, eu por agora non quero de vos nenhũa paga, mas irees muito en boora e tornarees aqui Conde d'Ouren e enton me pagarees.

E Nun'Alvrez lhe respondeu:

— Non me chamees senhor, ca o non son, mas todavia quero que vus paguen ben.

E o alfageme tornou a dizer:

— Senhor, eu vus digo verdade e assi será cedo, prazendo a Deus.

E assi foi verdade que de i a pouco tempo tornou i conde d'Ouren. E ele pagou ben o corregimento da espada...

(Chronica do Condestabre).

(apud *Chrest.* de Nunes).

Fernan Lopez (31)

AGONIA DE DOM FERNANDO

Alli jouve el-Rei per dias doemte muy desasemelhado de quamdo el começou ; ca elle estonçe pareçia Rei antre todollos homeens ainda que conheçido nom fosse, e agora era assi mudado, que de todo pomto nom pareçia aquelle. E semtimdo sua morte muito açerqua, seemdo já memfestado, requerio que lhe dessem ho sacramento; e quamdo lhe foi apresemtado, e comtarom os artigoos. da *fé*, como é costume, dizemdolhe se crija assi todo, e aquel santo sacramento que avia de receber, respondeo el e disse : «Todo esso creo come fiel christaão, e creo mais que elle me deu estes regnos pera os mamter em diresto e justiça ; e eu por meus pecados o fiz de tal guiza, que lhe darei delles muy maao comto» ; e em dizemdo esto chorava muy de vomtade rogando a Deos que lhe perdoasse, e choravom com piedade delle, todollos que presemtes eram.

O ASSASSINIO DE DONA MARIA PELO INFANTE DOM JOÃO

...Ella acordamdo sopitamente, quamdo se vio entrar per aquella maneira, alçouse do lelto tam espantada e temerosa, que aadur se podia teer em si ; e quando se levantou, nenhun vestido nem manto teve acordo nem tempo para deitar sobre si, nem quem lho desse, por que as que eram demtro com ella, de so o leito se nom podiam compoer de medo e temor; e nom teve outro acorrimento, se nom

---

(31) É o maior dos mais antigos chronistas, o creador da prosa portugueza e o primeiro exemplar do estylo da historia. E não só no estylo mas na franqueza, sinceridade de quanto diz, excede em muito a todos os da era archaica. Escreveu as *Chronicas de D. João I, D. Pedro o Cruel* e *D. Fernando*. Floresceu na primeira metade do seculo XV. Segue-se a lição da *Coll. de livros ineditos*, publicação official.

huuma branca collcha, em que emvolveu todo seu corpo, e acostousse assi a huuma parede açerca do leito. E logo assi como entrou o Iffamte, ella o conheçeo no rostro e falla; e quamdo o vio, cobrou já quamto desforço e ousamça, e disse:

«Oo senhor, que vijmda he esta tam desacostumada.»

«Boa dona, disse elle, agora o saberees; vos amdastes dizemdo que eu era vosso marido, e vos minha molher; e enxemprastes o reino todo, ataa que o soube el Rei e a Rainha, e toda sua corte; que era aazo de me mandarem matar, ou poer em prisom por sempre; e vos deverees demcobrir tal razom contra todollos do mundo; e se vos minha molher sooes, portanto merecees vos a morte por...»

e em dizemdo esto lamçou mão em ella.

. . . . . .

Emtom deu huuma gram tirada pella ponta da collcha e derriboua em terra; e parte de seu muy alvo corpo foi descoberto, em vista dos que eram presemtes, em tamto que os mais delles em que mesura e boa vergomça avya, se alomgarom de tal vista, que lhes era doorosa de veer, e nom se podiam teer de lagrimas, e salluços, como se fosse madre de cada huum delles: e em aquel derribar que o Iffamte fez lhe deu com o bulham que lhe dera seo irmaão della, per antre ho ombro e os peitos, acerca do coraçom; e ella deu humas altas vozes mui doridas, dizemdo:

«Madre de Deos, acorreme, e ave mercee desta minha alma.»

E em tirando o bulham della, lhe deo outra ferida e ella levantou outra voz e disse:

«Jesu filho da Virgem, acurreme.»

E esta foi sua postumeira pallavra damdo o sprito, e bofamdo muyto samgue della. Oo piedade do muy alto Deos, se emtom fora tua mercee de botares aquel cruel cuytello que nom dampnara o seu alvo corpo, inocemte de tam torpe culpa. Foi a casa loguo chea do braados e choros dhomeenes e de molheres, depenamdo-sse sobrela, fazemdo gramde e doorido planto. O som dos gritos era ouvydo per toda a cidade, e foi gram torvaçom em muytos, que nom sabiam que cousa era.

Ao gramde arroido e volta, veeo Gomçallo Memdez de

Vascomcellos, que era seu parente della, e quamdo achou tal dooridas pallavras, que o poboo que darredor esto oolhando, nom podiam reteer suas lagrimas. O Iffamte commo acabou aquello por que vehera, cavallgou com os seus, e tomou pella ponte, e nem nem quedou damdar sem fazer de teença, ataa que chogou a Sam Paayo.

UMA CAÇADA DE D. FERNANDO

El-Rei Dom Fernando era muy queremçoso de caça e monte homde quer que sabia que os havia boons, fllhamdo em ello gramde prazer e desemfadamento; e porque o çertificarom que em terra da Beira, e per riba de Coa, avia boons montes dhussos e porcos em gramde avomdança, fezsse prestes com toda sua casa, e da Rainha, e muytos monteiros com sabujos e alaãos, e levou caminho daquella comarca. E fazemdo em elles gramde matamça, acomteçeo hnum dia que o Iffamte se encomtrou com huum muy gramde husso, e jumtousse tamto a elle pollo ferir amamtenente, que o husso firmou bem seus pees, e levamtou os braços por o arrevatar da sella, e o Iffamte quamdo esto vio, empicotousse tamto sobre a sella que foi de todo sobre o arçom deamteiro e o husso temdemdo as pomtas das maãos pollo filhar, alcamçou o arçom derradeiro da sella tavarenha segundo entonçes husavom, e arramcou o arçom com uma gramde aljava da amca do cavallo e o Iffante por todo isto nom o leixou, e assim sem arçom e com o cavallo ferido, voltou sobrelle pollo remessar, e nunca se delle quitou, ataa que sobreveherom outros, e lho ajudarom a filhar nas azcumas.

PERIODO TROVADORESCO

(Seculos XII-XIV)

João de Guilhade (a)

Amigas, que deus uus ualha!
quando ueher meu amigo,
falade sempre hunh as outras
em quant el falar comigo:
ca muytas cousas diremus
que ante uos não diremus.

Sey eu que por falar migo
chegara el muy coytado,
e uos hideuus chegando
la todas par ess estrado:
ca muytas cousas diremus
que ante uos non diremus.

Ayres Nunez, clerigo (b)

Baylemos nos ja todas tres, ay amigas
so aquestas auelaneyras frolidas;
e quem for uelida como nos uelidas,
se amigo amar,
So aquestas auelaneyras frolidas
uerra baÿlar.

(a) Leitura de E. Monaci.
(b) Leitura de Monaci. Cf. *Chrest. arcaica* de José Joaquim Nunes, 348.

Baylemos nos ia todas tres, ay irmanas,
so aquesto ramo destas auelanas ;
e quem for louçana como nos louçanas,
se amigo amar,
So aqueste ramo d estas auelanas
verra bailar.

Por deus, ay amigas, mentr al nom fazemos
so aqueste ramo frolido baylemos ;
e quem ben parecer como nos parecemos
se amigo amar,
So aqueste ramo, solo que nos bailemos,
verra baylar.

Paay Soares de Taveiroos (c)

No mundo non me sei parelha
Mentre me for como me vay,
Cá já moiro por vos — e ay
Mia senhor branca e vermelha,
Queredes que vos retraya
Quando vos eu vi em saya (
Mao dia me levantei,
Que vos enton non vi fea (

(c) Leitura de Carolina Michaëlis, que considera antiquissima esta cantiga (fins do sec. XII). Cf. *Textos arcaicos* do Dr. J. Leite de Vasconcellos, 7.

E, mia senhor, des aquel di', ay!
Me foi a mi muyn mal,
E vos, filha de don Paay
Moniz, e ben vus semelha
Daver eu por vos guarvaya,
Pois eu, nua senhor, d'alfaya
Nunca de vos ouve nen ei
Valia d'ũa correa.

El-Rei Dom Diniz (d)

Proençaes soen mui bem trobar,
e dizem eles, que é con amor;
mais os que trobam no tempo da frol
e non en outro, sei eu ben que nom
am tam gran coyta no seu coraçom
qual m'eu por mha senhor vejo levar.

Pero que troban e saben loar
sas senhores o mais e o melhor
que eles poden, sõo sabedor
que os que troban quand' a frol sazom
a, e non ante, se deus mi perdon,
non am tal coita qual eu ei sempar,

Ca os que troban, e que s'alegrar
vam e-no tempo que tem a color
a frol consigu'e tanto que se fôr
aquel tempo, logu'en trobar razom
non am, nem vivem em qual perdiçom
oj'eu vivo, que pois m'a de matar.

(d) Leitura de H. Lang.

O mesmo (e)

Ai flores! ai flores do verde pino,
se sabedes novas do meu amigo!
ai deus! e ú é?

Ai flores! ai flores do verde ramo,
se sabedes novas do meu amado!
ai deus! e ú é?

Se sabedes novas do meu amigo,
aquel que mentiu do que pos comigo!
ai deus! e ú é?

Se sabedes novas do meu amado,
aquel que mentiu do que mh ajurado!

Vós preguntades polo voss'amigo?
E eu bem vos digo que é san e vivo
Ai Deus, e ú é?

Vos preguntades pelo voss'amado!
e eu ben vos digo qu' é viv' e sano,
ai deus! e ú é?

E eu bem vos digo qu' é viv' e sano
e será vosc'ant'o prazo saido.
ai deus! e ú é?

E eu bem vos digo que é viv'e sano,
e será vosco ant'o prazo passado.
ai deus! e ú é?

(e) Leitura de H. Lang.

PERIODO DE EPIGONOS

(Seculos XIV-XV)

Garci Ferrandes (f)

Por ũa floresta estranna
Indo trist' e mui pensoso
Oí un grito pavoroso,
Voz aguda con gran sanna.
« Montanna »
Ia esta voz dizendo,
« Ora a Deus te encomendo,
Que non curo mais de Espanna. »

De la voz fui espantado
E mirei con gran pavor
E vi que era o Amor
Que se chamava cuitado
De grado
O seu gran pranto fazia,
Segundo entendi, dezia :
« Alto prez vejo abaixado. »

Macias (g)

Cativo, de mia tristura
Ja todos prendem espanto
E preguntâm que ventura
E que me atormenta tanto
Que não sei no mundo amigo
A quem mais do meu quebrante
Diga desto que vos digo :
Quem ben see, nunca devia
Al pensar que faz folia.

(f) Leitura de H. Lang.
(g) Os versos fragmentarios de *Macias* foram publicados por H. Rennert.

Cancioneiro de Garcia de Rezende (h)

I

TESTAMENTO DO MACHO RUÇO

Rodrigo de Monsanto

Pois que vejo que Deus quer
D'este mundo me levar,
Quero bem encaminhar
A minha alma... se puder!
Conquanto estou em meu siso,
A morte dando-me guerra
Mando a alma ao paraiso,
De si o corpo da terra.

E mando logo primeiro,
Emquanto vivo me sento,
Que deste meu testamento
Seja meu testamenteiro,
Meu irmão, o de Barrocas,
Que eu mais que todos amo
Per sempre fugir a trocas,
E servir mui bem seu amo.

E vão cantando diante
A de Braria e d'Affonso
Um tão solemne responso
Que todo o mundo se espante.
A este ambos ajude
O macho de Gomes Borges,
O qual leve o ataúde,
A bitalha, e os alforges.

Rogo aos cortezãos,
Quanto lhe posso rogar,
Que todos me vão honrar
Com seus cirios nas mãos:
E pois erão espantados
De passar vida tão forte
Devem ser de mim lembrados,
Dando-me honra na morte.

(h) O *Cancioneiro geral* de Garcia de Rezende é a unica collectanea poetica que conhecemos dos epigonos do periodo trovadoresco.

Outra haverá que se suppõe perdida. A 1ª ed. do *Cancioneiro geral* é de 1516, mas estylo e linguagem é do seculo XV. Quasi todos os trechos que publicamos estão modernizados na orthographia || A edição do Stuttgart em 3 vols., 1846 a 1852, nitida e todavia não raro infiel, impressa para um pequeno grupo de philologos e amadores, é muito rara. Commum e excellente é a selecção da *Livraria Classica*, principalmente da edição do *Rio, Garnier*, 1865 (impressa em Paris) e feita pelo grande e o maior dos escriptores portuguezes dos ultimos tempos, Antonio de Castilho.

O *Cancioneiro de Rezende*, em edição *fac simile* da primeira, foi reproduzida pela *Span. America Society*.

O qual me fará levar
Com mui grão solemnidade
Ao rocio da Trindade
U' me mando enterrar :
Pois me dalli governei
Grão parte de minha vida,
A carne, que levarei,
Alli deve ser comida.

Item, me leve de offerta.
Dous ou tres cestos de palha
Que pois custa ne migalha.
Não deve de haver refferta.
Tambem me levem um alqueire
De farelos ou cevada ;
Poio na vida Luiz Freyre
Nunca d'isto me deu nada.
&c.

II

(Affonso Valente)

Dizem que tangeis laude,
E tocaes bem os bemoles.
E pensaes que Retrapoles
Abaixo de Cramaúde
Se tangeis por *b* quadrado
Inflamado como chama,
Pareceis odre apojado
Como mama.

Todas estas coisas são,
Não queiraes al entender,
Senão que aperteis a mão
Ao comer !
Porque vos is a perder.
Tirai-vos de tauto vicio
Ilhargas, banhas de Atum
Fazendo algum exercicio
Pela manhã em jejum.

. . . . . .

Ou sois vaso, ou tambor
Nalgas, bochechas do Sul ;
Ou tanho Commendador,
Nade e feito no paul.
Parceeis grandes Meloa
De pasto no mez d'Agosto,
Arreboles do Sol posto
Grão larada de Boroa.

E quando fordes jantar
Canilhos frescos d'empada,
Será vosso começar
Em vara d'Irlanda assada.
E depois no acabar
Para vacuar
A freima toda no fundo,
Uma pospema do Mundo
Comereis para atestar.

OS CLASSICOS

I

Os Quinhentistas

(Seculo XVI)

OS QUINHENTISTAS

O seculo XVI, a éra dos QUINHENTISTAS, é a época dos grandes poetas. No seculo seguinte a prosa terá os seus mais altos cultores em Fr. Luiz de Souza, Vieira e Bernardez, que seriam talvez impossiveis no grande seculo da poesia, orgão harmonico e mais proprio da formação definitiva da linguagem. Os poetas renovaram com maior amplitude o vocabulario e a syntaxe latina e nisto foram singularmente ajudados pelo exemplo dos mestres italianos, que já então dispunham de uma linguagem polida e mais rica de latinismos, de imitações e reminiscencias classicas.

Se o influxo dos *quinhentistas* pouco se exerce na prosa, é razão principal que as obras d'aquelle tempo em regra tinham pequeno e escolhido numero de leitores, corriam manuscriptas e muitas (quasi todas) houve que vieram a lume dez, vinte, trinta annos depois de compostas, e não em pequeno numero foram publicações postumas, como as de Ferreira, Sá de Miranda e outros. As poesias de Caminha só foram publicadas no seculo XVIII. Esta circumstancia diminuiu o influxo geral que na linguagem commum deviam exercer os primeiros classicos, e por isso os prosadores até a metade do seculo de quinhentos pouco se differençam dos que os precederam na éra archaica. Os colonos do Brazil trouxeram no seculo XVI as mesmas qualidades e a mesma linguagem idiomatica dos precursores da época classica ; muitos dos chamados *brazileirismos* de expressão, e até de prosodia acham-se em perfeita concordancia com certas peculiaridades dos seculos XIV e XV ; e talvez não haja ousadia em dizer que o exclusivo genero lirico que predomina ainda na literatura brazileira é o desenvolvimento natural da antiga poesia dos cancioneiros, transplantado sob o novo

céo americano. Nesta só consideração poder-se-ia fundar a theoria da nossa literatura, ao menos no que diz respeito á poesia. (32).

O caracter proprio dos quinhentistas (segundo o intento com que se organizou este livro) é que se nos presentam á luz, como os mais puros e polidos criadores da linguagem, os que a tornaram definitiva em todas as suas fórmas, excepto as que sem damno se prestam a mobilidade e progresso que é lei universal das cousas.

Camões, Sá de Miranda e Ferreira são os grandes poetas. Bernardim Ribeiro, Heitor Pinto e João de Barros são os grandes prosadores. A estes astros de primeira grandeza ajunta-se o do creador do theatro, *Gil Vicente;* mas, n'este setestrello o brilho da poesia é mais fulgurante que o da prosa. (33).

Coincide com essa éra literaria o apogeo da nacionalidade, o mais alto, mais ousado a que jamais uma pequena patria no cabo do mundo podéra alcançar. Os *Lusiadas* no zénith da nacionalidade politica é o canto de cysne, como o fingiram os poetas, ao despedir-se da vida.

---

(32) Não será raro vêr no corpo das notas que concorrem com os excerptos dos auctores classicos a observação de fórmas e de syntaxe que hoje obsoletas ou pouco usadas em Portugal, aqui são no Brazil populares e de uso commum. Ainda ha pouco notou Ruy Barbosa, na sua famosa *Replica,* que certos brazileirismos (como *eu vi elle*) se encontram nos prosadores do seculo XV. Da feição lirica da nossa poesia como expressão contiuuada, na America, da poesia dos trovadores tratou José Antonio de Freitas (*Estudos criticos sobre a litt. do Brazil,* Lisboa (1877) cotejando algumas das producções dos nossos poetas com as dos antigos cancioneiros. O critico expõe com pouco methodo e sem clareza, mas o pensamento do livro é excellente. || No anno de 1887 escrevi: «No seculo XV foi que se formou a linguagem que devia ser popular e plebeia no seculo seguinte, o da descoberta e primeira colonisação do Brazil. Os aventureiros, exploradores e o povo que emigrou para a America, não falavam a lingua culta dos quinhentistas, eivados de erudição latina e italiana, mas a linguagem documentada pelo seculo XV... A conservação no Brazil de processos archaicos do portuguez não é facto anormal nem hypothetico (seguem-se exemplificações). *Morphol. e Collocação dos pronomes,* Rio 1887. Tratarei d'este assumpto nas *Apostillas.*

(33) Recentemente, por espirito do liberalismo proprio do nosso seculo, tem-se exaggerado o merito de Damião de Goez, que exclui d'aquella pleiade. Se, porém, o diplomata era de idéas adiantadas, não me parece que tivesse extraordinarios dotes o artista e escriptor.

Comtudo, é mais apparente que real aquella morte. A seiva sentimental da poesia e da gloria vae reapparecer mais tranquilla na alma dos grandes estylistas, Souza, Vieira e Bernardez, e Portugal revive e resuscita menos sentimental e heroico, mas mais intellectual e humano.

No logar devido e a proposito de cada um dos auctores, daremos summariamente algumas particularidades da vida e da bibliographia no que houver de maior interesse para os leitores especiaes d'este livrinho.

Os escriptos da *Selecta Classica* são por sua propria indole, em prosa; só se abre uma excepção para as estancias de Luis de Camões, o maior dos classicos e o mais autorizado exemplar de polidez, elegancia, primor e pureza de linguagem.

Garcia de Rezende (34)

Retrato de D. João II

El-rei D. João era homem de muito bom parecer, e bom corpo, e de meia estatura; porém mais grande que pequeno; muito bem feito, e em tudo muito proporcionado, airoso, e de tanta gravidade e auctoridade, que entre todos era logo conhecido por el-rei; o rosto tinha algum tanto comprido, e assim o nariz em boa maneira; e a bôca muito bem feita, os dentes alvos e bem postos; os olhos eram pretos, graciosos e de muito boa vista, e ás vezes tinha nas alvas, umas veias de sangue que o faziam com menencoria ser muito temido; e nas coisas de prazer era muito alegre, e muito bem assombrado de muita graça: em tudo era mui alvo, e no rosto corado em boa maneira; a barba tinha preta, e bem posta; e o cabello castanho e corredio, e em edade de trinta e sete annos tinha já na barba e cabeça muitas cãs, de

---

(34) Garcia de Rezende, que viveu até os meiados, proximamente, do seculo XVI, historiador e poeta, escreveu: a) *Livro das obras de* Garcia de Rezende... 1545 (1ª ed.; a 7ª de Coimbra, 1798, com o titulo *Chron... d'el rei D. João II*—«mesquinha collecção de historietas» diz A. Herculano e para maior mal copiadas das ainda ineditas de Ruy de Pina; b) *Breve memorial de peccados*, Lisboa, 1521; c) *Cancioneiro geral*, Lisboa, 1516 — mera compilação e todavia o mais importante dos seus trabalhos. V. Inn. III e IX e T. Noronha *Curios. bibl.* I; Hardung — *Canc. de Evora*. Leia-se a nota relativa ao *Canc. de Rezende* na introducção d'esta *Selecta Classica*.

que mostrava contentamento, e não consentia que lhe mondassem alguma. As mãos tinha compridas, alvas e formosas, e as pernas grandes e mui bem feitas. E até edade de trinta annos foi muito bem disposto, e d'ahi por deante engordou alguma coisa; era prudente, de muito vivo saber e mui prompto, e esperto, e de muito subtil engenho, e mistico em todas coisas, e presava-se bem disso; e teve muito grande memoria e claro juizo, e fallava muito bem; e nas coisas de substancia, suas palavras tinham sempre mais verdade e auctoridade que despejo, nem sabor; porque algum tanto eram vagarosas e entoadas pelos narizes; porém em coisas de folgar era gracioso e tocava muito bem qualquer coisa; e foi homem de grandissimo esforço, e de alto e mui ardido coração, de mui altos pensamentos, e mui desejoso de coisas grandes em que sua grandeza podesse mostrar e executar; e tudo por serviço de Deus, honra e accrescentamento de seus reinos, e nisto eram seus sentidos mui occupados; era mui justo e amigo de justiça, e nas execuções della temperado, sem fazer differenças de pessoas altas nem baixas. (35).

(35) || Vocabulos que se deparam no texto: alvas = o branco do olho; || mistico (e não mystico) em todas as cousas: eucyclopedico (= mixtus) versado em varias cousas. Metathese: *micsto, mistico*. || Todos os trechos de G. de Rezende foram modernizados e, excepto este, occorrem na edição de Castilho—Garnier—Paris e Rio de Janeiro, 1865. (E' o terceiro da *Livraria Classica*) || Note-se a construcção *mais grande* onde não se poderia dizer *maior*. Ainda sem esta circumstancia occorre a expressão *mais grande* como tambem *mais pequena* que é de uso actual. V. D. João de Castro de Jacinto Freire (ed. 1759) pag. 288.

O homem que bebia vinho

Um homem honrado (que se não nomêa) folgava de beber vinho ; e porque o El-rei (36) não bebia, havia-se por tacha, e todos em geral trabalhavam por seguir as obras e condição d'el-rei. E este homem ás vezes lhé fazia o vinho damno, de que el-rei tinha desprazer. E um dia o mandou chamar, e elle, por não cheirar a vinho, comeu folhas de louro, a que muito cheirava ; e el-rei lhe disse :

— Foão, debaixo d'esse louro a como val a canada ? (37).

Dito de D. João II

O conde de Borba, D. Vasco Coutinho, de sua condição fallava sempre muito alto, e ás vezes quando se queria frautar, fallava muito baixo. E um dia estando El-rei em um conselho, quando veiu o coude dizer o seu parecer, fallava tão baixo que se não ouvia.

E el-rei lhe disse : — Conde! os vossos baixos são tão baixos que vos não ouve niuguem ; e os altos tão altos que se não ouve ninguem comvosco. (38).

---

(36) D. João II.

(37) O e l - r e i, apposição de dous artigos o *el* que hoje se não tolera ; neste lugar *o* é pronome e objecto de *bebia*. || V a l, por *vale*, como *quer* por *quere*. Quando, porém, se segue o pronome o ou *a* enclitico, a fórma integra é a unica de bom uso : *vale-o*, *quere-o*, e não *val-o* ou *quer-lo*.

(38) F r a u t a r = aflautar, adocicar a voz. De *flauta* ou *frauta*. Na linguagem da musica e em referencia ao orgão, dizia-se *frautar* o tanger em surdina ou *piano*.

Fantasma

Nos paços de Santarem, estando el-rei com a rainha na cama, depois de todos repousados, a cerca da meia-noite, dormindo já el-rei, baterão á porta da camara onde jazia. Acordando, perguntou quem era, e não lhe responderam; ficou então enleado cuidando o que podia ser; dahi a pouco tornaram a bater, e elle se levantou mui manso, e vestiu um roupão, e tomou uma espada, e uma adarga, e uma tocha accesa na mão, e foi muito passo, só, abriu a porta; e em a abrindo, sentiu ir diante de si homem que abriu outra porta e elle depós elle lhe foi o homem fugindo e abrindo todas as portas até os desvãos dos paços, que é cousa tão carregada que de dia se carrega qualquer pessoa de andar só por elles, quanto mais de noite, e a taes horas, e mais havendo ahi suspeita que alli sentia cousa má. A rainha bradou alto, e aos brados lhe acudiram mulheres, que a grande pressa chamáram os fidalgos da guarda, e monteiros, que logo acudiram todos com armas e tochas accêsas, e foram achar só el-rei nos desvãos buscando todos os cantos delles, tão seguro e sem receio, que mais não pudera ser se fora no meio do dia. E então perante si fez buscar tudo, sem ficar nada, e não se achou cousa alguma; por onde elle, e todos affirmaram ser cousa passada desta vida; e tornou-se el-rei então com todos fazendo fechar as portas, tão despejado, e o rosto tão seguro e alegre, que todos vinham espantados. Deu boas noites, e tornou-se a lançar na

cama com a rainha, como dantes jazia, e não deixou por isso de repousar e dormir. (39).

Gil Vicente (40)

Sermão aos padres

Junctos estes padres a meo rogo na crasta de S. Francisco d'esta villa, lhes fiz uma fala na maneira seguinte:

---

(39) Vocab: despejado (= despeiado), está no sentido archaico (que se conserva ainda no Brazil) de *livre, sem peso, desembaraçado.* Hoje em Portugal significa commummente *sem pejo.* || Carregado, tristonho, terrifico; Cf. Camões *Lus.* V, 39: carregar-se, aterrorizar-se. Cf. a opposição dos termos *carregado* e *despejado.* || Boas noites, fórma portugueza em lugar de *boa noite* ou *bom dia,* uo singular por francezismo. || A cerca da meia noite, o *a* muito frequente archaismo: *acá, alá, afóra* e até *a segundo* (Camões, *Lus.* VI, 33), em Zurara, *C. de Guiné,* 285. || Da meia-noite, do meio-dia expressões preferiveis a *de* meia noite, *de* meio dia. Os classicos em geral usavam do art. definito quando havia determinação: *depois das* quatro horas, *antes das* onze, e não: *antes de onze horas* que significa antes o espaço de tempo e não a hora do dia ou da noite. || Foi muito passo = de vagar. Disse aos companheiros muito *passo* (Barros, Dec. VI, fl. 49). Por muito *passo* que vaamos (Zurara, Conq. 285) Dizei tres vezes *passinho* (Gil Vicente — Com. Rubena sc. 1). E querendo-lhe falar, disse ella muito *passosinho* (B. Ribeiro, Men. e Moça pg. 192—ed. de 1891). Note-se de caminho a expressão *fazer paço* (e não passo) fazer côrte, brincar, discretear, galantear; Camões — *Filodemo:* E quem é esse amador que quer commigo ter *paço*? Acto IV, sc. 2. Cf. G. Viana — *Ortogr.* 114. || Lançar-se na cama; poderia simplesmente dizer *lançar-se* que tinha a mesma significação uaquelle tempo.

(40) Gil Vicente, grande poeta e creador do theatro portuguez; morreu mais ou menos por 1536 (Car. Michaëlis *op. cit.* em 1539 ou 40, diz B. Rebello. Publicações postumas, a) *Compilaçam de todas as obras de G. V.* 1572; e muitas edições de peças avulsas. b) *Obras,* ed. de Hamburgo em 3 vol. 1834. c) *Id,* ed. da Bibliotheca portugueza; reproducção melhorada da precedente, 3 peq. vol. Lisboa 1852. || Além das informações de Th. Braga e Innocencio, leiam-se *Mem. da Acad.* V, part 1 (Trigoso); Camillo, *Hist. e sentimem.* V. d'Ou-

« Reverendos padres! o altissimo e soberano Deus « nosso tem dous mundos: o primeiro foi sempre e pera « sempre; que é a sua resplandescente gloria, repouso « permanecente, quieta paz, socêgo sem contenda, pra- « zer avondoso, concordia triumphante. Este segundo « em que vivemos, a sabedoria immensa o edificou « pelo contrario *(scilicet)* todo sem repouso, sem firmeza « certa, sem prazer seguro, sem fausto permanecente, « todo breve, todo fraco, todo falso, temeroso, aborre- « cido, cançado, imperfeito; pera que por estes con- « trairos sejam conhecidas as perfeições da gloria do segre « primeiro. E pera que melhor sintam suas pacificas con- « cordanças, todolos movimentos que n'este orbe creou. « e os affeitos d'elle são litigiosos. E porque não quiz « que nenhuma cousa tivesse perfeita durança sobre a « face da terra, estabeleceu na ordem do mundo que « umas cousas dessem fim ás outras, e que todo o genero « de cousa tivesse seo contrairo; como vemos que contra a « fermusura do verão, o fogo do estio; contra a vaidade « humana, a esperança da morte; contra o fermoso pa- « recer, as pragas da enfermidade; contra a força, a ve- « lhice; contra a privança, a inveja; contra a riqueza, « a fortuna; contra a firmeza dos fortes e altos arvore-

---

guclla, *Gil Vicente* e as publ. recentes do 4º centenario do poeta: *Autos* etc. da Empreza «*As Tres Bibliothecas*» com *fac-simile* e introd. extr. da obra de d'Onguella, 1892; *Ementas historicas* II. *Gil Vicente* por Jacinto I. de Brito Rebello — 1902 (estudo critico valioso) e a importante monographia de G. Vasconcellos — Abreu — *Contos, e, apologos e fabulas da India* (*Auto de Mofina Mendez*) — Lisboa — impr. nacion. — 1902.

« dos, a tempestades dos ventos; contra os fermosos « templos e sumptuosos edificios, o tremor da terra. »

.....

« Tanto que Deus fez o homem, mandou deitar um « prégão no paraiso terreal, que nenhum seraphim, nem « anjo, uem archanjo, nem homem, uem mulher, nem « sancto, nem sancta, nem santificado uo ventre de sua « mãe, não fosse tão ousado que se-entremettesse nas « cousas que estão por vir. E depois no tempo de Moysés « mandou deitar outro prégão que a uenhum adiviuha- « deiro, nem feiticeiro não dessem vida; e depois de feito « Deus e homem deitou outro prégão sobre o mesmo caso, « dizendo aos discipulos: Não convem a vós outros saber « o que está por vir, porque isso pertence á omnipo- « tencia do Padre. Polo qual mui maravilhado estou dos « lettrados mostrarem-se tão bravos contra tão horridos « prégões e defezas do Senhor, sendo certo que nunca « cousas d'estas disseram de que não ficassem mais men- « tirosos que prophetas; e não menos me-maravilho d'a- « quelles que crêem que nenhum homem póde saber « aquillo que não tem ser senão no segredo da eternal « sabedoria; que o tremor de terra ninguem sabe como « é, quanto mais quando será e quammanho será. Se di- « zem que por estrologia, que é sciencia, o-sabem, não « digo eu os d'agora que a não sabem soletrar, mas é « em si tão profundissima, que nem os da Grecia, nem « Moysés, nem Joannes de Moute-regio, alcan- « çaram da verdadeira judicatura pêso de um oução; e se

« dizem que por magica, esta carece de toda realidade, e « toda a substancia sua consiste em apparencia de cou- « sas presentes, e do porvir não sabem nenhuma cousa ; e « se por espirito prophetico, já crucificaram o propheta « derradeiro ; já não ha-de haver mais. Concruo, virtuo- « sos padres, sob vossa emenda, que não é de pruden- « cia dizerem-se taes cousas pubricamente, e em menos « serviço de Deus, porque prégar não ha-de ser pra- « guejar. As villas e cidades do reino de Portugal, « Lisboa, se ahi ha muitos peccados, ha infindas esmo- « las e romarias, muitas missas,orações e obras pias e se « alguns ahi ha que são ainda estrangeiros na nossa fé, e « se consentem, devemos imaginar que se faz por ventura « com tão sancto zelo, que Deus é d'isso muito servido ; « e parece mais justa virtude aos servos de Deus e seos « prégadores animar a estes, e confessál-os e provocál- « os, que escandalisál-os e correl-os, por contentar a « desvairada opinião do vulgo. » (41).

(41) Este trecho por ser um dos poucos que em prosa ha de Gil Vicente, occorre em varias *Selectas*, reproduzido no todo ou em parte. A reproducção do aliás excellente *Iris Classico* tem falhas, um salto depois da palavra *prégão* e outras omissões, sem falar na alteração do texto : *Nas villas* (Com a preposição clara) em vez de *As villas* por anacoluthia ou exprimindo lugar *onde*, como se exprime o tempo dizendo *a semana, o mez passado* por *na semana, no mez*, etc. || Vocab : abondoso = sufficiente, bastante (e não *abundante*). || Crasta (*claustra*) lugar onde se reune o cabido. || Quam manho = quam grande (*quam-magnus*) correlato a tamanho. Hoje desusado. B. Ribeiro *M. M.* 110.) || Outras fórmas archaicas occorrem no texto : *concordança* (concordancia) *concruo* (concluo) *pubricamente* (publicamente) *estrologia* (astrologia) *entrometter* (hoje diz-se *intrometter* aliás com alguma differença de sentido, pois entre, *inter*, não é identico a *intro*). || Prégar *prædicare*, distingue-se na prosodia e tambem na escripta com o *é accentuado*, de pregar (*plicare*) metter prego.

Carolina Michaëlis e *Gons. Viana* empregam o accento grave nestas e semelhantes palavras : prègar, vèdor ; isto é, nas palavras que têm um accento secundario.

Bernardim Ribeiro (42)

Menina e moça

Neste monte mais alto de todos (que eu vim buscar, pola suavidade differente dos outros, que n'elle achei) passava eu a minha vida, como podia, ora em me ir polos fundos valles, que o cingem derredor; ora em me pôr, do mas alto d'elle, olhar a terra como ia acabar ao mar: e depois o mar como se estendia logo após ella, pera acabar onde o ninguem visse. Mas quando vinha a noite, accepta a meus pensamentos, que via as aves buscarem seus pousos, umas chamarem as outras, parecendo que queria assossegar a terra mesma, então eu triste, com os cuidados dobrados com que amanhecia, me recolhia pera a minha pobre casa, onde Deus me é boa tes-

---

(42) Bernardim Ribeiro. Outros muitos escrevem Bernaldim e mais é preferivel a primeira fórma que era a orthographia do auctor como se deprehende do personagem *Bimnarder*, nome anagrammatico no romance de *Menina e Moça*. Diga-se de caminho que conviria conservar a orthographia dos nomes dos antigos classicos: Luis e não *Luiz*; Bernardim e não *Bernaldim*; Zurara (como escrevia J. de Barros e outros, e sustentou-o Mr. Codine da Soc. Geogr. de Paris; D. N. do Lião (ou Leão, *Liam, Leã*) e nunca *de Leão*; e tambem M. Bernardez, como elle proprio o escreveu em varias obras e nos primeiros tomos da *Floresta* que não foram postumos. E assim Arraez e não Arraes || B. R. viveu na primeira metade do seculo XVI. Escreveu e foi publicação postuma: a) *Hystoria de Menina e Moça*, Ferrara, 1554 (ed. postuma, a mais antiga de que ha noticia) parece ser este um nome dado pelo povo em vez de *Saudades*, titulo que ha em outras edições: *menina e moça* são as duas primeiras palavras com que começa o livro. b) *Versos*; sempre andaram reunidos ao romance precedente e só tiveram a edição separada de Lisboa, 1886, feita pela *typographia elzeviriana* com grande primôr e belleza. Vide J. Pessanha na ed. de *M. e Moça*, Porto 1891. (Muito valiosa).

timunha de como as noites dormia. Assi passava eu o tempo ; quando uma das passadas, pouco ha, levantando-me eu, vi a menhã como se erguia fermosa, e se estendia graciosamente per antre os valles ; e deixar, indo, os altos : ca o sol, já levantado té os peitos, vinha tomando posse dos outeiros ; como quem se queria senhorear da terra. As doces aves, batendo as azas andavam buscando umas ás outras : os pastores tangendo as suas frautas, e rodeados de seus gados, começavam assomar polas cumiadas. Pera todos parecia que vinha aquelle dia assi ledo : os meus cuidados sos, vendo como vinha o seu contrário (ao parecer poderoso) recolhiam-se a mi, pondo-me ante os meus olhos, pera quanto prazer e contentamento podera aquelle dia vir, senão fôra tudo tam mudado ; d'onde o que fazia alegre a todas as cousas, a mi so teve causa de fazer triste. E como os meus cuidados, pera o que tinha a ventura ordenado, me começassem d'entrar pela lembrança de algum tempo que foi, e que nunca fôra ; senhorearam-se assi de mi, que me não podia ja soffrer a par de minha casa ; e desejava ir-me per logares sós onde desabafasse em suspirar. E inda bem não foi alto dia, quando eu (parece que acinte) determinei ir-me pera o pé d'este monte, que d'arvoredos grandes, e verdes hervas, e deleitosas sombras é cheio : per onde corre um pequeno ribeiro de agua de todo o anno que, nas noites caladas, o rugido d'elle faz, no mais alto d'este monte, um saudoso tom, que muitas ve-

zes me tolhe o somno : onde outras muitas vou eu lavar minhas lagrimas ; e onde muitas infindas as torno a beber. (43).

Culpa da terra

Não ha o haver, senão onde ha o perder. A terra é abastada de pastos, e, assi como cria o bom, cria o mau ; e já ouvi dizer a um grande homem, que era dado ás cousas de outro mundo, falando na povoação d'esta terra (que, ainda que a vêdes assi por partes mettida a matto, é de pastores em muita maneira povoada), que esto era uma das maravilhas da natureza : — de uma terra mesma, nacerem duas, tão contrairas uma da outra. E que isto não era só nas alimarias, mas nos homens ; que não ha maus, se não onde ha os bons, e não ha ladrões, se não

(43) Este trecho da *Menina e Moça*, apenas modernizado, segue a lição de varias edições, da de 1557, e da *Bibliotheca portugueza*, 1852. Em outras na 3ª linha lê-se *soidade* e *saudade* por *suavidade ;* e tambem na 5ª l. *no mais alto d'elles* por *d'elle*, o que altera o sentido. || Vocab : Accepta refere-se a *eu* (a heroina) e não a *noite* e significa : *entregue*, dada a. || Apar, com o sentido um pouco antiquado de muito perto, dentro. A par de minha casa = em minha casa, dentro d'ella. || Herva—grama, planta verde e tambem *legume*, sentido archaico que inda se conserva no Brazil. «Pacendo as *hervas*» na *Lus. Transf.* pag. 3 e Camões *Lus. III*, 120, judicam o sentido actual. «E não caem (as hervilhas) em semelhante descuido de que confessem serem menos que *hervas*» D. Francisco Manoel. *Feira dos Anexins*, 203. Note-se, de caminho, que com o sentido torpe em certa phrase em que entra esta palavra, foi ella popularmente derivada de *hervoeira*, arch. *ariver-geira*, *albergueira*, vocabulo germanico. Em um curioso e rarissimo livro, a *Fabula dos planetas* de Bertholamen Pacham (ed. de Lisboa, 1643) á pg. 61 e 63 insinua o auctor a etymologia d'aquella expressão no mytho da origem vegetal de Marte, conforme conta Ovidio nos Fastos e repete-o G. Pereira: O forte capitão que do opportuno | Cheiro da pura flôr fragrante e bella | Foi concebido da formosa Juno (*Ulyssêa*, canto I, est. 98. || São archaismos faceis de notar:

onde ha que furtar. Mas, quanto eu não sei qual é peior pera nós outros pastores: — na terra que é de pouca ervagem, peresce-nos o gado á fome; e, cá nest' outra, matam-nol-o. Assi, que em toda parte nos vai mal. Mas nós outros somos, emfim, como dizem que são todos os outros homens....

Assi, tambem digo eu, senhor cavalleiro, no vosso caso: — não esteis agastado; descançae e tomae tudo á culpa da terra. (44)

As Armas e os Barões assignalados
Que da occidental praia Lusitana
Por mares nunca d'antes navegados,
Passaram ainda além da Taprobana,
Em perigos e guerras esforçados,
Mais do que promettia a força humana,
E entre gente remota edificaram
Novo reino, que tanto sublimaram;
.....
Cantando espalharei por toda parte
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.

Luis de Camões (44 bis)

---

polo = por o; *pera* = para; *mi* = mim; *assi* = assim. || *Onde vou eu lavar minhas lagrimas* (e não *levar*) no mesmo sentido em que se diz purificar, lavar o peccado ou a culpa. || Assossegar ou *sossegar*, melhor orthographia que *socegar* do mais arch. *sessegar* (sessicare).

(44) Notam-se no trecho algumas fórmas archaicas *assi* por *assim*; a fórma neutra *esto* por *isto*. || A fórma antiga estê mais etymologica que *esteja*; em Sá Miranda, sempre: Que lhe apparece onde quer que ella *esté* (pag. 75, ed. 1885) e em Camões: Antes que *esteis* mais perto do perigo. VIII est. 48; tambem Heitor Pinto: Como as bôas leys *estem* fundadas em razão — *Imagem da V. Christãm*, ed. 1843, vol II, pg. 47. || Perescer e *parescer* (*nota* 45, adiante) fórmas etymologicas por *percecer*, *parecer*, verbos inchoativos em *escere*, no latim.

(44 bis) As notas relativas aos trechos de Camões encontram-se no fim da *Selecta*.

As historias

Quando eu era da vossa edade, e estava em casa de meu pae, nos longos serões das espaçosas noites de inverno, antre as outras mulheres de casa, dellas fiando e outras devando, muitas vezes para enganarmos o trabalho, ordenavamos que alguma de nós contasse historias que não deixassem parescer o serão longo ; e uma mulher de casa, já velha, que vira muito e ouvira muitas cousas — por mais ancian — dizia sempre que a ella pertencia aquel officio. E, então, contava historias de cavalleiros andantes.....

Quantas donzellas comeu já a terra com a saudade que lhe leixaram cavalleiros, que come outra terra com outras saudades! Cheos são os livros de historias de donzellas que ficaram chorando por cavalleiros que se iam e se lembravam ainda de dar d'esporas a seus cavallos porque não eram tão desamorosos como elles. (45)

O rouxinol

Não tardou muito que, estando eu assi cuidando, sobre um verde ramo que per cima da agua se estendia, se veio pousar um roussinol : começou a cantar tam docemente,

(45) S e r ã o, horas da noite passadas em divertimento ou em trabalho (sarão). Plural preferivel, mas menos usado *serãos* por *serões*, lat. *seranus*. || L e i x a r, archaico, hoje *deixar*, deleixar, deeixar, *laxare*, *delaxare*. || A q u e l, fórma contracta, antes do som o como em *aquel'outro*, *cst'outro*. || D' e l l a s, partitivo = algumas d'ellas. Vide *Gramm.* 11ª ed. *loco* || *debar*, como em S á d e M i r a n d a : *Vilhalpandos*, sc. V : «Se estas molheres me mandarem *debar* e fiar, fiarei e *debarei*». De *dobar* (ennovelar o fio) deriva-se *dobadoura*.

que de todo me levou após si o meu sentido d'ouvir. E elle cada vez crescia mais em seus queixumes, que parescia que, como cançado, queria acabar; senão quando tornava, como que começava então. Triste da avesinha que estando-se assi queixando, não sei como, se cahiu morta sôbre aquella água. Cahindo por antre as ramas, muitas folhas cahiram tambem com ella: pareceu aquello signal de pezar n'aquelle arvoredo de caso tam desastrado. Levava após si a água, e as folhas após ella; e quizera-a eu ir tomar: mas pola corrente que alli fazia, e polo matto, que d'alli pera baixo acerca do rio logo estava, prestesmente se alongou da vista. O coração me doeu tanto então em ver tam asinha morto, quem, d'antes tam pouco havia, que vira estar cantando, que não pude ter as lagrimas. (46)

Mas diz Cupido que era necessaria
Ua famosa e celebre terceira,
Que posto que mil vezes lhe é contraria,
Outras muitas a tem por companheira:
A deusa gigantea, temeraria,
Jactante, mentirosa e verdadeira,
Quem com cem olhos vê e por onde vôa
O que vê com mil bocas apregôa.

Luis de Camões (44 bis)

(46) O *rouxinol* de B. Ribeiro é um passo do romance que ficou proverbial. Roussinor, ruisiñor, roxinhol, *lusciniolus*. || São fórmas archaicas facilmente intelligiveis: *per cima, antre, polo, pera, assi* etc. || Prestesmente, melhor que *prestemente;* o adjectivo é *prestes:* «todo requebrado, *prestes* além» Sá de Miranda II, 230, ed. de 1784.

Francisco de Moraes (47)

DIALOGO

Amores

Moço.— Não sei como isso era, ou como vos eu parecia, mas sei que nada me aproveitava, bebia os ventos por vós, vieis-me morrer, dissimulaveis meu mal, como quem lhe não doia. Oh! quantas, e quantas vezes, acabado o sino, vos fui espreitar á porta; isto era em Almeirim; tinheis a casa de rama, se vos lembra, e por guarda á porta uma esteira de tabua, fiz mil buraquinhos nella e ainda o não confessei; por alli vos olhava, via-vos andar por casa, concertando as cousas della, e nos braços somma de manilhas de prata, davam umas n'outras, e faziam um som, que mau anno para quantos instrumentos musicos ha. Trazieis uma mantilha amarella, que vos dava muita graça, punheis-vos a lavar o rosto, fazieil-o muito bom, que isto só tinheis mau, hei-vos de falar verdade. Ora vede, quem isto via, que tal teria o coração? Fazia frio, se o Deus dava no mundo, e eu estar,

---

(47) Francisco de Moraes (entre 1500 e 1572) escreveu: a) *Chronica de Palmeirim de Inglaterra*, cuja 1ª edição deve ser anterior a conhecida de 1567. b) *Os dialogos*, 1624. Andam juntas estas duas obras nas edições mais modernas. Ainda hoje se discute como já se discutiu por muito tempo se o *Palmeirim* é traducção ou obra original. E' verdade que a edição mais antiga que se conhece é em lingua hespanhola e traz o nome de Luis Hurtado. 1548. Sobre a questão escreveram Odorico Mendez, F. Denis, Gayangos e outros. Mas a prioridade de F. Moraes, foi provada a plena luz por Th. Braga — Questões e Car. Michaëlis — *Versuch über den Palmeirim*, Halle, 1883.

chovia e eu estar, dava meia noite, e eu estar; assim sempre estava, até que vos ieis deitar. E ás vezes ouvia alguem lá dentro, e isto me fazia triste. (48)

Aprestos de casamento

Regateira. — Uma cousa, que essa carta me destruiu, e me roubou minha liberdade, vinha com tanta magoa, trazia tantas saudades, que me fez perder de todo: mostrei-a a quantas regateiras havia na ribeira, todas a gabaram, e guardaram o treslado para se aproveitarem delle alguma hora: pois crede que quem isto melhor entender que ellas que lhe ha de suar o topete; então me acabei de resolver em casar comvosco. Fui-me para casa, caiei-a, comecei a concertal-a, assentar cada cousa em seu logar, porque me chamasseis de recado, fui á cama, lancei cobertor de papa novo da peça, de tresentos e sessenta reaes, assim me valha a verdade, com

---

(48) Estes e os trechos seguintes foram tirados dos *Dialogos*. || Por casa, a expressão *casa*, de ordinario, repelle o artigo; cf. *de* casa, *em* casa, *a* casa (e não *á* casa). || Falar verdade (e não *falar a verdade*) é a lição constante dos classicos: *Fala verdade* havida por verdade. *Lusiadas*, IX, 45; e em Fr. Luis de Souza: «Replicou a Rainha que differentes eram as informações que d'elle tinha, e dadas por pessoa que sabia lhe *falavam verdade*. Vida do Arceb. ed. 1890 t. I. pag. 45. || Fazia frio e eu estar, chovia e eu estar (ou *a estar*); este emprego do infinitivo historico é menos raro no portuguez que no castelhano (como no exemplo de Santa Teresa: «El barquero me hacia mucha mas lástima verle tan fatigado, que no el peligro: nosotras *a rezar* todos voces grandes». Veja-se Cuervo — *Notas a la Gram. cast.* 59. || Acabado o sino — é expressão antiga, egual ao ultimo toque do sino; havia o de *Ave Marias* ás 6 horas e o de *colher* ou *recolher* ás 10 horas da noite. || Manilhas (por monilhas) lat. *monilia*, collares, braceletes.

travesseiro lavrado de vermelho, almofadinha de frouxel, porque vi que ereis mimoso, enxergão de palha debaixo, para ficar mais molle; e para dormirdes a sesta, tanho de Santarem com almofadinhas de guadamecim, porque é fria; então, minha escovinha dependurada em seu prego; rabo de boi com penteu metido n'elle, espelho da outra parte para vos verdes; e então, agua de louro para os pés, cortiça para debaixo pelos não pordes no chão; decoada para a cabeça, e rapei as unhas por vos não fazer mal quando vol-a lavasse; carapuça de emprensar, lavrada de pontinhos, perfumada com alecrim; assucareiro vidrado com alfazema, caixa de marmelada de medronhos pera polas manhãs; e tudo a ponto para que a nada pudesseis pôr tacha. (49)

Doutores, inuteis na guerra, perigosos na paz

—«Bem aviado estaria que com palavras esperasse vencer-vos: uma mercê me fizesse Deus, e morresse logo, que visse um batalhão de turcos, e um de dou-

---

(49) Notam-se n'este excerpto nomes de objectos de aceio e de uso n'aquelle tempo: tanho, almofada de couro; *frouxel*, as pennas macias do papo das aves; *guadamecim* ou *guadamexim* (nome de lugar) almofadas; *papa*, tecido de lan, cf. o anglicismo de hoje *popeline*; o *rabo de boi*, especie de estojo com espelho e pente etc. A fórma *penten* é do tempo, como em Gil Vicente: «E ficou aqui o novello | E o *penten* não se perdeu. Farça de I. Pereira, no vol. III. 130 da ed. de Lisboa. || De recado = de recato = prudente, assizado. Assim se dizia: levar a *bom recado*, isto é, com cautela e segurança; em J. Barros, *Decadas* III, VIII, 10 e III, IX, 2. Vide *Mem. de litt. da Acad.* t. III, pag. 111, *Dissert.* de Antonio Pereira de Figueiredo.

tores, para ver como passavam. O conde do Redondo com duzentas lanças desbaratou duas mil, e nenhum dos imigos sabia letras, que se todos foram letrados podera desbaratar cem mil, e o feito não fôra grande: em fim, Hanibal com cento e tantos mil homens passou os Alpes, e se entre elles acertaram de ir tres doutores nunca os passara, lá deram tantas razões, e sustentadas com tanta autoridade, que fizeram o perigo certo, e a batalha duvidosa: o caso é que por elles se disse: *Razona bien del arnes, mas vistallo quien quisiere.* Duas qualidades de homens acho que matam mais homens, que quantas guerras civis se podem levantar: doutores e fisicos, cada um por sua via; qualquer destes é mais perigoso na paz que os imigos na guerra, porque de uns defendeis-vos, e aos outros entregais-vos, e então aonde cuidaes que achais remedio para a vida, achais a condemnação della. (50)

Persas ferozes, Abassés e Rumes
Que trazido de Roma o nome têm,
Varios de gestos, varios de costumes,
Que mil nações ao cerco feras vêm;
Farão dos céos ao mundo vãos queixumes,
Porque uns poucos a terra lhe detém
Em sangue portuguez juram descridos
De banhar os bigodes retorcidos.

Luis de Camões (44 bis)

---

(50) *Imigos* = inimigos, fórma archaica e não licença poetica, como já se tem escripto e tanto occorre nos poetas como nos prosadores || Note-se a correlação dos tempos, hoje obsoleta: *deram* e *fizeram* por *dariam* e *fariam*. || O conde de Redondo; creio que se refere o auctor a Roldão ou Rolando. || Doutores e fisicos equivale hoje a juristas e medicos.

Mendez Pinto (51)

O Pekin

Esta cidade do Pequim, de que prometti dar mais alguma informação da que tenho dado, é tão magnifica e taes são todas as coisas d'ella, que quasi me arrependo do que tenho promettido, porque realmente não sei por onde comece minha promessa; porque se não ha de imaginar que é ella uma Roma, uma Constantinopla, uma Veneza, um Paris, um Londres, uma Sevilha, uma Lisboa, nem nenhuma de quantas cidades insignes ha na Europa por mais famosas e populosas que sejam, nem fóra da Europa se ha de imaginar que é como o Cairo...

Mas, deixando agora isto, para se tratar a seu tempo, esta cidade, segundo o que se escreve d'ella, assim no Aquesendoo, de que já fiz menção, como em todas as chronicas dos reis da China, tem em roda trinta legoas, afora os edificios da outra cerca de fora de que já tenho dito um pouco, e bem pouco, em comparação do muito, que me ficou para dizer: e é (como já disse outra vez) toda fechada com duas cercas de muros, muito for-

---

(51) Fernão Mendez Pinto (1509—1583, segundo a melhor opinião) homem de talento excepcional mas sem esmerado cultivo: escreveu as *Peregrinações*, historia das suas longas viagens pelo extremo oriente, a qual só teve edição impressa em 1614. Teve outras reimpressões e foi traduzida em todas as linguas cultas. Muitas das suas maravilhosas narrativas foram tidas injustamente a conta de mentirosas, e o seu nome transformado no equivoco: *Fernão, mentes? minto.*

tes, e de muito boa cantaria, a onde tem tresentas e sessenta portas, a cada uma das quaes está um castello roqueiro de duas torres muito altas, e todas com seis cavas e pontes levadiças n'ellas. A cada uma d'estas portas, está um escrivão, com quatro porteiros de alabardas para darem razão do que entra e sahe por cada uma d'ellas, as quaes por regimento do Tutão são repartidas por todos os tresentos e sessenta dias do anno, de maneira que cada dia por seu giro se celebra, com muita solemnidade, a festa da invocação do idolo de cada uma das portas, de que ella tambem tem o nome, e d'isto já atraz tambem tratei largamente. Tem mais esta grande cidade dos muros para dentro, segundo os chins nos affirmaram, tres mil e oito centas casas dos seus pagodes, em que continuamente se sacrifica uma mui grande quantidade de aves e de animaes silvestres, dando em razão que aquelles são mais acceitos a Deus, que os outros domesticos, que a gente cria em casa, e para isto dão os sacerdotes muitas razões ao povo, com que o persuadem a terem esta abusão por artigo de fé. D'estes pagodes, que digo, ha muitos de edificios muito sumptuosos, principalmente os das religiões em que vivem os Menigrepos, e Conquiaes, e Talagrepos, que são os sacerdotes das quatros seitas de Xaca, e Amida e Guizom e Canom as quaes precedem por antiguidade ás outras trinta e duas d'este diabolico labyrinto, em que o demonio se lhes mostra algumas vezes, em diversas figuras, para os fazer dar mais credito a estes seus enganos e falsidades.

As ruas ordinarias d'esta cidade são todas compridas e largas, e de casaria muito nobre, de um até dois sobrados, fechadas todas d'uma banda e da outra com grades de ferro e de latão, com suas entradas para os beccos, que n'ellas entestam, e nos cabos de cada uma d'estas ruas, estão uns arcos com portas muito ricas, que se fecham de noite; e no mais alto d'estes arcos, tem sinos de vigia. Cada rua d'estas nobres, tem seu capitão e quadrilheiros, que rondam a quartos, e a cada dez dias são obrigados a irem dar relação á camera, do que passa n'ellas para os Puchancys ou Chaens do governo proverem no que succedeu conforme á justiça. Tem mais esta grande cidade, segundo conta este livro, com que tenho allegado muitas vezes, que trata só das grandezas d'ella, cento e vinte esteiros que os reis e povos antigamente fizeram de tres braças de agoa de fundo e doze de largo, os quaes todos atravessam toda a largura e comprimento da cidade, com grande somma de pontes, feitas sobre arcos de pedraria, muito fortes, e nos cabos, columnas com suas cadeias atravessadas, e poiáes com encostos para a gente descançar. E estas pontes, que estão n'estes cento e vinte esteiros, se affirma que são mil e oitocentas, e todas a qual melhor, e mais rica, assim no feitio, como em tudo o mais que se vê. Affirma tambem este livro, que tem cento e vinte praças nobres, em cada uma das quaes se faz cada mez uma feira, que, feita a conta ao numero d'ellas, sáe a quatro feiras por dia, em todo o

anno, das quaes, nos dois mezes, que por aqui andamos em nossa liberdade, vimos algumas dez ou doze, em que havia infinita gente, assim de pé, como de cavallo, que n'umas caixas, como de bufarinheiros, vendiam quantas coisas se pódem nomear; afora as tendas ordinarias dos mercadores ricos, que, em suas ruas particulares, estavam postos por muito boa ordem, e com tanta quantidade, de peças de seda, brocados, telas, e roupas de linho, e de algodão e de pelles de martas, e arminhos, e de almiscar, águila, perçollanas finas, peças d'ouro e de prata, aljofar, perolas, ouro em pó, e em barras, que nós, os nove companheiros andavamos como pasmados. (52)

---

(52) O trecho segue a lição critica que adoptei entre a da ed. *Rollandiana* (que se diz conforme a 1ª e não o é frequentemente) e a da ed. de 1725 da *Officina Ferreiriana*. || O Pekin, diz sempre M. Pinto, como ainda usamos apenas para algumas cidades a apposição do artigo (a Meca, a Havanna, o Cairo, o Havre) || Note-se tambem o genero que dá aos mesmos nomes: um Paris, uma Lisboa. Com o adjectivo *todo* é de regra o masculino. No *Auto da Ave Maria*, Antonio Prestes na mesma scena em que escreve *Athenas minha*, pag. 35, diz: «Não achei em todo *Athenas*. | Um homem que fosse homem» | e no *Auto dos Cantarinhos*, pag. 98: Vão filhas de atafoneiros... | Todo *Valença* em chapins. || Águila, madeira perfumosa do Oriente não *aloes* como disseram Moraes e os seus continuadores, mas linaloes (que só tem de commum o nome, *lign'aloes* e *xyl'aloes*) e é arvore e não herva. V. Garcia de Orta, no 30º *Colloquio*, pag. 118, 124 da 1ª ed. ou da ed. de Varnhagen, 1872. || Poial, do ant. verbo *poyar*, (apoiar fr. *appuyer*) arrimar-se, subir. Segundo Cortezão, a Rev. lus. IV, deriva do lat. *podiale*, fórma hypothetica, ao meu vêr, inutil. || Pasmado é o unico partic. do verbo *pasmar*; o emprego de *pasmo* como adjectivo é erro grosseiro, mas muito commum. || A respeito dos nomes asiaticos que occorrem no texto é melhor orthographia o emprego do *x* em vez do *ch*: *xães*, *xarife*, etc. como aconselha Gonçalvez Viana na sua excellente *Ortogr. nacional* e era essa em geral a orthographia dos antigos escriptores portuguezes.

Prisão em cisterna

A este lugar chegámos já quasi a vespera, e nos fomos pôr á sombra de uma arvore, que estava um pedaço affastada delle, aonde achámos tres moços com gado, os quaes em nos vendo, fugiram a grande pressa, bradando: *Ladrões, ladrões;* a que os moradores logo acodiam com muitas bestas, e lanças, bradando a grandes vozes: *Navacarangué, navacarangué;* que quer dizer: *Prende ladrões, prende ladrões;* e correndo apoz nós, que já então lhe iamos fugindo, nos perseguiram de maneira com muitas pedradas, e pancadas, que a todos nos feriram, de que logo um moço, dos tres que levavamos, nos morreu; e tomando-nos a todos, nos ataram com as mãos detrás pelos buchos dos braços, e nos levaram prezos ao lugar: e depois de sermos bem hospedados de muitas bofetadas, e pancadas, nos metteram dentro numa cisterna de agua encharcada que nos dava pela cintura, na qual havia infinidade de sanguixugas, onde estivemos dous dias, que nos pareceram cem annos de inferno, sem nunca em todo este tempo termos uma só hora de repouzo, nem nos darem de comer cousa nenhuma: no fim dos quaes vindo alli ter um homem do lugar de Suazoangané, donde tinhamos vindo, e acertando de saber o que nos era feito, disse á gente da terra com grandes juramentos que não eramos quaes elles cuidavam, mas que eramos estrangeiros perdidos nas agoas do mar, e que tinham commettido um grande peccado em nos prenderem, e tratarem daquella maneira e pelo dito deste

homem prouve a N. Senhor que nos tiraram da cisterna, e tão ensopados em sangue, como em agoa das muitas sanguixugas, que nos tinham sangrado de maneira que se estiveramos alli mais um dia, sem falta nenhuma acabaramos todos; e daqui nos partimos já quasi sol posto bem affrontados, e nos fomos todos chorando nossas desaventuras. (53)

João de Barros (54)

Dialogo da viciosa vergonha

— Vem cá, Antonio; vae á minha livraria, e traze uns cadernos numero quinze, que estão na estante segunda, na parte numero seis.

— São os cadernos da grammatica da lingua portugueza, que compoz para o principe nosso senhor?

— Esses são os que peço.

— Lá ficam outros cadernos numero desaseis, e diz a

---

(53) || Bucho dos braços, a parte mais grossa cf. *bolso* da vela, o seio d'ella quando enfunada, lat. *bursu* (byrsa). || Sanguixuga, *samixuga*, sanguisuga; *s*, *sc*, *ss* = x (paixão, enxugar, peixe, etc.) || Hospedado de bofetadas; em sentido ironico como ainda hoje, *mimoseado, presenteado com...*

(54) João de Barros, um dos primeiros classicos e grande historiador nasceu em 1496 m. 1570. Escreveu: A) *Chron. do Emperador Clarimundo*, romance original; obra ainda da mocidade e publicada com o titulo de traducção, 1520; B) varios livros didacticos: *Rhopica Pneuma*, 1552; *Cartinha para aprender a ler*, 1539; *Grammatica da l. portugueza*, 1540, *Dialogo da viciosa vergonha*, 1540, etc. C) *Asia de* J. de Barros, é a sua obra capital de historia, mais conhecida pelo nome de *Decadas* em que está dividida, Lisboa. de 1552, por diante. D) *Panegyricos* de D. João III e dona Maria, publ. postumas. || Não se confunda este grande classico com o outro de menor credito e de egual nome, o Doutor João de Barros, do mesmo tempo e auctor do *Espelho de casados*, 1540 (reimpresso por Tito de Noronha, Porto, 1874.)

cota : *Tratado de causas*. São tambem aquelles da materia da grammatica?

— Não ; esse é um tratado dirigido a ti, o qual vou compondo, pelo discurso dos tempos.

— Que quer, senhor, dizer de causas? porque ainda não ouvi tal titulo.

— Não ouviste tu já fallar nos problemas de Aristoteles?

— Sim.

— Pois esses de causas tratam.

— Logo tratado será de philosophia natural? Porque meu mestre tem uns problemas e diz elle que são questões de philosophia.

— As causas do teu tratado não são naturaes, mas moraes : ou por fallar verdade, são de homens temporaes, que, em umas mesmas obras deram diversos fructos por differentes causas, d'onde nasceu o titulo ao teu tratado. Tem-lhe muito amor, porque eu t'o deixo como herança da minha possibilidade : e se te não deixar outra maior, ahi acharás tambem essa causa, que será assás para saberes que tenho amor de páe, limitado na lei de Deus. Levanta-te, hajas a sua benção e a minha. E por galardão d'essa côr que te veio ao rosto, pois estamos em causas, quero-te dizer a causa d'ella : e quam louvada nos da tua edade é a necessaria, e quam viciosa é em todos a sobeja. E nisto farei o para que pedia estes cadernos da grammatica, que era escrever alguma coisa

moral, para doutrinar os da tua edade. E, se ácerca d'esta materia da *viciosa vergonha* desejares saber alguma coisa, podes perguntar; e, assim das tuas perguntas e minhas respostas, faremos um dialogo innocente, para innocentes. (55)

Tres sortes de vergonha

Aqui, nestes tres respeitos de vergonha, vão tres partes suas, que não especificamos em nome, mas que dissemos seus effeitos, por não termos a copia de vocabulos que teem os gregos e latinos, porque elles teem estes tres: *pudor*, *verecundia*, *erubescentia*. E dizem que differem n'isto: *pudor* é das coisas torpemente feitas; *verecundia*, não somente das torpes, mas ainda das que são bem e honestamente acabadas; e *erubescentia* parece que participa d'ambas, somente está em tempo presente.

---

(55) Fallar verdade — e não fallar a verdade — vide *nota* 48 || Levanta-te e hajas a benção; sempre se evitou o imperativo de *haver* e por isso dizem que o não tem os grammaticos; e o mesmo dizem de *querer*; ha, comtudo, um ou outro exemplo, bem que rarissimo, nos classicos: no poemeto da *Arvore triste* escreveu F. Rodrigues Lobo: «Eu quero já querer quanto mandardes | Mas vós *querey* tambem o necessario». O uso mais seguido, porém, é o do subjunctivo. Ainda falta um estudo completo das fórmas verbaes do imperativo em portuguez; o auctor da censura ao *Edipo* de M. de Figueredo (tomo XIII do *Theatro*, 1804-1810, pag. 90) reprova no poeta a fórma *corregi*, 2.ª pessoa do plural, em vez de *corregei* que é propria dos imperativos de *corrigir* e de *correger*. O imperativo de *haver* era *ave* ou *have* na segunda pessoa: Madre de Deus acorra-me e *ave* mercê d'esta minh'alma — Fernan Lopez — *Chron. D. Fernando*; pg. 353, e assim o empregaram o mesmo Barros e Gil Vicente; o plural *havei* tambem era frequentemente usado: *Havei* misericordia de mim — no *Baculo past.* ed. de 1698 pg. 14.

Das quaes partes, por as não termos em nome, trataremos em genero, debaixo d'este vocabulo: *vergonha*.

— Em que parte do homem está situada esta vergonha, porque vemos quando alguem a padece, vir-lhe côr ao rosto?

— Aristoteles quer que, na vista dos olhos: d'onde Alexandre Aphrodiseu, em seus problemas, diz, que aquelles que até trabalham por esconder os olhos. E tem por certo este aposentamento d'ella, que querem alguns que os cegos a não tenham, ainda que ouçam coisas de que se possa haver. E d'aqui vieram os antigos pintar Cupido cego por ser Deus do amor deshonesto. E Socrates, quando no dialogo de Platão, quiz tratar d'elle, cobriu os olhos: porque são os que padecem, e assim o diz o proverbio grego: *A vergonha nos olhos.*

— A que edade convém mais esta vergonha?

—A edade dos moços, como quer Platão. E em quanto durar no animo de cada um (segundo Seneca) haverá n'elle alguma boa esperança. E assim o disse Diogenes a um mancebo, que se fez vermelho: «Confia, filho, porque a vergonha é côr da Virtude.» E isto quiz dizer Pytias, filha de Aristoteles, quando lhe perguntaram, qual era a côr mais formosa? e respondeu: «A vergonha que se gera nas faces.» (56)

---

(56) || Barros serve-se dos latinismos «por não termos em nomes» *pudor, erubescentia*, hoje vulgares nas fórmas *pudor, rubôr*, e tambem em caso restricto *pundonor* (pun-d'onor, *point d' honneur*, pontinho d'honra) Theatro de Figueredo, tomo V. 231; e ainda é popular o uso da

Parabola

Finjamos um rei tão zeloso da paz e alliança de todos os brutos animaes, que mandasse ajuntar quantos ahi ha, differentes em genero e especie, para que, mettidos em um curral juntos, os entregasse a um pastor de que tivesse experiencia e confiança, que os trouxesse a tal concordia, que o leão não comesse o lobo, nem o lobo ao carneiro, o galgo não filhasse a lebre, nem o açor a perdiz; de tal modo que, esquecidos de sua braveza natural, usassem de toda a brandura e mansidão. E que pastor haveria, por muito atrevido que fosse, que não dissesse o que Moysés dizia a Deus: « Senhor, manda quem as demandar, por o tal cargo requerer, não digo um grande consummado saber humano, mas ainda a um divino inspirado por graça.» Pois o rei que isto quiz fazer foi Deus Eterno, que ordenou na terra o governo dos reis e principes, ficando-lhe na mão o coração d'elles, como quem sabia que tamanho officio, sem sua ajuda mui particular, se não podia bem administrar. E os animaes que tanto lhe encommendou são

---

palavra *vergonha* a respeito de cousas «bem e honestamente acabadas» e tem neste caso o sentido de acanhamento, modestia (*Verecundiam* habere parentis, diz Tito Livio). A *boa vergomça*, assim escreveu Fernão Lopez, *Chron. d'El Rei D. Fernando*, pag. 353, na edição da Academia. Cf. a moral d'este excerpto com o cap. XX, Tit II da *Floresta*, de M. Bernardez, II, 346. || E d'aqui vieram os antigos pintar..; syntaxe irregular; melhor seria dizer: *e d'aqui veiu pintarem os antigos..*; e é alias a que emprega J. de Barros em outros lugares, como se ha de ler no excerpto seguinte, onde ha a phrase: *d'onde nasceu fingirem alguns philosophos* Com o verbo *parecer* hesitam em casos um pouco semelhantes os escriptores modernos, ora dizendo «*parece* fugirem» ou «*parecem* fugir» conforme notou Mario Barreto em um dos seus estudos avulsos de philologia.

os homens, que deixando o caminho da razão seguiram os dos brutos. Que segundo Paulo: *justis non est lex posita*. D'onde nasceu, a meo juizo, fingirem alguns philosophos, entre os quaes foi Platão, que as almas dos homens se traspassavam em corpos de diversas bestas, similhaveis aos costumes que tiveram; os dos tyranos e principes em lobos, falcões e milhanos, e os dados ao vicio da gula e preguiça em asnos, introduzindo aquelle Herpamphilio, que disse ter visto a alma de Orpheo mettida em um cysne, a de Ajace em um leão, a de Agamemnon em aguia, e em um bugio a do Tersites homerico; querendo significar que nenhuma differença têm de brutos os que vivem como brutos, e que a similhança dos costumes lhes faz egual a natureza. E dizerem as fabulas que Actéon foi convertido em corço, não é outra cousa senão, que pelo muito exercicio e continuação da caça se fez agreste e similhavel aos animaes com que tratava; e tornando ao proposito, assim como entre estes ha tanta differença quanta vemos, assim nos homens se acham ainda mais differentes condições de vida e costumes, que na diversidade dos brutos. (57)

(57) Filhar = tomar por força; em Zurara «pellejar com elles e *filhar* alguns — *Conquist.* pg. 63; termo antiquissimo já empregado no sec. XII (Vide *Noticia de torto*, primeiro excerpto do periodo ante-classico, n'esta *Selecta*, introducção, pg. XXVII) do lat. medieval *filiare*. Do vocabulo restam as fórmas *filar*, *cão de fila* (o mesmo Barros nas *Decadas*, diz, *Cão de filhar* || Requerer; este verbo é regular, e dever-se-ia, pois, dizer nos despachos: *como requere* (e não *como requer*) pois não se conjuga com o verbo *querer*, ainda que haja identidade etymologica. Acha Gons. Viana que com o mesmo verbo *querer* é preferivel dizer *quere* e não *quer* (e em verdade toda a gente diz *quero-o* e não *querlo*); ha n'isto, porém, algum rigor, porque sempre se disse *quer* por *quere*,

Amor pelo dinheiro

Não cuide alguem que as mercês e liberalidades dos Principes têm mais força para os fazer bemquistos, que a santidade da vida: porque não ha cousa (se me não engano) mais poderosa nem de mór efficacia, para ganhar a vontade dos vassallos que os bons costumes. Felipe, rei da Macedonia, sabendo que seu filho Alexandre por ganhar a vontade de alguns Fidalgos lhes fazia mercê de dinheiro, dizem que houve grão merencoria e lhe escreveu uma breve carta por estas palavras: « *Qual razão, filho, te demoveu a cuidares que te haviam de ser ficis amigos os que por dinheiro forçasses a te quererem bem? Enganas-te; o verdadeiro amor não se compra por dinheiro.* » (58).

Jovens e velhos

Não é pequeno inconveniente quando os mancebos dão conselho serem mui colericos, e seguirem seu apetite, que a rasão não olham a que póde seguir, porque são as mais vezes guiados de um falso desejo, e enganosa esperança,

---

como *val* por *vale* (e tambem *cal-te* por *cala-te*) em Gil Vicente e outros, sendo até de uso popular || Corço; o termo usual da especie é o feminino *corça*, como o é *pomba* (palumba) e não *pombo*, formado posteriormente. Do lat. barbaro lusit: *corcius*. || Galgo. Os nomes especificos de cães são gentilicos: galgo (gallicus) alaão (alanus) sabujo (saboius) gozo (gothicus, godius) perro (patrius) etc. Vide Clemencin, na ed. do D. Quixote (*nota*).

(58) Não é muito fundamentada a erudição d'este excerpto, pg. 87, do *Panegyrico de D. João III*, ed. de 1791. Do mesmo Filipe

que lhes cega o entendimento, ou por seguirem sua vontade, ou por contentarem a quem aconselham, querem tudo aventurar em um ponto, e por isso diz Aristoteles que os taes não são aptos para o exercicio das virtudes moraes. Os velhos, pelo contrario, ensinados da longa edade e experiencia das cousas passadas, nenhuma cousa fazem, nenhuma cousa dizem, senão com muito tento, julgam o que ha de vir pelo passado, e no presente se guardam dos extremos; nem póde mais nelles a paixão e colera, que a rasão, e entendimento: não fazem, nem aconselham nada acceleradamente, e se aproveitam do tempo segundo a qualidade do negocio, alguma-ora usando de pressa, outra de vagar, e tudo isto para conseguir, o que é mais proveitoso á republica, com dilatar as cousas, e assim como no tempo da paz se vem a saber todo o engano, assim na guerra se descobrem os conselhos, e accordos da parte contraria. (59)

---

se refere que tinha por facilmente expugnavel a acropole a que podesse subir um jumento carregado de ouro. || Grão — fórma contracta de *grande* e póde-se orthographar *gran ou gram*; mas esta ultima variante não deve ser considerada femenina, o que muitos actualmente e por erro, suppoem. Barros disse aqui — *grão melancolia* — como o Camões — *grao fidelidade* (Lus. III, est. XLI, *grão victoria* (*ib.* III, 115) e sempre; e tambem G. P. de Castro na *Ulysséa*: A *grão* Lisboa (I cant. I est.).

(59) Appetite antigamente tinha sentido mais geral e referia-se a todos os sentidos, e appetencia, mais particularmente ao desejo de comer. || Em um ponto, isto é, sem dilação, sem demora. A expressão: de ponto em branco não tem o sentido que lhe costumam attribuir hoje em dia, e significa: certeiramente, em direcção ou com pontaria direita ao alvo. Assim, dizia-se: *navegar de ponto em branco*, isto é, em rumo certo e sem voltas ou paradas. Dizia-se do cavalleiro que

O nome Santa Cruz mudado em Brazil

Pelo nome *Santa Cruz* foi aquella terra nomeada os primeiros annos e a Cruz arvorada alguns durou n'aquelle lugar. Porém como o demonio fez o signal da cruz perder o dominio que tinha sobre nós, mediante a paixão de Christo Jesus consummada n'ella; tanto que d'aquella terra começou de vir o páo amarello chamado Brazil, trabalhou que este nome ficasse na boca do povo e que se perdesse o de *Santa Cruz*, como que importava mais o nome de um páo que tinge pannos que d'aquelle páo que deu tintura a todolos Sacramentos porque somos salvos, por o sangue de Christo Jesus, que nelle foi derramado; e pois em outra cousa n'esta parte me não posso vingar do demonio, amoesto da parte da cruz de Christo Jesus a todolos que este lugar lerẽm que dem a esta terra o nome que com tanta solennidade lhe foi posto, sob pena de a mesma cruz que nos ha de ser mostrada no dia final, os accusar de mais devotos do páo brazil, que d'ella; e por honra de tão grande terra chamamos-lhe Provincia, e digamos a provincia de *Sancta Cruz*, que sôa melhor entre prudentes que *Brazil*, posto por vulgo sem consi-

---

estava de *ponto em branco*, quando já apparelhado a partir ou a luctar, e assim algures o emprega Manoel Bernardez. O significado primitivo de *ponto* (d'ahi *ponteiro*) é *minuto*: duas horas *em ponto*. Na *Chron. de Dom Henrique*: — não perdiam *hora e ponto* por suas pessoa (pg. 76); falleceu uo *ponto* que houve um eclipse de lua, o derradeiro de janeiro de mil quinhentos e outenta (*ibid*, pg. 103). A expressão homem muito *pontoso* — é de Sá de Miranda, II, 254, ed. 1784.

deração e não habilitado pera dar nome ás propriedades da Real Corôa. (60)

Tão grande era de membros, que bem posso
Certificar-te que este era o segundo
De Rhodes extranhissimo colosso,
Que um dos sete milagres foi do mundo :
C um tom de voz nos falla horrendo e grosso,
Que pareceo sair do mar profundo ;
Arrepiam-se as carnes e o cabello
A mi e a todos, só de ouvil-o e vêl-o.

Luis de Camões.

(60) A mesma attribuição que faz J. de Barros ao demonio po. haver mudado o nome de *Santa Cruz* no de *Brazil* é repetida pelos historiadores (Fr. V. do Salvador, *Hist.* cap. II e outros até Damião Faria e Castro— *Politica moral,* tomo VI, 416, ed. de 1754) || Brazil ou Brasil; muito se discutiu esta pequice se si havia de escrever com *s* ou *z,* aquelle nome; nos escriptores antigos quasi sempre apparece escripto com *z,* como em Gil Vicente que já em 1510, anno em que se representou o *Auto da Fama,* fala da *terra do Brazil* (III, 51) e assim se acha escripto em todas as suas edições, como nas de Barros, na primitiva e na da Academia 1778, I, 391; em primeiras edições como a da *Palavra de Deos* do Padre Vieira, 1690; Gaspar Corrêa escreve Brasil, I, 152, e na mesma pag., titulo do Cap. III, Brazil. Em latim (e por isso nas moedas) por que não ha *z,* escreve-se *Brasilia* e assim o escreve Hier. Osorio na *Vida de D. Manuel* em latim, mas Fil. Elysio traduz e escreve Brazil (I, 146); nas *Obras ineditas* de Ribeiro de Macedo sempre se lê *Brazil,* pag. 103, 104, etc. Santa Rita Durão na 1ª ed. do *Caramurú* (Lisboa, 1781, pags. 221, 278, 305 etc.) tambem adopta a mesma orthographia. Não ha, pois, razão para preferir-se o emprego do *s* quando é cousa mais simples e egualmente auctorizada o emprego do *z.* || Christo Jesus, inversão commum, naturalmente por ser *christo* (ungido) um adjectivo; em varios lugares do *Evangelho* é um nome appellativo com o seutido de *profeta.* || Páo amarello; o páo-brazil é vermelho e de côr que se comparou a da braza. Os nomes de côres, porém, não são muito exactos : *roxo* hoje equivale a *violaceo,* e era então *vermelho* (Mar *roxo,* Barba-*roxa,* de *Barba rossa,* ital.); *pardo,* entre branco e negro, *cinzento* se tira ao azul, e *moreno* se contém um pouco de vermelho; *bruno* se tira ao negro; *cris* é mais propriamente opaco ou annuviado. No latim barbaro lusitano Amarellus é nome proprio de homem (Cortesão — *Subs.)* equivalente a vermelho ou ruivo ou louro, se acaso tambem era nome commum. Deriva de *amarillus,* de *amarus* (colerico), e por egual tropo ainda se diz côr *biliosa,* e *fulo* de raiva, *branco* de medo, etc. D'est'arte,

Diogo do Couto (61)

Portuguezes de ouro

Dizei-me, senhores, ha hoje no mundo terra mais fronteira, e em que sejam necessarias andarem as armas mais na mão, que a India? por certo, não: pois que descuido é não se attentar este negocio, e não haver um viso-rei, que se ponha á testa da soldadesca, pera todos o seguirem, e querer parecer capitão, pera todos quererem parecer soldados? que esta é a segunda cousa, que aquelle rei de Cochim dizia, «que já não vinha do reino,» n'aquella comparação das espadas largas: querendo-nos dar a entender quanto nos ia já fallecendo aquelle antiguo brio e valor portuguez; quasi alludindo áquelle dito do nosso bom rei D. João II, quando dizia: «que o bom Portuguez havia de ferir com os terços.» E assi depois que n'este estado entraram verdugos compridos, balonas, e trajos estrangeiros, logo tudo se perdeu; porque a guerra não se faz com invenções, senão com fortes corações: e nenhuma cousa deitou mais a perder grandes imperios, que mudança de trajos, e de leis. E se não vejam aquelle da China, e a famosa republica veneziana, se se teem

---

disse Quebedo no *Affonso Africano*: Com pallido sembrante e *côr amara* (canto II, est. 14).

(61) Diogo do Couto (1544-1616) continuador das *Decadas* de J. de Barros, historiador de maior merito que aquelle, ainda que lhe seja inferior como estylista. Escreveu: A) *As Decadas* da Asia, da 4ª em diante; B) *O Soldado practico* e a *Vida de D. Paulo de Lima Pereira*, publ. postumas. No primeiro volume das *Decadas* (V, VI, 2) acha-se a lenda dos santos *Barlaão e Josafate*, da qual publicou Vasconcellos Abreu a versão resumo do seculo XV (ed. 1898).

sustentado tantos milhares de annos com tamanha potencia, se é por outra cousa, senão por não consentirem nenhuma mudança d'estas. A terceira cousa, que dizia aquelle rei de Cochim « que ja não vinham do reino Portuguezes de ouro,» era moeda, com que então se fazia a carga de pimenta ; e tam estimada de todos os rêis da India, que d'ella faziam seus thesouros : e assi depois que n'aquelle estado entraram moedas estrangeiras, logo elle começou de definhar ; porém eu cuido que aquelle rei o não dizia pelos Portuguezes de ouro, senão porque os soldados d'aquelle tempo, capitães, e viso-rêis eram todos ouro na verdade, ouro na liberdade, ouro na fidelidade, ouro no valor, ouro no primor, ouro no esforço, : emfim que, d'aquella edade toda d'ouro, viemos a descair n'esta toda de ferro, em que tudo isto falta : por onde receio que este negocio se va concluindo ; porque vejo a justiça divina mui irada contra aquelle estado, em que ha annos que vai usando do rigor de seu juizo, que foi sempre castigar geraes e publicos peccadores : se não vêde se vos não castiga per mãos dos imigos, que sempre dominámos, e subjugamos ; porque até os mais coitados teem alevantado mãos contra aquelle pobre estado : por onde eu temo que se torne o seu a seu dono, se Deus n'isso não provêr, e não pozer os olhos de sua misericordia em muitos virtuosos que n'ella ha. (62).

(62) Viso-rei ou *vice-rei ;* a fórma *vizo* que apparece, creio, pela primeira vez em J. de Barros só existe naquella expressão. Do em-

O naufragio de Sepulveda

Manoel de Souza de Sepulveda com os da sua companhia foi seguindo o caminho do rio Manhença com determinação de se deixarem ficar nelle, se aquelle rei lh'o consentisse, e indo assim tornaram os cafres dar nelles, e isso que ficou sobre os corpos foi roubado, deixando-os nus; e D. Leonor quando os cafres a quizeram despir o não quiz consentir, antes ás bofetadas e ás dentadas, como leoa magoada, se defendia, porque antes queria que a matassem, que despirem-na. Manoel de Souza de Sepulveda vendo sua amada esposa naquelle estado, e os filhinhos no chão chorando, parece que a magoa e a dôr lhe resuscitou o entendimento (como acontece a candeia que se quer apagar dar antes disso maior claridade), e tornando sobre si mais algum tanto, se chegou á mulher, e tomando-a sobre os seus braços, lhe disse: «Senhora, deixai-vos despir e lembre-vos que todos nascemos nus; e pois

---

prego de *vice* houve até abuso: *vice-deus*, grande santo, por distinguir de *semi-deuses*, que eram do paganismo. Vieira chamou a ausencia de *vice-morte*. Filinto Elysio criou o verbo *vice-reinar*: «Affonso de Albuquerque *vice-reinava* na India» *Vida e Feitos de D. Manoel*, t. II, pg. 163. || Ferir com os terços (da espada) = com o corpo e gume e não com a ponta. || Archaismos: *verdugo*, carapuça alta; *balona*, collarinho grande dobrado sobre o pescoço e o peito; trajos antigos; *coitado*, participio que ficou do antigo verbo *coytar*, magoar, affligir. || Prover, no fut. do subj. e não *provir*; a regularidade d'este tempo não tem occorrido a muitos grammaticos. O povo, ora conjuga-o regularmente e diz *prôva* por *proveja*, ora irregularmente (como *ver*) e diz *provisto*, por *provido* que é o certo. Quanto ao futuro do subjunctivo nem sempre este tempo verbal se distinguiu do infinitivo, no periodo archaico. D. Duarte no *Leal Conselheiro* escreve *querer* em vez de *quizer*: «leixando jejuns e outras cerimonyas que o corpo e a voontade nom *querer* soportar» pg. 72. da ed. de Lisboa. 1843. Cf. a *nota* 55.

d'isto é Deus servido sede vós contente que elle haverá por bem que seja isto em penitencia dos nossos peccados :» com isto se deixou despir, não lhe deixando aquelles brutos deshumanos cousa alguma com que se pudesse cobrir. Vendo-se ella nua, assentou-se no chão e espalhou os seus formosissimos e compridos cabellos por diante, com o rosto todo baixo porque a podessem cobrir e assim com as mãos fez uma cova na areia onde se metteu até a cinta, sem mais se querer alevantar d'alli. Os homens da companhia, vendo D. Leonor, foram-se afastando de magoa e vergonha. Vendo ella a André Vaz, o piloto, que virára as costas para se ir, chamou por elle e lhe disse :

«Bem vedes, piloto, como estamos e que já não podemos passar d'aqui, onde parece tem Deus ordenado que eu e meus filhos acabemos por meus peccados ; i-vos muito embora, fazei por vos salvar e encommendai-nos a Deus ; e se fordes á India e Portugal em algum tempo, dizei como nos deixastes a Manoel de Souza e a mim com meus filhos.» André Vaz, enternecido de magoa d'aquelle piedoso espectaculo, virou as costas sem responder nada, mas todo banhado em lagrimas, e foi continuando o seu caminho após os outros que iam já adiante. Manoel de Souza com todos aquelles infortunios e magoas não se esqueceu da necessidade da mulher e dos tenros meninos que estavam chorando com fome ; foi-se aos matos a buscar alguma cousa para lhes dar, e quando tornou com algumas frutas bravas achou já um dos meninos morto, e D. Leonor, como pasmada, com os olhos nelle e

com o outro no collo. Elle pondo os olhos fitos nella, e no menino morto, ficou assim um pequeno espaço sem fallar cousa alguma: passado elle, fez uma cova na areia e por sua mão o enterrou lançando-lhe a derradeira benção.

Feito isto, tornou-se ao mato a buscar mais frutas pera a mulher e pera o outro menino, e quando tornou achou ambos fallecidos, e cinco escravas suas sobre os corpos com grandes gritos e prantos; vendo Manoel de Souza de Sepulveda aquella desaventura, apartou d'alli as escravas, e assentou-se perto da mulher com o rosto sobre uma mão e os olhos nella, e assim esteve espaço de meia hora sem chorar, nem dizer palavra. Passado aquelle termo, levantou-se e começou a fazer uma cova com ajuda das escravas (sempre sem fallar cousa alguma), e tomando a mulher nos braços, chegando o seu rosto ao d'ella um pouco, a deitou na cova com o filho; e depois de a cobrir, sem dizer cousa alguma ás moças, se tornou a metter pelo mato, onde desappareceu, sem já mais se saber d'elle, e sempre se presumiu que os tigres o comeram. (63)

(63) = Antes queria que a matassem que despirem-na. Seria phrase mais perfeita e logica: antes queria que a matassem do que que a despissem — ou — fôra-lhe melhor matarem-na que despirem-na; vê-se que despirem não póde seguir a queria da primeira proposição. O escriptor evitou a cacophonia *quc* que a despissem, adoptando a syntaxe latina do infinitivo: despirem = que despissem || Deixai-vos e lembre-vos que...; e não *lembrai-vos*, que seria cousa differente; sempre houve esta distincção que é um dos primores da nossa lingua e de poucas outras, entre *lembrei-me* (em que ha proposito ou esforço de lembrar) e *lembrou-me* (em que a lembrança é como casual e não procurada); o mesmo ha entre *esqueci-me* (no que pareço culpado do esquecimento) e *esqueceu-me* (em que o esquecimento foi involuntario). « A mulheres *lembra* o que *esqueceu* ao diabo.»

Sá de Miranda (64)

Dialogo da Mentira e a Discrição

MENTIRA. — Que cousa é esta que não posso dar passada? E se a dou, é tam certo o empeçar como se o

---

Comedia *Virola* de M. Figueredo—Obras, V, 260. Estes verbos de dupla syntaxe concorrem para criar outros que não têm bom uso e são pois incorrectos: deparou-se-me e *deparei*; custou-me e *custei a* (as fórmas em italico são erroneas, ainda que *deparei com* tenha por si a auctoridade de Filinto Elysio e uma vez de Castilho e de outros escriptores de menor vulto. *Deparar com*, e *cujo* com o valor e equivalencia de *o qual*, foram duas imperfeições que F. Elysio nunca pôde corrigir. || Quando tornou...; os escriptores do seculo XV e XVI não dizem nunca *voltar* e sim *tornar*; as *voltas* são caminhos incertos ou longos ou desvios, (fazer *voltas*, dar *voltas*) mas não é exactamente o regresso. Em Zurara, *Conquista de Guiné*, sempre se lê *tornar* (por ex.: oito vezes na pag. 2, da ed. de Paris) *Voltar* é fazer bordo ou eurva: *voltar* o juizo, *voltar* a chave, *voltas* da fortuna, do tempo, da cantiga, *volta* do mar ou da terra, *por volta* do meio dia. Este é o sentido proprio nos quinhentistas e até nos seiscentistas, como em Fr. Luis de Souza. Ainda hoje para indicar a repetição de um acto dizemos *tornar a lêr, a dizer*, e rara vez *voltar a lêr*. || Desaventura: era uso commum dos classicos ajuntar os epithetos correspondentes ás palavras que podiam tel-os, conforme os casos; diziam pois: a *boa* fortuna, a *má* fortuna, a *boa* ou *triste* ventura, o *bom* ou *máo* ou *triste* suecesso, o *bom* gosto ou o *mau*, etc.; em Vieira—*Sermões selectos:* «Vamos lendo todo o psalmo e em todas as clausulas d'elle veremos retratadas as da nossa *fortuna* » III, pag. 2 (isto é, *boa* ou *má fortuna*, e esta ellipse vem do latim); em Rodriguez Lobo: «Parece-me que melhor armado vas para um *mau suecesso* » — e — « a quem espera o bem qualquer *mau sucesso* o faz ajoelhar » *Pastor peregrino* — Jornada II, pg. 20 e 21. Hoje, supprimindo-se o epitheto, sempre se entende o *bom* ou o mais favoravel: a fortuna (isto é, a boa fortuna) o gosto, o successo, a ventura. || Moças, moço—lat. *mustus*, aqui significa—escravas — e ainda hoje, em Portugal, pessoas de serviço; no Brazil, conserva o sentido archaico de *jovens* (*demoiselles*) sem idéa de jerarquia social: tambem correm, entre nós, com o mesmo sentido, *senhoritas* (como em Buenos Aires) e em linguagem familiar *sinházinha*, (os africanos escravos diziam *sinhô, sinhá, sinhôzinho* e *sinházinha*, e ainda *nhô, nhô-nhô* e *yô-yô, yá-yá, yôzinho, yazinha* (ou *yôyôzinho*) e *nhã-nhã, nhã-nhãzinha* e *nã-nã, nã-nãzinha, ne-nê*, e *nê-nêzinha* (os ultimos seis só têm a fórma femiuina), e pertencem todos á linguagem domestica e intima e são *noms de caresse*, como dizem os francezes. O africano de Guiné em Gil Vicente, na comedia *Fragoa d'Amor*, diz *Seora* (t. II, 332) *Seôro* (ibi, 334).

(64) Sá de Miranda (1495-1557), irmão de Mem de Sá, o terceiro

fizesse acinte. Não sei que isto possa ser, senão se por ventura alguem me quer conhecer; e sem duvida assi é porque esta que aqui vem é a discrição, minha mortal inimiga. E pois querer eu fugir a quem conhecer me quer, é escusado, aqui antre esta gente quero esperar e verei se sua tenção é a de que eu tanto arreceo.

DISCRIÇÃO. — Bem creo, pois me esperastes, que vos não pesará dizerdes quem sois?

MENTIRA. — Antes não ha cousa que de pior vontade faça, e por que vejais que tenho razão, me quero desembuçar.

DISCRIÇÃO. — Agora que te conheço e sei que és a mentira, te rogo que me respondas ao que perguntar-te quero.

MENTIRA. — Forçado é que diga a verdade pois tal não posso fazer.

DISCRIÇÃO. — Sobre isto quero fazer a primeira pergunta: Como sendo tu a mesma mentira podes dizer a verdade? e quem te força a dizel-a pois tu confessas que o não fazes por tua vontade?

MENTIRA. — Faço-te a saber, discrição, que natu-

---

governador do Brazil; grande classico, erudito reformador da poesia portugueza na qual iniciou o gosto, o estylo e as fórmas metricas italianas. Escreveu e foram publicações postumas: a *Obras* 1ª ed. 1595; b) *Comedias*—a dos *Vilhalpandos*, 1560, e a dos *Estrangeiros*, 1569; um dialogo (duvidoso quanto á authenticidade) na magnifica edição das Poesias de Sá de Miranda, de Carolina Michaëlis, Halle, 1885, verdadeiro monumento bibliographico e philologico levantado em honra do insigne reformador; não póde, comtudo isto, passar por uma edição do poeta, por que segue como lição principal a de um manuscripto evidentemente inferior ao texto tradicional.

ralmente sou inclinada a nunca falar verdade... mas aos que não trabalharem por me conhecer, não tenho obrigação de lhe dizer quem sou. (65)

Vasco da Gama, o forte Capitão,
Que a tamanhas empresas se offerece,
De soberbo e de altivo coração
A que fortuna sempre favorece,
Para se aqui detêr não vê rasão
Que inhabitada a terra lhe parece:
Por diante passar determinava
Mas não lhe succedeu como cuidava.

Luis de Camões

---

(65) Foi pela primeira vez publicado o *Dialogo* donde se tirou este excerpto na ed. de Carolina Michaëlis que já mencionamos; não é cousa provada que seja de S. de Miranda, e antes parece-me a mim, pelo estylo, que é de J. de Barros. Em Sá de Miranda a linguagem é sempre rispida, pobre de rithmo na prosa e ainda no verso. || Conservamos a orthographia antiga frequentes vezes nos grupos de vogaes *eo, ea* por *eio, eia* (creo, cheo, arreceo); as ultimas fórmas são mais modernas e mais euphonicas, mas nem sempre se traduzem na pronuncia; propriamente o dipthongo *ei* era mais vezes escripto na fórma *ey*, principalmente porque o *y* soava e ainda sôa como semiconsoaute, como se póde verificar no canto musical: *se-yo* (scio). || Peor vontade=mais má vontade; como *melhor vontade* = mais boa vontade, fórmas ambas auctorizadas. Vide Mario Barreto — *Estudos*, pg. 79, e Bellegarde — *Vocab.* pg. 38. *Vontade*, por si só, exprime a boa. Cf. a *nota* 63. || *Acinte* ou tambem (com melhor orthographia) *a sinte* = ás sabendas e com proposito contrario (*sciente*); hoje só quasi usado como substantivo. || Impedir, *empeçer* e empeçar são fórmas remotas de derivações do mesmo verbo primitivo *impedire*, no sentido proprio: tolher os pés; a ultima, *empeçar*, foi algum tanto rara e caiu em desuso; e a ella se prefere *empachar*. Na conjugação naturalmente se confundem *impeço* por *impido* e *empêço*. *Trapachar* ou *atrapachar* (por atravancar) é um brazileirismo, provavelmente archaismo, como muitos outros que aqui se usam. Sobre as variações *impido* e *impeço*, *expido*, *despido*, *pido* etc., leia-se a interessante nota a pag. 522 da *Replica* de Ruy Barbosa (onde aliás ha um engano: o glossario dos *Lusiadas* da ed. do *Gabin. port. de leitura* é de Ad. Coelho e não de Ramalho Ortigão). || Faço-te a saber; conforme aponta R. de Cuervo nas suas excellentes annotações á *Gram. cast.* de A. Bello, depara-se ás vezes o phenomeno de varias syntaxes que se confundem em uma só: tal parece este caso de *vir a saber e fazer saber*, e aiuda: *ousar a dizer, ousar dizer*, uns e outros auctorizados com exemplos classicos: quasi que *ousaria a dizer* que é operação sua o falar — Rodrigues Lobo — *Corte na Aldeia*, ed. de 1722, pg. 21.

Ultima scena dos «Estrangeiros»

AMENTE. — Como podestes saber tanta cousa em tam pouco tempo?

CALLIDIO. — Tive cuidado.

AMENTE. — E eu terei lembrança.

CALLIDIO. — Pera quando?

AMENTE. — Bem vês tu que eu agora não posso.

CALLIDIO. — E depois não quererás.

DEVORANTE. — Evangelho. Mas porque me não vingo eu d'este ruim de Callidio, e que lhe tardo mais? Deus vos salve, e a ti, Callidio, prol faça.

CALLIDIO. — Passo que fallamos segredo.

DEVORANTE. — Não ias tu hoje de tão má graça, quando trovavas de improviso.

CALLIDIO. — Nem tu de tão boa. Serão milagres do vinho.

DEVORANTE. — Isso se podéra dizer mais por ti, pois te convidaram em chegando.

CALLIDIO. — E tu em convites.

DEVORANTE. — Durante ainda aquella vea de trovar, romperemos aqui um par de lanças por festa diante de Amente.

AMENTE. — Deixa-o pera outra hora, Devorante, que não me valeu com elle ereita, nem sopee.

DEVORANTE. — Callidio, j'eu vi outro homem
Mais são das costas que ti,
Porque te torces assi?
Pulgas sei que te não comem,
Vergões pode ser que si.

CALLIDIO. — Devorante que se tanja,
Que se cante em paraiso.
Não é aquella a tua granja,
Pois se lá fala de siso
E não é terra de manja.

DEVORANTE. — Não valha que não foi polos consoantes.

AMENTE. — Não seja mais, ambos o fizestes bem.

DEVORANTE. — Tudo se faça hoje a tua vontade e tudo seja festa.

CALLIDIO. — Donde aventou este corvo carniçal a carniça?

DEVORANTE. — E errei hoje a tua que foi arrezoada.

AMENTE. — Não lhe respondas, Callidio. E tu, Devorante, não fales mais sob pena de te ser aquella porta serrada em quanto aqui estivermos.

DEVORANTE. — Não me verás mais boquejar.

AMENTE. — Ora nós vamos ceiar com meu pai.

DEVORANTE. — Elle mesmo me convidava pouco ha.

CALLIDIO. — Eu não vou por agora a essa casa, perdoar-me-ás.

AMENTE. — Como? e tu só me has de fallecer, em quem eu tinha toda a minha esperança?

DEVORANTE. — Vem cá, Callidio, dá-me essa mão, sejamos amigos, a direi como façamos que eu tambem não me fio ora muito de ninguem. Acompanhemos Amente até a porta, d'ahi espreitaremos, e assi como veremos, assi haveremos nosso accordo. Ja sabes o que se diz; não te fies e não te enganarão.

AMENTE. — Ditos de gente baixa e desconfiada. I commigo seguramente.

O REPRESENTADOR

Não foram necessarios rogadores, nem arengas; o filho lançou-se por terra aos pés do pai, elle co'os olhos cobertos d'agua alevantou-o, de uma parte, e da outra as lagrimas suppriram por palavras. A cea fez-se prestes. Ao Doutor e ao soldado não falleceram outros amores; as outras festas hão-se de fazer em Valença de Aragão. (66)

---

(66) Este excerpto segue a lição da ed. Rollandiana de 1784, que é conforme a de 1614; apenas modernizei, como sempre faço, a orthographia, inculta e contradictoria, do texto. || *Este* ruim *de Callidio;* uso do expletivo de realce (*Gramm.* do auctor, 11ª ed. pag. 235) se origina da idéa quantitativa que se dá ao epithéto; da mesma fórma se dizia o *pouco* de provcito e ainda se diz *uma pouca d'agua* etc., e por outra parte, da impossibilidade de apposição com o pronome pessoal: por se não dizer o *triste eu*, o *misero tu* começou-se a dizer *o triste de mim, o misero de ti.* || *Prol faça*, formula de parabens (faça *prol*, prole, proe, proveito) que se tornou ironica e pejorativa, sobre tudo nas fórmas *profaças* e *profaçar.* Exemplos, no bom sentido, em Barros *Dec.* I, VIII, 8: II, III, 7, etc., notados pelo P. Antonio P. de Figueredo e varios outros em Moraes e Heraclito Graça, *Notações philologicas.* || Passo *que falamos segredo;* veja a nota 39. || *E tu em* convites; convite = banquete: «Onde se preparam as cousas neccessarias para um *convite*, por causa de certa festa:» Bernardez, *Floresta*, t. II, 19. Hoje, diz-se banquête, pelo commum; mas ainda *convivas* e *convidado.* || *Não me valeu com elle* ereita nem sopée, isto é, levantar e atirar ao chão, modos de lutar, e phrase archaica. Ainda se emprega *sopé* (de montanha) para indicar a parte inferior (*sub pede*). || *Mais são que ti*; esta syntaxe antiga caiu em desuso; hoje dir-se-ia *mais são que tu.* Comtudo, occorre não poucas vezes nos classicos: «Sou mais moço *que ti*» escreveu A. Ferreira no *Cioso*, Acto II, sc. III; apezar d'esta syntaxe *mais que mim, que ti*, ha no mesmo Ferreira exemplos em contrario, *Bristo*, Acto III, sc. 1. || Manja ou *mânjua*, deriv. de *manjar;* j' eu = já eu; tanjer, tocar qualquer instrumento musical; não foi pelas consoantes, isto é, a resposta não foi com as mesmas rimas do desafio. || Serrado, *serrar, serração*, é melhor orthographia que *cerrar, cerração* em confronto com *serra* e *serrania*, quando nada justifica esta dupla escripta || Fallecer, com o sentido etymologico de *faltar, não estar presente, não haver* (como em Barros: « fallecendo-lhe já quatro ve-

Antonio Ferreira (67)

Monologo de Bristo

Agora me não queixo de minhas mofinas, pois se mudam todas em boas venturas. Bem se disse, que ninguem julgue a tarde pela manhã. Hoje me vi tamanhas tremuras, que me dei por morto, agora estou tam seguro, que não hei medo á fortuna. Fui a casa de Annibal, metti-lhe em cabeça, que tinha concertado com Camilla, que esta noite o iria vêr; fica tam doudo, que hei medo que perca o sizo, ainda que elle pouco tem que perder, mal peccado. A Camilla, que lhe eu hei de levar ha que ser uma moça de minha confraria, que lhe ha de fazer crer que é ella. O coitado nunca a vio bem, mais perdido anda pela fama que pelos seus olhos. E eu esta mesma noite a hei de estar com Lionardo, que assi o concertamos. Montalvão com lhe perdoar o furto, fica

---

las »; e em F. Lopez, D. Duarte, etc.); tomou o sentido restricto de *morrer*, mas ainda hoje, sem referencias a pessoas ou cousas concretas, emprega-se em relação a cousas moraes: *falleciam*-lhe qualidades, motivos, razões, etc., em Fernão d'Alvarez, «Que então me foi descanso *fallecendo* | Quando cuidei que tinha mais descanso» *Lusit. transf.* pg. 509. || Sobre o estylo comico de Sá de Miranda leia-se o *Ensaio* de A. das Neves Pereira nas *Mem. de litt. da Acad.* tomo V. pag. 31—34.

(67) O doutor Antonio Ferreira (1527—1569), grande classico, imitador de Horacio, e um dos que com maior copia e erudição enriqueceram a lingua. São publicações postumas: A) *Poemas lusitanos*, 1598. B) as *Comedias* (conjunctamente com as de Sá de Miranda), 1622. Muito notavel e excellentemente escripta é a edição e estudo biographico-literario de A. Ferreira por Julio de Castilho. Paris—Rio de Janeiro, 1875—3 vols.

tam contente, que me prometteo de me ajudar em tudo. Mas eu não me hei de ter ás suas costas. Ja tenho minhas contas feitas porque não sei tambem que fim terão estas danças. Alexandre per uma parte, Roberto per outra não me hão de poupar a vida; a verdade é roubar e fugir. Vou-me a casa que tardo muito... (68)

Este mundo...

Cesar *(só)* :— Quem vê este mundo, que se não espanta, e verdadeiramente olhando bem, todas as cousas por Deus creadas fazem direitamente seu officio natural, senão o homem. Nós só andamos fóra d'elle, anda a razão entre nós tam cega ou tão trocada, que a não vemos, ou quando nos parece que a melhor seguimos, então d'ella mais nos desviamos ; não soía de ser assim ; sempre o dia derradeiro é peior. Naquelles tempos bemaventurados quando eu nasci (que bem se podiam chamar d'ouro) andava a cousa em sua ordem natural, os moços eram moços, os mancebos mancebos, os velhos velhos ; agora, tudo ao

(68) Hei medo por tenho ou sinto medo. H. Pinto: *ey medo que çoçobremos,* Imagem da V. christã II, 79. Em Barros—*Clarimundo*, vol. II, pag. 51-52 da ed. de 1843: « vossas armas são tão fracas que vos *hey medo* ficardes com o trabalho perdido. » Em Diogo Bernardez: A medo veio, a medo escrevo e fallo | *Ey medo* do que fallo só commigo—*O Lima*, ed. de 1820, pg. 168. O verbo *haver*, sem o officio de auxiliar, era muito mais commum: « Não *hajas* que te agravo. » Fernão d'Alvarez, *Lusit. Transf.* ed. de 1781, pag. 461. || Note-se a correlação de tempos hoje obsoleta: *metti-lhe* em cabeça... e *fica* (ficou); o mesmo, oito linhas a baixo.

revez: os moços homens, os mancebos velhos, os velhos são moços. E quando eu com setenta annos, tam branco, tam calejado nas voltas d'este mundo e com tanta experiencia de fortuna me ceguei, me enganei, me distrahi, que se pode dizer sinão que andamos desatinados, sem olhos, sem juizo?... Oh pensamentos vãos, cegueiras d'este Mundo, quem cuida que melhor vê, esse vae cego. (69)

Da comedia « O Cioso »

JULIO *(só)*

Oh com que trabalhos saio d'esta casa! O corpo anda pelas ruas, e a alma cá fica espreitando as janellas: o porque hei mór inveja aos rêis, e principes; porque são tam bemaventurados, que veem os homens aos negocios, e

---

(69) Senão o *homem*, isto é, excepto o homem; aqui houve confusão e concurrencia provavel com a fórma — *só não* o homem. Já no latim *nisi* podia significar excepto; e tem o mesmo sentido *sómente* nos antigos classicos: «Salvaram-se todolos malabares..., *somente* tres ou quatro» J. Barros, *Dec.* II, III, 2. || Soia *de ser* ou *soia ser*» Aquelle dom Abbade, tio de Lucrecia, religioso como elles *soião de* ser.» Sá de Miranda, *Obras*, ed. de 1784, vol. II, pg. 81. || Moços (no mesmo sentido que no Brazil) mancebos e velhos; no *Leal Conselheiro* de Dom Duarte determinam-se da segninte maneira as phases da edade humana (arrepartimento das hidades): *ifancia* ataa VII ãnos, *pueria* ataa IIII, ataa XXI *adollacencia*, *mancebia* ataa ciquoenta, *uelhice* ataa LXX, *senyum* ataa LXXX; e dalli ataa fim davida *decrepidus*, (pg. 9). || Quem *cuida que melhor vê*, esse *vae cego*; era costume a repetição do demostrativo. Na Comedia os *Estrangeiros* (*o. cit.* pg 97): «Mas é elle o que la vem? *Esse* é.» || *Nós* sós *andamos fóra d'elle;* aqui corrigimos a transcripção usual *nos sós* que seria inintelligivel, salvo se indicasse o mesmo que «desacompanhado», como na *Chron. de* D. João II: El-rei era *só* de parentes. Mas não é esse o sentido nem essa a lição do texto original.

passatempos buscal-os a suas casas. Se me não fôra por fazer costumes novos, fechara estas portas; áquellas janellas mandara-lhes deitar umas travéssas. Mas, antre tantos parvos, de fôrça é que o seja. Não guardarei eu meu thesouro, e minha honra, e minha fama. Riem-se; e não vêem os cegos quanta differença vai da mulher a bolsa: morrem sobre um pouco de ouro, que se acha por esse chão; cavam-no, e escondem-no, e vigiam-no, e tem-no em reliquias, e nem elles mesmos o tocam. E a mulher, que é o seu verdadeiro thesouro, deixam-no, desprezam-no, e offerecem-no aos ladrões: chamam a um d'estes confiado, e cioso um homem que é de espirito, que estima sua mulher, que é perdido por ella, e como de pouco experimentados no mundo, vos vém a vós outros parvos estes enganos: quem anda, quem ouve, quem vê per terras estranhas, fará o que eu faço. Oh que boa mestra é a experiencia! Por isso dizia o outro bem, « que mais proveito recebiam os sesudos dos parvos, que os parvos dos sesudos. » Os parvos me ensinaram; e não acho um só que queira aprender de mi. Deixai viver estes confiados; eu quero-me confiar de mi, e dos meus olhos: que não é ainda segura confiança, mas não ha outra. Minha mulher, dêsque foi commigo á porta da igreja, não sairá senão para a cova; quando eu primeiro morrer, e ella fôr tam ditosa, então levará boa vida. Os meus filhos crerei que são meus; os alheios, suas mães o saibam. E não parece senão, que quanto me mais guardo, então asinte vejo mais continuar per esta rua ga-

lantes namorados, ociosos, más caras, invenções, arruidos de noite, assovios, brados, musicas, e, por est'outras todas, não. (70)

Luis de Camões (71)

Seleuco

MORDOMO — Eis, senhores, o Autor por me honrar n'esta festival noite, me quiz representar uma farça; e diz que por não se encontrar com outras já feitas, buscou uns novos fundamentos para a quem tiver um juizo assi arrazoado satisfazer.... (*Chamando*) Lançatote?

---

(70) Muitos passos d'esta comedia do *Cioso* são imitações da dos *Adelphos* de Terencio, e podiam ter por epigraphe o celebre *injeci scrupulum homini* (A. II, sc. IV). O *scrupulus* é etymologicamente a pedrinha, e depois a pedrinha no sapato || Travéssas ou tambem *reixas*, se são de ferro. *Travessa* tambem se empregava por *travessia* do uso de hoje: «Passaram todos a terra firme... arriscados aos mares grandes que ha nesta *travessa*» Fr. João dos Santos—*Ethiopia Oriental*, vol. II, Livro 3º, cap. 4º || *Um homem que é de* espirito; por esta passagem de Ferreira vê-se que é de bom cunho a expressão *homem de espirito*, isto é, de coragem moral; e em verdade se se diz *homem de coração*, por que se não ha de dizer sem snspeição de francezismo, *homem de espirito?* || Dizia o outro bem? inversão amphibologica; fôra melhor dizer:—*dizia bem o outro*—como se diz agora com muito mais clareza. || Acinte ou assinte ou asinte; hoje é commum como substantivo e já o era n'outros seculos; «No pedaço de hum espelho | D'estes *assintes* theatro» — Dom F. de Portugal *Divinos e Humanos Versos*, ed. de 1652 (na 2ª parte *Prisões*, pg. 23) || Est'outras; o elemento *est'* d'este composto é invariavel; *est'outra*, *est'outros* e não *esta outra* e *estes outros* e assim (com menos rigor) *aquell'outros*; d'essa invariabilidade dão constante testemunho os nossos classicos. «Nem ás suas vidas importa que *est'outros* se matem» D. Franc. Manoel —*Apologos dial.* ed. de 1721, pg. 75, e todos os outros.

(71) Luis de Camões, o principe dos poetas portuguezes e o maior classico (1525—1529). Quasi todas as suas expressões, construcções, dizeres e neologismos tornaram-se communs na lingua literaria e até na linguagem popular; e como nenhum livro, podem hoje ser lidos

Moço — Senhor.

Mordomo — São já chegadas as figuras?

Moço — Chegadas são ellas quasi ao fim de sua vida.

Mordomo — Como assi?

Moço — Porque foi a gente tanta, que não ficou capa com frisa, nem talão de sapato, que não saisse fóra do couce. Ora vieram uns embuçadetes, e quizeram entrar por força: eil-o arrancamento na mão: deram uma pedrada na cabeça ao anjo, e rasgaram uma meia calça ao ermitão; e agora diz o anjo, « que não ha de entrar, até lhe não darem uma cabeça nova », nem o ermitão até lhe não pôrem uma estopada na calça. Este pantufo se perdeu álli: mande-o v. m. domingo apregoar nos pulpitos; que não quero nada do alheio.

Mordomo — Se elle fôra outra peça de mais valia, tu botaras a consciencia pela porta fóra, pera o metteres em tua casa.

---

de todos, os *Lusiadas*, com perfeita intelligencia. Escreveu: A) os *Lusiadas* 1572 B) as poesias ou *Rimas* (1595) classificadas em *sonetos*, *eclogas*, *canções*, elegias C) as suas obras do theatro, 1587, *Filodemo*, *Amphitrião*, *Seleuco*, cujo texto principal é em versos D) fragmentos de prosa, nomeadamente duas cartas que se sabem authenticas. Pela natureza e destino d'esta *Selecta Classica* de prosadores, aqui n'esta secção reproduzimos apenas (com alguns córtes) uns poucos e raros trechos de prosa. Por excepção, que era inevitavel, pelo corpo da obra incluimos algumas estancias dos *Lusiadas*. São muito conhecidas as boas e más (em geral, más) e as pessimas edições dos *Lusiadas;* não faremos, pois, recommendação alguma, pois nenhuma edição nos parece, pelo merito, excepcional. D'entre as ultimas edições portuguezas que conhecemos, a que foi annotada por F. de Salles de Lencastre (introd. de A. R. Gonçalvez Vianna) *Canto I* — Lisboa 1892 « para leitura da infancia e do povo », e a do *Gab. port. de leitura* (Rio de Janeiro) 1880, merecem ser aqui registradas, ainda que não nos pareçam satisfactorias.

Moço — Oh se o elle fôra, mais consciencia seria tornal-o a seu dono, quem o havia mister pera si.

. . . . . .

Moço — O' lá, senhoras ; pedem as figuras alfinetes pera toucarem um escudeiro. Ora sus, ha hi quem dê mais? que ainda vos veja todas a mi ás rebatinhas: ora sus, «venam de mano en mano, ou de mana en mana.»

Mordomo — Moço, fala bem ensinado.

Moço — Senhor, não faz ao caso ; que os erros por amores teem privilegio de moedeiro.

Ambrosio — O' rapaz, não me entendes? Pergunto-te se tardará muito por entrar.

Moço — Parece-me, senhor, que antes que amanheça começarão.

Ambrosio — Oh que salgado môço ! zombas de mi? Vem cá. D'onde és natural?

Moço — D'onde quer que me acho.

Ambrosio — Pergunto-te onde nasceste.

Moço — Nas mãos das parteiras.

Ambrosio — Em que terra?

Moço — Toda a terra é uma: e mais eu nasci em casa assobradada, varrida d'aquella hora, que não havia palmo de terra nella.

Martim — Bem varrido de vergonha que me tu pareces. Dize : Cujo filho és? É para ver com que disparate respondes.

Moço — A falar verdade, parece-me a mi, que eu sou filho de um meu tio.

MARTIM — Vem ca. De teu tio! E isto como?

Moço — Como? Isto senhor é adivinhação, que vossas mercês não entendem. (72)

Outra scena

MORDOMO — Vem ca, moço: dize aquella trova que fizeste á moça Briolanja, por amor de mi.

Moço — Senhor, si, direi; mas aquella trova não é senão para quem a entender.

MARTIM — Como? Tam escura é ella?

Moço — Senhor, assi a fiz e a escrevi na memoria; porque eu não sei escrever senão com carvão; e porém diz assi:

Por amor de vós, Briolanja,
Ando eu morto,
Pezar de meu avô torto.

MARTIM — Oh como é galante! Que descuido tam gracioso! Mas vem ca: que culpa tem teu avô nos desfavores que te tua dama dá?

Moço—Pois, senhor, se eu houve de pezar de alguem, não pezarei eu antes dos meus parentes, que dos alheios?

MORDOMO — Pois, ouçam vossas mercês a volta, que

---

(72) A's rebatinhas — aos empuxões de uma a outra pessoa. Barros, *Dec.* III, VIII, 10. Deriva de *rebate*, isto é, reflexão, ricochête, repulsa de um para outro ponto ou direcção. Hoje se diz *ao jogo de empurra* ou *de mão em mão*, como tambem o diz Camões na phrase castelhana de *mano en mano*, de *mana en mana*; não tinha *mana* o sentido unico de irmã, mas, em geral de *amiga*, conforme se depara em Ferreira, Gil Vicente e outros || *Oh que salgado môço!* aqui (e no *Filodemo* IV, 2) teu o sentido de chistoso, engraçado; o que já não é de uso, embora a palavra *sal* signifique chiste e graça.

é mais cheia de gavetas, que trombeta do Serenissimo de la Valla.

Moço — A volta, senhores, é mui funda ; e parece-me, senhores, que nem de mergulho a entenderão : e por isso mandem assoar os engenhos, e mettam mais uma sardinha no entendimento ; e póde ser que com esta servilha lhe calçará melhor ; e todavia palra assi.

Vossos olhos tam damninhos,
Me trataram de feição,
Que não ha em meu coração,
Em que atem dous reis de cominhos ;
Meu bem anda sem focinhos
Por vós morto,
Pezar de meu avô torto.

Martim — Ora bem : que teem de ver os cominhos com o teu coração?

Moço — Pois, senhores, coração, bofe, baço, e toda a outra mais cabedella, não se podem comer senão com cominhos : e mais, senhores, minha dama era tendeira ; e este é o verdadeiro entendimento.

Martim — E aquella regra que diz, « meu bem anda sem focinhos » me dá tu a entender, que ella não dá nada de si.

Moço — Nunca vossas mercês ouviram dizer : *Meu bem e meu mal — lucaram um dia, — meu bem era tal — que meu mal o vencia?* Pois d'esta lucta foi tamanha a quéda, que meu bem deu entre umas pedras, que quebrou os focinhos : e por ficarem tam esfarrapados, que lhe não podiam botar pedaço, por conselho dos physicos, lh'os cortaram, por

lhe n'elles não saltarem herpes: e d'aqui ficou: *Meu bem anda sem focinhos*, como diz o texto. (73)

Scena do Filodemo

DURIANO: Mas, com tudo, vá v. m. co'a historia por diante.

FILODEMO: Vou, porque vos confesso que n'este caso ha muita duvida entre os Doutores: assi que vos conto, que estando esta noite com a viola na mão, bem trinta ou quarenta legoas pelo sertão dentro de um pensamento, senão quando me tomou á traição Solina; e entre muitas palavras que tivemos, me descobriu que a senhora Dionysa se levantara da cama por me ouvir, e que estivera pela grêta da porta espreitando quasi hora e meia.

DURIANO: Cobres e tostões, sinal de terra: pois ainda vos não fazia tanto avante.

FILODEMO: Finalmente, veiu-me a descobrir, que me não queria mal, que foi para mi o maior bem do mundo; que eu estava ja concertado com minha pena a

(73) ||Pezar de meu avô torto; pesar por *apesar*. A expressão *em que pese* ou *mal que te pês, em que pés* é corruptela de *ende que pese*; e toda phrase é de imprecação e praga então vulgar: *Pesar* de inha *máy torta*—S. Machado, *Comed.* pg. 30 - e - *Pesar* d'inha dona a torta. *Ibid.* pg. 109, conforme annota Mendes dos Remedios em sua interessante edição, 1898, do *Auto do Fidalgo Aprendiz* de D. Francisco Manuel de Mello, pg. 61. ||Tenda e tendeiro; não é termo usual no Brazil onde se diz *venda* e *vendeiro*; mais propriamente, *tenda* é officina de artifice.

soffrer por sua causa, e não tenho agora sujeito para tamanho bem.

DURIANO: Grande parte da saude é para o doente trabalhar por ser são. Se vos deixardes manquecer na estrebaria com essas finezas de namorado, nunca chegareis onde chegou Rui de Sande. Por isso boas esperanças ao leme; que eu vos faço bom que ás duas enxadadas acheis agua. (74)

Fragmento de uma carta

Depois que d'essa terra parti, como quem o fazia para o outro mundo, mandei enforcar a quantas esperanças dera de comer até então, com prègão publico: *Por falsificadoras de moeda.* E desenganei esses pensamentos que por casa trazia, porque em mim não ficasse pedra sobre pedra. E assi posto em estado que me não via senão por entre lusco e fusco, as derradeiras palavras que na não disse, forão as de Scipião Africano. *Ingrata patria, non possidebis ossa mea.* Porque quando cuido que sem peccado que me obrigasse a tres dias de purgatorio, passei tres mil de más linguas, peores tenções, damnadas vontades, nascidas de pura inveja... Da qual tambem amizades mais brandas que cera se accendiam em odios

(74) Manquecer *na estrebaria*; aleijar-se de pé ou mão e applicando-se a expressão a quadrupedes. O verbo *mancar* no sentido de faltar (*manquer*) era gallicismo de que se encontram raríssimos exemplos em escriptores antigos; ao menos um se depara em Fernão d'Alvarez, *Lusitania transformada* (ed. de 1791; no vocabulario appenso ao texto).

que disparavam lume que me deitava mais pingos na fama que no couro de um leitão. Então ajuntou-se a isto acharem-me sempre na pelle a virtude de Achilles, que não podia ser cortado senão pelas solas dos pés ; as quaes de m'as não verem nunca, me fez ver as de muitos, e não engeitar conversações da mesma impressão, a quem fracos punham máo nome, vingando com a lingua o que não podiam com o braço. Em fim, eu não sei com que me pague saber tão bem fugir a quantos laços n'essa terra me armaram os acontecimentos, como com me vir para esta, onde vivo mais venerado que os touros de Merceana, e mais quieto que a cella de um frade Prègador. Da terra vos sei dizer que é mãe de villões ruins e madrasta de homens honrados. Porque os que se ca lançam a buscar dinheiro sempre se sustentam sobre agua como bexigas ; mas os que sua opinião deita *a las armas Mouriscote*, como maré corpos mortos á praia, sabei que antes que amadureçam, se seccam. (75)

Carta

Grande trabalho é querer fazer alegre rosto, quando o coração está triste ; panno é, que não toma nunca bem esta tinta ; que a lua recebe a claridade do sol ; e o rosto,

---

(75) Dar de comer; expressão em que se conserva o partitivo articular *de*, analogo ao do francez. Com mais liberdade se dizia ou-

do coração. Nada dá quem não dá honra no que dá: não tem que agradecer, quem, no que recebe, a não recebe; porque bem comprado vae o que com ella se compra. Não se dá de graça o que se pede muito. Estae certo, que quem não tem uma vida, tem muitas. Onde a razão se governa pela vontade, ha muito que pragnejar, e pouco que louvar. Nenhuma cousa homizia os homens tanto comsigo, como males de que se não guardaram, podendo. Não ha alma sem corpo, que tantos corpos faça sem almas, como este purgatorio a que chamamos honra: onde muitas vezes os homens cuidam que a ganham, ahi a perdem. Onde ha inveja não ha amizade; nem a póde haver em desigual conversação. Bem mereceu o engano, quem creu mais o que lhe dizem, que o que viu. Agora ou se ha de viver no mundo sem verdade ou com verdade sem mundo. E para muito pontual perguntae-lhe d'onde vem: vereis que *algo tiene en el cuerpo, que le duele.* (76)

---

tr'ora: « Comerás *do* leite, ouvirás *dos* cantos e partirás quando quizeres ». Rodriguez Lobo, *Pastor Peregrino, 2ª Jornada*, pg. 26, da ed. de 1888 (*Bibl. Univ.*) É os exemplos d'entre os que me communicou Silva Ramos na minha *Gramm. port.* 11ª ed.: Alcido tens ovelhas e tens cabras | De que tiras *da* lã, tiras *do* leite — Camões, *Ecloga* XIII: Um móe cravo e a canella | O outro móe *do* gerzeli. Garrett, *Romanceiro*, vol. II pg. 9. || Prègador; é assim marcado o accento secundario em muitas das edições antigas, mormente do seculo XVII, como a da *Palavra de Deus* do padre Antonio Vieira, 1690; a do *Catalogo e Historia dos Bispos do Porto*, de Dom Rodrigo da Cunha e outras; vide a nota 41.

(76) Homiziar—significava matar, offender, inimizar; e n'este sentido se deve aqui entender. Hoje significa buscar azylo ou esconder-se para evitar a punição de crime commettido. É significado novo que não tinha a palavra *homizio=homicidio*, e que foi adquerido desde que se instituiu o tributo de *omizio* para os logares e povos que sonegavam á justiça o homicida que entre elles se refugiava.

Jorge de Vasconcellos (77)

Comedia Ulyssipo

Regio. Vós sois lembrado da formosa Tenoluia, em que nos fallou vossa parenta, naquella noite de marras?

Alcino. Muito bem, porque?

Reg. Parece-me que me ha de custar mais caro que Helena a Troia, porque são sobre ella mais competidores, do que houve sobre Dianira, e dá-me na vontade, que hei de ter bandos.

Alc. Contae. Tivestes alguma escaramuça?

Reg. Hontem tive outro rebate d'um certo garção que apertava commigo mui a ponto. E o polhastro assentae que tem titella, e vinha sobre conta feita. E estivemos muito perto de nos engrifar, porque nos iamos já rota batida, fóra dos muros, tam certos nas vontades, que não havia deter-se um passo, e o rapagão tam querençoso e ardido, que lhe parecia ir ganhar perdões.

Alc. Estaes zombando?

Reg. Não zombo, á fé! E, a fallar verdade, eu 'inda

---

(77) Jorge Ferreira de Vasconcellos, floresceu pelos meiados do seculo XVI e morreu, segundo Innocencio, em 1585. Escreveu e foram obras publicadas anonymamente: A) as comedias *Euphrosyna*, *Ulyssipo* e *Aulegraphia*; B) o *Memorial das proezas da segunda tavola redonda*, romance de cavallaria. São notaveis as suas comedias, que, embora emendadas e truncadas pela censura, encerram grandes riquezas idiomaticas, anexins, proverbios e locuções familiares.

N'estes excerptos seguimos (segundo as regras geraes que adoptamos quanto á orthographia), a lição da ed. de 1619 da *Aulegraphia* e da ed. de 1628 da *Ulyssipo*.

que me fingia seguro, por dentro lançava as minhas contas, e não me pesava senão que ias mal consertado n'alma, que é um triste termo. E juro a mim que o receei. Porque, senhor, uma determinação d'estas, põe-vos as tripas na bocca e é *parede meios* de uncção.

Alc. Por isso dizem que o logar da morte é peor que ella. E que direis ao gosto com que um rufião, por mui leve causa, vae ao desafio?

Reg. Esse lhe crerei eu bem mal; e se o tem, ou lhe falta juizo, ou alma. A morte, senhor é um breve passo, e tal deve ser a dor; e, como é certa, e em cada parte, não deve ser temida, antes despresada, porque com este presupposto, fica o animo quieto. (78)

Comedia Aulegrafia

Como me fica a mão folgada leixae-o vós ir rezando.

Dinardo. Correste-lo, senhora, e essas cruezas e desprezos não servem para com que se vos entrega, e deseja vossa amizade. Sangue nobre não affronta a quem lhe obedece, antes aceita toda desculpa; mas a vós, senhora, vem-

(78) Bando: partido e sequazes. No mesmo auctor, na comedia *Aulegrafia* (ed. de 1619, fl. 57 v.): Quero satisfazer a mim e aos do meu *bando*. O collectivo, hoje vulgar, *bando* era preferido na fórma feminina: Voam as pombas em *bandas*. Sá de Miranda (ed. Car. Mich. pg. 172 e em outros logares). || Polhastro, de *polho*, *pollo* e *polha*, antiquado - gallinha e frango. (fr. *poule*, lat. *pullus*); *titella* é o peito de ave: *ter titella*, ter peito ou coragem. || Parede meios é expressão incorrecta e incongruente; o proprio auctor diz na *Euphrozina*, Acto I, sc. I., e dil-o tambem Rodriguez Lobo—*parede em meio* (ou *parede meia* como se diz hoje) para indicar a parede commum a duas casas ou a que as

vos isso de formosa, que todas sois deshumanas e avarentas.

Aulegrafia. Pois assim é, e já que o não sou, quero parecel-o. Vedes ahi, snr. afilhado, um homem, sem embargo que é vosso amigo, que me aborrece de graça, porque cuida que é despejado e de côrte, e a meu geito, é tam sem-sabor, que nenhum sal lhe acho, e então vem-se antremetter onde o não chamam, por cuidar que é discreto, e que sabe fallar, e, por minha vida, que o não é muito para arrebentar. Outros vejo eu, a que elle não dá pelos pés, e não presumem de si tanto.

Din. Não sei se lhe sois suspeita, ou lhe entendes entejo, que elle não é dos mais perdidos.

Aul. Nem muito ganhado, cuido eu, com sua dama.

Din. É logo sem razão, e elle tem que lhe sois contraria, e não vol-o merece, que eu sei que deseja muito vossa amisade.

Aul. Eu, porque? Sabei de mim, que nunca me antremetto, nem entendo, salvo no que me cumpre; e no meu, sei-o muito bem, e não me governo por outrem, por quam falsos ou incertos são conselhos alheios para dôr propria.

---

separa e d'este ultimo sentido é o exemplo: Fui discorrendo as ondas que *em meio* me ficavam da patria deleitosa—Fernão de Alvarez—*Lusit. transf.*, ed. 1781, pg. 233. || A morte *é um breve passo e tal deve ser a dor*; tambem teve *dôr* o sentido de morte natural por opposição a morte violenta; Viveu alguns annos emialhado do rosto e sem barvas a morreo depois de sua natural door— Fernão Lopez —*Chr. d'el-rei D. Pedro I*, pg. 24. || Garção é termo obsoleto, antiquissimo; renovado por Filinto Elysio; com sentido pejorativo no *Cod. Alf.*, derivado do francez e sempre repellido do uso. || Occorre n'este excerpto duas vezes *que* com o valor de *quem*, uso raro entre os mesmos quinhentistas.

Tenho per regra que é summa miseria pubricar necessidades, e grande pequice notar vicios alheios; verdade é, que se uma amiga me diz uma coisa, e me pede conselho, não lh'o sei negar.

Din. Queria eu remedio ou não ter necessidade d'elle. Como esta é douda e enganada comsigo.

Aulegr. E desenganadamente lhe digo o que entendo...

Din. Se em meio não antrevier respeito proprio que faz sossobrar todo o juizo; mas ella é toda justificação.

Aul. Porque é mulher como eu e somos obrigadas todas umas a outras, e mais sou muito contraria a escarninhos e tenções dobradas.

Din. Fruitos do tempo e de carregação nos mais poderosos. (79)

Monologo de «Parasito»

Pasmado sou da minha discrição e do meu saber: porque não é nada cuidardes uma cousa e acertal-a, mas de

---

(79) Ganhado (e não *ganho*, que mal e tanto se vê hoje escripto); archaismos: *gaanho* e *gaança*, *gainheria*, mulher de *gaança* e filho de *gança;* o auctor escreve *gainhar* conforme a prosodia do tempo e, como é de regra, a de hoje do Brazil. No mesmo auctor e na mesma obra. Na mulher *gainha-se* compauheira para conselho. || *Aulegrafia*, ed. de 1619, fl. 82 v. || Pequice, de *peco* (paucus)=pequenice, pouquidade. *Pequeno*, em M. Bernardez tambem substantivo — *Pão partido em pequeninos* — (*pedacinhos*) é o titulo de um dos seus tratados. No *Estimulo pratico*, escreve: vieram para elle a pedir-lhe um *pequeno* de pão por amor de Deus — (pg. 27, da ed. de 1762). || Tenções dobradas; isto é, duplos sentidos, *equivocos*, *trocados*, a que hoje por inutil gallicismo chamam *calembur*. Francisco Manoel sempre os denomina *equivocos*, como se vê a cada passo da *Feira de Anexins* (ed. de Innoc., pgs. 7, 9, 22, etc).

improviso sobejar-me sempre conselho e ardis; não n'o teve Plinio que em fim morreu muito parvoamente... Então leixae-vos satrapas que assombram o mundo com gravidade, roer as unhas, assoprar com véntans em sangue, passear de sol a sol com o focinho no aguião, sempre pensativo: e tudo é cuidal-o bem, fazel-o mal. E eu creio obras e não palavras que se dão já mui baratas: pela vida de cada um julgo o que entende. Por isso me tenho em muita conta... Sou diabo; sei-me sempre accommodar ao tempo! isto é de muito sabedor porque só o sabio tem esta regra. Nada faz contra a sua vontade; nada, constrangido; e nada com dôr.

Que é o que cá dizem: fazer da necessidade virtude. (80)

A candida cecem, das matutinas
Lagrimas rociada, e a mangerona;
Vêm-se as letras nas flores hyacinthinas,
Tão queridas do filho de Latona;
Bem se enxerga nos pomos e boninas,
Que competia Chloris com Pomona;
Pois se as aves no ar cantando voam,
Alegres animaes o chão povoam.

Luis de Camões.

---

(80) Texto da *Ulyssipo*, Acto V. sc. 6.—segundo a edição de 1628. || Pasmado, vide nota 52 || Não-n'o; prolação da nasal sobre a vogal seguinte, ainda hoje usual nos verbos *amam-no* etc., e outr'ora mais generalizada: *quem n'o diz*—em Castilho; Quanto a emendar o mundo, historias: *não no* emenda—*Misanthropo 11;* em Camões, canto X, est. 145; e no quinhentista A. Pinheiro, bispo de Leiria: passar por elle *sem no* seguir—*Collecção das Obras*, pag. 55. || Parvoamente—

Heitor Pinto (81)

Sciencia e caridade

A areia por si só não aproveita para edificar : ha mister que seja junta e misturada com a cal. Porque então ajunta, une, sustenta, fortifica e perpetúa as pedras do edificio. A sciencia é areia ; a caridade, cal. Sciencia sem caridade é areia sem cal. E esta é a sciencia sem conhe-

---

parvoa e não *parva* é o feminino de *parvo* que talvez se deverá escrever, a maneira antiga, *parvoo* (de *parvulus*) para evitar o erro commum de dizer-se *parva* por *parvoa*: «Ah moças *parvoas*, appetitosas, cabecinhas de vento—Ferreira—*Cioso*—Acto II, sc. I. || Véntans por *ventas*, influxo da primeira syllaba nasal sobre a segunda. Vimos já (nota 49) *pénten* por pente e *onte*, f. pop. de *ontem* (hontem); *trempem de ferro*, escreveu Lucena — *Vida de S. Francisco Xavier*, vol. III, pg. 22 da ed. 1788; *morangãos*, escreveu Fr. Luis de Souza se é elle o auctor da *Vida do Beato Suso:* uns fructos vermelhos como *morangãos* (pg. 49 da ed. 1764). Em outro logar da *Ulyssipo* 2, 1, repete o auctor a mesma expressão; não tem analogia alguma com *ventar, aventar* e *ventilar*, como se deprehende de Moraes, que não explicou o vocabulo ou o comprehendeu mal. Ventas, de ordinario usado no plural; por emphase no singular: Bojudo fradalhão de larga *venta* (Bocage) «Que o ar espalha da robusta *venta*», Dirceu — Lira XXIX, pag. 78 da ed. de 1840 || Leixar, arch. hoje *deixar* de *deeixar, (delaxare)* || Aguião, no texto se achava naturalmente por erro *agião;* tambem com a fórma *guião* (em Barros e outros) para exprimir o norte (*aquilonem*) e figuradamente depois o estandarte de guerra; nas *Trovas* de Bandarra, 47 (ed. 1809) e em Ant. Prestes, na ultima scena do *Auto da Ave Maria:* que triumphemos carro e seja *guião* | Proposito bom que mal acabaram || Que é o que..; foi de certo por imitação do francez que desappareceu a antiga pontuação, segundo a qual muitos periodos começavam com *que, qual*, etc. como este; hoje o *ponto e virgula* ou *dous pontos*, n'esses casos, substituiram o *ponto final*.

(81) Frei Heitor Pinto, grande classico e um dos que mais trabalharam na polidez e perfeição da lingua portugueza. Professou o instituto de S. Jeronymo em 1543 e foi lente em Coimbra. Escreveu: A) a *Imagem da Vida Christã* (1563) em duas partes que tiveram em meio seculo uma dezena de edições, e foram traduzidas em varias linguas; B) varias obras de religião, em latim. Nos excerptos seguimos o texto da edição Rollandiana que reproduz a de 1567.

cimento de nós e sem virtude, em especial quando é de cousas que nos damnam.

Não curemos logo de saber o que nos empece, mas o que nos aproveita. E primeiramente conheçamos a nós mesmos, entendamos nossa miseria, e desfaremos a roda de nossa fantasia. (82)

Abre a romã, mostrando a rubicunda
Côr, com que tu, rubi, teu preço perdes?
Entre os braços do ulmeiro está a jocunda
Vide c'uns cachos roxos e outros verdes?
E vós, se na vossa arvore fecunda,
Peras pyramidaes, viver quizerdes,
Entregae-vos ao damno que co'os bicos
Em vós fazem os passaros inicos.

Luis de Camões.

Vida e morte

Assim como uma ribeira que nasce no pinaculo de uma alta serra perto do mar, sae logo fazendo rugido e vem descendo pelos arrecifes batendo nas duras rochas e fazendo um rouco tom com os quebrados de suas aguas, a

---

(82) Cal e *caal*. Existiu o homonymo (que talvez fosse util renovar) *cal* (hesp. *calle*) para indicar a parte da rua entre os passeios lateraes; sobreviveram os derivados com sentido restricto *calha, quelha, calhêta*. Deriva do latim *canalis*, caal, cal. No sentido actual, *caiar* talvez esteja por *canhar* (cão e cã = lat. *canus*) branqueiar on *calhar*, como seria a derivação mais logica. Do lat. *calis* por *calx* || Empece — vide nota 65.

maneira de quem vem chorando, até se vir metter no mar, onde vão parar todos os rios, assim nós como nascemos começamos a lamentar e assi vivemos todos os dias de nossa vida, chorando e gemendo e queixando-nos, dando comnosco ora n'um, ora n'outro trabalho, até que em fim imos dar comnosco no mar da morte, onde os rios de nossas vidas assim grandes como pequenos se vão acabar e consumir. (83)

A formosura

A formosura da carne soe ser um véo pera cegar nossos olhos, um laço pera prender os pés, um visco pera impedir as azas: — logo não é verdadeiro bem. Os que se deleitam vãmente em sua formosura não vêem facilmente a verdade, nem seguem promptamente a virtude, nem voam

---

(83) Ribeira, nome que como outros (folha-*folia*, etc.) no singular representa um plural etymologico (*riparia*) e por isso tem o sentido mais lato que o masculino (cf. madeiro, madeira; lenho, lenha; folho, folha — *Gramm.* J. R. 11ª ed. pg. 71); por isso mesmo o proprio e verdadeiro sentido de *ribeira* são as *margens* e *terras* convizinhas e não o curso da agua. Joanas patas guardava | Polas *ribeiras* do Tejo, *B. Rib.* Ecloga II (pg. 280 da ed. de 1852). Nesta *ribeira* vivia (pg. 345) em Rodriguez Lobo, *Pastor Peregrino*, ed. da *Bibl. Univ.* Guardei n'outras *ribeiras* manso gado (pg. 33). Nas *Obras* de Chrisfal (Christ. Falcão) ed. de Th. Braga conforme a de 1559: Alli sobre uma *ribeira* | De muy alta penedia (pg. 2) Vi antre duas *ribeiras* (pg. 6). D'aqui se conclue que a facil confusão entre *ribeiro* e *ribeira*, embora tenha alguns exemplos, como este, nos classicos, não é todavia muito para ser seguida || Imos por *vamos*, como *I* imperativo por *vae*: fórmas usualissimas. As fórmas *I* e *vae* concorrem em Sá de Miranda, Nos *Estrangeiros* e, excerpto d'esta *Selecta*, pg. 49, encontra-se: «*hi* comigo seguramente». Nos *Vilhalpandos*: *vae* e descança (pg. 214 da ed. das *Obras*, 1784) A fórma *imos* ainda é de bom uso.

com facilidade ao alto com o coração. Têm em sua casa seu proprio inmigo, causa da sua vangloria : e o que peior é que o não têm por tal; porque sendo aspero e cruel, o têm por brando e benigno. Deleitam-se em seu proprio damno, querem bem a seu mal, trazem comsigo a doce peçonha, o roubador de seu descanço, a materia do seu trabalho, a causa de seu perigo, o excitador da sua vaidade. Vêdes aqui que cousa é a formosura da carne, tão desejada de muitos, e tanto pera ser desprezada de todos. (84)

A ociosidade

Santo Agostinho, no primeiro livro *De Civitate Dei*, tem que foi pior a Roma destruir Carthago, porque a seguridade que lhe ficou pariu a ociosidade que foi a causa de sua perdição. S. Bernardo chama á ociosidade sentina e bomba, onde todos os males se ajuntam; e noutra parte, madrasta das virtudes. E a sentença de Seneca é que a ociosidade é morte e sepultura do homem vivo. D'onde se colhe que os homens ociosos são inmigos de si mesmos, pois, deixada a diligencia dos bons trabalhos, que é uma mina de bens, se dão á ociosidade, que é um abysmo de males. E o que pior é, que não cuidam que ganham o tempo, senão quando o perdem: e elles não ganham com esta perda, senão sua perdição. E, havendo de buscar

(84) Inmigo, por *inimigo* ; vide a nota 50.

tempo para passar cousas, buscam cousas para passar tempo. E emfim elles não o passam, mas elle passa por elles. (85)

Assi como a bonina, que cortada
Antes do tempo foi, candida e bella,
Sendo das mãos lascivas maltratada
Da menina, que a trouxe na capella,
O cheiro traz perdido, e a côr murchada:
Tal está morta a pallida donzella,
Seccas do rosto as rosas, e perdida
A branca e viva côr, co'a doce vida.

Luis de Camões.

Virtude e fraqueza

Quem é aquelle (fallando pela via ordinaria) que pelo discurso da sua vida não caia em alguma venialidade? Mas per virtuoso entende o que está habituado em bem obrar moralmente e com concêrto, aindaque alguma vez tenha algum acto desconcertado, porque nas virtudes acquiridas o acto não é contrário ao habito, e póde um homem ter habito de temperado e fazer um acto de destemperança; e fazer um acto de destemperança sem perder o habito de tem-

---

(85) Peior, é a orthographia usual; o auctor escreveu *pior* que é ainda a prosodia de hoje e é melhor orthographia para todas as palavras em que o som *ei* se reduziu a *i*: *eigreja*, igreja; *peior*, pior || Passar tempo e não *passar o tempo* que significa passar a moda ou estação: Já *passa o tempo* de enganar os passaros, *Côrte*, 27; e, *apud* Moraes, Dicc. o exemplo de Vieira: «Ha cousas a que *se lhes passa* o tempo.»

perança; porque a virtude é habito, e não qualquer, mas habito excellente. Ella muda a alfandega de máos pensamentos em rica camara de sanctas meditações, e a terra converte-a em céo ; quero dizer, que pelas virtudes os que antes eram terreaes, se tornam espirituaes, cá tem a Sagrada Escriptura por costume aos justos chamar—céo, e aos impios—terra. Fallando o psalmista com Deus acerca dos justos dizia: Confessarão os céos as tuas maravilhas; e fallando Jeremias com os injustos dizia: Terra, terra, terra ouve a palavra de Deus. Assim como o sol, que passa pela vidraça, toma a côr da cousa em que bate, assim o homem toma a figura da cousa, a que se applica. Se se applica ás cousas celestiaes, toma figura de céo, se ás cousas terreaes, de terra ; e assim como o vicio converte o céo em terra, assim a virtude a terra em céo. Com ella se esmalta a natureza, e se purifica a nobreza do sangue, e se lava a nódoa da baixa geração, e se alimpa e orna a consciencia ; e finalmente é um verdadeiro bem, que nos faz bons ; o que não convem ao bem da natureza nem aos que commummente chamam da fortuna. (86)

---

(86) Neste excerpto segue-se a edição Rollandiana conforme as de 1563, 1565 e 1572, apenas modernizada a orthographia. De como correm alterados nas Selectas e collectaneas os trechos classicos, este poderia servir de exemplo; está reproduzido na chamada *Chrestomathia classica* de Chaves de Mello (I, pg. 78) com incriveis alterações: *venalidade* por venialidade; *terrenas* (duas vezes) por *terreaes ; fere* em logar de *bate ;* toma *a* figura por toma figura ; *decurso* por discurso ; *porque* substituindo o archaismo *ca ; riquissima* em vez de *rica ; de temperado habito* por *ter habito de temperado ; celeste* por *celestial ;* e em fim todo o periodo que começa *Falando o psalmista...* foi omittido, não sem injuria do sentido ; iguaes liberdades e iueptas correcções tem-se-me deparado na *Selecta classica* de Amaral, nos *Lugares selectos* de Cardoso Figuei-

A idéa segundo Platão

Quando Phidias, aquelle formoso pintor tam nomeado no mundo, pintou aquella imagem de Minerva tam bella em suas naturaes proporções, e lugares de sua gentileza, que não houve quem depois podesse imitar a perfeição de suas feições, não olhava pera nenhuma mulher, que tirasse pelo natural, mas em seu entendimento estava uma figura de fermusura perfeitissima, a qual elle contemplando, e tendo nella fitos os olhos de sua mente, á sua semelhança dirigia a mão. E matizou uma imagem tam excellente, e tam viva ao parecer, que parece que

---

redo, no *Iris Classico* de José Feliciano, nas de Roquete, de Fonseca. É natural que se modernizem os textos ou se supprima o que pareça inconveniente, em livros escolares, mas d'ahi a substituir e estragar (ou *melhorar* como talvez seja a intenção de alguns d'estes collectores) creio que vae distancia muito grande. Pelo exame que com cuidado fiz n'esta numerosa especie, o melhor livro portuguez ou brazileiro, que conheço é a *Selectazinha classica*, Angra do Heroismo, 1849, in-32 de 164 paginas: contém muito pouco, mas tudo feito com escolha conscienciosa || Terreal, terrenal, celestial; são relativamente poucos os derivados do suffixo *al*, abundantissimos nos escriptores antigos. Em Zurara encontram-se: gente *bestyal* (pg. 60) padre *celestrial* (pg. 132) os *storiaes* (isto é, os historiadores, pg. 199) *communalmente* (pg. 369) *ternal* (= ternario, pg. 461, ed. de Paris, 1841) e muitos outros em D. Duarte: sagral-*Leal Cons.* 233, e em Fernão Lopez. O suffixo *al* aggrega-se analogicamente com as palavras nasaes (per*ennal* ann*ual*, orient*al*, diurn*al*) ou com a terminação *st*: *bestial*, *celestial* e talvez por isso escreveu Zurara *historial*. Em sentido restricto o adjectivo *historial* conservou-se para indicar, entre os livros santos, os historicos. Ainda o emprega Manoel Bernardez, *Luz e Calor*, em logar que me não acode. Camões, nos *Lusiadas*, escreveu: ethereа e *elemental* (Canto X, est. 80). || Ca, car, (lat. *quare*) archaismo. Já não occorre no seculo XVII senão rarissima vez como na *Vida do Beato Suso* (Cap. II, pg. 5) e entretanto nunca o empregou Fr. Luis de Sousa nas suas obras authenticas. || Alimpar por analogia das dicções arabicas em *al* (*alimpeza, alagoa, alevantar, alampada*) eram as fórmas mais communs e vulgares: «por os quaes vem alimpeza dos peccados» *Leal Conselh.* pg. 139.

parece que gastou nella todo seu artificio, mas ainda não chegou áquella traça e figura, em que tinha prègados os olhos do entendimento, que era como um extremo de natureza, de tanta perfeição, que nem a imaginação tinha mais que pintar, nem o desejo mais que pedir. A estas figuras traçadas no conceito chama ideas aquelle insigne Platão. (87)

Tres fermosos outeiros se mostravam
Erguidos com soberba graciosa,
Que de gramineo esmalte se adornavam,
Na formosa ilha alegre e deleitosa.
Claras fontes e limpidas manavam
Do cume, que a verdura tem viçosa;
Por entre pedras alvas se deriva
A sonorosa lympha fugitiva.

Luis de Camões.

Banquete egypcio

Lembra-me que li em Herodoto, autor Grego e antiguo, que era custume antre os Egypcios no principio dos banquetes trazer á mesa uma figura de pau de um homem

---

(87) Olhos fitos (*fictus* por *fixus*) || Matiz, diz-se de côr differente, de côr sobre outra; Cortesão dá a etymologia *mixticius* que me parece impossivel; derivo-o de *mantizar* (de *manto*): as flores *matizam* o prado; o prado com um *manto* de flores; a noite com um *manto* de estrellas; *mantoz, mantizar*; emfim, *matizar* é superpôr uma côr differente a outra mais geral e diffusa. || *Não tinha* mais que *pintar nem* mais que *pedir*; por francezismo escrevem os sem escrupulo *mais a pintar mais a pedir*. Tendo *muito a dizer* em vez de: tenho *muito que dizer* — que é a phrase vernacula. M. Bernardez, *Luz e Calor* (pg. 202 da ed. de 1871 ou 252 da ed. 1696.) escreve: «porque vê quanto póde e vê *que* resta *que ver* infinitamente.»

morto muito pelo natural com aquella côr, com que a morte cobre aos seus convidados e o que a trazia dizia a cada um per si: Quando comeres, e beberes, e te deleitares, olha pera esta figura, que tal has de ser. Aquella era a primeira igoaria, que se trazia a mesa, que era a salsa, em que todas as outras se molhavam. Em muitos dos banquetes d'agora se comem vidas alheias, e naquelles se moderavam as proprias. (88)

Amador Arráiz (89)

Fidalguias

Como a geração vil nada damna ao que tem bons costumes; assim nada aproveita a illustre ao que está enlodado com os maus. Que aproveitou a Cham ser filho de

---

(88) Lembra-me, vide nota 63 || Antiguo por *antigo* (antiquus) || Cada um per si (de per si); aqui supprime-se o *de*, porque a acção de dizer não é de *cada um* que n'este logar a soffre; é pois um primor de bom estylo o haver dito o classico *cada um per si ouvia;* o *de* exprimiria a agencia ou causa). No opusculo appenso á *Vida do Beato Suso*, attribuido a Fr. Luis de Sousa, lê-se: Mas se *cada* cousa d'estas *per si* basta para quebrar corações (pg. 314 da ed. de 1764). Os antigos distinguiam *per* e *por*, e *pelo* e *polo*, conforme correspondiam ao latim *per* ou *pro*. Assim, segundo Duarte Nunez de Lião, diziam: «este livro é composto *per* tal auctor» (e não *por*) — Vide *Origem* e *Orth. da l. port.* ed. do *Panorama*, pg. 181, e J. R. *Gramm.* 11ª ed. pg. 207.

(89) Amador Arráiz (dom frei; doutor, bispo de Portalegre) 1530, ?—1600. Escreveu: *Dialogos*, 1ª ed. 1589. A melhor ed. é a 2ª, 1604, em que se aproveitaram as correcções manuscriptas do auctor, e, segundo esta, se imprimiu a terceira ed. (Rollandiana, de 1846, em 2 tomos) que é a mais vulgar. É considerado um dos primeiros classicos da lingua pela pureza, graça e simplicidade de estylo.

Noé? Que damno fez a Abrahão ter por pai a Tharé, adorador de deoses de barro! Não deixou por isso de ser cabeça dos fieis e padre de Sanctos. Não puderam as vilezas dos erros paternaes menoscabar sua gloria. Da terra nasce o ouro precioso, mas não é terra; do estanho vil a prata, mas não é estanho; das espinhas a rosa, mas não é espinha. Melhor é fazer-se nobre o que nasceu baixo, que fazer-se baixo o que nasceu illustre; melhor é fundar a nobreza que destruil-a. O que nascendo de geração desprezivel vem a ser muito prezado, sua é toda a gloria e não de seus pais e avôs. Melhor é honrarem-se elles de nós, que nós d'elles. Ha filhos que tomam por honra não haver virtude nos pais a que elles não contrapouham algum vicio, e não deixam por isso de se gloriar da nobreza d'elles. Não vejo nobreza que appetecer mais que serem constrangidos os nobres a não degenerarem da bondade de seus progenitores. O animo generoso incita-se e aspira ao que é honesto, e elle é a verdadeira e propria nobreza dos homens. Gloriarmo-nos do alheio é uma desengraçada vangloria: os merecimentos dos avôs são verdugos para netos, que da sua bondade se desviam. Mais fermoso é serem os outros por nós conhecidos, que nós por elles, por mais que sejam esclarecidos em sangue. (90)

---

(90) Espinhas *da rosa;* hoje diz-se *espinhos;* a fórma feminina só se applica ás vertebras dos peixes ou á columna vertebral. Entretanto a fórma feminina era a unica e primitiva, e já apparece nos *Ined. de Alc.* I. 273, como registrou Cortesão; aqui observo que ainda a empregou, Vieira: Aquelle semeador do Evangelho semeou em quatro partes, nas pedras, nas *espinhas*, no caminho e na terra boa (*Sermões selectos* vol. 6º,

O amor que Deus tem pelos justos

Ha entre Deus e os justos tamanha liga e conspiração d'amor, que nenhum mal lhes-póde vir tão poderoso que quebre o fio á sua quietação; dos males tiram bens, das quedas se levantam mais esforçados, e das adversidades mais prosperos; que não sendo assim faltar-lhes-ia Deus com sua fidelidade, e não faria abrigo aos seos contra os insultos do mundo. Certo está que desamparar os vexados e perseguidos que estão debaixo da nossa tutela, é manifesta traição, a qual não tem lugar n'aquella summa e infinita bondade. Pelo propheta Isaias falava Deus co' os justos, e animando-os dizia: «Levantae os

---

222). Mas já em Fr. Thomé de Jesus: corôa de *espinhos*, barrete de *espinhos*, etc. *Trabalhos* II, 262 da ed. de 1733. Do feminino *spina*, espinha, é que se criou mais tarde o masculino; o mesmo succedeu a *palumba*, pomba, donde se derivou *pombo* || Avôs — Nota-se aqui haver sempre (n'este excerpto em dous lugares) Amador Arráiz conservado no plural *avôs* a prosodia do singular *avô*, distincção não inutil, porque ha o feminino *avó* cujo plural é *avós;* cada genero conserva a prosodia da vogal *senhôr*, *senhôres*, senhóra, senhóras (no Brazil) senhôra, senhôras (em Portugal); comtudo, o uso geral naquelle caso é dizer avós para indicar *avôs* e *avós*. As *Orden. Aff.* dizem *avôo* e *avôa* algumas vezes (de *abolus*, *abola* = *aviolus*). Gaspar Estaço, nas *Varias antiguidades* (2ª ed. pg. 456 e 458, diz *avó*, *bisavó*, em vez de *avô* e *bisavô* e logicamente no plural *avós* (pg. 479). Duarte Nunez de Lião — *Orthogr.* (pg. 134 da ed. do *Panorama*) punha a regra de que os nomes que não mudam o accento no plural não mudam no feminino: *moço*, *moça*, etc., entretanto que no tempo d'elle se dizia *tôrtos* ou *tórtos*, *nôvos* ou *nóvos*. Em outros escriptores tambem se depara *avôs* como escrevia Arráiz, por exemplo no grammatico seiscentista Alvaro F. de Vera — *Origem da Nobresa politica* (2ª ed. 1791): familia de *avôs* (pg. 74); miseravel e lastimosa cousa é não ter homem mais nobresa propria que quanta deriva dos seus *avôs* » (ibi 141). Creio, pois, que a prosodia regular é *avôs* e não *avós*. || Progenitores, vocabulo ás vezes empregado como synonymo de *paes;* mas a verdadeira significação é a que inclue toda a ascendencia, *paes* e *avôs*, e este verdadeiro sentido é o que se vê do excerpto; cf. Ruy Barbosa—*Replica*, a proposito d'este vocabulo, (2ª ed.; 208-213).

olhos ao céo, olhae para a terra, e entendei que primeiro os céos se desfarão como fumo, e a terra se gastará como vestido, e os que moram n'ella fenecerão, que deixe de permanecer a minha saude, e tenha fim a minha justiça.» Do que se segue, manifestamente, que quem afflige os justos faz guerra ao mesmo Deus. (91)

Num valle ameno, que os outeiros fende,
Vinham as claras aguas ajuntar-se,
Onde uma mesa fazem que se estende
Tão bella quanto pode imaginar-se;
Arvoredo gentil sobre ella pende,
Como que prompto está para affeitar-se,
Vendo-se no crystal resplandecente,
Que em si o está pintando propriamente.

Luis de Camões.

A Fé e o Imperio

Dizia Plato, que depois que a alma despia as perturbações das partes, que carecem de razão, e se confor-

---

(91) Nenhum mal *lhes póde vir...*; ha falta de clareza n'esta proposição, por que *lhes* poderia referir-se simultaneamente a Deus e aos justos, e só aos ultimos se refere. A ambiguidade é, como quasi sempre, produzida por palavras de referencia, pronomes e relativos, conforme notei na minha *Gramm. port.* 11ª ed. pg. 252. A mesma amphibologia em Manoel Bernardez — *Nova Floresta:* Ariano no seguinte dia, dando-*lhe* a *sua* vexação o entendimento que *sua* crueldade *lhe* negara... (tomo I, pg. 60 da 1ª ed. 1706) onde seria maior perfeição dizer *a sua crueldade.* || *Minha* saúde (de Deus) entende-se: intereza e perfeição; por onde se vê que a traducção *saúde e fraternidade* (do fr. *salut*) tão ridiculisada, é perfeitameute classica, e ainda mais derivando do lat. *salus* (e não de *sanitas, valetudo*) é natural que conserve alguma cousa do sentido original. E, de facto, assim o colheu Cortesão no *Portug. Mon.* e registrou nos seus excellentes *Subsidios* para um dicc. *loco* || Primeiro os céos se desfarão que; phrase comparativa usual e idiomatica: *Primeiro* se unirá no casto ninho... | *Que* meu constante amor mudavel *seja.* Quita, *Obras poet.* 3ª ed. (Rolland.) pag. 128.

mava co' o exemplar de todas as virtudes, produzia de si mesma umas pennas com que se levantava ao alto, desejosa das cousas do céu. E porventura tomou isto emprestado do propheta Isaias, quando disse: Quem são estes, que vôam como nuvens? Estas pennas rebentaram do coração magnanimo deste soberano principe, para voar per mares e terras desconhecidas, não tanto a fim de esclarecer seu nome, e dilatar os terminos de Portugal, quanto para limpar a religião sanctissima, e manifestar o nome de Christo a barbaras nações, distantissimas da nossa Lusitania. Com este desenho e proposito fez armadas, que correram as praias da Africa, e os mares contra o mar austral. (92)

A dôr

Tudo póde o animo varonil, se quer; não ha difficuldade para o que queremos de verdade. Graves dôres causam algumas enfermidades, mas os intervallos as fazem toleraveis, e se são intensas em summo gráo, não tarda muito o seu fim. Ninguem se póde doer muito, por muito

---

(92) *Contra o mar*, isto é, em direcção ao mar; assim usavam os escriptores antigos: disse o Iffante *contra* (i. é, para) aquelle Affonso Gonçalvez — Zurara, *Conquista*, pg. 60; levantou-se Martym Vicente e disse *contra* os outros, *Ibid.* pg. 109, e em F. Moraes *Palmeirim de Inglaterra*: caminhou *contra* onde lhe pareceu que sua gente ficara, 1, 14. || *Desenho*, designio, idéa, plano para ser realizado; do sentido ideal passou hoje ao sentido concreto. Fernão d'Alvarez: Por lhe não ser possivel effeituar o seu *disenho* em todo o discurso de seus dias (fl 167 v. da 1ª ou pg. 281, da 2ª ed.) e innumeros outros.

tempo. Assim nos dispoz a natureza nossa grande amiga que fez nossas dôres ou soffriveis ou breves. A dôr a que o conselho não der fim, dar-lh'o-á o tempo. Melhor é deixar-mol-a, que deixar-nos ella. Os varões sabios não têm tempo legitimo de chorar, porque em nenhum o podem honestamente fazer. Dôr envelhecida ou é fingida ou indiscreta e com muita razão é de todos escarnecida. Sabei que carece de prudencia o que não sabe soffrer, e que ao homem honrado não é decente o chorar demasiado.... (93)

Damião de Goes (94)

Dom Rodrigo que era sagaz, suspeitoso deste messageiro o deteve alguns dias sem lhe dar aviamento para

(93) Fazer, usado para evitar a repetição de outro verbo; aqui evita a repetição de *chorar*. Podia sair mas *não o fez* (isto é, não saiu). «Os idolos antigos adorava — como inda agora *faz* a gente inica — Camões, apud M. Barreto — *Estudos* pg. 98; vide a minha *Gramm.* 11ª ed. pg. 186 «Soffrêra-lo como *fizeste* sempre. A. Ferreira — *Cioso*, Acto III, sc. III. Outras expressões servem para evitar ou dispensar a repetição como *onde, quando, como* (ex: «morreu; *onde, quando,* não se sabe.») e principalmente o vocabulo *tal:* «Será verdade; mas... nunca vi *tal* (este *tal* resume quanto vem referido) Godinho — *Relação do Cam.* pg. 112. || Carecer *de prudencia ;* isto é, não a ter, não a possuir. Hoje dá-se a *carecer de* o sentido um pouco differente e improprio, ás vezes, de *precisar de, necessitar de.* Deve-se dizer: «O espirito *carece de* fórma material», isto é, não a tem. Em Fr. Luis de Souza: Que não era nova recusarem e ainda engeitarem grandes cargos os que tinham para elles sufficiencia, quanto mais quem de todo *carecia* d'ella. *Vida do Arceb.* I. cap. VII pg. 33 da ed. de Paris de 1760, ou pg. 54 da ed. Rolland. 1850; ou pg. 50 da ed. de Braga, 1890. (Em geral, costumo citar unicamente a ed. de Braga, mas cotejada com as outras duas mencionadas). «Quando se as armas vestem, se *carecem* da segunda tençam, levam a primeira». João de Barros — *Ropica Pneumá*, pg. 165.

(94) Damião de Goes — 1501 - 1572 — homem notavel pelas suas qualidades e prestigio pessoal que lhe grangearam, nas suas com-

passar adiante, e entre praticas que tiverão achou que suas palavras não concertavam bem, pelo que fêz tanto, que por manha houve ás mãos as cartas, e instrucções que levava em cifra de que logo mandou o treslado a el Rei Dom Emanuel, e a Dom Pedro; para mais dissimulação deixou ir com seu recado.

Continha-se em summa nos apontamentos que este Dom Pedro levava para Molei Mafamed, Rei de Fez, que se fizesse vassallo del Rei dom Fernando com tributo de mil dobras zeinas, e lhe desse escala franca de todas as mercadorias que fossem de seus reinos para os de Fez, e que no dito reino de Fez não entrassem outras mercadorias senão as que el Rei dom Fernando lá mandasse, de que os queria prover em abastança em navios seus proprios, e que para segurança dos navios e mercadorias lhe desse arrefens, e fortalezas na costa do mar, e lhe entregasse todas as fustas e navios de remos que houvesse no reino de Fez, e ao diante se não fizessem mais nenhuns que fossem de remo; e que fazendo isto haveria entre elle e seus reinos paz perpetua. Os quaes artigos erão tão desarresoados, que bem sabia el Rei Dom Fernando que não

---

missões fóra da patria, amisades, sympathias e admiração de celebridades estrangeiras. Tratou com Luthero, Melanchthon, Erasmo e outros, o que lhe valeu ser um perseguido da Inquisição, e tambem, mais tarde, ser elevado a reputação de extraordinario escriptor, o que absolutamente não é. Damião de Goes é historiador mediocre, e escriptor agradavel, mas de nenhum modo soube transmittir á escripta a sua fascinante personalidade e nem está á altura dos nossos grandes classicos. Escreveu: a) *Chronicas;* de D. Manoel, 1ª ed. 1566-1567; de *Dom João II*, 1567. b) *Livro de Marco Tullio Cicerão* (de Senectute).

havia el Rei de Fez de consentir nelles, para com esta ação dar côr á guerra que lhe queria fazer. (95)

Esta é a ditosa patria minha amada,
A' qual se o céo me dá que eu sem perigo
Torne com esta empresa já acabada,
Acabe-se esta luz alí commigo,
Esta foi Lusitania, derivada
De Luso, ou Lysa, que de Baccho antigo
Filhos forão, parece, ou companheiros,
E nella antão os incolas primeiros.

Luis de Camões.

Fr. Bertolameu dos Martyres (96)

Carta a uma senhora

Carissima em o Senhor. Graça e verdadeira consolação: ontem 18 deste mez de Março me deram uma vossa carta;

---

(95) Este excerpto foi extrahido das *Variantes* da *Goëziana* da *Archeologia Artistica* n. 10 por Joaquim de Vasconcellos — Porto — 1881. || *Não entrassem;* no texto original lê-se: *não entrasse*, erro evidente ou lapso do auctor. || Ar effens em vez de *refens*, como *arrais* e *rais; arrans* e *rans; arraia* e *raia*. || Dobras zeinas; não alcanço o sentido da palavra *zeinas*, que parece ser um nome gentilico: havia as *Dobras portuguezas, mouriscas*, da *benda* (ordem da *Banda* de Affonso XI de Castella), *cruzadas, valedias* etc. || Dar côr, isto é, pretexto; assim frequentemente se dizia *so color, sob color* = sob o pretexto, com a apparencia, como no *Leal Conselheiro* «perigo-brando... pintado de color de bem» pg. 162. A fórma verbal *corar* no mesmo sentido se encontra na *Chronica de D. Henrique:* Funda n'estas imaginações *coradas* de justiça — pg. 64 da *Coll. de ined.* 1840.

(96) Dom Fr. Bertolameu dos Martyres, arcebispo de Braga; 1514 - 1590, celebre pelas suas grandes acções e virtudes, ainda que lhe não faltem detractores. Escreveu varias obras em latim e o *Cathecismo da Doutrina Christã* — Braga 1564. Não se confunda, como já tenho visto, este auctor com o do *Banquete espiritual*, que é outro fr. Bartholomeu dos Martyres, e é do seculo XVIII.

folguei de a ver, pois que daes a entender, que vos apressaes para ir ver a Deus; esse é o officio da boa alma, andar ardendo em saudades, e amores de Deus, desejando de o ir ver. Trabalhae por crescer nestes amores, e saudades, porque quanto mais crescerdes nellas tanto mais logar tereis na gloria do paraiso, porque segundo os gráos dos divinos amores, se dão no céo os gráos de gloria e consolação eterna. Encommendemo-nos a Deus, e elle nos encha do seu espirito. Do mosteiro de Santa Cruz de Vienna a 19 de Março de 1585. (97)

(97) Ontem, melhor orthographia que hontem—pois deriva do antigo *ooyte, oõite : ad noctem*, cf. hesp. *anoche*. Davam os etymologistas outr'ora como derivado de *hodie ante*, o que justificava o escrever-se *hontem*. Tanto *a noite*, como *a vespera*, que é a quadra da tarde, passaram a designar o dia anterior. Aquella é a etymologia indicada por G. Guimarães (Vide Cortesão — *Subsidios*) que dá as fórmas intermediarias *anoute, aonte, onte* e *ontem* (e compara com o plebeismo *ontrodia* por *n'outro dia*). Comtudo, com tanta liberdade de derivar, a etymologia poderá ser a simples fórma *noete*, noute, que produziu *nonte* e depois *lontem* (nembrar e lembrar, livel e nivel) que se suppoz *l'ontem* e afinal *ontem*; ou ainda deriva mais simplesmente de *ante*. Amador Arraiz emprega a expressão — *a noite atraz* — que é ainda popular; e recorda essa etymologia as prepositivas *antes, atraz* etc, nos exemplos *trazant'ontem, anno atraz-ado, retraz-ado*. Em Saraiva — *Baculo pastoral* — lê-se *o dia antes*, pg. 19 da edição (que deve ser 6ª ou 7ª) de 1698. Prefiro o etymo *ante* porque na computação do tempo sempre representa a unidade immediatamente anterior: *a hora antes*, é a hora que antecede; *antes d'hontem* é o dia que precede immediatamente *hontem*; *antanho* é em regra o anno passado. Modismo dialectal é—*dia passado* (*Rev. lusit.*—VIII, 57 e 61). || E' de notar que o povo criou expressões taes que nunca se veem mais substituidas: cousa *de verdade*, madeira *de lei*, fructa *do tempo*. Egualmente, observa-se que o qualificativo synthetico exprimindo menos como notei acima, frequentemente indica uma qualidade facticia, postiça ou irreal; assim, *aureo, argenteo*, póde indicar apenas a mera semelhança com o ouro ou a prata: aguas *argenteas*, leito *aureo*; ao passo que sempre se dirá um *annel de ouro* e não *annel aureo* e uma *cruz de prata* e não *cruz argentea* para indicar o verdadeiro da substancia e não a fantasia ou mera apparencia. Pela mesma razão o que se diz *igneo* póde não ser verdadeiramente de *fogo* e apenas da côr do fogo ou semelhante em qualquer maneira ao fogo: Fez vaso *cristalino* da *mão* d'elle (para beber) *Ulyssipo*, de Souza Macedo, canto V, est. 12. Se n'esse *aureo* cabello vou atado. *Ibid.* Canto V, est. 15. vide nota 99.

Garcia de Orta (98)

Dos — «Colloquios da India»

Verdade é que os portuguezes não são muito curiosos nem bons escriptores: são mais amigos de fazer que de dizer: trabalham de adquirir por suas licitas mercadorias, porem não tratam mal os Indios; porque os Indios de paz são muitò favorecidos dos governadores.

.....

— E os *physicos* gentios, entendei-vos com elles?

— Muito bem; porem elles são homens que não curam senão por experiencia e por costume, e é tão boa de enganar a gente portugueza que facilmente são enganados por elles e o peior é que alguns portuguezes ou por se desoccupar de curar ou por contentar o povo e não querer trabalhar em especular as curas, vão-se com o seu parecer d'elles; e porque ser aprazivel ao povo faz ao physico ganhar mais dinheiro, usam logo em principio das suas mezinhas d'elles. (99)

---

(98) Garcia de Orta — physico d'el-rei, residiu na India. Escreveu: *Colloquios dos simples e drogas... da India* — Gôa — 1563; obra admirada e logo traduzida nas linguas cultas da Europa. Reeditou-a Varnhagen em 1872 (Lisboa, imprensa nacioual) com demasiadas correcções orthographicas. Melhor reedição é a do Conde de Ficalho (1891) que já anteriormente se havia dedicado ao estudo d'este notavel e curioso auctor (*Garcia da Orta e o seu tempo* — Lisboa, 1886).

(90) «A nação portuguez... mais se preza de fazer que dizer (J. de Barros — no prologo das *Decadas*). Indios de paz; expressão usual como algumas outras: *gente de paz, homem de paz, homem de coração...* de *vontade*, de *boa vontade*, de *opinião*, de *confiança*, agua de *beber*, fórmulas analyticas muito mais expressivas que as de *indios pacificos* etc., compostas com os qualificativos. Outra expressão analytica é — cousa

Pedro de Mariz (100)

Terra de Santa Cruz

Governou aquella provincia de Santa Cruz, Luis de Brito, e succedeu-lhe Lourenço da Veiga ; e sempre tiverão, em que entender com Francezes, e com os mestiços, que diziamos ; mas cada dia os venciam, e vencem com muito louvor seu, e proveito, que ordinariamente vemos tirão d'estes seus trabalhos ; pois não vai homem algum áquella Provincia, que não venha d'ella rico, sem se haver na terra ainda descuberto minas de ouro, nem de prata, nem outras riquezas e perolas, que nosso descuido tem sepultado nellas. E se os thesouros, que a natureza alli tem encerrados, forão já abertos, então não fora ma-

---

sem duvida (indubitavel) — e como esta muitas que são primores do nosso idioma. A expressão analytica, por vezes, diz mais que a synthetica: *gente de paz* é a que de sua condição ama e quer a paz, o que tudo se não póde exprimir com o qualificativo *pacifica*. J. de Barros emprega frequentemente esses qualificativos analyticos como se poderá vêr das suas obras. Nos *Panegyricos*, ed. de 1791, por exemplo, deparam-se: a *semjustiça* (pg. 27) *não sem causa* (pg. 53) *na tormenta do mar, o bem da terra* (pg. 31) *a fé de Christo* (pg. 47) *uma chama de fogo* (pg. 103) e innumeros outros. É verdade que n'esse tempo os adjectivos eram raros, não os conhecia tão numerosos o povo, e foram criados artificialmente do latim : igneo, terrestre, maritimo, indubitavel, legal, etc. Observe-se aqui que as fórmas syntheticas dos superlativos dizem mais que as analyticas : *santissimo* e *muito santo* e por isso mesmo são adoptadas nos titulos e tratamentos divinos e majestaticos : amantissimo, serenissimo, fidelissimo, etc. *Gramm.* do auctor, IIª ed. *loco*. Nas negativas prefere Camões ás fórmas analyticas: É palavras sinceras, *não dobradas* (II, est. 76) No futuro castigo *não cuidosos* (III, est. 132) etc.

(100) Pedro de Mariz — padre — floresceu pelos ultimos annos do seculo XVI e morreu no seculo seguinte. Escreveu : A) os *Dialogos de varia historia*, uma especie de historia geral portugueza, 1594 ; B) *Historia do bemaventurado Sam João de Sahagum* e outros fragmentos de literatura religiosa. É auctor classico, sem grande lustre, mas agradavel.

ravilha enriquecerem os homens em tão pouco tempo, como a muitos vemos.

D'onde se póde entender que se com cuidado e artificio se continuar esta obra, com pouca despesa se póde fazer um dos soberanos Estados do mundo e edificar-se n'elle um grande imperio, como el-rei D. João III determinava; e se vivera mais dez annos, sempre viramos esta grandeza porque tem mais de mil legoas de costa e a terra d'ella muito fertil e fresca e mui sadia, e lavada de bons ares, e regada de frescas e frias aguas, muitos e seguros portos, capazes do entrarem n'elles grandes armadas, e com muita facilidade se fabricarem, pois tem para ellas mais quantidade de madeira do que ha em outra alguma parte do mundo e todos os outros apparelhos para isso necessarios em grande abundancia. (101)

Mastigam os cavallos escumando
Os aureos freios com feroz sembrante;
Estava o Sol nas armas rutilando
Como em crystal ou rigido diamante.
Mas enxerga-se n'um e n'outro bando
Partido desegual e dissonante
Dos onze contra os doze; quando a gente
Começa a alvoroçar-se geralmente.

Luis de Camões.

---

(101) N'estc excerpto que se refere ao Brazil, e por isso o escolhemos, seguiu-se o texto da ed. da *Imprensa regia*, Lisboa, 1806, em 2 tomos || Thesouro, póde-se assim escrever com o *th* etymologico, mas não assim *thesoura* que nada tem que vêr com a palavra antecedente e deve escrever-se *tesoura*. Tambem se diz *tesouras* (como se faz para certos

Francisco Rodriguez Silveira [102]

Serviço militar

Entre as grandes oppressões, que os meirinhos dão ao povo é uma das maiores a da obrigação das lanças. A qual não estar prescripta nasce do pouco zelo que

---

objectos duplos: *ceroulas, calças, bofes*) sem indicar mais de uma. «Emfim Ahias tirou a sua capa nova, puxou logo de *umas tesouras*, cortou uma vez, cortou outra, até onze vezes». Vieira, *Serm. select.* ed. Rolland. vol. 4º pg. 81. Com a orthographia do *th* muitos erros ainda hoje se commettem em palavras que o não admittem: *systhema*, por *systema*; *Theresa*, por *Teresa*; *cathegoria*, por *categoria*; *catharro*, por *catarrho*, e nos escriptores antigos: *theor, contheudo, athé, themudo, theudo, thouca* (touca) em vez de teôr, até, temudo, teúdo, touca. Ao mesmo tempo já correm com um só *t* muitos nomes que etymologicamente poderiam escrever-se com *th*: *tisica*, cantaro, trono etc. (a palavra *tisica* tambem se empregou como adjectivo: «a este tempo se ia muito consumindo de velhice e de enfermidade tisica» — *Chron. de Dom Henrique*, pg. 90.) || *Edificar-se n'ella um grande imperio*, phraze que escreveu Gabriel Soares, no seu *Tratado do Brasil*: «*pois está capaz para se edificar n'elle um grande imperio*;» outros iteus d'este capitulo de P. Mariz concordam com o proemio da obra de G. Soarez e é provavel que o auctor dos *Dialogos de varia historia*, 1594, conhecesse e aproveitasse os manuscriptos do historiador brazileiro, os quaes datam de 1587. Em Gabriel Soarez lê-se: *terra muito fertil, mui sadia e lavada de bons ares; ... mui seguros e grandes portos para n'elles entrarem grandes armadas com muita facilidade, para as quaes tem mais quantidade de madeira que nenhuma parte do mundo* etc., trechos que se devem cotejar com o excerpto acima. O manuscripto de Gabriel Soarez ficou desde 1587 em Lisboa e por mais de dous seculos, seudo impresso em 1825. || Sempre viramos; tem aqui o adverbio sempre um emprego idiomatico como nas phrazes: «*sempre* é muito tolo aquelle sujeito». «É cousa *sempre* de usurario» ou *sempre* é cousa de usurario» *sempre* haverá um que o diga» e significa: em qualquer caso, pelo menos: «E os trabalhos do seu mal *sempre* outrem os sente.» Caminha — Poesias — ed. da Academia, pg. 307.

(102) Francisco Rodriguez Silveira — floresceu na segunda metade do seculo XVI. É um auctor secundario, quasi ignorado de coevos e posteros. Os manuscriptos que deixou sobre as cousas da India, curiosissimos a todos os respeitos, foram parar no *British Museum* e só em 1877 foram impressos por A. de S. S. Costa Lobo, sob o titulo de *Memorias de um soldado da India*, com valiosas notas do editor.

ha do bem publico. Porque se n'algum tempo pareceu util e necessaria esta lei que obriga aos lavradores a que cada um tenha a sua lança, n'este que se tem clara experiencia de não servir de mais que de molestar e perseguir aos pobres homens e lhes tirar da boca de seus filhos o tributo que cada anno pagam aos ladrões que tem nome de meirinhos: que razão ha para se deixar passar adiante? Que fructo traz comsigo esta diligencia de mandarem os corregedores parecer perante si os homens de todos os logares e mostrarem se têm lanças? Pois a maior parte dos que apparecem as não têm, nem é possivel terem-nas.

Como ha o pobre trabalhador que passa o anno inteiro sem metter pé em sapato, por não poder seu suor e trabalho supprir a mais que manter miseravelmente seus filhinhos, buscar quatro ou cinco tostões para comprar uma lança de vinte e cinco palmos? Que quando ainda essa se lhe dera de graça, ficava sendo impossivel tel-a porque se a pobre choça em que vive não occupa quinze palmos de terreno, como ou donde poderia agasalhar sendo ella de vinte e cinco?

Ou é que esta diligencia seja muito necessaria ou que o não é. Sendo necessaria porque se não fazer em fórma que se venha conseguir aquelle effeito que se pretende; e se não é, para que se usa? (103)

(103) A qual não estar prescripta; já observamos (nota 80) que em geral na pontuação defeituosa dos antigos podiam seguir-se ao ponto final as proposições iniciadas com palavras de referencia *que. qual. cujo,*

O Céo fere com gritos nisto a gente,
Com subito temor e desaccordo,
Que no romper da véla a nao pendente
Toma grão somma d'agua pelo bordo
«Alija, disse o mestre rijamente,
Alija tudo ao mar, não falte accordo:
Vão outros dar a bomba, não cessando:
A' bomba, que nos imos alagando.»

Correm logo os soldados animosos
A dar á bomba, e tanto que chegaram
Os balanços que os mares temerosos
Derão á nao, n'um bordo os derribaram.
Tres marinheiros duros e forçosos
A menear o leme não bastáram;
Talhas lhe punham d'ua e d'outra parte,
Se'aproveitar dos homens força e arte.

Luis de Camões.

---

onde, que na pontuação de hoje seguem á virgula ou ponto e virgula. Seria escusado aqui apontar exemplos que são numerosos; registremos de epoca mais culta o de M. Bernardez, *Exercicios espirituaes:* «Tambem é sabida a mudança daquelloutro mundo, mais depois monge tão austero que só faltava matar-se cõ penitencias. *Cuja* causa foy outra semelhante visão». II parte, pg. 228 — ed. 1707. = A qual prescripta; as proposições adverbiaes do participio, como esta, em geral começam hoje pelo adjectivo: *prescripta a qual, chegada a hora*, etc., entretanto a inversão é bastante usual nos melhores classicos e ainda é corrente e popular nas expressões: *isto feito* ou *feito isto*. || Parecêr, fórma antiga por apparecer, como *presentar* por apresentar, *prazer* por aprazer, *venturar* por aventurar: Mui cedo, *prazendo* a Deus, serei com elle e com vosco. *Palmeirim de Inglaterra*, I, 417. Por boa morte as vidas *venturaram*. A. Ferreira, *Obras*, II, 69 (ed. 1865). Mas que fizeste meu doce Jesus quando tal bebida vos foi *presentada*? — Vida do *Beato Suso*, pg. 325 da ed. de 1764. Tem para si que bem *conselha*. D. de Teive — *Epodos*, 45. Não tendo um pobre que *presentar* correu ao rio e encheu as palmas d'agua. Bernardez — *Flor*. II, 151. || Dar de graça ou *gratis* ou a quem compra, *dar de quebra*, *dar de barato*. Usa o povo dizer *quebra* ao que se dá de graça a quem já comprou, e *lambugem* (arras) o que se dá de graça a quem espera-se que ha de comprar. Com este sentido, Filinto Elysio empregou o termo *crescença*. (Fabulas — ed. de Londres, pg. 199). *Fazer barato*, *fazer bom barato* (em Am. Arraiz) baratear, dar por pouco preço. *Quebra* ou *quebrado*, fracção, parte menor: Mas eu vos *dou de barato* a vida e a saúde e o vigor das potencias Vieira, *Serm. selectos*, vol. 4º, pg. 167. A palavra graça tambem se emprega para indagar do nome e é de uso tanto popular como literario: nos *Apolo-*

Antonio de Castilho, o antigo [104]

O Brazil

Em seu tempo, D. João III repartiu o Estado da Santa Cruz, chamado vulgarmente Brazil, que Pedro Alvarez Cabral levado á força dos ventos descobrira nas primeiras praias do Mundo novo. E para se a povoação fazer com mais facilidade, e menor despeza da Fazenda Real, repartiu aquella Provincia em differentes Capitanias e governações, na fórma, que os Reis primeiros fizerão povoar as Ilhas achadas no mar Oceano, que em poucos

gos dialogaes — (Escriptorio avarento) de Dom F. Manoel de Mello: o portuguez (moeda) pergunta ao vintem: como é a sua *graça*? (pg. 62 da primeira edição, 1721). De caminho, note-se que o adjectivo *grato* sempre teve o sentido de agradavel e não o de agradecido, como hoje lhe emprestam; póde uma pessoa ser *agradecida* e não ser *grata*, isto é, bem acceita e estimada: «Entretanto o menor cuidado do Hidalcão era destruir aquelles que lhe deram a corôa, que ainda como cumplices da traição, que lhe puderam ser *gratos*, os aborrecia ou porque lhe acordavam a obrigação ou o delicto. Jacinto Freire — *Vida de D. João* (ed. de Madrid, 1802, pg. 43). E assim era no latim, como nos primeiros classicos: *gratas arvores, sombras* e *terras*; o sentido de *gratidão* (e ingratidão e ingratos) é certo que se communicou a palavra, tanto melhor quanto *render graças, dar graças* (ou *dar as graças* — Saraiva de Souza — *Baculo pastoral*, pg. 17 da ed. de 1698) significa retribuir com reconhecimento os favores recebidos. M. Bernardez ainda escreveu: as misericordias de Deos a todos alcançam... a *agradecidos* e a *ingratos*. (Floresta, II, pg. 177, ed. de 1759). Em todo o titulo IV—Beneficios — da *Floresta*, tomo II, diz Bernardez *ingratidão*, pg. 140, 143, 157, *ingratos*, 141, 143, 149, 156, 157, *gratidão*, 152, e diz *agradecido*, 143, 156, 157, e varias vezes *agradecimento*, 152, 157, sem nunca dizer *grato*; apenas uma vez diz periphrasticamente *guardar com animo grato*, 150 (com animo alegre). Na *Escola Moral* de Diogo Guerreiro — Titulos *Agradecimento* e *Ingratidam*, nunca se diz *grato*, mas *agradecido*, ou *ingrato* (pgs. 105 *et sequ.*)

(104) Antonio de Castilho — o quinhentista, um dos avôs do grande poeta e escriptor do mesmo nome. Escreveu: A) *Commentario do Cerco de Goa e Chaul* 1573; B) *Elogio d'el-rei Dom João III* (postumo) 1655; C) fragmentos ineditos e perdidos de uma chronica de D. João e um tratado do *«perfeito Secretario»*. Leia-se a excellente nota biographica de Julio de Castilho, na 2ª ed. do *Camões* de A. de Cast. tomo III, pgs. 29 *et sequ.*

tempos crescerão com seu favor prosperas, e ricas, onde erigiu Igreja Cathedral, e enviou Governador supremo para amparar em igualdade de justiça os que a não podiam alcançar dos mais poderosos, com que amansou os Gentios d'aquella costa, e outros, que se escondiam pelo sertão repartidos em suas cabildas, sem mais outra policia, lei, ou costume, que a vontade propria: muita parte dos quaes trouxerão á noticia de nossa Fé Catholica os Religiosos da Companhia a instancia d'El-Rey D. João. (105)

João de Lucena (106)

As santas aguas da Fé

Após *a catechese*, começou a entrar em Maluco o prazer, que Isaias promettêra aos ermos e desertos por

---

(105) Mar oceano — assim tambem se dizia no latim *mare occeanum;* em D. Nunes de Lião — *Descripção de Portugal:* «donde correndo cento e vinte leguas se vem metter no *mar oceano* (pg. 76 da 2ª ed. 1785; *ibid* pg. 55 e em outros lugares. Uma ou outra vez se empregou com a prosodia latiua *océano;* mas predominou a accentuação *oceáno,* como quasi sempre succede na concurrencia das vogaes *eo, ea;* Camões disse Eólo (c. III. est. 8) Ethiópes (canto V. est. 63) e G. P. Castro — na *Ulyssea,* Eáco (canto III, 48) e diz sempre o *oceáno,* excepto talvez n'um verso: Onde começa o *océano* profundo (c. III. est. 121.) || Outra *policia;* no texto da ed. dos *Panegyricos* de J. de Barros e de Castilho, lê-se *contra* no lugar de *outra,* o que é certamente erro de impressão. || Trouxeram á noticia; ao conhecimento, á boa nova da Fé. Note-se, de caminho, o singular emprego que dá M. Bernardez da palavra *noticioso:* « correu a multidão dos judeus á casa do Bispo que já estava *noticioso* do facto » — *Floresta,* tomo IV, pg. 222 da 1ª edição) || Policia hoje se lê esdruxulo e com sentido differente do que havia: *policía*=polidez, civilisação; assim se vê em João de Barros a todo o momento, e em outros. A accentuação era na penultima: «Com silencio eloquente respondia | Do grego o brio nota e a policía» *Ulyssipo* de Ant. de Macedo, canto IX, est. 58.

(106) Padre João de Lucena — classico de graude auctoridade (1550-1600). Escreveu a *Historia da Vida do P. Francisco de Xavier,*

onde ninguem d'antes caminhava. Nasciam e floresciam os lirios, crescião os cedros e fructificavam as oliveiras, estendiam-se os platanos, os freixos davam saudaveis e frescas sombras, vestia-se a terra toda de rosas, de flôres e boninas ; que é a magestade do Libano, a frescura de Sarão, a belleza do Carmello, de que alli falla o propheta. Entendendo sem duvida por esta e outras elegantes metaphoras a formosura das virtudes e santidade dos costumes christãos, que nas brenhas incultas da infidelidade haviam de plantar os varões apostolicos com o exemplo da vida e efficacia da doutrina evangelica, a que o mesmo chama fontes, lagos, ribeiros d'agua doce, que regando copiosamente aquellas charnecas esteriles, as converterião em campos fertiles e prados verdes.... (107)

O Amor, mestre de musica

A muitos fez temer fazerem-se temidos ; e ao contrario o santo amor tudo não sómente sujeita, mas torna tão brando e macio que este foi um principal respeito

---

1600, livro sempre estimado dos estudiosos da lingua pela suavidade do estylo e pureza da locução. É comtudo pouco original e muitos dos seus periodos são, com pouca emenda, transladados de F. Mendez Pinto.

(107) Após a catechese; após a, em pós, pós de. São usos varios e todos auctorizados. Após *de* — é pouco usado, mas tem exemplos: Nós corremos *após ellas*, a morte corre *após de nós*. Vieira, *Sermões selectos*, vol. 6º, pg. 130; talvez quizesse evitar a cacophonia *após nós*. Na *Malaca Conq.* canto I, est. 88 : *após do* imigo. || Brenha — palavra antiguissima que indica o lugar mais espesso da floresta. É fórma dupla de *prenhe* (pop. *prenha*) ; Cortesão nos seus aliás excellentes *Subsidios* dá o etymo *brenia* de um trecho de *Leges*, o que nada adianta porque é a

para os antigos o fazerem mestre da musica, com que as almas se poem em bella paz e suave repouso. (108)

Lirio do campo

Lance cada um os olhos pelo campo, e a primeira bonina ou flôr em que acaso der com elles, essa colha, e tome na mão, que por nenhuma não ser muito para isso, de todas disse o Senhor: Considerae os lirios do campo. E se acertou de ser dos brancos, onde é mais pura a côr da neve? Quam guardada e encastoada traz no ouro dos olhos a semente? como se abrem, estendem e dobram a compasso as folhas! representando os raios das estrellas menos acesas? Nem se o tocamos ha setim tão

---

palavra portugueza alatinada. Outra palavra muito antiga é *charneca*, que tambem occorre nos textos latinos lusitanos e hespanhoes, o que tem provavel analogia com *charaviscal*, *chavascal* || Fertiles, csteriles, plural antigo das palavras esdruxulas, muito commum em Lucena e em Amador Arráiz: Os desformes e fracos eram precipitados de lugar alto, como á Republica e a si mesmos, *inutiles*; nos *Dialogos*, vol. I, pg. 65, ed. Rollandiana. O modo antigo de formar o plural depois das consoantes *l*, *r*, *z*, era em geral com a apposição de *es*: assim vemos ourivcses (*Leal cons.* pg. 17) *simprezes* (*ibid.*, pg. 28 da ed. 1843) em F. Mendez Pinto, o plural *arrozes*, fl. 190 da ed. já citada; e o povo ainda d'esta maneira fórma o plural *póses* e *réizes*, etc. «*Alférzes* volteiam as bandeiras — Camões, *Lus.* canto IV, est. 27. Com menor auctoridade tambem se escreveu no singular *simple* (O mais *simple* animal é nosso mestre — *Fabulas* de Filinto — ed. de Londres, pg. 171) e tambem o escreveu Ferreira d'Almeida em varios lugares do *Dialogo rustico*. (Batavia, s. d.—livro curiosissimo e ao que supponho desconhecido dos bibliographos portuguezes).

(108) Respeito; foi respeito, isto é, foi a face, o lado, a luz que se considerou no objecto. É este o sentido etymologico; fugiu sem se voltar — *sine respectu fugit* — T. Livio.

macio, tão brando e mimoso? nem no cheiro lhe fazem vantagem quantas composições do ambar e da algalia inventou a arte. (109)

A formiga

«Serra a formiga com os dentes o grão, porque lhe não nasça no celleiro; tira-o a seccar ao sol, se lhe

---

(109) Que por n e n h u m a não ser; syntaxe já fóra de uso; hoje diz-se: por n ã o ser n e n h u m a ou simplesmente: por n e n h u m a ser. Se o adjectivo é negativo, o adverbio é já superfluo; assim diz-se: — *ninguem* ouviu—e não—*ninguem não* ouviu; *nada* se soube—e não—*nada não* se soube, etc. Não estava, porém, fixada a verdadeira syntaxe entre os mais antigos escriptores: — Per *nenhum* caso *nom* fezesse o contrario. Z u r a r a, *Chron. da Conq.* pg. 141. Que *nenhum* homem que nom saiba nadar, *nom* deve passar augua... *Ibid*, pg. 150. As palavras de reforço, como *nenhum*, *ninguem*, *nunca*, em regra quando vêm antes dispensam o *não*; e até é elegancia de linguagem, com alguma discreção, dispensal-o quando occorre depois, como o fez J o ã o d e B a r r o s nos *Panegyricos:* Nem hei medo de que me chame *ninguem* lisongeiro (pg. 6, da ed. de 1791) e tambem C a m õ e s, nos *Lusiadas:* Mais descobrimos do que o humano espirito | Desejou *nunca* (canto IX, est. 69); e ainda no *Palmeirim de Inglaterra:* Senhora, já me não dá nada ser vencido; que este cavalleiro não é acostumado a o vencer *ninguem* (vol. I, pg. 420); e nos *Ditos da Freyra*, ed. de T. d e N o r o n h a): Mal se pode *ninguem* defender da fortuna (pg. 27). Alta presunçam seria a minha se cuidasse que ha *ninguem* de achar sumo ou sabor n'estes ditos (pg. 21). Por identica analogia a negativa poderá ser posposta como em M. B e r n a r d e z: o maior negocio que tiveram, *nem* hão de ter os seculos. *Estimulo pratico* (pg. 24 da 2ª ed. 1762). Logo, que mal me podiam fazer as settas da tua lingua, *nem* quantos tormentos inventar tua diabolica malicia e maldade? *Floresta*, I (pg. 59 da 1ª ed.) || F a z e r v a n t a g e m; na *Arte da Caça*, de D i o g o F e r r e i r a, pg. 72 da nova edição: na grandesa do corpo *fazia vantagem* aos açores da nossa Europa; é a expressão usual no sentido activo, e tambem se diz *levar vantagem*, exceder; em sentido opposto existia a expressão *dar vantagem* = ser excedido, ficar abaixo: «foram tão bons mestres que a nenhuns do mundo *davam vantagem* (na *Chron. do cardeal rei Dom Henrique*, da *Coll. de ineditos*, pg. 12). Note-se, de caminho, que a expressão *d'avantagem* (como no francez) serviu para formar o gráu comparativo: A gente da armada que eram mil e duzentos homens tendo recebido em Gôa *da vantagem* de quatro mil. C o u t o, *Vida de Dom Paulo de Lima. Mem. de lit. da Acad.*, V. 200) Em C a m õ e s, soneto X da 1ª edição, 1585. Em S. d e M i r a n d a: Não é tempo de ter pontos comtigo que tens taes armas *davantagem*, II, 214.

chegou a humidade, que é quanto faz ou fizera o lavrador mais próvido ; logo ou n'aquelle bichinho a previdencia não fica aquem da humana, ou elle é governado pela divina.» (110)

S. Francisco de Xavier

O doutor Cosme Saraiva no testemunho que em Goa deu da vida e obras do P. M. Francisco, diz que achando-se aqui em Malaca, n'este mesmo tempo de que agora imos escrevendo, e ouvindo-lhe muitas vezes dizer missa, um dia que a disse no hospital daquella cidade, pouco depois de ter consagrado, lhe parece que o vio suspenso no ar com os pés alevantados do chão. Agora direi, pela semelhança d'ambos os dous casos, dado que o que accrescento acontecesse em Goa e não em Malaca. Ministrando alli o padre Francisco o santissimo Sacramento ao povo na nossa igreja de S. Paulo ; diz que o

(110) Fazer; usado para evitar a repetição de outro verbo, *Gramm. port.* 11ª ed. pg. 186. Tambem o verbo *fazer* póde ser repetido na expressão : *fez fazer* = mandou fazer. « *Fez fazer* umas luvas de couro como as de que usam os trabalhadores em officios perigosos para as mãos. » *Vida do Beato Suso*, ed. 1764, pg. 64. Com sentido algo differente escreveu Camões: Este aos mais nobres *faz fazer* vilezas.—*Lusiadas*, VIII, est. 98. Taes cousas lhe *fazia fazer* o espirito mau da lisonja e adulação que trazia no corpo—Dom F. Manuel—*Carta de Guia*, pg. 146 da ed. de Camillo, ou pg. 127 da ed. Roll. 1827. E este uso é bem antigo, porque já o vemos em documentos do antigo portuguez como na lenda dos *Santos Martyres de Marrocos*, texto do seculo XV ou talvez pouco anterior, publicado por F. M. Estevez Pereira na *Revista lusitana:* « Depois desto o senhor Ifamte dom pedro de purtugall *fez fazer* duas arcas » (vol. VII—n. 3—pg. 196). Sem embargo d'essa antiguidade nos romances europeus, era outro o meneio da phrase no latim, e partieularmente em Cicero e em Cesar depara-se o emprego de *faciendum curare*.

fazia de joelhos por esta postura dizer melhor com a da mesa da communhão, que era nos degráos do altar e mais baixa, parece, do que convinha, por lhe parecer áquella alma cheia de humildade, o respeito que como os homens muitas vezes servem seu Rei á mesa de joelhos, assi o devia elle fazer aos mesmos homens na mesa onde seu Deos eterno Rei da Gloria era a iguaria... Aqui foi visto por vezes alevantado no ar mais de um covado com os joelhos dobrados como se estivera sobre elles na terra, tendo-os iguaes ao alto da toalha que tinham os que commungavam. (111)

Fr. Thomé de Jesus (112)

A Cruz

Formosa Cruz, mais resplandecente e rica, com o sangue deste divino Cordeiro, que formosos rubis. Tu foste

---

(111) Imos por *vamos*, e *i* por *ide*, são fórmas que, nomeadamente a segunda, cairam em desuso: Por isso temos por regra e instituto aprender todos a lingua ou linguas da terra, onde *imos* prégar. Vieira — *Sermões selectos*, vol. 3º, pg. 182. « *I-vos*, pastor, mui embora, | Grande mercê nos fareis » | *Trovas* do Bandarra na ed. supposta de Barcelona, 38; e em Ferreira, I, 132 com as graphias *i* e *y*: «Vaõs faustos, vans palavras | *I-ros* longe de mim, *y* tristes ventos». Não alcançou o coucgo Pinheiro o sentido d'este *y* na sua edição do poeta. Vide n'esta *Selecta* o excerpto de Sá de Miranda, pg. 49, linha primeira. || Ambos os dous e ambos de dous = expressões tidas por incorrectas por varios grammaticos e pelo ultimo editor de Lucena (ed. Garnier) José Fel. de Castilho. Mostrou Manoel de Mello nas suas *Notas lexicologicas* que a expressão é vernacula e até commum ás linguas romanas. Usaram-n'a Camões, nos *Lusiadas:* De *ambos de dois* a fronte coroada (Bellegarde—*Vocab.* 23). Outro exemplo encontro nas *Cartas* do Cavalleiro d' Oliveira: na minha ausencia bebiam *ambos de dous* á saude do cioso, do impertinente e do galante marido (tomo II, pg. 171 da ed. de Lisboa).

(112) Fr. Thomé de Jesus, augustiniano, 1529-1582; falleceu em masmorra, prisioneiro em Marrocos e ahi foi que escreveu os *Traba-*

o cabo de seus trabalhos, tu a victoria de sua batalha, tu levantamento de seu degredo, tu entrada de sua gloria e posse de seu reinado.

Tu ficas manando em rios que por ti correram de seu precioso sangue e toda banhada n'elle. Tu és a minha herança, tu a minha rica partilha que d'este Senhor me ficou. Pobre morreu em ti, de tudo desapegado, só comtigo abraçado e em ti cravado. Toda te deixou a todos os seus e toda a cada um dos que o amam. Adoro-te, abraço-te, recebo-te por um rico tesouro. Oh mais fermosa que todas as estrellas, mais forte que todos os exercitos, triumfadora de todos os inimigos ! oh como ficas no campo tão poderosa, sem poder ser derribada, nem vencida ! Já te reconheceu o Céo, já treme de ti o inferno, já te ha medo o mundo, já conhece o inimigo que o que em ti morreu é verdadeiro Filho de Deus. Já honras os que até aqui abatias, pois podeste fazer do cossario ladrão, cidadão hoje do paraiso. Tu és minha corôa, minha gloria, minha riqueza, e todos os bens por ti os tenho. A ti me acolho, a ti me abraço, em ti quero viver e morrer. Já perdeste tua dureza, já ficas suave jugo, já penhor certo da Gloria, já começo de reinar, já descanço e allivio dos que a ti se acolhem. Adoro-te, arvore de vida ; adoro-te, fonte da sabedoria ; adoro-te, muro forte contra os inimigos ; adoro-te, forno que ficas ardendo em fogo do divino e amoroso cordeiro. Rece-

---

lhos de Jesus, 1602. Tambem compoz varias obras em latim. É classico de grande auctoridade.

be-me em teus braços, n'elles me sustenta e santifica, por ti me receba o que em ti me redemin, e em ti por mim cheio de meu amor morreu. (113)

Doutrina

Perde-se muita parte da gente, que trata as cousas do espirito indiscretamente, pelas quererem levar, e seguir sem a ordem que ellas hão mister. Porque quando lêm as grandes penitencias dos santos, os grandes fervôres e excessos mentaes dos contemplativos, as operações soberanas que o amor de Deos faz nas almas mortificadas, e que tem a si já perfeitamente unidas: vão-se após aquillo, que lhes parece nos santos admiravel, e não tratam do fundamento em que Deos tamanhos edificios alevantou, nem do caminho por onde a tão altos beneficios, e dons levou seus servos. E é isto nestes nossos tempos mais perigoso, que nos passados; porque como temos agora mais cousas d'estas

---

(113) N'este e no excerpto seguinte confrontaram-se os textos da ed. de Innocencio e da augustiniana de Lisboa, 1733 (em 2 vols.) O segundo excerpto é o começo do livro. || *Ficas* ardendo; a fórma do participio em-*ndo*—nunca tem em portuguez o valôr de epitheto ou qualificativo. Comtudo assim não se dá com o participio *fervendo* (conforme está annotado por F. Costa, na minha *Gramm.* 11ª ed.); diz-se commummente: agua *fervendo*, e com a mesma propriedade se poderia dizer *neve fundindo* em vez de *neve fundente* para indicar que tal estado d'agua e da neve está a realizar-se. Bernardez assim empregou o termo — *agua fervendo* — e assim o emprega o vulgo. No *Baculo pastoral*, ed. cit. pg. 34. Comtudo, em documento do antigo portuguez encontra-se a fórma *fervente*: «E sobre todo aquesto trouxeram os vasos cheeos de oleo e de uinagre *feruente* e lançarom sobre as chaguas (*Lenda dos Santos Martyres de Marrocos* — apud *Rev. Lusit.* VII n. 3, pg. 189).

escriptas, anda a linguagem do espirito mais geralmente sabida, e menos exercitada : e muito na lingoa, e pouco na obra e experiencia.

Uma muito principal razão porque muitas pessoas cuidam de si mais do que tem, e ante tempo se tem por muito aproveitadas; é, que como Deos em todas suas obras se parece comsigo é tão fermoso nos seus começos, que muitos enganados com isso, se dão por perfeitos, e consumados só com a suavidade, e fervôr da primeira conversação de Deos. É isto como obra de um primo e perfeito pintor, cujos primeiros riscos de seu desenho logo mostram a obra que ha de ser, e desde a morte-côr, até e claro e escuro acabado, tudo parece da mão de perfeito official, e de que ás vezes alguns que pouco sabem pasmam, não se podendo, na verdade, chamar obra sua perfeita, senão a que é de todo acabada : tudo alfim é como da sua mão, mas preparativos, e caminho pera o perfeito. Assi os primeiros riscos de bons desejos, e a morte-côr dos gostos suaves que sentem os principiantes, por alguma semelhança que tem das operações do perfeito amor de Deos, parece tanto da mão de quem os dá, que é Deos, que muitos enganados cuidam, que tem chegado ao estado de seus perfeitos servos. E com isto cuidando que o que sentem é o que dos santos lèm, e ouvem, edificam telhados sem paredes, e casa sem alicerce, e com qualquer tentação caem, e são enganados. (114)

(114) N'este excerpto ha varias expressões technicas da pintura : *primeiros riscos, desenho, morte-côr* (côres geraes ou massas) *claro e escuro,*

Affonso d'Albuquerque (115)

Gôa

Foi sempre Goa, em tempo dos gentios, nomeada por cousa muito principal n'aquellas partes; e havia n'ella muita gente de pé e de cavallo; e por isso se defenderam muitos annos contra o poder do rei de Daquem. Tinham os gentios n'ella templos muito honrados, e mui bem lavrados, onde viviam uns homens como religiosos, a que chamam Bramenes, que guardam alli suas gentilidades. Tinham por costume, que se algum gentio morria, a mulher se havia de queimar por sua vontade: e quando ia a este sacrificio, era com grandes festas, e tangeres, dizendo, «que queria ir acompanhar seu marido ao outro

---

o *acabado*, etc. || Ante tempo; não se usa quasi mais a preposição *ante* = antes; mas como equivalente de *perante, na presença*. Hoje diz-se *antes de tempo*. Em Sá de Miranda: Em outros céos differentes | Que nos Deus *ante* escondera | pg. 187 da ed. de Halle (variante). Ainda teem uso as expressões *ante manhã* (antes de amanhecer) e *antanho* (o anno antes ou passado) *ant'hontem;* a mesma palavra *hontem* ou melhor *ontem* talvez se derive de *ante*, e poder-se-ia no verso de Sá de Miranda, acima citado, substituir *ante* por *ontem*. || Al fin = em fim. Cf. *ala fé, ala fem* = á fé; *a la mar, a la uma;* contraiu-se de *a la fim*, porque na lingua antiga *fim* é feminino, como para exemplo em Lucena: «Assim *na fim* de qualquer guerra em Japam quem poser os olhos na egualdade do animo e mostras de alegria de cada uma das partes, mal dirá quaes sejam os vencidos e quaes os vencedores». (Tomo III, pg. 13, ed. de Bento Farinha, 1788). Foi causa de mudança d'este genero antigo de *fim* a analogia e influxo de muitas palavras exoticas de identica terminação que eram masculinas: jasmim, serafim, miramolim, marfim, etc.

(115) Affonso d'Albuquerque (1550-1580) filho do grande heroe, governador da Iudia. Escreveu: *Commentarios de Af. de Alb.* 1557; reimpresso pelo auctor com grandes alterações, 1576. Ha outro Affonso de Albuquerque, trovador, que figura no *Canc.* de Garcia de Resende.

mundo:» e a que isto não fazia, era lançada d'antre as outras, e ficava ganhando per seu corpo pera as obras do pagode, de que era fregueza: e como Afonso d'Alboquerque tomou o reino de Goa, não consentiu que d'alli per diante se queimasse mais nenhuma mulher; e posto que mudar costume seja parelha de morte todavia ellas folgaram com a vida, e diziam grande bem d'elle, por lhes mandar que se não queimassem. Per este porto de Goa foi sempre a passagem principal pera o reino de Narsinga, e Daquem; e por esta causa havia n'elle muitas mercadorias, e vinham grandes cafilas de mercadores do sertão buscal-as, e traziam outras: e d'este commercio, que tinham uns com os outros, vieram os moradores de Goa a ser tam prosperos, que diziam, «que só ella, n'aquelle tempo, rendia duzentos mil pardaes.» Antre este reino de Goa, e do Daquem, pela banda do sertão, vae uma serra mui alta, e mui grande, que se chama Ogate, que divide estes dous reinos um do outro; a qual serra tinha certos passos, per onde se entrava, nos quaes os gentios tinham suas tôrres com gente pera sua defensão.

E postoque ao subir, esta serra seja muito fragosa, tanto que estão em cima, d'alli per diante toda a terra é chã, e muito povoada de logares mui grandes: de maneira, que esta serra fica sôbre Goa, e sôbre o mar, como um eirado. Não dou razão aqui d'esta terra; porque minha tenção é não tratar senão como o grande Afonso d'Alboquerque a ganhou aos Mouros, e não de como se elles fizeram senhores d'ella. E havendo muitos annos que

os Mouros tinham ganhado o reino de Daquem ao rei de Narsinga, e eram senhores d'elle, postoque com os gentios de Goa tivessem sempre guerra, nunca os poderam senhorear; até que o Sabaio veio ser senhor de Daquem; e este continuando a guerra com elle, foi muitas vezes desbaratado, e outras muitas vencedor; finalmente, havidos os passos da serra per traição, veio com grande podêr de gente sôbre a ilha de Goa, e esteve sobr'ella tanto tempo, até que a entrou; e tomada a cidade toda, a outra parte do reino ganhou sem trabalho, e ficou ella cabeça principal de ambos os reinos: e vendo o Sabaio velho o sitio de Goa ser muito bom, e de boas aguas, e a ilha em si muito fertil e graciosa, determinou de fazer seu assento n'ella, e tudo o mais de seu reino deixar por amor de Goa: e fez logo uns paços mui grandes, e bem lavrados; e depois de se ver alli assentado de assossego, ficou tam contente do porto, e do rio, e da disposição, que tinha pera se fazerem n'elle grandes armadas, que practicava muitas vezes com esses seus privados, «que pois a fortuna lhe dera Goa, que esperava de ganhar d'alli o reino de Cambaya, e destruir todo o Malabar»; porque estes foram sempre os maiores contrarios que elle teve; e quando Afonso d'Alboquerque ganhou Goa, haveria quarenta annos, pouco mais, ou menos, que Sabaio a tinha ganhado aos gentios. Como se soube per todas aquellas partes, que o Sabaio era senhor do reino de Goa, pela muita fama, que dos tempos passados tinha, trabalharam todos de o

terem por amigo; e o Xeque Ismael, e o grão Soldão do Cairo, e o rei de Adem lhe mandaram logo seus embaixadores, procurando muito sua amizade; e porque elle dava aos estrangeiros maior soldo, que nenhum rei da India, acudiram logo a Goa muitos Rumes, Turcos, Arabios e Persas; e com esta gente tomou muitos logares ao rei de Narsinga, e se fez grande senhor no reino de Daquem. (116)

Jeronymo Osorio (117)

Jornada d'Africa. Carta a D. Sebastião

Digo, como se não póde sempre acertar, que são mais toleraveis os erros commettidos com sobejo esforço, que os em que muitos caem por fraqueza: porque, nas coisas

(116) O P. Antouio P. de Figueredo, a quem não se póde haver por inepto, e antes foi homem de grande instrucção, fez a seu arbitrio uma infeliz classificação de classicos, onde lá para os ultimos logares ficam Fr. Luis de Souza e Vieira; e depois de dar o primeiro lugar a João de Barros e o segundo (!) a Damião de Góes, põe no quinto a este Affonso de Albuquerque, escriptor descuidoso e rude, sem quasi elegancia nem primores de estylo ou linguagem que o recommendem a tão grande estima. O presente excerpto é uma reduzida e fiel amostra do que vale o narrador; é um dos seus melhores trechos e anda reprodnzido em varias selecções, integral ou fragmentadamente; phrasear lento, arrastado, ainda que lhe não falleçam algumas qualidades.

(117) Jeronymo Osorio, Bispo de Silves, chamado o *Cicero portuguez*, por haver com elegancia escripto em casto latim varias obras, entre as quaes a *De Rebus Emmanuelis* (trad. por Filinto Elysio, em 3 tomos). Ha d'elle em portuguez as: *Obras ineditas de Hieron. Osorio*, 1818, fragmeutos na melhor parte já conhecidos e publicados.

grandes, grandes perigos não carecem de louvor; e a fraqueza é acompanhada de perpetuo vituperio.

Tambem se póde dizer que, quando v. alteza se não poder purgar de algum erro, a culpa se póde diminuir com o exemplo de grandes principes, que com o mesmo espirito cairam em grandes trabalhos. El-rei D. Luis de França, por fazer guerra com mais ardente zelo, que conselho, foi de uma vez captivo, e de outra morreu da peste sobre Tunes. Imitou nisto o grande rei Josias, que por entrar em batalha, que podera mui bem escusar, morreu elle, e com elle toda a esperança de Jerusalem.

Passo por muitos exemplos antigos, por não enfadar a v. alteza: dos modernos direi alguns. O imperador Maximiliano, sendo muito illustre principe, fez entradas em Italia, e em algumas outras partes, não sómente sem fructo, mas tambem com alguma diminuição dos principes do imperio, e de seu credito, tendo todo o necessario. Que diremos do imperador, vosso avô? Quem foi mais animoso e mais excellente Capitão? Comtudo não deixou de commetter coisas dignas de reprehensão, e de receber d'ellas mui graves damnos, como foi a entrada, que fez, em Provença, como foi a empreza de Argel, fóra do tempo: e como foi tambem o cerco de Metz.

Dir-me-ão: De que servem estes exemplos? Responderei: De se ver que, se nesta passada de v. alteza houve algum erro, este fica desculpado com exemplo e auctoridade de tão excellentes principes; porque, se elles,

com muito maior experiencia, foram enganados com os cegar o demasiado desejo de gloria : não é para espantar de v. alteza, em muito menos edade, com o mesmo ardor de espirito, cair em os mesmos inconvenientes : quanto mais que esta passada não foi de todo sem fructo ; porque viu com os olhos o sitio de Africa, como viu nesta prophecia de trabalhos, quanto se deve a homens, que padecem fomes, sedes, frios, calmas ardentissimas, e poem a vida todas as horas em risco por serviço de Deus e de v. alteza : entendem tambem como se a guerra d'aqui por diante havia de fazer : aprendem santa doutrina, que por ella se pode dizer, que foi a jornada muito bem empregada.

Esta a defeza, com que venho por parte de v. alteza : até aqui chegam minhas forças, digo letras ; se d'aqui por diante v. alteza insistir em resistir ao tempo, a quem a lei de Deus quer que obedeçamos, busque-se outro letrado melhor ; porque não me atrevo eu a defender a causa : porque, se faltar dinheiro, se faltarem mantimentos, e, não se podendo remediar a gente, que está junta, se se ajuntar a outra muita mais ; se vier uma grande invernada ; se assim pela falta das coisas necessarias, como pela contrariedade do tempo, começarem a morrer as bestas, e depois os homens ; veja v. alteza quam grande será a festa dos mouros, e quanta a tribulação dos christãos.

Não tenho eu aos moiros por tão pouco guerreiros que

esperem batalha campal, vendo que sem lança e sem espada podem ser desbaratados os nossos. (118)

Fr. Luis de Granada (119)

Parabola

Se indo de jornada um cavalheiro, viesse a parar á casa de um lavrador rico, e este (sem ter-lhe alguma obri-

---

(118) Segui n'este excerpto a lição do editor A. Lourenço Caminha — *Obras ineditas de Hieron. Osor.* — Lisboa, impr. regia, 1818, mas sem lhe dar preeminencia; as variantes das cartas de J. Osorio são muito encontradas n'esta como na edição de Paris, 1819; tres d'ellas de modo muito mais completo deparam-se nas *Memorias d'el-rei D. Sebastião* 1747, de Diogo Barbosa Machado, conforme nota Innocencio, extranhando que os dous editores o desconhecessem; accrescento que ainda dez annos antes d'isto, a carta sobre a jornada da Africa já vinha reproduzida no *Portugal cuidadoso e lastimado* de José Pereira Bayão, 1737, pgs. 333-339. Um simples confronto bastará para mostrar a disparidade dos textos. Seguindo a lição da ed. 1818, comtudo permitto-me apenas a liberdade de emendar aqui expressões incomprehensiveis — *profecia dos trabalhos* — substituindo por — *provas do trabalho;* e *el-rei Dom Luis* — por — *el-rei São Luis.* De tudo se infere que as poucas obras em linguagem de J. Osorio necessitam ainda de editor mais intelligente. || Sobre Tunes — poderia dizer *sob Tunes* se tivesse em mira a designação do tempo como em latim, *sub vesperum* (Cesar) *sub horam pugnae* (Suet.) e Beranger: *Sous Paris venger la France;* mas o A. quiz dizer: investindo, assediando, a cavalleiro de Tunes, na altura de Tunes; e por egual tropo equivalente a *circiter,* diz-se ainda: *sobre* a madrugada, *sobre* o anoitecer. Tambem póde a preposição *sobre,* e é hoje o uso mais commum, indicar o momento posterior, como se vê da palavra *sobremêsa,* postre; «Sobre mêsa lhes perguntai donde vinham.» Manoel Godinho, *Novo Caminho da India*—pg. 175, 2ª ed. — O mesmo em Lucena, I, 31.

(119) Fr. Luis de Granada, 1504—1588, dominicano, hespanhol, escreveu em castelhano e em portuguez, sendo reputado classico em ambos as linguas. Existe d'elle em portuguez o *Compendio da doutrina christã* (e treze sermões) 1559. O mais que d'elle se encontra é traducção.

gação) o hospedasse com toda a humanidade e aparato que lhe fosse possivel, e lhe pozesse uma mesa esplendida, provida das melhores iguarias e aves que tivesse em sua casa; se acabada a comida, o cavalheiro se partisse sem despedir-se, nem dizer-lhe uma só palavra de urbanidade ou agradecimento, em que conceito teriamos a este homem? Diriamos que era um barbaro; um suberbo e um inhumano, e apenas o teriamos por homem. Conforme pois a isto, em que predicamento poremos a muitos homens ricos e poderosos, que assentando-se cada dia á mesa e vendo-a provida de preciosos e diversos manjares que Deus criou, não para si, nem para os anjos, mas só para refrigerio e sustento dos homens, não dão graças a quem (sem ter-lhes obrigação alguma) assim os proveu e hospedou n'esta sua grande casa do mundo; nem ainda lhes passa pelo pensamento o lembrarem-se de tão liberal e magnifico bemfeitor e provisor, não obstante verem cada dia cheia a mesa de seus beneficios!

Quem pois negará serem mais que barbaros os que se portam com este tão grande descuido e esquecimento? Tal era aquelle rico avarento do evangelho, o qual banqueteando-se todos os dias esplendidamente, nem se lembrava de Deus, nem do pobre Lazaro, que tinha diante de si. (120)

---

(120) Inhumano — os prefixos negativos mais communs são *in* e *des* ou *de*. São poucas as palavras verdadeiramente antigas formadas com o prefixo *in*, que só se tornou frequente por imitação literaria do latim, dos quinhentistas para cá; a derivação popular é sempre feita com o pref-

Antonio Tenreiro (121)

Pombos correios no deserto

Chegámos a esta casa (a qual mandou o Grão Soldão fazer no deserto) que está situada em uma serra alta, sobre o mar. É a serra de piçarra, e pedra, que atravessa este deserto, que forçadamente todas as cáfilas, e caminhantes, assim os que vão para Jerusalém, não têm outro passo por

---

des ou *de:* desfazer, descoser, desandar, desparar, desesperar, deshumano, desfazer, desamor, desegual, &c. Alguns tiveram a fórma *in*, como *injustiça;* mas ainda em tal caso sempre (antigamente) se preferiu dizer *a sem-justiça*, e dizer cousa *sem-nome* (Lusiadas, IV est. 41) a cousa *innominada* ou quejandas expressões. A extraordinaria auctoridade de Camões, que fez populares muitos neologismos, não conseguiu tornar de uso commum *inconcesso* (*Lus.* III, 141) *inusitado* (Ibi. II, 107); é certo que tambem empregou *desusado* (*ibid.* IV, est. 13) rara vez *inhumano* (*Ib.* X, est. 46), notando-se que sempre usou das fórmas negativas *des— sem. não* (não cuidosos, III, 132) *nunca vistos, navegados* &c. Cotejem-se as chamadas *duplas* ou *divergentes*, e ver-se-á a differença de prefixo entre as populares, *des*, e as eruditas, *in* (legal, *il*legal=leal, *des*leal; equidade *in*iquo, *in*iquidade=egual, *des*egual, *des*egualdade; limitar, *il*limitar=lindar, *des*lindar). Fica entendido que não trato aqui n'esta nota dos casos em que *des* e *in* não têm sentido negativo, o que ficará para outra opportunidade, se a houver; com tudo ha uma subtileza de sentido a distinguir entre os dous prefixos *des* e *in*. Lê-se na *Ulyssipo* de Souza de Macedo: «culpa do cavallo *inobediente*» (canto X, est. 38) aqui o prefixo *in* é muito mais expressivo que *des*, porque *desobedieneia* é livre e voluntaria e o poeta quiz apenas referir-se á *inobediencia*, á inercia natural e instinctiva. Por egual poder-se-ia distinguir *inhumano* e *deshumano* (que só o é quem podia ou devia o não ser), etc. E assim é que se distinguem *incredulo* ou *incréo* (o que nunca teve crença) e *descrente* (o que a perdeu): *inusitado* e *desusado*. Ainda o prefixo *des* originou neologismos idiomaticos e antigos, de grande belleza de expressão: *deshoras*, (fóra de horas) *desamor*, *desar* ou *desaire*, *desvão* e *desaso* ou melhor, *desauso*, porque a palavra é *auso;* diligencia, industria, ousadia ou ousio, occasião e não *azo;* Barros escrevia *auso* e tambem assim o repetia Filinto (ainda que uma vez nas *Fabulas*, ed. de Londres, pg. 65, escreveu *dar ansa*. Leia-se a nota 130.

(121) Antonio Tenreiro — viveu na primeira metade do seculo XVI. Escreveu: o *Itinerario* da India a Portugal, por terra. *Coimbra*, 1560 — varias vezes reimpresso.

onde passar, senão por este. E em esta casa está sempre um alcaide Mouro, que não deixa por elle passar ninguem até que lhe não dizem quem é, e o negocio a que vai. Em esta casa se desceram os Turcos, que me levaram preso, e logo lhe disseram o negocio a que iam, e como me levavam preso ao Senhor Brahem Baxá; e como lh'o disseram, logo escreveram uma tirazinha de papel, e tiraram uma pomba de uma gaiola, em que estavam outras, e lh'a ataram debaixo de uma aza, e saindo-se fóra da casa, a soltaram; a qual se alevantou voando muito alta, até que desappareceu. E em pequeno espaço chegou á Cidade do Cairo á casa de um Mouro, onde ha outras pombas, que para este ministerio tem ensinadas; e lhe tirou o escripto, e o leram logo ao dito Brahem Baxá. Apóz esta pomba partimos logo, e andamos tres jornadas por deserto. (122)

---

(122) Seguiu-se n'este excerpto a lição da ed. citada de Fernão Mendez Pinto (de 1725, á qual vêm appensos o *Itinerario* de A. T. e a *Conquista do Pegú*). || Sobre o mar; — o texto diz — *e o mar* — onde se percebe, como é frequente, que houve a fusão de duas syntaxes: *na* serra, e *entre* a terra e o mar, ou melhor e resumidamente, *no promontorio*, por que esse termo exprime ao mesmo tempo elevação e proximidade do mar. || O Cairo — vide a nota 52 || Voando alta; a fórma adjectiva (*alta* por *alto*) tem exactamente o mesmo valôr do adverbio, sem embargo da concordancia; assim e largamente fazem os italianos: vender *cara* a vida: *É talora* (la domna) *molto* stretta *guardata*. Vide Gherardini — *Appendice allegrammat. ital.* pg. 110 — 2ª ed. — O burro... quiz tambem fazer-lhe festa | E discorreu *profundo* | *Fabulas* de Filinto Elysio, ed. de Londres, 1823, I, pg. 96. E do mesmo poeta é a interessante nota a proposito de «adjectivos adverbiados» que se depara a pg. 275 do vol. III da edição de Lisboa das suas *Obras* || Baxá e não *bachá*, muito menos *pachá*; e assim *xá* e não *shah*, etc, transcripções exoticas e improprias, contra o exemplo dos nossos antigos escriptores, que sempre escreveram com *x* essas palavras; exemplo de deformação orthographica (ou antes de leitura) é a transcripção moderna *Java* em vez de *Jaua* (onde o *u* foi lido indebitamente como *v*) diga-se *Jaua* e *Jau* ou *Jáo* (javanez). Vide Diogo de Couto

Fernão Rodriguez Lobo Soropita (123)

Carta

E indo desenrolando mais um par de voltas, no outro dia fui-me ouvir missa em uma ermida do logar, afastada algum tanto do povoado; e, antes que entrassem ao officio sentamo-nos á porta os naturaes e forasteiros que ali estavamos, e, sem ser necessario tanger campana, entramos em cabido sobre a ordem e successo da guerra; e com fios seccos dados em borda de alguidar vermelho, cortamos duas duzias de conselhos que os podera vestir o principe D. Filipe; e, sem tomar o pulso, sómente pelas aguas, receitamos mézinha que Galeno nunca ouviu nem ensinou. Em fórma que ali fizemos e desfizemos capitães, juntamos soldados, trouxemos soccorro, e alinhavamos todo o processo do cêrco; em duas palavras finalmente puzemos o remate a nossa guiza e prognosticamos para diante melhor que quantos astrologos de semente ficaram aposentados em Arraiolos.

— *Decada* IV, livro III, onde se encontra a descripção da ilha de *Jaua*, seus habitantes; cf. Diniz *Odes pind.* II, pg 341 da ed. de 1817, annotada. Os novos orthographos portuguezes como Gons. Viana são os que pedem a restituição da orthographia antiga, com excellentes argumentos, *Ortogr. nac.* pg. 198. Lucena, I. 106, diz *Jaua*.

(123) Fernão Rodriguez Lobo Soropita — graduado em leis, floresceu pelos fins do seculo XVI, editou as *Rimas*, 1595, de Camões, e achou em Camillo C. Branco quem lhe editasse os fragmentos que se conhecem e ficaram por tão longo tempo manuscriptos (*Poesias e prosas ineditas* — Porto, 1868). Camillo colloca-o entre os seiscentistas, e de facto Soropita viveu ainda alguns annos do seculo XVII; mas sob todos os aspectos, do estylo e da linguagem e do tempo, é um quinhentista.

Eu ainda que a tudo isto levava os temores moderadamente, por não parecer que me tirava fóra do jogo, todavia as mais das vezes punha batoque e ficava vendo de palanque os votos dos outros, em que cada um d'elles ficava tão seguro como se tivera os alicerces sobre a experiencia de Julio Cesar e sobre o esforço de Alexandre.

Saindo do conselho entramos na missa. A' estação, o padre por honra dos hospedes, lançou mais um pucaro d'agua na panella, e com o melhor córte de sufficiencia, que elle achou em todo seu aposento, nos armou um sermãozinho d'estes miudos que ha pouco sairam do ninho e começaram a empennar como francelhos de Ayamonte. Verdade é que o descostume de se ver entre gente da cidade lhe deixava o rosto de vez em quando acatasolado, e assim, ás varas ,chegou ao caes o melhor que poude ; e no discurso da viagem como tocava em algum baixio pegava-se logo ás comas rijamente, encarregando-nos muito que nos emendassemos e fizessemos penitencia ; porque, como aqui chegava não havia ahi mais que nadar em alto' sem lhe poder fazer nojo todo o sul de dezembro. (124)

---

(124) Occorrem n'este excerpto dous archaismos: acatasolar, de *catasol*, côr indecisa, cambiante e, como então se dizia, *canjante*, furta-côres; nojo, hoje com o sentido tambem classico de desgosto, nausea, etc., aqui tem, porém, o sentido de damno, estrago, offensa: «veendo todos juntamente que lhe nom podyam *nojo* fazer, pello ryo que entre elles era, acordarom de se tornar a seus batees» Zurara — *Conquista de Guiné* — ed. de Paris, pg. 118. Ainda com o mesmo sentido se lê na *Lusit. transformada:* A vós levanto livre o pensamento | A quem nunca esquivanças *farão nojo* (i. é. offenderão) pg. 296 da ed. de 1781. Cita Moraes, a proposito, um exemplo de Barros e outro de Castanheda, que é o seguinte (III. fl. 48): «o pellouro ia já tão morto que dando em um barril de polvora desfundado, não fez *nojo* algum». || Como tocava = quando tocava ou logo que tocava; já não é muito

DITOS DA FREYRA

(Joanna da Gama) [125]

A tristeza

Muitas vezes andamos tristes e não sabemos de que. Deus o quer assi (porque buscamos gostos contra sua von-

---

de uso esta accepção de *como*, tão frequente nos quinhentistas e seiscentistas: Deixae-vos a vós e *como* fordes outro, logo o vosso lugar será melhor — Vieira — *Sermões selectos*, t. IV pg. 187. *Como* el rei teve recado que a obra estava acabada... partiu d'Almeirim—*Obras* do Bispo de Leyria (ed. de Farinha, pg. 111). || O melhor que poude — é uma das fórmas do superlativo hyperbolico, como nota o Gherardini *op. cit.* no italiano: una prigionetta tanto devota *quanto possa piu essere*. Ed é leal *quanto ne sia nessuno*; — *oltra de piu che si può dire*, etc. Outras expressões exprimem o gráo como: *haver que farte*: Não dormes tú *que te farte* — *Gil Vicente* III, ed. Lisboa, pg. 140; a expressão popular *a valer*, como em Castilho: Era pranto *a valer* — No *Sonho de uma noite de S. João*, pg. 152. E ainda é hoje popular ou antes plebeu o emprego do epitheto de que usou o mesmo Gil Vicente para iudicar o extremo limite: Quem viu nunca toda Alfama | Com quatro ramos *cagados*—isto é, quando muito quatro ou nem tanto) no *Pranto de Maria Parda*, III, 365. Outra hyperbole é a de Antonio Prestes: Oh, minha Razão, que fruita | Póde a terra | Produzir pois te desterra | Onde o *muito do mais muito* | Que n'ella vive, se encerra. — Na 2ª ed. dos *Autos*, pg. 40 || Tocar em baixio: nadar em alto; a idéa de *mar alto* ou *alto mar*, relaciona-se á profundeza das aguas e não á distancia da terra, por isso, diz-se *baixo* ou *baixio* onde é raso e *alto* onde ha grande fundo: A *altura* na boca (da bahia de Mascote) é de vinte para vinte e cinco braças, e dentro doze e treze até ficar em seis junto da praia — P. Manoel Godinho — *Relação de novo caminho*... pg. 72; no *Affonso Africano* de Quebedo «somno *alto* e profundo, I, est. 8ª e — lá no profundo dos mais *altos* mares, *Ibid*, C. II, est. 3ª O verbo *alto-dormir*, emprega-o em varios lugares das suas obras Filinto Elysio, nas *Fabulas* p. ex. O Bieito não fingido *alto-dormia* (pg. 65 da ed. de Londres): por isso diz-se *cavernas altas* como em latim *altum flumen* e *altum silentium*. Exemplo muito caracteristico é o de Manoel Bernardez: Arrancarás ligeiramente a arvore quando tenha lançado *altas* raizes? — *Luz e Calôr*, § 201, pg. 213 da ed. 1696.

(125) Joanna da Gama, enviuvando, entrou para um Recolhimento que fundou em Evora e ahi falleceu em 1586. Escreveu os *Dictos Diversos* accrescentado de trovas, cantigas, etc. 1555; reimpressos

tade) que nos venha tristeza contra a nossa ; e de nos querer bem nolo tira das offensas que lhe fazemos.

Os tristes trazem uma nuvem negra no coração que lhe finge tudo que vêm da propria côr ; o dia lhe parece noite, a noite mais escura do que é. O pesar que está semeado no coração regam-no os olhos; oh! se podessem poer deufensivos para não entrar a tristesa por quam contraria é da natureza, que até os ossos seca, o espirito faz triste !

Tristeza faz uma obra desaproveitada para o corpo, e pior para a alma ; ha mister cauterizada como herpes.

Os tristes quando não podem desterrar a dôr, todo linagem de prazer lhe aborrece ; buscam generos de tristesa : a melhor mezinha que ahi ha para ella é a razão. Decepa o engenho a tristeza, martiriza a vida, enlea os espiritos, consume o entendimento. (126)

---

por Tito de Noronha, Porto, 1872. Não é auctor classico; aqui incluimos este, como o Soropita, Rodriguez Silveira, como especimens da linguagem sempre pura d'aquelle periodo.

(126) É apenas um especimen da linguagem do tempo este excerpto, no qual seguimos (com alterações essenciaes) a edição de Tito de Noronha. Note-se o archaismo lhe por *lhes*, conforme já annotamos em varios lugares d'este livro e encontra-se, por exemplo, nos *Lusiadas*, V, est. 64 e VI, est. 88 e em outros lugares; a palavra *linagem* por *linhagem* (origem, sorte, qualidade) do genero masculino como eram tambem *linguagem* e ainda hoje *personagem*. «Posto que haja um *linhagem* de guerra que chamam mais que civil» Arráiz, cit. nos valiosissimos *Subsidios* de Cortesão. || Consume — hoje diz-se *consome*. A alteração da vogal *u* n'este verbo e outros da mesma conjugação, tornou-se geral sem embargo dos exemplos classicos em contrario : assim hoje diz-se *destroe, foge, consome* por *destrue, fuge, consume*. Leiam-se os exemplos seguintes de Camões: Dizendo: *fuge, fuge*, Lusitano (*Lusiadas*, II, est. 61) *Fuge* que o vento e o céo te favorece (*Ibid.* na mesma est.) Mas seguindo a victoria *estrue* e mata (*Ibi.* I, est. 90) Com esforço tamanho *estrue* e mata (*Ibi.* III, est. 114) E o mundo que com o tempo se *consume* (*Ibi.* V, est. 2) — Camões diz ainda *sigue-me* por *segue-me* X, est. 76, e Souza de Macedo na *Ulyssipo* escreve: Mas já curiosa *advirte*, já se agrada (cauto IX, est. 58).

Se já nas brutas feras, cuja mente
Natura fez cruel de nascimento,
E nas aves agrestes, que sómente
Nas rapinas aerias tem o intento,
Com pequenas crianças viu a gente
Terem tão piadoso sentimento,
Como co'a mãe de Nino já mostraram.
E co'os irmãos, que Roma edificaram:

O' tu, que tens de humano o gesto, e o peito
(Se de humano é matar ua donzella
Fraca e sem força, só por ter sujeito
O coração, a quem soube vencel-a)
A estas criancinhas tem respeito,
Pois o não tens á morte escura d'ella:
Move-te a piedade sua e minha;
Pois te não move a culpa que não tinha.

Luis de Camões.

Pantaleão d'Aveiro (127)

Na terra santa

Caminhava a turca (que comnosco ia) com grande ambição e fausto, mettida n'umas andas douradas por dentro e por fóra, feitas de toda a parte em gelosia, com suas corrediças por dentro muitos ricas; e trazia portinhola aberta... ou por ventura em nos vendo a abriu com alguma curiosidade, para que a vissemos, porque era turca de mui rara formosura: ia falando com um mouro

(127) Pantaleão d'Aveiro, franciscano, floresceu pelos meiados do seculo XVI. Escreveu o seu classico *Itinerario da Terra Sancta* (onde esteve em 1563) 1593, varias vezes reimpresso.

pobre, roto, esfarrapado e descalço, sem alguma cousa na cabeça, mais que uma grande grenha e cabelleira ; o que a turca fazia por mostrar religião e santidade ; porque aos taes pobres têem os turcos e mouros por grandes santos e despresadores do mundo. Detraz da turca iam cinco andas, tambem muito ricas, com mulheres suas criadas, e quatro ou cinco em bons cavallos á gineta como homens, vestidas de preto e os rostos cobertos com véos pretos, pareciam phantasmas. Ia assim aquella turca falando todo o caminho com aquelle pobre, o qual sempre ia chegado á portinhola das andas, sem algum outro homem ser ousado chegar junto d'ella um bom pedaço.

Bem me lembra que, indo eu um dia de Bethlem para Jerusalem, mal disposto em cima de um burro, diante um bom espaço dos companheiros, me encontraram dous mancebos mouros bem valentes, a cavallo ; e porque me viram só, mui asperamente me mandaram que me apeasse por lhe fazer reverencia ; o que eu não querendo fazer se foram a mim indignados ; e eu me cheguei a uma parede de pedra insossa, que cercava uma vinha ; e lancei mão de umas pedras bradando pela companhia, que estava bem fóra de me poder ouvir, por vir muito longe. Vendo elles que os não temia, começaram com grande humildade, rogando-me que me fosse embora. E ainda na santa cidade me aconteceu outra pior com uns moços, os quaes vendo-me ir só sem companhia, começaram a chamar-me porco, cão, e outros nomes vituperosos, a seu modo : como cá tambem os nossos «frade min-

gola» ;— e eu me houve com elles de maneira que começaram a chorar. E a seu chôro acudiram seus paes e parentes que eram turcos e pessoas nobres ; aos quaes eu, com palavras risonhas e meigas, afaguei dizendo-lhes que os moços eram maganões, e elles turcos bons e virtuosos : de maneira que nos abraçámos e ficámos muito amigos ; mas isto nem sempre succede bem, e em tal conjuncção o fizera que amargára o atrevimento : lá fóra entre gente rustica corre a cousa de outro modo, por terem menos entendimento. (128)

---

(128) É proprio do estylo do auctor a singularidade de apresentar os factos com locuções e fórmas passivas : Sem alguem *ser ousado* chegar (por *ousar* a chegar) — *encontraram-me* dous mancebos (em vez de *encontrei*) || Em cima de um burro; poderia dizer *a cavallo*, como o disse Heitor Pinto na *Imagem da Vida christã :* Christo, nosso redemptor, quiz um dia entrar em Jerusalem a *cavallo n'um asninho* (vol. II, pg. 65, ed. Rollandiana) || Ensossa (parede) a que é feita de pedras em monte, sobrepostas, sem cimento ou cal (como nos restos das construcções pelasgicas) ; archaismo. N'este caso, não deriva de *insulsus*, mas de *saxum*, e seria melhor orthographar *ensoussa*. Ha no Chile o termo *pirca* com o mesmo sentido, conforme diz Amunátegui — *Barrones gramaticales*, loco, e está registrado no *Dic. da Acad.* || Mingola — pobre que pede esmolas; remotameute derivado de *mingar*, minguar, lat. *mendicare*. O suffixo—*ola*—é pejorativo e diminutivo, como em *pingola*, de *pingo* (pendicare, *Rev. lus.* III, 168) e *mingola* de *mingo* por *mindingo*, mendigo. A etymologia proposta por Meyer, *minuare*, e por C. Mich. *minuticare* (hypothetico) servem, de facto, a *minguar* mas não á forma e sentido de *mingar*, *mingado* e *mingola*, que são palavras differentes, ao meu parecer.

OS CLASSICOS

II

Os Seiscentistas

(Seculo XVII)

cm 1 2 3 4 5 unesp 8 9 10 11 12

BIBLIOTECA
C. H. LIBERALLI

OS SEISCENTISTAS

O seculo dezasete foi sempre depreciado e mal visto pelos nossos historiadores da literatura portugueza; viram mais os defeitos e disformidades do tempo que as excellencias e os primores d'este periodo. É certo que n'essa epoca se desenvolve aquella moda e máu gosto do gongorismo, da mania dos conceitos, da *arte da agudeza*, dos equivocos e trocados, de palavras ocas e sonoras com desproveito e damno das idéas; mas como haver idéas com os rigores da Inquisição? Não ha em todo esse discurso de tempo, um poeta lirico ou epico de grande folego, bastando dizer-se, sem muito erro, que F. Manoel de Mello e Gabriel de Castro foram os maiores e não foram excepcionalmente grandes, na poesia.

Ás suas falhas, porém, contrapoem-se grandes qualidades substanciaes: foi o seculo em que chegou á perfeição a polidez da prosa e da linguagem portugueza, e sem duvida n'elle floresceram os maiores classicos e os mais completos prosadores de todos os tempos da lingua: Fr. Luis de Sousa, Antonio Vieira, Manoel Bernardez, F. Manoel de Mello. Nenhum d'estes, com excepção talvez do ultimo, tinha qualidades de imaginação ou faculdade inventiva (como o não tinham os quinhentistas e apenas exceptuaremos Camões e Gil Vicente); mas suppriam essa esterilidade pela magnificencia propria de todos os latinos, pela pompa, riqueza, eloquencia, suavidade e eurythmia das palavras. São oradores que persuadem ou maravilham o auditorio, escriptores que recontam com graça e louçania as historias do presente ou do outro tempo.

« A critica de entranhas lavadas, algures diz Camillo, não deixará de ser benigna com uns defeitos que n'aquelle tempo eram

os altos quilates do estylo culto — os equivocos, os trocadilhos, os *concetti*, hyperboles rabelesianas, o estylo *pompadour*, consonancias de clausulas, homonymias, jogos de vocabulos, hypotyposes, em fim o *gongorismo* que se havia com uma doçura insidiosa infiltrado nos mais primorosos engenhos, sem excepção do padre Antonio Vieira e Jacinto Freire. Como quer que seja, ha mais talento na *Phenix renascida* que nos primeiros implantadores da escola franceza ».

O tom lugubre, triste e medieval que ainda transparece nos prosadores quinhentistas preoccupados da idéa da morte, como em Arráiz e H. Pinto, aqui se substitue por outras vozes mais mundanas, scepticas ou alegres ainda nos mais religiosos dos escriptores, como em Vieira e no mystico M. Bernardez.

A servidão da patria até quasi ao meiado do seculo, teve algumas compensações : foi benefica ás letras, renovou mais amplamente as fontes do estylo, e embora destituisse nos escriptores o sentimento da critica e da historia (estrago já realizado pelo *Index* e pela *Inquisição*) comtudo, o ser hespanhol no tempo em que a Hespanha quasi realizava a monarchia universal, dava uma certa côr de cosmopolitismo ao cidadão do maior imperio que jamais houve. Vieira e Manoel de Mello são escriptores europeus; e mais do que isto, cosmopolitas que transcendem a orbita estreita do patriotismo local. Vieira, de certo, promove, acceita e applaude a patria lusitana restaurada, mas para sonhar mais tarde a utopia de um quinto imperio do universo.

Nem antes, nem depois, houve tanta largueza e tanta humanidade na alma e no sentimento dos escriptores portuguezes.

Não podia no reduzido plano d'esta SELECTA figurar a extensa e numerosa cohorte de escriptores classicos do seculo dezasete. Poucos foram os escolhidos, e muitos, e não de pequeno merito, se não veem aqui representados que o mereceram ser: em primeira linha, os poetas que são excluidos pela natureza d'esta obra, Dom F. Manoel de Mello, F. Rodriguez Lobo, Frei Antonio das Chagas, o cantor mystico, talvez os melhores (são d'avan-

tagem prosadores e como taes foram contemplados) e depois d'estes: Matheus Ribeiro, o auctor da novella *Allivio de tristes*, Manoel de Faria e Sousa, poeta e polygrafo, Simão Machado, o auctor das *Comedias portuguezas*, os oradores João de Ceita e Filipe da Cruz (considerados por J. Agostinho de Macedo como os maiores vultos da eloquencia portugueza), Antonio de Sá, os historiographos Bernardo de Brito, Brandão, Raphael de Jesus, Severim de Faria, Brito Freire, Soarez Toseano, Conde de Ericeira (o 3º, auctor do *Portugal restaurado*), Gaspar de S. Bernardino, os moralistas ou filosofos Martim Affonso de Miranda, D. Franciseo Portugal, e Diogo de Aboim, os eruditos Alvaro de Vera, Franco Barreto e outros.

O estylo palavroso do *cultismo* foi, então, moda e molestia universal, mas os seus damnos maiores recairam na poesia ou na insulsa prosa das academias, e deixou apenas leves nodoas e vestigios na obra dos grandes representantes do seculo.

A *Academia dos Generosos*, a *Acad. dos Singulares*, e dos *Solitarios*, etc. foram as mais conhecidas; os socios passaram de umas para outras e ao termo da successão d'ellas nasce a *Academia Real Portugueza de Historia*.

São poetas notaveis do genero epico no periodo dos seiscentistas G. P. de Castro, auctor da *Ulysséa;* Vasco Mousinho, de Quebedo, do *Affonso Africano;* F. Sá de Menezes, da *Malaca conquistada;* A. Sousa de Macedo, do *Ulyssipo;* Braz Garcia Mascarenhas, do *Viriato Tragico;* F. Child Rollim de Moura, dos *Novissimos do Homem;* no genero lyrico, Bernardo de Brito, da *Silvia de Lisardo;* Diogo Camacho, da satyra *Jornada ao Parnaso;* D. Thomaz de Noronha, poesias ed. por Mendez dos Remedios; Gregorio de Mattos, edit. por Valle Cabral; A. Serrão de Crasto, dos *Ratos da Inquisição* (edit. por C. Castello Branco); Jeronymo Vahia, Soror Violante do Céo e ainda outros que figuram na curiosa collectanea em 5 volumes da *Phenix Renascida*, publicada nos começos do seculo XVIII.

Á historia literaria dos seiscentistas concernem, entre outros, tres problemas ainda não resolvidos: a averiguação dos auctores da *Vida do Beato Suso*, attribuida a Fr. Luis de Souza, a da *Arte de Furtar*, attribuida ao Padre Antonio Vieira, e o texto original perdido das *Cartas* universalmente celebres de Mariana Alcoforado, só hoje conhecido pela traducção franceza, feita no tempo.

Frei Luis de Sousa [129]

Clerigo de boa vida

Achou Dom Fr. Bartolomeu em certo lugar um clerigo honrado, descuidado em suas obrigações e entregue sem redea ao vício da gula, e ao que o mundo chama « levar boa vida». Mandou-o vir diante de si, perguntou-lhe como se chamava e respondendo, que foão de *Benavides*, «melhor, (disse) vos acertára com o nome, segundo a vida que fazeis, quem vos chamára de *Bene bibis et male vivis*.

— « Quanto melhor parecêra, padre meu, pois sois sacerdote, que se dissera de vós que tinheis esse nome ao revés, e que ereis de *Bene vivis et male bibis*.

« Trocae-o por amor de mim, e saiba eu quando por aqui tornar, que estaes trocado em tudo. »

Assim sabia o arcebispo dourar piloras de verdades amargosas com derivações engraçadas que se era occasião

---

(129) Fr. Luis de Sousa, o mais melodioso e acaso o mais puro de todos os prosadores da nossa lingua (1555-1632). Cavalleiro, militar, ferrenho patriota e depois monge. Escreveu: A) *Vida de Dom Frei Bartolomeu dos Martyres*, 1ª ed. 1619. B) *Historia de São Domingos*, 1ª da I parte, 1623. — C) deixou ainda alguns fragmentos que andam appensos a varias edições da *Vida do Beato Suso*, obra cuja traducção do latim lhe é attribuida; e os *Annaes de D. João III*, manuscripto não concluido, sem as qualidades e excellencias do grande escriptor; foi publ. por Alexandre Herculano, em 1844.

de riso, tambem davam azo á emenda. E esta fez effeito de castigo, e aproveitou ao reprehendido.

Póde ser que temeu outro mais pesado. (130)

(130) Perguntou-lhe; querem hoje que se restitua a orthographia antiga *preguntar*, e não *perguntar*, por estar aquella fórma em harmonia com a evolução phonetica, com os antigos documentos, com o exemplo do castelhano e com as prosodias vulgares portuguezas, conforme o diz Gons. Viana na sua *Ortogr. Nac.* pgs. 125-127. «O vocabnlo, diz elle, não veio do latim *percuntari*, por que a mudança de *c* em *g* só se dá depois de vogal: cf *cerco, mercar, fôrca*, em que o *c* latino permaneceu. Houve, pois, troca do prefixo *prae* (*pro*) por *per*, e a fórma perguntar é semi-erudita, posterior ás origens da lingua, podendo talvez attribuir-se a D. N. do Leão que corrige *pregunta* em *pergunta*.» Não ha que contestar quasi as razões meramente scientificas que militam em favor da fórma *preguntar;* mas como a fórma *perguntar* hoje é a mais usual e aléin d'isto foi a que teve a preferencia entre os mesmos quinhentistas, conforme diz o mesmo orthographo (*Ibid.* pg. 127) e ainda a prosodia genuinamente portugueza de *preguntar* «só com excellente ouvido» (*ibid.* pg. 125) se póde differençar de *perguntar* (que é a prosodia brasileira), e tambem em documentos antigos se depara *perguntar;* por todos estes motivos o argumento das origens não póde prevalecer, mórmente quando não está bem estabelecido; é boa a reforma orthographica quando se conforma com a prosodia mais commum. No Brazil diz-se *perguntar*, o que já indica ser essa a prosodia antiga; no *Livro da Virtuosa Bemfeitoria* lê-se: presente elle uos me *perguntaste* em que ponto ou termho stava huu liuro dos benefficios (prologo pg. XLVIII d'esta *Selecta*). No *Canc. de Dom Denys* (e cod. Vatic. 171, Colocci, 568—*Ay flores do verde pyno*): «Vos me *perguntades* pelo uoss amado!» e egual fórma *perguntar* é a que se encontra n'um documento do seculo XIII — *Rev. lusit.* VII, 64; tambem a lei phonetica da permanencia do *c* na occurrencia *rc* não é cousa positiva; apresentamos de momento, exemplos que merecem estudados: amargo, *amaricus*, sirga, xerga, e serico (Carol. Mich. *Studien*, 255) cargo, cargo; *garço* por zarco; bargantim e bergantim, sob o influxo de *barca*; enxerga e enxerca (na expressão; á *enxerca=artemalaz=*a grado e mangrado, isto é, sem escolher, a olho, e são loc. archaicas; D. N. do Lião prefere a fórma *enxerga* na sua *Orth.*) *torcula* lat., e mediatamente torga (ou torgãa) etc. N'este ponto, pois, e não é cousa commum, G. Viana deixa de ter razão. || Foão; tem o feminino *foan*: «Queres dizer como de foã — E de *foã* e de *foã*. Sá de Miranda — Os *Estrangeiros*. Acto III, pg. 129. || Dar azo; depois da nota, n. 120, pouco distante d'esta, ajunto que provavelmente houve confusão das fórmas *dar azo* e *dar auzo*. Materia que ainda falta estudar é essa da confusão de varias syntaxes e sentidos n'uma unica construcção (cousa tão commum nas proposições como o é a multiplicação de sentidos em um só vocabulo.) O verbo *azar-se* e *aso, azo* e *azado* são vocabulos muito communs em J. de Barros — *Dec.*; na segunda *Dec.* occorre em V, 5; II, 4; II, 5 etc.; e já era vulgarissimo em Fernan Lopez—*Chr. del rei Dom Pedro* pg. 16 (*aazo*) pg. 20 (*aazar*)

Brandura do Arcebispo na admoestação

Havia n'este Arcebispado uma pessoa de muita qualidade, da qual não pudémos alcançar o nome nem o estado, nem o logar certo de sua morada, que tudo calaram os relatores do caso.

Vivia mal, e o mau custume tinha-o tão captivo (que é grande mal fazer habito no peccado) que ainda que a nobreza e o entendimento lhe faziam força pera se conhecer e receber com bom animo os avisos do Arcebispo, passavam os annos inteiros em bons propositos, e nunca chegava uma hora de sair da culpa. Devia ajudar a vivenda do monte; que na verdade a vida solitaria é vida de extremos: ou faz anjos, ou demonios.

Obrigou-o com sua auctoridade o Arcebispo, que se fosse morar á cidade, esperando que ou a conversação de gente grave e religiosa o tornaria ao caminho da honra e da virtude: ou traria sobre elle tantas espias e tanta vi-

---

etc.; os derivados *desazo* e *desazado* são ainda hoje popularissimos. Em identicas circumstancias já foi observado que o verbo *punir* reune os sentidos de *punire* e *pugnare* «punir por alguem» Julio Moreira — *Rev. lusit.* VII, 304 (aos dous exempos de Filinto que tomou ao *Dicc. contemp.*, ajunte-se o de Manoel de Figueredo, no *Passaro Bisnáo*, Acto, III, sc. 1: «Meu pae que devia ser o primeiro a *punir* pela minha honra, é o primeiro a embaraçar-me». *Theatro*, t. XIII pg. 478.) O mesmo succede com os dous verbos *revellir* e *revêr* ou *revir* no sentido de coar, gottejar; ao norte do Brazil conjugam o impessoal *rever* regularmente: *réve*. || Pilloras, e *pillulas*; ha muitos que dão a etym. *pirula* que é a mesma de *perola*. Mas já havia na farmacopéa latina *pilula* como se vê de Plinio l. XXVIII, cap. 9: *vetus axungia phthisim in pilulis sumpta sanat* — «unto rançoso tomado em pilulas cura a tisica»; era quasi o oleo de bacalhão da medicina de hoje.

gilancia em sua vida, e que de corrido e apertado acabasse de deixar a vileza do vicio.

Respondeu o successo ás esperanças.

Foi Nosso Senhor servido que caiu na conta, e emendou a vida, e perseverou na emenda. (131)

---

(131) N'este e no antecedente e em todos os trechos aqui escolhidos da *Vida* do arcebispo, seguimos o texto da excellente ed. Rollandiana em 2 vols. 1850, conforme a primitiva, cotejada com a de Paris (que tem algumas incorrecções). || Sair por sahir; ainda que cruzemos os braços diante da anarchia orthographica da nossa lingua escripta, o abuso do *h* em vozes em que se não justifica o emprego d'esta letra, é um dos que reclamam prompto remedio. Já o mais antigo dos nossos grammaticos, Fernão d'Oliveira, pedia a suppressão do *h*, letra abstracta e sem som que lhe corresponda. Pouco a pouco melhor estudadas, foram desapparecendo as graphias: *author, theor, contheúdo*, etc. O estudo mais considerado do grego dissipou os erros grossciros: sy*sth*ema, ca*th*egoria, au*th*omato; a conveniencia da prosodia evitou que se adoptasse — an*h*emia ou outros equivalentes; a propria etymologia bem estudada já desterrou o *h* de *hontem, hombro, postumo* e *exuberante*, em vez dos erros tradicionaes *hontem, hombro, posthumo* (com *h* por erro no mesmo latim) *exhuberante;* nomes proprios melhor estudados já não o contém: Tereza e Thereza (influxo do francez) Teodulfo e não Th*e*odolp*h*o, etc. No curioso não rara vez disparatado *Verdadeiro Metodo de estudar*, anonymo, (Luis A. Verney), Valensa, 1747, 2ª ed. pg. 16-19 queria o auctor que exceptuados os grupos *nh, lh*, se supprimisse o *h* até dos mesmos nomes proprios universalmente conhecidos: *Oméro, Eródoto, Eródes*. Hoje excellentemente aconselha Gonç. Viana a suppressão do *h* em varios casos «quer ante vogaes, quer depois de consoante, mantendo-se apenas depois de *c, l, n*, para designar-lhes o valor de consoantes palatinas e provisoriamente quando inicial por qualificada etimologia» (*Ortogr. nac.* 288) João Franco Barreto na sua *Ortografia*, ed. 1ª de 1661, pg. 132 (de accordo com o velho Bento Pereira, fol. 55) dá ao *h* o triplo officio de *letra* (oh, nh, lh) *aspiração* (ho! ho!) e *distincção* (hei, ha, etc.) comtudo elimina-a dos suppostos grupos gregos *ch, th, ph*; vê-se que até hoje não houve progresso, mas recúo, quanto á orthographia prosodica. O erudito Duarte Nunez do Lião escreveu na sua *Orthographia* (pg. 111 da edição do *Panorama*): *h* não é letra mais que na figura»; comtudo a loptava todos os usos prosodicos, etymologicos ou arbitrarios que se faziam e ainda se fazem d'este signal. || Foi nosso Senhor servido que...: são muitos e varios os euphemismos e giros de phrase indirecta como esta *foi o Senhor servido fazer* etc., como é frequente nos escriptores religiosos (p. exemplo em Lucena, ed. 1788, pgs. 30, 132, 163, etc.); os mais curiosos euphemismos são os que velam a nudez ou violencia do pensamento, evitando a rusticidade ou a inconveniencia da expressão propria: «O que deu para dar-se a natureza» disse Camões.

Renuncia

A Dom Frei Bartolomeu quando renunciou ao Arcebispado, perguntou-lhe um fidalgo como se achava depois que se tornara a encerrar n'aquelles claustros. Respondeu com rosto alegre:

«Acho-me como negro forro, a quem tiraram uma braga muito pesada, que arrastou vinte e quatro annos com grande trabalho e grande desconsolação.

E accrescentou: «Ora desengane-se o mundo (e creiam-me como a experimentado e acutilado) que o que lá chamam dignidades e cargos honrosos, não têm mais de seu que aquellas vistas e representação de magestade, que tudo o mais são perpetuas occupações e cuidados, e os mais d'elles mui penosos.

«E o que é pior, carregam a consciencia com montes de escrupulos, e poem em risco a salvação sem mais premio muitas vezes que um letreiro pomposo e vão para os ossos secos da sepultura.

«Por isso dou infinitas graças a Nosso Senhor que me livrou de um mar sempre alterado, sempre tormentoso, e me trouxe a este porto de quietação, onde me parece que já começo á lograr os bens da gloria.» (132)

Lus. IX, est. 76; e ainda mais livremente IX, est. 60, e M. Bernardez nas *Armas da Castidade* (pg. 410, 412 etc. do vol. II dos *Varios trabalhos*, 4ª ed. 1737) A idéa do morrer por violenta e dura tambem é costume represental-a por euphemismos e periphrases: *dar a alma ao Creador, passar d'esta a melhor* etc.; em Camões, IV est. 59; V. est. 48; X. est. 54; em Heitor Pinto — *Imagem*, I, 402, 407 etc. da ed. de 1[illegible]; «meu pae que *Deus tem*» Barros — *Clar.* III, 261.

(132) Negro e *preto*. Parece que a expressão *negro*, sobre sêr a mais

Milagre de esposa

Estava Dom Francisco em Lisboa, só e em negocios da sua casa. Amanhece um dia salteado de uma febre com incendimento temeroso, que crescendo por horas acometteu a cabeça e deu em modorra. Desconfiaram os medicos. É cousa de espanto como abre os olhos e entendimento qualquer tribulação: só por isto se deviam desejar as doenças. Ensinou a força do mal ao enfermo que tinha em Santarem (era sua residencia ordinaria nesta villa) e dentro em sua casa melhor medico que todos os de Lisboa, e que só lhe podia dar saude sem estudar por Hippocrates nem Avicena: o qual era dona Jeronyma, sua mulher.

---

propria, é a mais antiga na designação da raça; emprega-a exclusivamente Zurara na *Conquista de Guiné* todas as vezes que necessita tres a pg. 400 e ainda a pg. 406, 448, etc. da ed. de Paris; note-se que o vocabulo *preto* é egual a *perto* (adv.) n'este e nos auctores coevos; um *negro* é o personagem da *Fragoa d'Amor* de Gil Vicente, e já no mesmo Gil Vicente, apparece a fórma hespanhola (*Mis cabras blancas y prietas*) mas, quanto á palavra, a lingua portugueza genericamente a possuia, embora não applicada á raça negra. Parece-me obscura a etymologia de *preto*, a não contentar-se com a fórma castelhana *prieto* que pouco adianta; Meyer Lübke deriva *prieto* de *pectre*, o que me parece inacceitavel. Não ha necessidade de insistir no vocabulo castelhano, porque desde o seculo XIII ha em Portugal a moeda *reaes pretos* (Viterbo): o som *é* do portuguez corresponde a ẽ e n'este caso o etymo *pletus* = cheio, de *plere*, satisfaz perfeitamente quanto á fórma; quanto ao sentido haveria mister imaginar uma translação; effectivamente *branco* passou a designar *vasio* (em *branco*) e *preto* designava *cheio* como era o sentido primitivo; d'esta opposição parcial de sentidos resultou uma opposição completa entre *branco* e *preto*, na designação de plenitude e depois côres, raças, etc. Isto explica ainda o sentido de *espada em preto* (não afiada, cheia ou embotada) como se vê em J. de Barros e Moraes, *loco*. Tambem o facto de que antigamente eram necessarios *dez reaes pretos*, como se chamavam, para perfazer um *real branco*, confirmou o sentido pejorativo do primeiro, applicado á raça inferior. Affirmei acima que genericamente e como substantivo *preto* não designava o

Já como quem via céo claro e sem nevoas, reconhecia por solida e verdadeira a virtude que dantes se lhe afigurava hypocrisia, ou superstição. Manda-lhe pedir encarecidamente lhe acuda com sua presença. E estava tanto em si no meio dos accidentes da doença, que na hora que a teve comsigo se deu por são. E como quem tinha experiencia dos modos porque a podia grangear, pediu-lhe que em seu nome quizesse logo visitar o Santissimo Sacramento, e em seu nome confessar-se e commungar.

Louva ella a Deus em seu coração, reconhecendo o poder divino e cobrando de tal linguagem grande animo; e deu-lh'o o mesmo Deus, logo para antes de sair de casa lhe prometter saude com palavras singelas e humildes

---

homem da raça negra, porque nos mais antigos documentos sempre se acha o designativo *negro*: Zurara, *Conquista* (pg. 400, terra dos *negros*; guinéos *negros*, ibid; terra dos *negros*, 406; uma *negra*, 411; aquelles *negros*, 371; etc.) em Ruy de Pina, na *Chronica de D. João II*, tambem se emprega o mesmo epitheto (alguns d'aquelles *Negros*, pg. 145; *negros* que Portugal hiam ja christãos, pg. 158; um *negro* christão 172); no *Roteiro de Vasco da Gama*: gente negra, 21; os *negros* começarom de comer, pg. 7. São estes documentos os do tempo da conquista da Africa e n'elles sempre occorre o designativo *negro* e não *preto*; João de Barros escrevia da *Ropica* «com tres *pretos* acham mil soldados» e escreveu sem ambignidade, por que *preto* era o nome de uma moeda—(o real preto). Ainda mesmo no correr do seculo XVI continuou como até hoje o designativo *negro*, mas já apparecem adjectivações como estas «homens que não eram muito *pretos*» (em Gaspar Corrêa, *Lendas da India*, I, 1ª parte pg. 29), em Fr. João dos Santos que na sua Ethiopia Oriental prefere a expressão *negro*, já se encontram algumas phrases taes: «os mais d'estes cafres são *pretos* como azeviche» pg. 81; «cafres e mouros, uns *pretos* outros braucos» pg. 164; «entre estes vivem alguns mouros *pretos*» pg. 251. Na *Relação* do Pe. Godinho «em seu lugar tomei um moço *preto*»; pg. 106 d'esse tempo por diante o epitheto de *negro* ou *preto* é indifferente, quando applicado substantivadamente, como nome geral, aos negros. O Pe. Nobrega — *Cartas* (ed. Valle Cabral, pg. 52 etc.) chama sempre de *negros* aos indios.

e esperanças fundadas no céo. E não se enganou na confiança, nem na promessa. Porque, quando tornou da igreja achou o doente tão notavelmente alliviado que parecia impossivel poder succeder tal sem milagre. E foi pratica commum dos de casa, que d'ella e de sua devoção procedera a melhoria, e a saúde que logo foi cobrando. Tornaram-se ambos para S a n t a r e m com uma paz e concordia do céo, ficando ella já com largueza e liberdade para viver a seu modo com seus santos exercicios e deixar os cuidados da composição corporal, que como profanidades aborrecia. (133)

---

(133) N'este excerpto que é da *Historia de S. Domingos*, I parte, pg. 304 v. segui, modernizada a orthographia a ed. *princeps* impressa no *Convento de S. Domingos de Bemfica por Giraldo de Vinha*, 1623. || M o d o r r a — o povo diz *madorna*, fórma que provavelmente se originou por influxo de *sorna*, mas já sem o sentido exclusivo de somno morbido e lethargia e antes somnolencia. Com a mesma força e sentido do texto se acha em F r. M a n o e l d o C e n a c u l o na sua *Pastoral aos ordenandos*, 1784: «Esta soberania é só propria da eloquencia amiga da verdade, á qual proposta com vehemencia não podem resistir *modorras* esquecidas.» A palavra homonyma *modorra* com o sentido de combros ou montes de pedras, parece ser a fórma integra e primitiva de *môrro* (modorro = morro) e se o seu etymo não é primevo e celtico como succede a varios nomes de accidentes da terra, talvez sejam *modorro* e *monturo* (derivado de monte) uma só e unica palavra, porque de *monturo* podia derivar-se *modouro* e depois *modorro* (ef. a f. verbal antiga *mouro* = môrro) || I g r e j a ou e g r e j a; em um dos seus interessantes opusculos diz J. L e i t e d e V a s c o n c e l l o s que se deve escrever *igreja* e não *egreja*, porque o primeiro *e* de *ecclesia* (fórma alatinada do vocabulo grego) vocalisou-se e produziu a fórma *eigreja*, e o diphtongo *ei* contrae-se em *i* e não *e*, consequintemente devemos escrever *igreja*. Nos seus valiosos *Subsidios* adopta C o r t e s ã o aquelle mesmo parecer, dizendo «*igreja* e não *egreja*, do latim *ecclesia* = eigreja = igreja. Na sua *Orthografia nacional* reproduz G o n ç a l v e z V i a n a os mesmos argumentos em favor da grafia *igreja* e aponta exemplos da condensação *ei* = *i*: Einez, Eynez = *Inez* (Ignez); *Greijól* (ecclesiola) *Grijó* (nome de povoação); *eiró*=*iró*, nome de peixe. Acredito pela minha parte que essa opinião, sem embargo de ser como é, auctorisada por nomes tão illustres, o que me fez acceital-a sem maior exame (nota 85), carece comtudo de solidos fundamentos. A singularidade de tão rebuscados e raros exemplos como *Einez*, *Grijó* e *iró*, em lingua onde o grupo *ei* occorre numerosas e infinitas vezes, e não deixaria de contrahir-se em *i* nas syllabas atonas, segundo querem aquelles philologos,

Caridade

Fôra um domingo prégar D. Fr. Bartolomeu dos Martyres, como costumava, a um lugar do termo, e vinha-se recolhendo para o convento; encontrou pelo caminho muitos pobres que o esperavam em paradas. Depois que dispendeu o que trazia (que, quando tinha com quê, sempre saía provido para estes assaltos), não no largava uma pobre velha, amontoando lastimas e dizendo que tinha concertada para casar uma filha orfã, e que á mingua de uma pobre camazinha deixava de estar amparada: que por amor de Deus lhe désse ajuda para ella; e, se lh'a dava, fizesse conta que elle a casava. Pouco bastava para mover o arcebispo a similhantes obras: mas tomava-o em tempo

---

está mostrando que este caso merece revisão mais accurada. Nem na prosodia popular, nem entre os archaismos encontramos vozes como *chirar* por *cheirar*, *dixar*, *pitoril*, *iradigo*, *sitario*, *cifar*, *ditar*, *acitar* ou outras que taes, quantas se queiram lembrar em que o *ei* protonico seguido de consoante se condensasse em *i*; apenas em certos e raros casos (como veremos), por exemplo, antes do *z* é que vemos *ei* coutrahido em *i* na prosodia vulgar (eizemplo, izemplo (exemplo) eizame e izame, *exame*) Eizidóro e *Izidoro*, Eizabél e *Izabel* e até na escripta: exempto e *izempto*. Os exemplos, pois, que aponta G. Viana ou Cortesão tenho por suspeitos e duvidosos. 1) *iró*, um d'elles, não está registrado em diccionario que eu saiba em lugar de *eiró*, que é o vocabulo como o dá Moraes e ajuuto que d'esta fórma o escreveu Dom F. Manoel de Mello na *Feira de Anexins* (eiroz, pg. 215 da ed. de Innocencio); o mesmo Cortesão, apologista da transformação *ei* = *i*, dá *eiró* e não *iró*. 2) O outro exemplo *Einez* ou *Eynez* (que póde alguma vez ser erro de transcripção y por g entre letras muito semelhantes — Egnez = Agnês) explica-se por uma fórma anterior *Enhez*, conforme veremos, do contrario seria tambem unica esta condensação antes do *n*, e em verdade, ainda nos escriptores antigos sempre se me depara *Enez* (e não *Einez*) como para exemplo em Fernan Lopez, na *Chron. de Dom Pedro*, ed. da Academia: « Este Rei não quiz mais casar depois da morte de Dona Enes» pg. 8, e ainda *Enes* a pg. 110. E o mesmo Cortesão que aponta um unico exemplo *Eines* do fasciculo *Scriptores*, n'esta mesma obra aponta e registra *Enes* que é a forma commum. 3) O exemplo *eigreja* é obscuro porque

que nem era senhor de dinheiro bastante para esmola crescida como esta, nem o esperava tão cedo. Foi cuidando que poderia fazer pera não perder o lanço de remediar a orfã e consolar a mãe, que não cessava de o importunar e amesquinhar-se. Emfim mandou-lhe que á boca da noite se achasse ao pé da janella da sua cella, que alguma peça lhe buscaria para ajuda do enxoval ; e informou-a bem do logar aonde havia de ir, para não errarem. Tanto que foram ditas vesperas e completas, recolheu-se na cella a dar ordem ao cumprimento do concerto. Fechou-se por dentro, dobrou a cama inteira em que dormia e, sem deixar peça

---

póde ser este *ei* inicial um influxo regressivo da segunda syllaba (que contém *ei*, realizando-se na primeira) e effectivamente encontramos as fórmas *eigrejas* (*Leges* ap. Cortesão) *eygleja* (idem) e eygreiga (seculo XII, n'esta *Selecta* XXVIII); na *Historia de Iria* (ibid XLIV) deparam-se Ygreja (duas vezes) e *Eygreje ;* em Fernão Lopez, *egreia* pg. 9, pg. 12, etc. da *Chron. de D. Pedro*. Supposta essa variedade de fórmas tão fastidiosamente documentadas, explica-se a contracção *ei=i* antes de z ou das letras homorganicas como esse *x* e *j ;* assim, do mesmo modo que se diz *izempto* ou *exempto*, *eizento*, diz-se tambem *peixote*, *pexote* e *pixote* e *eichão* e *ichão* (registrado em Cortesão) *egreijó* ou *grijol ;* mas este *ei* é o da segunda syllaba de egreja, igreja (ecclesiola, egreijol, Grijol e Grijó)antecede a *j* e não serve para o caso da primeira syllaba, onde antecede o grupo *gr* (*eigreja*). Assim, pois, sommadas todas as cousiderações acima expostas, entendo que *eigreja* está por metathese em lugar de *egreja* ou *egreija*, e concorre isochronicamente com estas ultimas fórmas, pois *i* não é vocalisação de *c ;* conseguintemente, a palavra póde ser orthographada *egreja* ou *igreja* com a mesma liberdade com que se trata a vogal atona *e* em *egual* ou *igual*, *edade* e *idade*. Concluo dizendo ainda, que a vocalisação do grupo *cc* é hypothese desnecessaria, porque explicando a fórma hespanhola *iglesia* o abalisado philologo R. Mendez Pidal com toda razão deriva de «*eclesiam*, fórma que se halla en algunos autores e inscripciones em vez de *ecclesiam*.» Prefira-se, pois, a graphia *igrêja*, mas sem fundar a preferencia na supposta contracção de *ei* em *i*. || O grupo EI em portuguez, revendo e modificando o que diz Cortesão nos seus valiosissimos *Subsidios*, resulta do latim nas occurrencias : 1 *ect*, *ict*, *act*, *ept* (peito, eito, leite, preceito); 2, no encontro de vogaes pela quéda da consoante: meio, correia, freio, arreigar, (me-dium, corri-g-iam, fre-n-um, ra-d-icare); 3, metathese; *eiro* por *crio* ou *ario* (primeiro, outeiro, feira, de-*primarius*, *altarium*, *feriam*); 4, antes de j,

de fóra, liou-a apertadamente. Anoiteceu; poz-se em vigia esperando (digamol-o assim) pela sua Tysbe ou Hero, por cujos amores se apercebiam setenta annos, para dormir aquella noite sobre uma tábua nua; e, para lograr tal mimo, andava naquelles furtos e cautelas. Não foi descuidada a boa velha, que de longe, e muito antes da hora aprazada, estava com os olhos de lynce na janella: tanto que reconheceu o arcebispo nella, e viu o tempo accommodado para o negocio ter o segredo encommendado, chegou-se ao pé da janella (que ainda então não era o convento cercado); e, feito signal, recebeu a trouxa que o arcebispo lhe lançou. Levou a pobre mais do que esperava; deu o arcebispo tudo o que possuia; ella foi rica; elle ficou sem ter com que se cobrir. (134)

---

z e de vogal; resulta da affinidade e confusão dos sons *ê* ou *ei* (bêjo e *beijo*, desejo e deseijo, pêxe e *peixe*, fêxe e *feixe*, arêa e *areia*, idea e *ideia*); n'esta categoria é que se condensa por vezes em *i* quando protonico, *arriar* por arreiar, *pixote* por peixote, *izempto* por exempto, *Grijó* por Greijó. No titulo *ei* dos *Subsidios* carece de fundamento ao meu parecer a supposta vocalisação de *d* (cadeira não póde provir de *cathedra*, mas remotamente de confusão entre *cathedra* e *quadriga*, no eng. *kadrega*, no milanez *kadreja* etc. Meyer-Lübke I, 445); tambem não é fundamentada a vocalisação em *i* do *g* antes da nasal (fieima e fiegma); em occorrencia da voz *ema*, a vogal anterior *i* (as vezes *u* depende do *m* e não depende da existencia de *g*: diz-se *fleima*, como se dizem *teima* e *queima* onde não ha *g* que se vocalize; em *reino* naturalmente se desenvolvem as fórmas regnum, *renho*, *renio*, *reino*, por que *nh* = *ni* (com este *i* brevissimo) e nem jamais o *gn* latino teve a prosodia *ghn*. Esta occurencia é a que explica as fórmas Agnez=Egnez=Enhez—*Eniez*=Einez, é em fim, um resultado parallelo e independente de *Enez* e *Inês*, que prevaleceu desde o seculo XV.

(134) Esperando pela sua Tysbe ou Hero; o episodio de Thisbe foi admiravelmente vertido de Ovidio por A. de Castilho, na traducção (em parte aproveitada e melhorada da de Bocage, III, da ed. de 1806) das *Metamorphoses*, tomo primeiro e unico publicado, Lisboa 1841, pgs. 180 *et segu.* A comparação da aventura de Thisbe é aqui mais adequada que a de Hero, porque é uma parede, e não o mar, o que separa os dous amantes. || A boca da noite = ao anoitecer; locução popular e

O arcebispo e o minino

Como andava com tanta diligencia (o arcebispo D. Fr. Bartolomeu dos Martyres) em poucos dias corria muita terra. Mas queixavam-se os seus que não podiam aturar a continuação do trabalho, dos caminhos, das invernadas: elle só com trabalhar mais que todos soffria desassombradamente todas as incommodidades: e nos caminhos por fragosos e asperos que fossem era o primeiro que os accommettia, pondo-se na dianteira.

Passava um dia de um logar para outro: salteou-os uma chuva fria, e importuna que os não largou na mór parte da jornada: e corria um vento agudo e desabrigado que os congelava: tinha-se adiantado o Arcebispo, segundo seu costume, que era de caminhar quasi sempre só para se occupar com mais liberdade em suas contemplações: e ia fazendo materia de tudo quanto via no campo e na serra para louvar a Deos; offereceu-se-lhe á vista não longe do caminho, posto sobre um penedo alto e descoberto ao vento e á chuva, um minino pobre, e bem mal reparado de roupa, que vigiava umas ovelhinhas que ao-

---

idiomatica como outras que se formaram de *barba* (metaphora muito querida de J. de Barros (*Dec. 2ª*, I, 2; III, 4; V, 8 etc.) «Senhores, isto é já *boca* da noite» D. Francisco de Mello, *Feira de Anexins* § 8, 17. Visinhança e contacto expressados por *boca* e *barba* tambem se deparam por vezes com o emprego do vocabulo *lingua do mar* que exprime a parte d'elle convisinha á terra: «*lingua* das ondas» diz J. Barros com este sentido em exemplo colhido por Moraes. Accrescento o do Padre Manoel Bernardez: «Aquella noite foi a caixinha navegando largos mares e pela manhã se achou arrimada á parede da casa de Abrahão que morava junto á lingua da agua» *Nova Floresta*, III, pg. 250 da 1ª edição.

longo andavam pastando : notou o Arcebispo a estancia, o tempo, a idade, o vestido, a paciencia do pobrezinho : e viu juntamente que ao pé do penedo se abria uma lapa, que podia ser bastante abrigo para o tempo : movido de piedade parou, e chamou-o, e disse-lhe que se descêsse abaixo para a lapa, e fugisse da chuva, pois não tinha roupa bastante para a esperar: Isso não, respondeu o pastorinho, que em deixando de estar a lerta, e com o olho aberto, vem logo o lobo, e leva-me a ovelha, ou vem a raposa e mata-me o cordeiro : e que vae n'isso ? disse o Arcebispo. A mim vae muito, tornou elle, que tenho pae em casa, que pelejará commigo, e tão bom dia senão fôrem mais que brados : eu vigio o gado, e elle me vigia a mim : mais val soffrer a chuva. Não quiz o Arcebispo dar mais passo, esperou que chegassem os de sua companhia, contou-lhes o que passára com o minino, e accrescentou : «e este esfarrapadinho innocente ensina a Fr. Bartolomeu a ser Arcebispo. Este me avisa que não deixe de acudir ; e visitar minhas ovelhas por mais tempestades que fulmine o céo, que se este com tão pouco remedio para as passar, todavia não foge d'ellas respeitando o mandado de pae mais que o seu descanço : que razão poderei eu dar, se por medo de adoecer, ou padecer um pouco de frio desamparar as ovelhas, cujo cuidado, e vigia, Christo fiou de mim, quando me fez pastor d'elias ? » (135)

(135) Roupa, do b. latim *raupa* (Bento Pereira e Cortesão). Tem o sentido que se lhe conhece no portuguez ; comtudo, com o significado de provisões, carga, bens, propriedades, como no italiano, e-

A Claustra

Reinava em toda e por todas as mais religiões, o feio monstro da *Claustra*. E como é ordinario, que herva má cresce, e arreiga, e se faz senhora do campo, com o mesmo tempo que para as boas é contrario, assim como as discordias da igreja e dos reis, e reinos, crescia este monstro e assombrava a terra com liberdades e devassidão. Déra-lhe principio uma grande peste (e não é de espantar que de tal mãe nascesse tal filho) que pollos annos do Senhor de 1348, correu toda a redondeza da terra, com tanta furia e rigor, que affirmam os escriptores, matou de dez partes dos viventes, as nove. Assim houve lugares inteiros assolados, gerações acabadas de todo, infinitas fazendas e herdades desertas, e sem dono.

---

ainda não registrado nos diccionarios, encontra-se, talvez por influxo d'esta lingua, em mais de um escriptor classico; no Itinerario do Pe. Manoel Godinho lê-se: Tornam então as ondas a trazer para est'outra banda da Arabia o cançado navio que com grande pressa fazia resgate de agua por muita *roupa* que ao mar se alijava». *Relaç.* pg. 78, e ainda occorre outro exemplo na mesma obra, pg. 83: «por ter n'estes annos atraz muita quebra nas *roupas* que lhe levaram os estrangeiros». É certo que já anda mencionada nos vocabularios a expressão *roupa de francezes*, isto é, bens, cargas de piratas, que o eram então os francezes, que combatiam o monopolio maritimo colonial das nações ibericas. || Val, fórma verbal por *vale*; já indicamos a suppressão commum d'essa vogal depois de *l* o *r*: *quer* e *requer*, por quere e requere; *val*, por vale; *cal*-te, por *cala*-te, ainda de uso popular (muito commum em Gil Vicente, tambem o é em Antonio José, o Judeu nas suas operas; nas *Variedades de Proteo*: «*Cal-te*, nescio». P. I. sc. II e na mesma scena: «*Calte*, não sejas blasfemia» pgs. 279 e 289, *Theatro Comico*, tomo II, ed. de 1878. No portuguez archaico tambem se depara *sal* por *sale* (*salir*=sahir) «E se Pay Martinz ante sal ca eu per morte» Doc. de Pendorada, seculo XIII ap. Viterbo. O mesmo se vê nas palavras *revél* e *rebél*, em lugar de *rebelle*. Veja a nota 37 || Está significando — é uma fórma inchoativa de grande elegancia para exprimir a acção presente e que continúa — *está cantando, está chamando, chovendo* etc. No extremo norte nota-se o brazi-

E quanto ás Religiões, succedeu em muitos conventos não ficar nem um só frade com vida. Acompanhou-se a peste de apertadas esterilidades de todos os fructos da terra, causadas parte de grandes e continuadas invernadas, que não davam lugar a se fazerem as sementeiras: parte da falta e doenças dos que as havião de fazer; ajudando-se assim as calamidades umas ás outras, como a porfia. Seguiu-as outra tempestade geral de miserias nos povos, que escaparam com vida: e foi um tão grande medo da morte, que todo o cuidado e emprego de todos era buscar meios de boa vida alegre e folgada entregando-se a mimos, delicias e passatempos.

E como acontece a convalescente de longa e perigosa

---

leirismo *fala falando*, expressão que foi explicada por Bias Mendes em uma nota, que por inedita e curiosa aqui inclúo: «Os portuguezes quando querem exprimir duração ou continuidade na acção do verbo, servem-se do auxiliar *estar*, e dizem, por exemplo: *Elles estão falando; está ehorando*, ou antes: *Estão a falar, está a chorar*, etc.

«No Brazil, porém, usa-se de preferencia aquella primeira fórma (estão fallando), para indicar a actualidade na acção; e para exprimir duração ou continuidade costuma o povo do interior repetir o verbo d'este modo: *Estão fala falando, ralha ralhando*, etc.

«A expressão *fala falando* constitue um brazileirismo, e não ha duvidar que em tudo por tudo seja a traducção litteral d'esta construcção tupi: *Aitú*=elles, *oñeen*=falando, *ñeen*=fala, *oicô*=estão (=*elles fala falando estão*) o que já observou Couto de Magalhães, em cujas Lendas se encontram muitos exemplos similhantes.

«Assim é que neste brazileirismo a palavra *fala* se tornou invariavel, porque é tomada indefinidamente como o segundo verbo tupí (que não tem prefixo pronominal), e posta, como está, na terceira pessoa do singular, traduz fielmente o verbo *ñeen*, de cujo especial emprêgo deriva em summa o brazileirismo.

«Vê-se, pois, que este *fala falando* é egualmente applicavel ao singular e ao plural, indistinctamente. Assim dizemos: *Elle ou ella está* MATA MATANDO... *elles* ou *ellas estão* FALA FALANDO... E d'este modo significamos a duração do falar ou o — conversar, que tudo isso quer dizer *ñeen ñeen*.»

enfermidade, que tudo o infastia, de tudo se offende, tão mimoso fica, tão descontentadiço, e mau de servir como se tornara aos annos da idade pueril: assim fugiam todos a tudo o que era trabalho corporal ou cuidado de espirito. De filhos de tal gente e de tal criação, começando-se a povoar de novo os conventos, encheram-se da mesma frouxidão, e preguiça. Qualquer pequeno accidente fazia renovar a memoria do mal antigo, e o medo delle obrigava os bons espiritos, que nunca faltaram alguns em tanta pobreza e em condescender com a fraqueza e miseria dos pusillanimes: e por muito que desejavam acudir ao desemparo espiritual não se atreviam a uzar da força, que viam ser necessaria, umas vezes desconfiando dos sujeitos vidrentos e para pouco: outras com medo de lhes faltar quem aturasse nos mosteiros que estavam Ermos. Assim se perdeu o rigor, e entrou em seu logar vida descançada, solta, e livre. Chamaram-lhe os que a consideravam, C l a u s t r a. Nome a meu parecer inventado da sutileza cortezã, pela figura que os rhetoricos chamão *Antifrasis*, que é significar a cousa por contrario: visto como a palavra Claustra, de sua natureza, está significando encerramento, fecho, e aperto: que é o mesmo, que então faltava, ajudado do pouco valor, que em todo estado havia: e tal era a vida, e o espirito no geral das religiões desta idade. (136)

(136) R e l i g i ã o tem aqui o sentido de casa, convento e mosteiro em que professam religiosos || M i m o s o; é este um dos rarissimos adjectivos do suffixo *oso* que têm sentido passivo e força do participio verbal; já vimos o caso do qualificativo *noticioso* com o exemplo do Padre

F. Rodriguez Lobo [137]

Descuido

Um meu conhecido, n'um bairro de pouca visinhança tinha em Lisboa amores com uma moça que lhe estava já affeiçoada; falava-lhe de uma janella, e ambos se temiam de outra, donde um visinho de parede em meio os espreitava: por se livrar deste inconveniente, deu-lhe a moça ponto para uma noite lhe falar de mais perto, entrando pela janella, fazendo primeiro certo signal, com que ella havia de acudir. Buscou elle para isto uma noite chuvosa e escura, poz sua escada, subiu; e errando a barreira, foi bater e fazer o signal na janella de que se vigia-

---

M. Bernardez (nota 105) que aliás não é mais seguido; do adjectivo *mimoso*: «uma criança *mimosa dos paes*» isto é, a que recebe mimos. Em Fr. Gaspar de São Bernardino — *Itinerario da India*: «Foy Ale homem nos bês da fortuna riquissimo, na opinião de muyta pera cõ todos; e nas armas destrissimo inda que *da ventura* pouco *mimoso*» pg. 225. Por egual fórma exprime-se Pedro de Mariz: «Mas como os christianissimos Reis de Portugal sejam sempre tão *mimosos* de Deus ...» *Dialogo de varia historia*, tomo II, pg. 159 da ed. de 1806. No romance *Diofanes* attribuido (falsamente) a Alexandre de Gusmão, pg. 130, ed. de 1790, occorre exemplo identico. Na lingua antiga dizia-se *veneroso* por *venerando*; na minha *Gramm.* cito o exemplo de Zurara, pg. 144: «Amava muito a *venerosa* castidade.» Como quer que seja, parece que o adjectivo *mimoso* foi o unico que ficou com tal emprego na linguagem corrente.

(137) Francisco Rodriguez Lobo — nasceu em Leiria e conta-se que morreu afogado no Tejo, em data incerta, posterior a 1623. É um classico de grande auctoridade e cujo estylo participa, em muito, dos quinhentistas. Escreveu: A) *Romances* 1ª ed. 1596; B) *Eclogas*, 1605; C) *A primavera*, 1619; D) o poema epico o *Condestabre*, 1610, obra inferior; E) *Corte na Aldeia*, 1619, e outras varias obras menores. Uma segunda parte da *Primavera* foi publicada com o titulo de *Pastor peregrino* (que é muito estimada) e terceira parte, com o de *Desenganado*.

vam. Acudiu o visinho, e abrindo-a, viu o namorado seu erro á candeia; e com o sobresalto desta desgraça, caiu com a escada e com o segredo na lama. (138)

Novellas

A este tempo, mandou juntamente alçar a mesa e levar luz á escada. Subiram o doutor e D. Julio, saudaram-se com muita alegria, e sentando-se perto do fogo, disse o velho:

— Muito deveis ambos á Solino, porque vindo a esta casa com Pindaro, de quem foi convidado na cea, e tendo a minha em estado que se podia aproveitar de alguma coisa d'ella, vos achou menos, e perguntou a

---

(138) Tinha amores com, ou tambem, *andava de amores* com, etc. eram expressões outr'ora mais frequentes com este plural, mais largas e significativas, porque a um tempo indicavam os sentimentos e conversação de duas pessoas. A imitação da literatura franceza substituiu-as pelo verbo *amar*, que nunca conseguiu popularizar-se. Nos seus *Sonetos* só emprega Camões o singular *Amor* para indicar o sentimento impessoal, abstracto ou o deus Cupido; no mais, diz sempre *amores:* Vos só com vosco mesma *andai de amores*» (Son. XXVII) O triste fim que davam meus *amores* (Son. XLIV) Dir-lhe-ei que n'esta regra dos *amores* (Son. XLIII num. segundo a 1ª ed. de 1565) etc. O influxo francez não fez mais que restituir as fórmas usuaes da lingua archaica em que o plural *amores* (F. Lopez — Chron. D. Pedro I, pg. 24) indicava sentimentos deshonestos ou desordenados; *amar, querer bem, bem querença* (pg. 24 e outras, na *Chr. de D. Fernando*, 342, 343, 359 etc.) Dom Duarte no *Leal Conselheiro*, no cap. RIIIJ, *as maneiras d'amar* as distribue em quatro: «*bem querença* prymeira, deseio de *bem fazer*, segunda. *Amôres*, terceira, *amyzade*, quarta, (pg. 148) «amar per grande amyzade ou ryjos amores» (pg. 151). O sentido de *amores* é alguma vez do singular, se é tratamento intimo.—Assim o quiz dizer com graça Castilho na *Noite de S. João:* Amorinhos, és tu? és, amorinhos? (pg. 188) || Parede em meio ou parede meia; já fiz vêr a distincção em a nota 78. *Meio* póde ter valor adverbial ou de adjectivo, e n'este caso é variavel, como se vê em Lucena « Outros já mais pesadamente e *meios* escandalizados do que o padre fizera » *Hist. de S. Francisco de Xavier,*

causa da tardança: signal é este de amor e da pouca razão, com que o temos por desobrigado de toda a affeição dos amigos.

— Não é Solino tam descuidado do que lhe eu mereço (tornou D. Julio) que se esqueça de mim, e de quanto sentirei perder horas suas, e pelo interesse das da conversação do doutor, tivera em menos conta, se as não desejara; e além disto posso affirmar que está pago da lembrança que teve, com a diligencia que fizemos pelo trazer comnosco, que voltamos pela sua porta, e eu atirei uma pedra á janella, de onde me disseram que ceava com Pindaro, e cada um dos dous me fez inveja.

— Ah! snr. D. Julio! (respondeu elle) tam grande trovoada de cumprimentos secos não podia deixar de lançar pedra. Eu tenho feito a conta e sei que não posso pagar o que vos devo, além d'essa honra e mercê, senão com a

---

II,217; « Descança e d'aly olha as varias sortes | Dos mortos pelos campos e meos vivos » Rodr. Lobo — *Condestabre*, pg. 333 da ed. de 1785; e na *Malaca conquistada*: « Gritando *mêa* descalça e mal vestida » canto VIII, est. 56 — e assim outros muitos exemplos em todos os tempos da lingua. || A janella de que se vigiavam, isto é, da qual *eram vigiados*; é a fórma francamente passiva com a particula *se* de que se deparam muitos exemplos nos classicos: na *Arte de Caçar* de Diogo Fereira: «sempre *se* uson pelos nobres deste reyno» (pg. 25); em Camões, nos *Lusiadas*: «Tiveram longamente na cidade | Sem *vender-se* a fazenda os dons feitores» (canto IX, est. 1.) «Por elle, o mar remoto navegamos | Que só dos feos phocas *se navega* (canto I, est. LII). São ainda exemplos, entre muitos que se podiam addnzir, de voz passiva com a particula *se* o de H. Pinto: «A verdade é que hi ha verdade e que *se acha dos* que a buscam com verdadeiro coração» *Imagem da Vida Christã*. II, pg. 63, e o de Gr. Almeida: «Estando o céo muito claro, mui claro e azul, *se viu* notoriamente *por* muitas pessoas que estavam no campo onde se fazem as feiras... vir da parte de Galliza uma cruz aspada como a de Santo André». *Restauração de Portugal prodigiosa*, III parte, pg. 58, da ed. de 1643-1644. Esta syntaxe parece que foi encaminhada por outros modos de dizer com o

humildade, com que a todas reconheço por vossas. Dae-vos por satisfeito de meus desejos, e de pôr aqui ponto nos cumprimentos, porque não tenho polvora mais que para a primeira salva.

—Já eu me quizera metter em meios (disse o doutor) porque se vos ateardes em cortezias, não haverá quem as pague, se não fôr Pindaro, que tem uma corrente tam arrebatada que não dá váo a nenhuma rhetorica do mundo.

—Agora (arguiu Leonardo) levastes tres d'um tiro: não me dou por seguro n'este logar, ainda que é de minha casa; porém não tendes razão contra Pindaro, que, cada vez que o ouço, me parece um livro de cavallarias. Se elle tivera encantamentos escuros, castellos roqueiros, cavalleiros namorados, gigantes soberbos, escudeiros discretos e donzellas vagabundas, como tem palavras sonoras, razões concertadas, trocados galantes, e periodos que le-

---

verbo activo, mas com o sentido passivo como se vê, por exemplo, em João de Barros: «Castiga Deus as mais vezes os christãos *por* gentes infieis e barbaras ou *por* christãos de má vida e custumes abominaveis e torpes» —*Panegyrico*, ed. 1791, pg. 25. Phrases semelhantes a esta e á de Ferreira, que se vae citar adiante, foram naturalmente precarias e apenas prepararam o uso definitivo de hoje: «Toda piedade e amor que *se devia* | *De* tal filho a tal pae, tens bem cumprido.» *Elegia* VII, pag. 92, tomo II, ed. 1875 (entende-se uo exemplo: amor a tal pae que devia ser cumprido por tal filho). É util e é opportuno aqui notar-se que as differentes fórmas de voz activa equivalentes á passiva, têm cada uma o seu significado especial; quando não se conhece ou quando se não quer declarar o auctor ou agente da acção, muitas vezes multiplo, numeroso e anonymo, é preferivel a fórma vaga da activa: «destruiram a poute»—«apedrejaram o santo», «deram-me esta noticia», «dizem» etc. N'este caso o sujeito exprime-se como sendo numeroso ou quasi impessoal; referindo-se a Christo resuscitado que poucos viram, disse H. Pinto, Imag. I, pg. 66 «*foi visto* na terra» como se dissera apenas: houve quem o visse ou

vam todo o folego, podera pôr a um canto o Amadis, Palmeirim, Clarimundo e ainda o mais pintado de todos os que nesta materia escreveram, e já tive em o persuadir que se mettesse em uma empresa similhante; porém receio que se me ensoberbeça com a altivez a do seu estylo e despreze aos amigos.

— Não merecia eu, snr. Leonardo, a vós, nem ao doutor, (disse Pindaro) que tomasseis meus defeitos por materia de vossa galanteria. Fallo como sei, e cada um se estende, conforme a roupa com que se cobre. Não sou tam philosopho como o doutor, tam cortezão como vós, nem tam engraçado como Solino, nem tenho maiores penas do que a gaiola; porém se abrira as azas para compôr livros, não houveram de ser de patranhas. Por isso fiáe mais de meus pensamentos.

— Nunca o tive de vos offender (respondeu o velho) nem me parece com razão a vossa desconfiança, nem podeis fazer tam pouca conta dos livros de cavallarias e dos

---

certos que o viram—A razão d'essa subtileza é que o plural no verbo ou no substantivo indica certa indeterminação cf. «mataram e foi morto» — (cf. uns pós, uns papeis) «começou a sentir *umas dôres*» Fr. Luis de Sousa, *Vida do Arc.* III, pg. 7 da ed. de 1890 «uns ciúmes» no excerpto *Novellas* que se verá adiante, de Rodriguez Lobo) D'este exame passamos insensivelmente á consideração do emprego de *se*. O *se* apassivador e singular salva um pouco o sujeito aquella indeterminação «*Escreve-se* nas cronicas antigas d'Inglaterra, donde esta historia foi tirada» = foi escripto pelos cronistas ou está escripto. *Palmeirim*, I, 217. Assim dizem egualmente os italianos: *contasi nelle storie che... Leggesi di Salomone che...* (*apud* Gherardini *app. alle Gramm.* 309); d'aqui se encaminhou a syntaxe de *se* sujeito, tão malsinado dos grammaticos de hoje, mas de uso antiguissimo, pois já com as fórmas *si, se, saei* e *sik* existira no gotico, no valaco, no anglo-saxonio e no sueco; no antigo portuguez deparam-se alguns exemplos como o do *Leal Conselh.*: — falso tes-

famosos auctores que os escreveram, e que mostraram n'elles a sua boa linguagem, com toda a perfeição; a graça de tecer e de historiar as aventuras; o decoro de tratar as pessoas; a agudeza e galanteria das tenções; o pintar das armas, o betar as côres, o encaminhar e desencontrar os successos; o encarecer a pureza d'uns amores, a pena de uns ciumes, a firmeza em uma ausencia e muitas outras coisas que recreiam o animo, e affeiçoam e apuram o entendimento. Se vós tendes por desprezo compor livros de cavallarias, eu vos desengano, que pertencem mais coisas ao bom auctor d'elles, que a um dos letrados, philosophos ou juristas, com que desejaes de vos parecer: porque lhe importa saber a geographia dos reinos e provincias do mundo, para encaminhar por ellas a sua historia; ter noticia dos nomes e cousas que usam naquellas partes, d'onde faz naturaes os cavalleiros; saber o estylo da côrte para as mesuras, gazalhados e cortezias, conforme as pessoas introduzidas; conhecer da justiça, do torneio, do saráo, a ordem, as leis e as gentilezas, entender da bastarda e da gineta o

---

temunho per o qual *se defende* todas as mentiras — pg. 144; ainda nos tempos classicos vê-se o exemplo de Barros: *se nota os perigos* (na minha Gramm. 11ª ed., 219); em Francisco Manoel lê-se: «Não *se* lhes *chame* damas nem *se* lhes *consinta* galauteios» *Carta de guia*, pg. 94 da ed. de Camillo; o editor da de 1827 emendou o segundo verbo para *consintam*, pg. 47, e illogicamente; na mesma edição de Camillo ainda se lê á pg. 107: «*aborrece-me umas maias* muito eufeitadas» com syntaxe muito affim com a do *se* sujeito. O mesmissimo se vê em Antonio Prestes: Um rol que eu levava a feira | A comprar uma joeira. E *outras cousas* que *me esquece*—no *Auto do Procurador*, pg. 106 da ed. dos *Autos* || Em conclusão, ainda que o não queiram os grammaticos, vem de seculos e não é francezia, e muito menos recente, o uso de *se* com o valôr de sujeito da oração. Os exemplos são muito frequentes para que se tenham a mera conta de descuido ou inadvertencia.

que convém para pintar o encontro, a queda, o acêrto, o desar, o brio ou descuido de um cavalleiro ; debuxar o cavallo nas côres; concertal-o nas redeas, no pisar, no arremeço, na furia, na destreza, nas carreiras, chaças e rodeios; e sobre o reconhecimento de todas as sciencias e disciplinas, tambem ha de ter alguma noticia dos nigromantes antigos, para os encantamentos que servem de bordão e valhacouto aos historiadores.

— Tenho por mal empregado (disse então o doutor) tanto cabedal em coisa de tam pouco interesse; e não sou de voto que o auctor que tiver as partes que vós dizeis que são necessarias para essa composição, se occupe nella. De que servem livros de cavallarias fingidas? E, se ha ociosos que os leiam, porque ha de haver algum que o escreva ou que espere algum fructo de trabalho tam vão?

—Mas que certeza tam grande (tornou L e o n a r d o) que cada um approva o que segue, sendo assim que ninguem se contenta do que tem! Desejaveis agora que todos os livros e todos os homens tratassem sómente da vossa profissão, e fossem juristas e philosophos? Pois, inda que eu sou bacharel em linguagem, me atrevo a contradizer essa opinião, adquirida em latim : porque para recreação, policia e bom estylo se não deve menor logar a estes, que aos vossos de trapassas e opiniões, e outros a que chamaes conselhos, que o dão ás vezes bem ruim a quem se fia de sua leitura. (139)

(139) A l ç a r *a mesa ;* alguns editores, como o da ed. de 1722, corrigiram a expressão *alçar* substituindo-a por *levantar,* por horrôr talvez

* * *

Todos os homens se desculpam a si com fazerem os seus erros alheios.

(*Pastor peregrino*, II, jorn. XI).

---

ao francezismo *hausser;* a expressão é, todavia, do portuguez antigo, e com aquella especial applicação — *alçar a mesa*, o *banquete* ou *convite*, vemol-a tambem em Sá de Miranda: Os bons convites antigos | Antes de se tudo *alçar* | Eram pera conversar | Os parentes e os amigos | Que não pera arrebentar. *Poesias*, ed. de Car. Mich pg. 241. || Vos achou menos, isto é, achou falta de vós ou *vós de menos*, como se diz hoje mais commummente; em Antonio Prestes: «Moço, não te vás d'ahi | Que bradará teu senhor | Se *te* achar *menos* d'aqui» *Auto dos Cantarinhos*, sc. I. Este uso concorda com o facto de que *menos* (do mesmo modo que *mais*) se empregava como adjectivo: «As *menos* occupações que então eu tinha» diz J. de Barros, no prologo do *Clarimundo*, pg. IV; e tambem Sá de Miranda escreve *menos parte* «Inda que em vossa Alteza a *menos parte* | Seja esta...» pg. 95 da ed. de Car. Mich. || Trocados galantes — trocadilhos, equivocos, derivações (Fr. L. de Sousa) ou *tenções dobradas* — são palavras que substituem o inutil gallicismo *calembur*, que, além de inutil, apparece ás vezes escripto erroneamente *calembourg* ou *calimburgo*. Já se tratou d'esta materia em outro lugar (nota 79) || Que usam ou de que usam; o verbo *usar*, como *ordenar*, *começar*, *costumar* e muitos outros póde trazer ou não, indifferentemente, o regimen *de*, como se deprehende da syntaxe dos classicos. Exemplo do mesmo auctor e da mesma obra, *Côrte na Aldeia*, ed. de 1890, a respeito d'essa variedade de regimen: «Cada um deve usar *de* palavras presentes (pg. 25); o mesmo auctor diz «contente *do* que tem (pg. 11) e «contente *do* fructo» (pg. 32) e «contentar-me-ei *com* as que se me offerecerem» (pg. 30). Igual arbitrio depara-se em Fr. Luis de Sousa, *Vida do Arceb.* tomo I «os meios *que* usavam» (pg. 40) e «determinou ... só *do* seu appellido *usar*» (pg. 19, da ed. de 1890) etc. || Cavalleiros, torneios, etc. Uma parte d'este excerpto coutém expressões e vocabulos da arte de equitação, da historia e fabula dos livros de cavallaria; taes são entre os menos intelligiveis para o commum dos meus leitores: os nomes das novellas *Amadis* (de Gaula) de Vasco da Lobeira, o *Palmeirim* (d'Inglaterra) de Francisco de Moraes, e o *Clarimundo* de João de Barros; vide noticia que d'estes auctores se encontra n'esta selecta, pgs. X, XII, 20, 29); —*bastarda* e *gineta* são dous nomes genericos; a *sella bastarda* tem dous arções; a *redea geneta* ou *gineta* é curta, sendo curtos os lóros e estribos: d'ahi as expressões *montar* ou *cavalgar á bastarda*, *á gineta;* e pois de conformidade com este e outros usos, dizia-se *cavalleiro genetario* e *genetrario;* as expressões *carreira*, *rodeio*, *chaça* indicam movimentos do cavallo; a *chaça* é a attitude do animal quando se arrima apenas sobre os pés e traz no ar as duas mãos; termos affins que representam movimentos presos são a *capriola*, *curvêta*, a *upa*, a *garupa*, o *repellão*. As côres de cavallos não as menciona o auctor; recordamos aqui as que occorrem

Padre Antonio Vieira (140)

Parabola de Isaias

Foi um homem ao matto, diz Isaias (ou fosse esculptor de officio, ou imaginario de devoção). Levava o seu machado, ou a sua acha ás costas; e o seu intento era ir buscar um madeiro, para fazer um Idolo. Olhou para os cedros, para as faias, para os pinhos, para os ciprestes; cortou donde lhe pareceu um tronco, e trouxe-o para casa. Partindo o tronco em duas partes, ou em dous cepos, a um destes cepos metteu-lhe o machado, e a cunha; fendeu-o em achas; fez fogo com ellas: e aquentou-se, e cozinhou o que havia de comer. O outro cepo, poz-lhe a regra; lançou-lhe as linhas; desbastou-o; e tomando já o maço e o escopro, já a goiva e o buril, foi-o afeiçoando

---

nos livros de cavallaria e outros, e são hoje menos conhecidas: *cardao*, ruço; *soupa em leite; cabeça de Mouro*, cabeça negra; *murzelo*, todo negro; *andrino*, côr de andorinha, azul-ferrete escuro; *melado*, baio amarello; *façalvo, quatralvo, manalvo*, que tem a face ou os pés brancos, respectivamente; *argel*, que tem o pé direito branco e é máu signal, etc. Veja-se no Bluteau, o tomo II do *Supplemento*, 478-494. O *Livro de Ensinança de bem cavalgar de* D. Duarte; *Arte de cavallaria de gineta e estardiota, 1678*, de Galvam de Andrade. || *Trapaça* (ou antes *trapassa* de *trapasse, traspasse* ou *trespasse*) é a fraude na troca, a qual consiste em receber ou comprar pelo minimo preço e *vender* pelo maximo ao mesmo individuo. Não substitue *chicana*, que, seja ou não gallicismo, é de uso geral e indispensavel; mostraram-o com grande abundancia de exemplos os dous eminentes philologos Ruy Barbosa e Heraclito Graça, aquelle na *Replica* (pg. 556, nota), e este nos *Factos da Linguagem*, pgs. 81-84: «Não se diz, escreve Heraclito Graça, não se escreve outro termo que possa perfeitamente substituir em toda a sua extensão á *chicana* e seus derivados. Os melhores escriptores modernos não escrupulisam mais empregal-a».

(140) O Padre Antonio Vieira, da Comp. de Jesus, 1608-1697; considerado o maior prosador e conhecedor da lingua, que de

em forma humana. Alizou-lhe uma testa · rasgou-lhe uns olhos : afilou-lhe um nariz ; abriu-lhe uma boca ; onde-ou-lhe uns cabellos ao rosto; foi-lhe seguindo os hombros, os braços, as mãos, o peito, e o resto do corpo até aos pés. E feito em tudo uma figura de homem, pôl-o sobre o altar e adorou-o. Pasma Isaias da cegueira deste esculptor; e eu tambem me admiro dos que fazem, o que elle fez. Um cepo, conhecido por cepo, feito homem, e posto em logar onde ha-de ser adorado? Duas ametades do mesmo tronco, uma ao fogo, outra ao altar? Se são dous cepos, porque os não haveis de tratar ambos como cepos? Mas que um cepo haja de ter a fortuna de cepo, e vá em achas ao fogo ; e que o outro cepo, tão madeiro, tão tronco, tão informe, e tão cepo como o outro, o haveis de fazer á força homem, e lhe haveis de dar autoridade, respeito, adoração, divindade? Dir-me-eis que este segundo cepo, que está muito feito, e que tem partes. Sim, tem ; mas as

---

certo não parecia ter segredos para este admiravel classico. Escreveu : A) numerosos sermões editados em 15 volumes entre 1679-1748, alguns antes avulsamente impressos. B) *Historia do futuro*, 1718. C) *Cartas*, 1735-46, em tres volumes (e mais um de cartas a Ribeiro de Macedo, edit. nas *Obras*, 1854-58, edição em 27 vols., comprehendendo varias producções ineditas. São numerosas as selecções de toda a obra literaria de Vieira; as mais importantes e meritorias são : 1. os *Sermões Selectos*, da edição rollandiana em 6 vols., a melhor de todas, organisada pelo cardeal D. Francisco de S. Luiz; 2. *Vieira abbreviado*, excellente e rara collectanea de que por vezes nos utilizamos, 1746, em 2 vols. ; 3. a selecção feita e nomeada como tomo XVI dos *Sermões*, sob o titulo *Collecção dos principaes sermões*, etc., 1754; *Chrysostomo portuguez*, 1878, imperfeita quando comparada ás anteriores ; 5. as *Cartas selectas*, Paris, 1838; 6. Os *Trechos selectos*, edição commemorativa do bicentenario da sua morte; Lisboa, 1897, LXX III — 462 pgs. obra de vulgarização e de relativo merito e na qual os excerptos lastimavelmente não foram conferidos com o texto das edições primitivas, como o confessa o proprio collector.

que vós fizestes n'elle. Tem boca, porque vós lhe fizestes boca; tem olhos, por que vós lhe fizestes olhos; tem mãos e pés, porque vós lhe fizestes pés, e mãos. E senão, dizei-lhe que ande com esses pés, ou que obre com essas mãos, ou que falle com essa boca, ou que veja com esses olhos. Pois se tão cepo é agora, como era d'antes; porque não vae tambem este para o fogo? Ou por que não vem tambem o outro para o altar? A um queimastes, a outro fizestes; e de ambos deveis restituição igualmente. Ao que queimastes, deveis restituição do mal, que lhe fizestes; ao que fizestes, deveis restituição dos males, que elle fizer. Fizestes-lhe olhos, não sendo capaz de vêr; restituireis os damnos das suas cegueiras. Fizestes-lhe boca, não sendo capaz de fallar; restituireis os damnos de suas palavras. Fizestes-lhe mãos, não sendo capaz de obrar; restituireis os damnos das suas omissões. Fizestes-lhe cabeça, não sendo capaz de juizo, restituireis os damnos de seus desgovernos. Eis-aqui o encargo de ter feituras. (141)

(141) Cortou donde *lhe parceeu um tronco;* a expressão *donde* é propriissima e mais significativa que *onde*, porque precisa, ou, para assim dizer, localisa a acção do córte: cortou da arvore ou da floresta o que era *tronco*. Com egual propriedade diz Fernão d'Avarez: «Deixou as lembranças d'elle que não serviram de mais que de mostrar-me para maior sentimento as ruinas *donde* foi Troia» *Lusit.* pg. 244. A. R. Saraiva, escriptor mediocre mas muito lido nos antigos, escrupuloso e casto em materia de linguagem, escrevendo a Castilho, diz: «menos a terra *donde* fui nascido» nas *Annot.* á trad. dos *Fastos*, II, parte II (tomo 4º) pg. 392. Não é differente o uso que fez J. de Barros de *dentro* (em vez de *entre*) com muito vigor e força de expressão: «Eram trespassados com feridas crueis os meninos de mama *dentro* dos braços das mãis» (*Paneg.* 24) em que se percebe a imagem dos braços que os envolviam, apertavam e os protegiam do inimigo. Ao contrario, sem vigor e ambigua

Carta a El-Rei

Obedecendo á ordem geral, e ultima de Vossa Majestade, dou conta a Vossa Majestade do estado em que ficam estas Missões, e dos progressos com que por meio d'ellas se vai adiantando a fé e christandade d'estas conquistas; em que tambem se verá quam universal é a providencia, com que Deus assiste ao felice reinado de Vossa Majestade em toda a monarchia, pois no mesmo tempo em que do reino se estão escrevendo victorias milagrosas ás

---

é a expressão de que usou o Pe. Theodoro de Almeida quando escreveu: «entraram as aguas muito *dentro* da terra» (*Lisboa destruida*, pg. 256) em vez de «entraram muito pela terra *dentro*». E assim se verá no excerpto seguinte, carta de Vieira n'esta *Selecta*: «entradas pelos rios e terras dentro» || Alizou-lhe *uma testa, rasgou-lhe uns olhos..*; é insigne Vieira em descripções como esta da figura humana; outro passo quasi identico do mesmo auctor e o mais admirado, é o do tomo III dos *Sermões*, 419, o qual nunca de mais é repetir: «Arranca o estatuario uma pedra d'estas montanhas, tosca, bruta, dura e informe; toma o maço e o cinzel na mão e começa a formar um homem, primeiro membro a membro e depois feição por feição até a mais miúda ondeia-lhe os cabellos, aliza-lhe a testa, rasga-lhe os olhos, afila-lhe. o nariz, abre-lhe a bocca, avulta-lhe as faces, torneia-lhe o pescoço, estende-lhe os braços, espalma-lhe as mãos, divide-lhe os dedos, lança-lhe os vestidos: aqui despréga, alli arruga, acolá recama: e fica um homem perfeito e talvez um Santo que se póde pôr no altar» || Eis-aqui, como expressão final e depois de uma enumeração, contra o costume da lingua, e por influxo do francez (*voilà*), vae sendo hoje substituido por *eis ahi*; já fiz observação da mesma natureza a respeito de *isto* e *isso*, em outra nota. *Eis* não deriva de *ecce*, mas é um tempo do verbo *ver* *eis* (ou *heis*=vês) póde ter complemento *eil-o*. Ha quem veja em *eis* uma fórma de *heis*, *haveis* de *havcr*; creio porém que a fórma *heis* contém a aspirada correspendente a f no hespanhol *hacer*=*fazer* que por vezes passou ao portuguez (hediondo = fœtibundus). O castelhano antigo tinha a fórma verbal *afe* por *ahe*, em que hê = fê com identico sentido e uso, como se vê no *Poema do Cid*: «*Afévoslos* a la tienda del Campeador» (= eil-os, vêdes-los) = v. 152 do poema. Comquanto mais facilmente occorra derivar *eis* de *heis*=*haveis*, julgo que é uma segunda pessoa do singular *eis*=*heis* ou *hês*=*vês*. Nos escriptores mais antigos encontramos a orthographia *ex* por *ês* ou *eis* (p. e. no *Leal Conselheiro* e ainda nos quinhentistas, Lucena e outros); e tambem a forma *vês* e *vêis* por *eis*, como em Sá de Miranda. Tambem nota Madureira o uso de *vês* = *eis*, na sua *Orthographia*.

conquistas, escrevemos das conquistas ao reino tambem victorias que com igual e maior razão se podem chamar milagres. Lá vence Deus com sangue, com ruinas, com lagrimas, e com dôr da christandade; cá vence sem sangue, sem ruinas, sem guerra, e ainda sem despezas, e em lugar da dôr, e lagrimas dos vencidos (que em parte tambem toca aos vencedores) com alegria, com applauso, e com triumpho de todos e da mesma Igreja, que quanto se sente diminuir e attenuar no sangue que derrama em Europa, tanto vai engrossando, e crescendo nos povos, nações e provincias que ganha, e acquire na America.

Trabalharam este anno nas Missões d'esta conquista vinte e quatro religiosos da Companhia de Jesus, os quinze d'elles sacerdotes, divididos em quatro colonias principaes, do Seará, do Maranhão, do Pará, e do Rio das Amazonas. Nestas quatro colonias, que se estendem por mais de quatrocentas leguas de costa, tem a Companhia déz residencias, que são como cabeças de differentes christandades a ellas annexas, a que acodem os Missionarios de cada uma em contínua roda, segundo a necessidade e disposição que se lhes tem dado. O trabalho, sem encarecimento, é maior que as forças humanas e se não fôra ajudado de particular assistencia divina, já a Missão estivera sepultada com os que n'ella, por esta mercê do céo, conservam e continuam as vidas.

O fructo corresponde abundantemente ao trabalho, porque é grande o numero de almas de innocentes e adul-

tos, que d'entre as mãos dos missionarios, por meio do baptismo, estão quotidianamente voando ao céo; sendo muito maior a quantidade dos que, recebidos os outros sacramentos, nos deixam tambem certas esperanças de que se salvam. Porque, ainda que ha outras nações de melhor entendimento para perceberem os mysterios da Fé, e passar da necessidade dos preceitos á perfeição dos conselhos da Lei de Christo; não ha porém nação alguma no mundo, que, ainda naturalmente esteja mais disposta para a salvação, e mais livre de todos os impedimentos d'ella ou seja dos que traz comsigo a natureza, ou dos que accrescenta a malicia. Estes são os fructos ordinarios que se colhem, e vão continuando n'estas Missões, em que ha casos de circumstancias mui notaveis, cuja narração e historia se offerecerá a Vossa Majestade, quando Deus, e Vossa Majestade, for servido de que tenhamos mãos para a seára, e para a penna. (142)

---

(142) Esta carta do Padre Vieira tem grande interesse para a historia patria e principalmente para a da catechese e conquista espiritual do gentio no extremo norte do Brazil, do qual foi Vieira o mais poderoso patrono e apostolo. Foi publicada sob o n. II no tomo II da edição primitiva das *Cartas*. Na recente ed. das *Cartas* Lobo-Lisboa, 1885, com muito pouco cuidado impressa, vem esta carta no tomo I, com paginas inteiras a menos e com deploraveis erros typographicos. É a X da collecção das *Cartas Sclectas* ordenadas por J. I. Roquette (1ª ed. *Paris*, 1838) onde se acha completa, embora com algumas incorrecções de pouca monta; tambem foi incluida, na ed. Tito de Noronha e nos *Trechos*, ed. do bicentenario. || Estão-se escrevendo *victorias*; já me referi (nota 135) ao emprego de semelhantes verbos compostos com o gerundio para significar acções continuadas ou não acabadas, e tambem para compôr n'uma só expressão acções duplas ou de duplo aspecto, p. ex. *fala dormindo*=fala e dorme ao mesmo tempo; *fala gritando, gesticulando* trabalha *cantando*, etc., exprimindo não *meio* (como no latim classico: movit Amphion lapides *canendo* — Hor.) mas *coexistencia* como no

Vindo ás cousas particulares : fizeram-se este anno três Missões, ou entradas pelos rios, e terras dentro; e foram a ellas três padres com seus companheiros, professos todos de quatro votos, e os mais antigos, e de maior autoridade de toda a Missão, por serem estas as empresas de maior trabalho, difficuldade, e importancia, e todas por mercê de Deus succederam felizmente.

O Padre Francisco Gonçalves, provincial que acabou de ser da provincia do Brazil, foi em missão ao rio das Amazonas e Rio-Negro, que de ida e volta é viagem de mais de mil leguas, toda por baixo da linha equinocial, no mais ardente da zona torrida. Partiu do Maranhão esta Missão em 15 de agosto do anno passado de 1658, e atravessando por todas as Capitanias do Estado, foi levando em sua companhia canôas, e procuradores de todas, para o resgate dos escravos, que se faz naquelles rios ; e foi esta a primeira vez que o resgate se

---

baixo latim ; d'esta intima propriedade é que nasceu nas linguas romanas o uso do gerundio ás vezes precedido de *em* : *em* querendo, *em* dizendo, etc. Rufino Cuervo aponta alguns exemplos do latim medieval da Hespanha onde se vê o uso do gerundio nos mesmos casos da linguagem de hoje : *Saepissime vera occidit ut* orando *sive* psallendo, *ignitum vehementer eloquium Dei sentiens, repente tôtus ignescat.*» E ainda em latim mais barbaro: «*Iste habuit guerram com cognato suo et interfectus est abillo in Tumara* preliando». *Op. cit.* II, p. 68. No lat. lusitanico é mais tardia essa syntaxe, a qual precede a de outras formulas frequentes : *si aliquis venerit...* ou *quomodo vadit ad fozem de Durio.... si aliter fecerit*, etc.; não faltam, comtudo, exemplos em contrario, como no *Foral* de Castello Branco, 1213 : *Et qui mulier aforciar et illa clamando dizerit quod ab illo aforciata*, etc. Mas evidentemente um documento do seculo XIII não representa mais o latim medieval, de todo extincto da linguagem viva. Na linguagem moderna o gerundio póde ser regido, como o infinitivo, da preposição *em*, mas só d'esta, o que não era o caso na lingua em que se podia dizer, como disse Zurara : *sem fazendo* por *sem fazer* — *Conquista*, 59. || Com *sangue*, com ruinas, *com* lagrimas e

fez por esta ordem, para que os interesses d'elles coubessem a todos, e particularmente aos pobres, que sempre, como é costume, eram os menos lembrados.

Haverá quatorze mezes que continúa a Missão, pelo corpo e braços d'aquelles rios, d'onde se tem trazido mais de seis centos escravos, todos examinados primeiro pelo mesmo Missionario, na fórma das leis de Vossa Majestade. E já o anno passado se fez outra Missão d'este genero aos mesmos rios pelo padre Francisco Velloso, em que se resgatáram, e descêram outras tantas peças em grande beneficio e augmento do Estado; posto que não é esta a maior utilidade e fructo d'esta Missão. Excede esta Missão do Resgate a todas as outras em uma differença de grande importancia, e é, que nas outras Missões vão-se sómente salvar as almas dos indios, e n'esta vão-se salvar

---

sem ruinas, *sem* guerra ... Não é essencial a repetição das particulas, a qual está por emphase e realce; mas d'aqui se vê que não é erro nem desprimor, como entendem e mal, alguns grammaticos os classicos, a seu talaute, omittiam ou repetiam muitas d'estas particulas conforme a harmonia ou a intenção da phrase; comtudo a repetição por menos usual era e é um recurso de emphase oratoria com as preposições *com, sem, de, a, para:* «Vedes aqui como se gastam muitas vezes os bens da igreja, as commendas da cavalleria *com* alcoviteiros, *com* chocarreiros, com cães, *com* dados. Ferreira | *Bristo*, scena I. Creio que a propria evidencia escusa o fastio de multiplicar os exemplos. Outras preposições, como *entre*, que, á primeira vista, parecem escapar áquelle uso, aiuda assim se veem repetidas: *Entre* o docente, *entre* o são | Mente cada passo a espia» Sá de Miranda, ed. de 1889, pg. 10. «Entre *claros*, entre *escuros*. | Homens de seiscentas côres» Do mesmo auctor e obra, pg. 41. || A = para, indicando movimento; mas o sentido de *para* é o de afastamento sem regresso, ao menos immediato; cf. *ir a* Europa, *ir para* Europa; (*Gramm.* 11ª ed. pg. 208); por esta razão serve *para* de indicar uma resolução firme ou facto definitivo: «deu *para* cantar» e ainda um afastamento que se deseja longo ou eterno: «Ide, aranhas, fiar *para* os tectos» Castilho — *Sonho d'uma noite de S. João*, pg. 65. Por isso diz-se das idas de que se não tornam mais: Ir *para* o outro mundo», «ir *para* o inferno».

as dos indios, e as dos portuguezes, porque o maior laço das consciencias dos portuguezes n'este Estado, de que nem na morte se livraram, era o captiveiro dos indios, que sem exame, nem fórma alguma de justiça, debaixo do nome de Resgate, iam comprar ou roubar por aquelles rios. E a este grande damno foi Vossa Majestade servido acudir por meio dos Missionarios da Companhia, ordenando Vossa Majestade que os resgates se fizessem sómente quando fossem missões ao sertão, e que só os Missionarios podessem examinar e approvar os escravos em suas proprias terras, como hoje se faz; e depois de examinados e julgados por legitimamente captivos, os recebessem, e pagassem os compradores: conseguindo os povos por esta via o que se tinha por impossivel n'este Estado, que era haver n'elle serviço, e consciencia. Assim que, o Senhor, por mercê de Deus, e beneficio da lei de Vossa Majestade se tem impedido as grandes injustiças, que na confusão e liberdade do antigo resgate se commettiam, que foi a ruina espiritual e temporal de toda esta Conquista; sendo certo que, se o fructo d'este genero de Missões se computar e medir, não só pelos bens que se conseguem, senão pelos males que se impedem e se atalham, se deve estimar cada uma d'ellas por uma das grandes emprezas e obras de maior serviço de Deus, que tem toda a Christandade. Além d'estes bens espirituaes e temporaes, se conseguem muitos outros, por meio da mesma Missão, em todas as terras por onde passa; porque se batizam muitos innocentes e adultos que estão em extremo perigo da vida, que logo sobem ao

céo, e se descobrem novas terras, novos rios e novas gentes, como agora se descobriram algumas nações onde nunca tinham chegado os Portuguezes, nem ainda agora chegáram mais do que os Padres. E assim como nas nossas primeiras Conquistas se levantáram padrões das armas de Portugal em toda a parte onde chegáram nossos descobridores, assim aqui se vão levantando os padrões da sagrada Cruz, com que se vai tomando posse d'estas terras por Christo e para Christo.

Foi companheiro n'esta Missão Padre Manuel Pirez, bem conhecido neste reino com o nome de Clerigo de Paredes; o qual depois da Ermida, e fonte milagrosa, que o deu a conhecer n'aquelle sitio, estando retirado em um ermo de Roma fazendo vida solitaria, por particular inspiração do céo veiu a pé, a Portugal, e pediu ser admittido na Companhia, para servir a Deus nas missões do Maranhão; e já o tem feito n'esta e na do anno passado, pelo mesmo rio das Amazonas com grande zelo das almas.

A segunda entrada se fez pelo grande rio dos Tocantins, que é na grandeza o segundo de todo o Estado, e povoado de muitas nações, a que ainda se não sabe o nascimento. Foi a esta Missão o padre Manoel Nunez, Lente de Prima de Theologia em Portugal e no Brazil, superior da Casa e Missões do Pará, mui pratico, e eloquente na lingua geral da terra. Levou quatro centos e cincoenta indios d'arco e remo, e quarenta e cinco soldados portuguezes d'escolta com um Capitão d'infanteria.

Da primeira facção, em que se empregou este poder, foi em dar guerrra ou castigar certos Indios rebellados da nação Inheiguáras, que no anno passado, com morte d'alguns Christãos, tinham impedido a outros indios da sua vizinhança que se descessem para a Igreja e vassallagem de Vossa Majestade. São os Inheiguáras gente de grande resolução e valor, e totalmente impaciente de sujeição; e tendo-se retirado com suas armas aos mais occultos e defensaveis das suas brenhas, em distancias de mais de cincoenta léguas, lá foram buscados, achados, cercados, rendidos e tomados quasi todos, sem damno, mais que de dous indios nossos levemente feridos. Ficáram prisioneiros duzentos e quarenta, os quaes conforme ás leis de Vossa Majestade e titulo de haverem impedido a prégação do Evangelho, foram julgados por escravos e repartidos aos soldados. Tirado este impedimento, entendêram os Padres na conversão e conducção dos outros indios, que se chamam Poquiguáras, em que padecêram grandes trabalhos e venceram difficuldades que pareciam invenciveis. Estava esta gente distante do rio um mez de caminho ou de não caminho, porque tudo são bosques cerrados e talhados de grandes lagos e serras; e eram déz aldeias as que se haviam de descer, com mulheres, meninos, crianças, enfermos, e todos os outros impedimentos que se acham na transmigração de povos inteiros. Em fim depois de dous mezes de continuo e excessivo trabalho, e vigilancia (que tambem era muito necessaria) chegaram os Padres com esta gente ao rio, onde os embarcárão por elle abaixo para as

aldeias do Pará, em numero por todos até mil almas. Não se acabou aqui a Missão, mas continuando pelo rio acima chegaram os Padres ao sitio dos Tupinambás, donde haverá três annos tinhamos trazido 1200 indios, que todos se baptizaram logo; e por ser a mais guerreira nação de todas, são hoje gadelha d'estas entradas. Os Tupinambás, que ficaram em suas terras, seriam outros tantos como os que tinham vindo, e eram os que agora iam buscar os Padres; mas acharam que estavam divididos em dous braços de rio, um dos quaes, por ser na força do verão, se não podia navegar. Avistaram com estes por terra, e deixando assentado com elles que se desceriam para o inverno tanto que as primeiras aguas fizessem o rio navegavel; com os outros, que eram quatro centos, se recolheram ao Pará, tendo gastado oito mezes em toda a viagem, que passou de quinhentas leguas. Deixaram tambem arrumado o rio com suas alturas, diligencia que até agora se não havia feito, e acharam pelo sol que tinham chegado a mais de seis gráos da banda do sul, que é, pouco mais ou menos, a altura da Paraiba. Os indios, assim Tupinambás como Poquigáras, se pozeram todos nas aldeias mais vizinhas á cidade para melhor serviço da Republica, a qual ficou este anno augmentada com mais de dous mil indios, escravos e livres, mas nem por isso ficaram nem ficarão já mais satisfeitos seus moradores; porque sendo os rios d'esta terra os maiores do mundo, a sêde é maior que os rios. (143)

(143) Cem, cento; fórmas, uma contracta, outra completa. Ha varias d'estas curiosas fórmas no portuguez: *mal* e *malo* (máo); *cem* e

De mais d'estas duas Missões se fez outra á ilha dos Nheengaïbas de menos tempo e apparato ; mas de muito maior importancia e felicidade. Na grande boca do rio das Amazonas está atravessada uma ilha de maior comprimento e largueza que todo o reino de Portugal, e habitada de muitas nações de indios, que, por serem de linguas differentes e difficultosas, são chamados geralmente Nheengaïbas. Ao principio receberam estas nações aos nossos Conquistadores em bôa amizade ; mas depois que a larga experiencia lhes foi mostrando que o nome de falsa paz, com que entraram, se convertia em declarado captiveiro, tomaram as armas em defensa da liberdade, e começaram a fazer guerra aos portuguezes em toda a parte. Usa esta gente de canôas ligeiras e bem armadas, com as quaes não só impediam e infestavam as entradas, que n'esta terra são todas por agua, em que roubaram, e mataram muitos portuguezes ; mas chegaram a assaltar os indios christãos em suas aldeias, ainda naquellas que estavam vizinhas ás nossas fortalezas, matando e captivando ; e até

---

cento ; san, são e *santo ; grão* e *grande* (d'esta já escrevi, nota 58) *frei* e *freire*. De *mal* ha exemplos: *mal* raio, *mal'*aventura; *má doairo, má* fadario (Gil Vicente, III, 19), *má* favor (*ib*, 20), *mal* raios, *mal'*criação (f. antiga e popular no Brazil, mais commum que *má* criação; comtudo é certo que Lucena escreveu *má criaçam* — S. Fr. Xavier, I, 134). *Mal* passo, escreve Manoel Bernardez — *Floresta*, I, 355. *Mal'*estancia (arch.) etc.; tem-n'a o italiano com o hespanhol : «*mal'*caballo». A fórma *cem* é hoje mais commum que *cento*, quando não compõe outros numeros, ou no fim da proposição ou talho de phrase; não o era assim, porém, no outro tempo : «Huns valem mil, outros *cento*, outros dez, outros hu.» Heitor Pinto — *Imagem*, I. 71. «Na mercancia, empregastes cincoenta, ganhastes *cento*, ganhastes duzentos e ás vezes mais». Vieira — *Sermões selectos*, tomo VI, 217. «D'el'rei D. Fer-

os mesmos portuguezes não estavam seguros dos Nheengaïbas dentro de suas proprias casas e fazendas, de que se vêem ainda hoje muitas despovoadas e desertas, vivendo os moradores d'estas Capitanías dentro em certos limites, como sitiados, sem lograr as commodidades do mar, da terra e dos rios, nem ainda a passagem d'ellas, senão debaixo das armas. Por muitas vezes quizéram os governadores passados, e ultimamente André Vidal de Negreiros, tirar este embaraço tam custoso ao Estado, empenhando na empreza todas as forças d'elle, assim d'indios como de portuguezes, com os cabos mais antigos e experimentados; mas nunca d'esta terra se tirou outro effeito mais que o repetido desengano de que as nações Nheengaïbas eram inconquistaveis, pela ousadia, pela cautéla, pela astucia, e pela constancia da gente, e mais que tudo pelo sitio inexpugnavel, com que as defendeu e fortificou a mesma natureza. É a ilha toda composta d'um confuso e intrincado labirintho de rios e bosques espessos, aquelles com infinitas entradas e saidas, estes sem entrada nem

---

nando se lê ter trezentos falcões, *cento* que caçavam grous, *cento* que eram garceiros e outro *cento* altaneiros — Diogo Ferreira — *Arte da Caça*, pg. 25. «Mais lembra um serviço por fazer que *cento* feitos». Sá de Miranda—II, 152. «Quinhentos para as despezas do tribunal, e *cento* para o juizo». D. Franc. Manoel — *Memorial* na ed. da *Carta de Guia*, 12. «E entre *cento* — Domina os astros um c'o enteudimento — *Malac. conquist.* IV, est. 37, e assim escreveram todos os classicos. Em composição com outros numeros diz-se *cento* (cento e um, *cento* e vinte) mas não com os nomes communs; comtudo Gil Vicente escreveu: Com *cento* açoites no lombo — *Obras*, III, 87. || As fórmas *san* ou *são* ou *santo* tambem ofierecem particularidades de emprego; é sabido que *são* emprega-se antes da consoante, e *santo* antes da vogal na denominação dos santos (*São Pedro, Santo Ambrosio*); comtudo é de uso dos classicos portuguezes e hespanhoes o emprego de *santo* com *Santo*-

saida alguma ; onde não é possivel cercar, nem achar, nem seguir, nem ainda ver ao inimigo, estando elle no mesmo tempo debaixo da trincheira das arvores apontando e empregando as suas frechas. E porque esse modo de guerra volante e invisivel não tivesse o estorvo natural da casa, mulheres e filhos, a primeira cousa que fizeram os Nheengaïbas, tanto que se resolveram á guerra com os portuguezes, foi desfazer e como desatar as povoações em que viviam, dividindo as casas pela terra dentro a grandes distancias, para que em qualquer perigo podesse uma avisar ás outras, e nunca serem accommettidas juntas. D'esta sorte ficaram habitando toda a ilha, sem habitarem nenhuma parte d'ella, servindo-lhes porém todos os bosques de muro, os rios de fosso, as casas de atalaia, cada Nheengaïba de sentinella, e as suas trombetas de rebate. Tudo isto referimos por relação de vista do padre João de Sottomaior, o qual com o padre Salvador do Valle no anno de 1655 navegou e pizou todos estes sertões de Nheengaïbas, entre os quaes

---

Thomas (e não são Thomas) *Santo* Tyrso, *Santo* Christo «*Santo* Thomás de Villa Nova» — Bernardez, *Luz e calor* I, 99; *Santo* Thomás de Aquino, em todos os classicos ; por excepção, pude ver em Heitor Pinto o emprego da f. *São* Thomás — *Imag.* vol. II, pg. 39 e pg. 35, 40; é certo que em escriptores ainda mais antigos o uso era vacillante: D. Duarte ora escreve—*sam francisco* (pg. 41) ora—*santo francisco* (*Leal Cons.* 42) e *são* Thomás d'Aquino (pg. 161, epigrafe); depois adoptou-se a excepção acima exposta de dizer *santo* não só para aquelles nomes como ainda em especial para os profetas e patriarcas do antigo testamento : assim diz-se *Santo* Job (Ant. Chagas — *Ramalh. espir.* 113; M. Bernardez — *Luz e calor,* I, § 123; *Santo* Samuel (no *Ram. esp.*, 25) e jamais *São* Job ou *São* Samuel. Tambem este é o uso no hespanhol ; o emprego da fórma completa *santo* outrosim é regra antes de outro titulo quando o ha ; na mesma obra de Bernardez: «*Santo*

lhe ficou uma imagem de Christo crucificado, que trazia no peito, a qual mandou a um principal Gentio, em fé da verdade e paz com que esperava por elle; o que o barbaro não fez, nem restituiu a sagrada imagem. Foi este caso então mal interpretado de muitos, e mui sentido de toda a gente de guerra d'aquella entrada, de que era Cabo o Sargento mór Agostinho Corrêa, que depois foi Governador de todo o Estado, o qual refere hoje, que lhe disse então o padre Sottomaior, que aquelle senhor, que se deixara ficar entre os Nheengaïbas, havia de ser o Missionario e Apostolo d'elles, e o que os havia de converter á sua fé.

Chegou finalmente o anno passado de 1658 o Governador D. Pedro de Mello com as novas da guerra apregoada com os hollandezes, com os quaes algumas das nações dos Nheengaïbas, ha muito tempo, tinham commercio, pela vizinhança dos seus portos com os do Cabo do Norte, em que todos os annos carregam peixe-boi mais de vinte navios de Hollanda. E entendendo as pessoas do go-

---

Frei Ambrosio», P. I. § 250; «*Santo* Frei Junipero» *Ibid*, 233; e assim o faz Fr. Luis de Sousa (quando não usa a abreviatura) «*Santo* Frei Henrique Suso» *Hist. de S. Dom.* 1ª ed. I, p. fol. 62; «*Santo* Frei Gil» 76 v. e 113, 288 v. etc.; pela mesma razão sempre se dirá *Santo* padre F. ou B. (Convém accrescentar em complemento e a respeito d'estes casos especiaes que, seguindo-se o uso hespanhol, diz-se *Santo Domingos* (ilha da America) do mesmo modo que se diz *São Tómas* (outra ilha; o accento na 1ª syllaba resulta da prosodia ingleza, como se vê hoje em *Gilbráltar*, etc.) || A respeito de outras fórmas menos interessantes como *tam* e *tanto*, *quam* e *quanto*, *mui* e *muito*, e as inflexões verbaes *quer*, *val*, *requer*, em que *pés*, *tir* (te) *guar* (te) *cal* (te) e *quere*, *vale*, em que *pese*, *tira*, *guarda*, *cala*, etc., vide notas 37, 135. Com a contracção *mui* formava-se o antigo superlativo *mui muito* no periodo anteclassico, quando ainda não se haviam tomado do latim os adjectivos em

verno do Pará, que unindo-se os hollandezes com os Nheengaïbas, seriam uns e outros senhores d'estas Capitanias, sem haver forças no Estado (ainda que se ajuntassem todas) para lhes resistir ; mandaram uma pessoa particular ao Governador, por meio da qual pediam soccorro e licença para logo, com o maior poder que fosse possivel, entrarem pelas terras dos Nheengaïbas, antes que com a união dos hollandezes não tivesse remedio esta prevenção e com ella se perdesse todo o Estado. Resoluta a necessidade, e justificação da guerra por voto de todas as pessoas ecclesiasticas e seculares, com quem Vossa Magestade a mandou consultar, foi de parecer o Padre Antonio Vieira, que em quanto a guerra se ficava prevenindo em todo o segredo, para maior justificação e ainda justiça d'ella, se offerecesse primeiro a paz aos Nheengaïbas, sem soldados, nem estrondo d'armas que a fizessem suspeitosa, como em tempo de André Vidal tinha succedido. E porque os meios d'esta proposição de paz pareciam igualmente arriscados, pelo conceito que se tinha da fereza da gente, tomou á sua conta o mesmo Padre ser o mediador d'ella; suppondo porém todos que não só a não haviam de

---

issimo ou *errimo* (excepto alguns de titulos — *christianissimo* - *serenissimo*) : «Gente de pé *muy muyta* sem conto» — Fernão Lopez na *Chron. de D. João* I, 199. «Hora veede que gallardam deve de seer o do iffante ante a presença do senhor Deos, por trazer assy a verdadeira salvaçom, nom sommente aquestes, mas outros *muy muytos*... Zurara — *Chron. da Conq.*, 139. Esta syntaxe termina com a epoca de Gil Vicente, que rara vez a emprega. «O muito do *mais muito*» é uma hyperbole de A. Prestes — *Auto da Ave-Maria*, nos *Autos*, pg. 40. || As particulas latinas em grande numero recebem incremento na formação das linguas romanas, e criam assim fórmas duplas como *acá* e *cá*,

admittir os Nheengaïbas, mas que haviam de responder com as fréchas aos que lhes levassem similhante pratica, como sempre tinham feito por espaço de vinte annos ; que tantos tinham passado desde o rompimento d'esta guerra.

Em dia de Natal do mesmo anno de 1658, despachou o Padre dous Indios principaes, com uma carta patente sua a todas as nações dos Nheengaïbas, na qual lhes segurava, que por beneficio da nova lei de Vossa Majestade que lhe fôra procurar ao Reino, se tinham já acabado para sempre os captiveiros injustos, e todos os outros aggravos que lhes faziam os portuguezes; e que em confiança d'esta sua palavra e promessa ficava esperando por elles, ou um recado seu, para ir á suas terras : e que em tudo o mais dessem credito ao que em seu nome lhes diriam os portadores d'aquelle papel. Partiram os embaixadores, que tambem eram de nação Nheengaïbas, e partiram como quem ia ao sacrificio, tanto era o horror que tinham concebido da fereza d'aquellas nações, até os de seu proprio sangue; e assim se despediram, dizendo que se até o fim da lua seguinte não tornassem, os tivessem ou por mortos ou captivos. Cresceo, e minguou a lua aprazada, e entrou outra de

---

alla e *lá*, *avante* e *vante* e *ante*, *hi*, *ahi*, etc., das quaes algumas se tornaram archaicas e obsoletas na lingua classica (*hi ha* e *ha hi*, locução, do verbo *haver*, (como no francez *y avoir*, ainda se vê a cada passo em Heitor Pinto e na fórma *d'hi em diante* em Ruy de Pina, *Chron. de D. João II*, pg. 73). || Defensivel; é muito digna de notar-se esta fórma, ao lado da outra *defensavel ;* segundo os processos da derivação portugueza, os derivados da 1ª conjugação em *ar* tomam o suffixo *avel* (agrad*avel*, am*avel*); e os das demais conjugações, o suffixo *ivel* (cr*ivel*, dispon*ivel*, pun*ivel*). Devemos, pois, ter por impuros os raros vocabulos que por erro ou negligencia se formaram com o suffixo *avel*

novo, e já antes d'este termo tinham prophetizado o máo successo todos os homens antigos e experimentados d'esta Conquista, que nunca promettêram bom effeito a esta embaixada; mas provou Deus que valem pouco os discursos humanos, onde a obra é de sua Providencia. Em dia de Cinza, quando já se não esperavam, entraram pelo Collegio da Companhia os dous embaixadores vivos, e mui contentes, trazendo comsigo sete principaes Nheengaïbas, acompanhados de muitos outros Indios das mesmas nações. Foram recebidos com as demonstrações de alegria e applauso, que se devia a taes hospedes; os quaes, depois d'um comprido arrezoado, em que desculpavam a continuação da guerra passada, lançando toda a culpa, como era verdade, a pouca fé e razão que lhes tinham guardado os portuguezes, concluiram dizendo assim: «Mas depois que » vimos em nossas terras o papel do Padre Grande, de que » já nos tinha chegado fama, que por amor de nós, e da » outra gente da nossa pelle, se tinha arriscado ás ondas » do mar alto, e alcançado d'El-Rei para todos nós » as cousas bôas; posto que não entendemos o que dizia » o dito papel, mais que pela relação d'estes nossos

---

onde caberia *ivel*; tal é o caso de *vendavel* em lugar de *vendivel*, de *vender* (e *vendivel* foi a fórma que empregou o poeta: «Diz-lhe que mande vir toda a fazenda vendivel, | que trazia.» *Lus.* VIII, est. 92) *solvavel*, tomado do francez, *defensavel* por *defensivel*, como diz aqui Vieira. Entretanto a fórma *defensavel* é classica e é perfeitamente legitima, porque é antiquissimo e foi muito usado o verbo *defensar*, conforme se vê de Moraes — *Diccion.* e embora só se possa dizer *offensivel* e nunca *offensavel*, comtudo *defensivel* e *defensavel* são vocabulos auctorisados; tambem a derivação *vendavel* é classica e está na *Aulegraphia* de J. F. de Vas-

» parentes ; logo no mesmo ponto lhe démos tão in-
» teiro credito, que esquecidos totalmente de todos os ag-
» gravos dos portuguezes, nos vimos aqui metter entre
» suas mãos, e nas bocas de suas peças d'artilharia ; sa-
» bendo de certo, que debaixo da mão dos Padres, de quem
» já de hoje adiante nos chamámos filhos, não haverá
» quem nos faça mal.» Com estas razões tão pouco barba-
ras desmentiram os Nheengaïbas a opinião que se tinha de
sua fereza e barbaría: e se estava vendo nas palavras, nos
gestos, nas acções, e affectos com que fallavam,-o coração
e a verdade do que diziam. Queria o Padre logo partir com
elles ás suas terras, mas respondêram com cortezia não
esperada, que elles até aquelle tempo viviam como animaes
do mato, debaixo das arvores ; que lhes dessemos licença
para logo descer uma aldeia para a beira do rio, e que de-
pois que tivessem edificado casa e igreja, em que receber
ao Padre, então viriam buscar muitos mais em numero,
para que fosse acompanhado como convinha ; signalando
nomeadamente que seria para o S. João ; nome conhe-
cido entre estes Gentios pelo qual distinguem o Inverno
da Primavera. Assim o promettêram, ainda mal cridos, os
Nheengaïbas ; e assim o cumpriram pontualmente; porque

---

concellos. Communica-me Said Ali, em nota inedita, a exacta observação de que taes fórmas duplas são sempre differentes por uma subtileza de sentido: «*vendivel* é o que se póde vender, e *vendavel* é o que se vende com facilidade e tem extracção certa.» A mesma observação póde generalizar-se para os outros vocabulos. Os francezes empregam sem distincção a derivação *able* para qualquer verbo : *aimable, faisable, perissable*, etc., e por influxo do francez é que adoptamos a fórma *solvavel*, que não existe em portuguez : com razão a condemna Ruy Bar-

chegaram ás aldeias do P a r á cinco dias antes da festa de S. João com dezasete canôas, que com treze da nação dos Combocas, que tambem são da mesma ilha, faziam numero de trinta; e nellas outros tantos principaes, acompanhados de tanta e tam boa gente, que a Fortaleza e a Cidade se poz secretamente em armas.

Não pôde ir o Padre d'esta occasião por estar totalmente enfermo; mas foi D e u s servido que o podesse fazer em 16 de Agosto, em que partiu das aldeias do Camutá em-doze grandes canôas, acompanhado dos principaes de todas as nações christãs, e de sómente seis portuguezes com o Sargento-mór da Praça, por mostrar maior confiança. Ao quinto dia de viagem entraram pelo rio dos Mapuases, que é a nação dos Nheengaïbas, que tinha promettido fazer a povoação fóra dos matos, em que receber aos Padres. E duas leguas antes do porto sairam os principaes a encontrar as nossas canôas em uma sua grande, e bem esquipada, empavezada de pennas de varias côres, tocando buzinas, e levantando *pocemas*, que são vozes d'alegria e applauso, com que gritam todos juntos a espaços, e é a maior demonstração de festa entre elles: com que tambem de todas as nossas se lhes respondia. Conhecida a canôa dos Padres, entraram logo n'ella os princi-

---

b o s a — *Replica*, pg. 228 — quando prefere *insolvencia, insoluvel, insolvente*, usados por A l. H e r c u l a n o, a *insolvabilidade, insolvavel*; e por identicos motivos rejeita (*Ibid.* pg. 478) o gallicismo *honorabilidade*, que suppõe a fórma primitiva *honoravel*. H e r a c l i t o G r a ç a nos *Factos da linguagem* justifica a fórma *vendavel* (pg. 457), e fal-a derivar de *venda*, como *amoravel* de *amor*.

paes; e a primeira cousa que fizeram foi presentar ao Padre Antonio Vieira a imagem do Santo Christo do Padre João de Sottomaior, que havia quatro annos tinham em seu poder; e de que se tinha publicado, que os Gentios a tinham feito em pedaços, e que por ser de metal a tinham applicado a usos profanos; sendo que a tiveram sempre guardada, e com grande decencia, e respeitada com tanta veneração e temor, que nem a tocál-a, nem ainda vel-a se atreviam. Receberam os Padres aquelle Sagrado Penhor com os affectos que pedia a occasião, reconhecendo elles, os portuguezes, e ainda os mesmos indios, que a este Divino Missionario se deviam os effeitos maravilhosos da conversão, e mudança tão notavel dos Nheengaïbas, cujas causas se ignoravam.

Logo disseram, que desde o principio d'aquella lua, estivéram os principaes de todas as nações esperando pelos Padres n'aquelle lugar; mas vendo que não chegavam ao tempo promettido, nem muitos dias depois, resolveram que o Padre Grande devia ser morto, e com esta resolução se tinham despedido; deixando porém assentado antes, que d'ali a quatorze dias se ajuntariam outra vez todos em suas canôas, para irem ao Pará saber o que passara, e se fosse morto o Padre, chorarem sobre sua sepultura, pois já todos os reconheciam por pai. (144)

---

(144) Lingua geral; os tupis e os nheengaíbas. Foi a denominação dada erroneamente pelos jesuitas á lingua da principal raça que suppunham unica, a dos *tupis-guaranis*, que falavam dialectos extremamente convisinhos, e eram o mais valente e o menos barbaro de todo o povo indigena, e pouco antes da conquista portugueza, havia to-

Chegados em fim á povoação, desembarcaram os padres com os portuguezes, e principaes christãos, e os Nheengaïbas naturaes os levaram á Igreja, que tinham feito de palma ao uso da terra, mas muito limpa e concertada, a qual logo se dedicou a sagrada imagem com o nome de Igreja do Santo - Christo, e se disse o *Te Deum laudamus* em acção de graças. Da Igreja a poucos passos trouxeram os Padres para a casa que lhes tinham preparado, a qual estava muito bem traçada com seu corredor e cubiculos, e fechada toda em roda com uma só porta ; em fim com toda a clausura que costumam guardar os Missionarios entre os indios. Mandou-se logo recado ás nações, que tardaram em vir,mais ou menos tempo, conforme a distancia. Mas em quanto não chegaram as mais vizinhas, que foram cinco dias, não esteve o demonio ocioso, introduzindo no animo dos indios, e ainda dos portuguezes, ao principio por meio de certos agouros, e depois pela consideração do perigo em que estavam, se os Nheengaïbas faltassem á fé promettida, taes desconfianças, suspeitas e temores, que faltou pouco para não largarem a empreza e ficar perdida e desesperada para sempre. A resolução foi dizer o Padre Antonio Vieira aos Cabos, que lhe pareciam bem as suas razões, e que conforme

---

mado aos mais bugres quasi todo o dominio do littoral e das margens dos grandes rios do leste sul americano. Em verdade foi a lingua e raça *tupi-guarani* a que mais, e quasi unica, se misturou ao elemento portuguez. O engano dos conquistadores perfeitamente se justifica quando se considera que os primeiros nucleos da colonisação logo se acharam em contacto com a grande raça dos *tupis* (do sul para o norte: guaranis, carijós, guaia-

a ellas se fossem embora todos, que elle só ficaria com seu companheiro, pois só a elles esperavam os Nheengaïbas, e só com elles haviam de tractar. Mas no dia seguinte começou a entrar pelo rio em suas canôas a nação dos Mamayanases, de quem havia maior receio por sua fereza; e foram taes as demonstrações de festa, de confiança, e de verdadeira paz, que n'esta gente se viram que as suspeitas e temores dos nossos se foram desfazendo: e logo os rostos, e os animos, e as mesmas razões e discursos se vestiram de differentes côres.

Tanto que houve bastante numero de principaes, depois de se lhes ter praticado largamente o novo estado das cousas, assim pelos padres, como pelos Indios das suas doutrinas, deu-se ordem ao juramento d'obediencia e fidelidade; e para que se fizesse com toda a solennidade de cerimonias exteriores (que valem muito com gente que se governa pelos sentidos), se dispoz e fez na fórma seguinte. Ao lado direito da igreja estavam os principaes das nações christãs com os melhores vestidos que tinham, mas sem mais armas, que as suas espadas. Da outra parte estavam os principaes Gentios, despidos e empennados ao uso barbaro, com seus arcos e fréchas na mão; e entre uns e outros os portuguezes. Logo disse missa o Padre An-

---

nazes, tamoios, guaitacazes, papanazes, tupinacuins e tupinambás, tupinaês, tabajaras, pitiguaras etc.), e todos falavam a «lingua boa e verdadeira» o *nheengatú*, em contraposição a poucas tribus que falavam «linguas differentes» ou desconhecidas: *nheengaíbas*. Esses *nheengaíbas* da embocadura do Amazonas a que allude Vieira são da raça cariba e vieram em migração de muitos seculos, descendo o rio Xingu, se-

tonio Vieira, em um altar ricamente ornado, que era o da Adoração dos Reis, a qual missa assistiam os Gentios de joelhos, sendo grandissima consolação para os circumstantes vêl-os bater nos peitos, e adorar a Hostia e o Calix com tão vivos effeitos d'aquelle precioso Sangue, que sendo derramado por todos, n'estes mais que em seus avós teve a sua efficacia. Depois da missa, assim revestido dos ornamentos sacerdotaes, fez o padre uma pratica a todos, em que lhes declarou pelos interpretes a dignidade do lugar em que estavam, e a obrigação que tinham de responder com limpo coração, e sem engano, a tudo que lhes fosse perguntado, e de guardar inviolavelmente depois de promettido. E logo fez perguntar a cada um dos principaes, se queriam receber a fé do Verdadeiro Deus, e ser vassallos d'El Rei de Portugal, assim como são os portuguezes, e outros indios das Nações Christãs e vassalladas, cujos Principes estavam presentes? declarando-lhe juntamente a obrigação de vassallos, era haverem de obedecer em tudo ás ordens de Sua Majestade, e ser sujeitos ás suas leis, e ter paz perpetua e inviolavel com todos os vassallos do mesmo Senhor, sendo amigos de todos os seus amigos, e inimigos de todos os seus inimigos; para que n'esta forma gozassem livre e seguramente de to-

---

gundo a hypothese mais recente de C. von den Stein, e chegaram mesmo a atravessar o oceano e occupar algumas das Antilhas. Ao principio a lingua tupi pareceu difficil e bruta: «nem vocabulos tem» escrevia em 1549, o Pe. Nobrega, o principal dos jesuitas e primeiros missionarios que cá chegaram, e achava alguma semelhança entre o *tupi* e o *biscainho* (semelhança que não existe de modo algum, é escusado

dos os beus, commodidades, e privilegios, que pela ultima lei do anno de mil seiscentos cincoenta e cinco eram concedidos por Sua Majestade aos Indios d'este Estado. A tudo responderam todos conformemente que sim ; e só um principal chamado Piyé, o mais entendido de todos, disse que não queria prometter aquillo. E como ficassem os circumstantes suspensos na differença não esperada d'esta resposta, continuou dizendo, que as pergunta se práticas que o Padre lhes fazia, que as fizessem aos Portuguezes, e não a elles, porque elles sempre foram fieis a El-Rei, e sempre o reconheceram por seu Senhor desd'o principio d'esta Conquista, e sempre foram amigos e servidores dos portuguezes ; e que se esta amizade e obediencia se quebrou e interrompeu, fôra por parte dos portuguezes, e não pela sua. Assim que, os portuguezes eram os que agora haviam de fazer, ou refazer as suas promessas, pois as tinham quebrado tantas vezes ; e não elles e os seus, que sempre as guardaram.

Foi festejada a razão do Barbaro, e agradecido o termo com que qualificava a sua fidelidade. E logo o Principal, que tinha o primeiro lugar, se chegou ao Altar, onde estava o padre, e lançando o arco e fréchas a seus pés, posto de joelhos, e com as mãos levantadas e mettidas

---

dizer); mas os missionarios imaginavam-n'a para explicar o milagre de presteza com que se apropriavam os padres biscainhos dessas linguas de barbaros; São Francisco de Xavier, no Oriente e Aspicuelta que em menos de quatro mezes cá no Brazil «já sabia a lingua d'elles» (Nobrega — *Cartas*, 65) eram exemplos convincentes. Desde que foram melhor e mais profundamente conhecidas a raça e a lingua,

entre as mãos do padre, jurou d'esta maneira: «Eu Fu-» lano, Principal de tal nação, em meu nome, e de todos » meus subditos e descendentes, prometto a Deus, e » a El-Rei de Portugal, a Fé do Nosso Senhor Je-» sus-Christo, e de ser (como já sou d'hoje em di-» ante) vassallo de Sua Majestade, e de ter perpetua paz » com os portuguezes, sendo amigo de todos os seus ami-» gos, e inimigo de todos os seus inimigos; e me obrigo de » assim o guardar e cumprir inteiramente para sempre.» Dito isto beijou a mão do padre, de quem recebeu a bençã; e foram continuando os mais principaes por sua ordem na mesma fórma. Acabado o juramento viéram todos pela mesma ordem abraçar ao padres, depois aos portuguezes, e ultimamente aos principaes das nações Christãs, com os quaes tinham até então a mesma guerra, que com os portuguezes. E era cousa muito para dar graças a Deus, ver os extremos d'alegria, e verdadeira amizade, com que davam e recebiam estes abraços, e as cousas que a seu modo diziam entre elles.

Por fim postos todos de joelhos, disseram os Padres o *Te Deum laudamus*, e saindo da Igreja para uma praça larga, tomaram os principaes Christãos os seus arcos e frechas, que tinham deixado fóra, e para demonstração pu-

---

reverte-se a geral opinião em favor de uma e outra: os *tupis* são entre os indios «os mais politicos» e «não são tão boçaes e rudes como por lá se imagina» diz uns quarenta annos depois Anchieta (*Informação*, 53); a lingua tupi «é delicada, copiosa, elegante e tem *muitas composições e sincopas mais que os gregos*» (Anchieta aqui foi o primeiro a notar o *polysynthetismo*, conforme as classificações modernas, das linguas ameri-

blica do que dentro da Igreja se tinha feito, os portuguezes tiravam as balas dos arcabuzes, e as lançavam no rio, e disparavam sem bala; e logo uns e outros principaes quebravam as frechas, e atiravam com os pedaços ao mesmo rio, cumprindo-se aqui a letra: *Arcum conteret, et confringet arma*. Tudo isto se fazia ao som de trombetas, buzinas, tambores, e outros instrumentos, acompanhados d'um grito continuo de infinitas vozes, com que toda aquella multidão de gente declarava sua alegria; entendendo-se este geral conceito em todos, posto que eram de differentes linguas. D'esta praça foram juntos todos os principaes com os portuguezes que assistiram ao acto, á casa dos padres, e ali se fez termo juridico e authentico de tudo o que na Igreja se tinha promettido e jurado, que assignaram os mesmos principaes, estimando muito, como se lhes declarou, que os seus nomes houvessem de chegar á presença de Vossa Majestade; em cujo nome se lhes passaram logo cartas, para em qualquer parte e tempo serem reconhecidos por vassallos. Na tarde do mesmo dia deu o Padre seu presente a cada um dos principaes, como elles o tinham trazido, conforme o costume d'essas terras, que a nós é sempre mais custoso que a elles. Os actos d'esta solennidade, que se fizeram, foram tres, por não ser possivel ajuntarem-se todos no mesmo dia; e os dias que ali se de-

---

canas, *Inform.* pg. 53); Gabriel Soares repetindo um dos *concetti* do tempo a respeito dos indios a cuja lingua faltam *F. R. L.* e tambem *Fé Rei* e *Lei*, acha que os tupinambás são «copiosos no orar»; o mesmo diz Fr. Vicente do Salvador que muito reproduziu de G. Soares: «é linguagem mui compendioso e de alguns vocabulos mais abundanté

tiveram os padres, que foram quatorze, se passaram todos, de dia em receber e ouvir os hospedes, e de noite em continuos bailes, assim das nossas nações como das suas, que como differentes nas vozes, nos modos, nos instrumentos, e na harmonia, tinham muito que ver e que ouvir.

Rematou-se este triumpho da Fé com se arvorar no mesmo lugar o estandarte d'ella, uma formosissima Cruz, na qual não quizeram os padres que tocasse indio algum de menor qualidade; e assim foram cincoenta e tres principaes os que a tomaram aos hombros, e a levantaram com grande festa e alegria, assim dos christãos como dos gentios, e de todos foi adorada. As nações de differentes linguas, que aqui se introduziram, foram os Mamaynás, as Aruans, e as Anayás, debaixo dos quaes se comprehendem Mapuás, Gujarás, Pixipixis, e outros. O numero d'almas não se póde dizer com certeza; os que menos o sabem dizem, que serão quarenta mil, entre os quaes tambem entrou um principal dos Tricujás, que é provincia á parte da firme do rio das Amazonas, defronte da ilha dos Nheengaïbas; e é a fama de que os excede muito em numero, e que uns e outros fazem mais de cem mil almas. Deixou o padre assentado com estes indios, que no inverno se saissem dos matos, e fizessem suas casas sobre os rios, para que no verão seguinte podesse ir ver todas as suas

---

que o nosso portuguez» (*Hist. do Brasil*, ed. de Capistrano de Abreu, pg. 33), e assim o repetiram ou confirmaram todos os chronistas da terra em varias epocas. Cf. o que diz o mesmo Vieira, na *Hist. do Futuro*, 1ª ed., pgs. 299 *et sequ.*

terras, e deixar alguns padres entre elles, que os começassem a doutrinar ; e com estas esperanças se despediu deixando-os todos contentes e saudosos. Pareceu aos padres trazerem comsigo, até tornarem, a imagem de Santo Christo, a qual por commum applauso e devoção do Clero, das Religiões, e da Republica foi recebida na cidade do Pará em solennissimo triumpho, dando todos a gloria de tamanha empreza a este Senhor, e confessando que só era, e podia ser sua.

Este é, Senhor, por maior, e sem casos particulares e de muita edificação, por brevidade, o fructo que colhêram este anno na inculta seára do Maranhão os Missionarios de Vossa Majestade ; e estes os augmentos da Fé e da Igreja, que conseguiram com seus trabalhos : não sendo de menor consideração e consequencia as utilidades temporaes e politicas que por este meio accrescêram á corôa e estados de Vossa Majestade. Porque os que consideram a felicidade d'esta empreza, não só com os olhos no Céo, senão tambem na terra, têm por certo que n'este dia se acabou de conquistar o estado do Maranhão ; porque com Nheengaïbas por inimigos, seria o Pará de qualquer nação estrangeira, que se confederasse com elles: e com os Nheengaïbas por vassallos, e por amigos, fica o Pará seguro e impenetravel a todo poder estranho. O mesmo entendêram a respeito dos indios Tabajaras da serra de Ibiapába todos os capitães mais antigos e experimentados d'esta Conquista, os quaes o anno passado sendo chamados a conselho pelo Governador, sobre as prevenções

que se deviam fazer para a guerra, que se temia dos Hollandezes, responderam todos uniformemente, que não havia outra prevenção mais, que procurar por amigo os indios Tabajaras da serra; porque quem os tivesse da sua parte, seria senhor do Maranhão.

Estes indios de Ibiapába, como ja dei conta a Vossa Majestade, por espaço de vinte e quatro annos, em que esteve tomado Pernambuco, foram não só alliados, mas vassallos dos hollandezes, e ainda cumplices de suas herezias; mas depois que foram em missão a esta gente dous religiosos da Companhia, que residem sempre com elles, sobre estarem convertidos á fé os que eram gentios, e reconciliados com a igreja os que eram christãos, assim elles como todos os outros indios d'aquella costa, estão reduzidos á obediencia de Vossa Majestade, e o commercio e a amizade dos portuguezes, e ainda a viver nas mesmas terras do Maranhão, aonde muitos se têm passado. Assim que, senhor, todo o estado do Maranhão até agora estava como sitiado de dous poderosos inimigos, que o tinham cercado e fechado entre os braços d'um e outro lado; porque, pela parte do Searáo tinham cercado os Tabajaras da serra, e pela parte do cabo do Norte (que são os dous extremos do Estado), os Nheengaïbas. E como ambas estas nações tinham communicação com os Hollandezes, e viviam de seus commercios, já se vêem os damnos que d'esta união se podiam temer, que a juizo de todas os praticos do Estado, não era menos que a total ruina. Mas de todo este perigo e temor foi Deus servido

livrar aos vassallos de vossa Majestade por meio de dous Missionarios da Companhia e com despeza de duas folhas de papel, que foram as que d'uma e outra parte abriram caminho á paz e obediencia, com que Vossa Majestade tem hoje estas formidaveis nações, não só conquistadas e vassalladas para si, senão inimigas declaradas e juradas dos hollandezes, conseguindo D e u s por tam poucos homens desarmados, e em tam poucos dias, o que tantos governadores em mais de vinte annos, com soldados, com fortalezas, com presidios, e com grandes despezas, sempre deixaram em peior estado. Para que acabe de entender P o r t u g a l, e se persuadam os Reaes ministros de Vossa Majestade, que os primeiros e maiores instrumentos da conservação e augmento d'esta Monarchia são os Ministros da prégação e propagação da Fé, para que D e u s a instituiu e levantou no mundo.

O que por agora representamos, Senhor, prostrado todos os Religiosos d'estas Missões aos Reaes pés de Vossa Majestade servido de mandar acudir-nos, e acudir a estas almas com o soccorro prompto, que é necessario para que se conserve o que se tem adquirido. Toda a conservação d'estes indios, e a perseverança na fé, e na lealdade que tem promettido, consiste em assistirem com elles alguns Religiosos da Companhia, que os vão sustentando e conservando n'ella, e desfazendo qualquer occasião ou motivo que se offerecer em contrario; e sobre tudo, que sejam sua rodéla, como elles dizem, contra os máus tratos dos portuguezes, de que só se dão por seguros debaixo do amparo

e patrocinio dos padres. Podem vir padres do Brazil, podem vir padres de nações estrangeiras; mas os mais promptos e effectivos, são os que podem vir de Portugal em menos de quarenta dias de viagem. A materia é tam importante, e de tam perigoso regresso, que não soffre dilação; e assim esperamos sem falta até á monção de março o soccorro que pedimos. Sirva-se Vossa Majestade, Senhor, mandar vir para esta Missão um numeroso soccorro d'estes soldados de Christo, e de Vossa Majestade e por cada um promettemos a Vossa Majestade muitos milhares de vassallos, não só que nós iremos buscar aos matos, senão que elles mesmos venham buscar-nos, de que cada dia temos novos embaixadores. Tanto tem importado á Fé a fama das novas leis de Vossa Majestades, e dos Missionarios que as apregôam e as defendem. A muito alta e muito poderosa pessoa de V. Majestade, guarde Deus, como a christandade e os vassallos de Vossa Majestade havemos mistér. (145)

Maranhão, 11 de fevereiro de 1660.

---

(145) Concordancia. Um nome do singular póde concordar com o verbo no plural, quando o singular apenas existe na apparencia como é o caso dos distributivos n'este longo trecho. Na especie, são mui curiosos e frequentes os exemplos classicos em que a concordancia varia conforme é logica ou grammatical: *Um* e *outro* lugar *eram* os mais altos. Vieira — *Sermões Selectos*, tomo IV, 209 — *Uma* e *outra* cousa *era* boa. Ibid. VI, pg. 89 — Uma e outra cousa *dependeu* totalmente do dizer ou não dizer de Deus—*Ibid.* VI, pg. 35; e ainda este exemplo excepcional em que a concordancia se faz singularmente com cada elemento de um sujeito composto: «Deus e a sua justiça sempre é o mesmo e a mesma» — *Ibidem*, tomo III, pg. 101. «*Tiraram* dos surrões *cada um* uma carta» Rodriguez Lobo — *Pastor peregrino*, I, pg. 21. «Como *qualquer* das outras deligencias acima ditas *podem* bem estar com a minha vontade e sem a de Deus, por isso nenhuma d'ellas é o ponto essencial da perfei-

A alma

Quereis vêr o que é uma alma? Olhae (diz S. Agostinho) para um corpo sem alma. Se aquelle corpo era de um sabio, onde estão as sciencias? Foram-se com a alma, porque eram suas. A rhetorica, a poesia, a philosophia, as mathematicas, a theologia, a jurisprudencia, aquellas razões tam fortes, aquelles discursos tam deduzidos, aquellas sentenças tão vivas, aquelles pensamentos tão sublimes, aquelles escriptos humanos e divinos que admiramos, e excedem a admiração: tudo isto era a alma. Se o corpo era de um artifice, quem fazia viver as taboas e os marmores? Quem amollecia o ferro, quem derretia os bronzes, quem dava nova fórma e novo ser á mesma natureza? Quem ensinou naquelle corpo regras ao fogo, fecundidade á terra, caminhos ao mar, obediencia aos ventos, e a unir as distancias do universo, e metter todo o mundo venal

---

ção. Bernardez — *Exercicios*, I, 86. «Elles sentindo que a anojavam n'isto, *fugiram cada um* pera sua parte». J. Barros — *Clarimundo*, t. III, pg. 255 (da ed. rollandiana). Percebe-se que a origem d'esta discordancia provém da referencia a idéas ou a palavras (como *elles*, *amigos* nos exemplos citados) mais ou menos distantes; os exemplos mais antigos devem de ser como o de Zurara: «Outros escrepveriam cada hum o que visse». *Chron.* Cond. *Pedro*, pg. 223. Tambem póde ser que a concordancia se faça no plural com ellipse mais profunda e difficil que as antecedentes, como n'este caso: «estando ambos n'este estado, *vieram* a perguntar *um a outro* as causas de suas tristezas — *Baculo past.* pg. 10. Nas occurrencias de qualquer genero desde que a concordancia podia ser elliptica, sempre a preferiu Camões: «*Viam-se* em derredor ferver as praias». *Lusiadas* II, est. 93: Logo todo o restante se partia... *postos* em fugida, III, est. 82. «A gente da cidade... *saudosas* na visita e *descontentes*». IV, est. 88. «Assim a formosa e forte companhia | O dia quasi todo *estão* passando». IX, est. 88. Por outra parte os verbos como *fazer*,

em uma praça? A alma. Se o corpo morto é de um soldado; a ordem dos exercitos, a disposição dos arraiaes, a fabrica dos muros, os engenhos e machinas bellicas, o valor, a bizarria, a audacia, a constancia, a honra, a victoria, o levar na lamina de uma espada a vida propria e a morte alheia: quem fazia tudo isto? A alma. Se o corpo é de um principe; a majestade, o dominio, a soberania, a moderação no prospero, a serenidade no adverso, a vigilancia, a prudencia, a justiça, todas as outras virtudes politicas com que o mundo se governa: de quem eram governadas, e de quem eram? Da alma. Se o corpo é de um santo; a humildade, a paciencia, a temperança, a caridade, o zelo, a contemplação altissima das cousas divinas; os extasis, os raptos, subido o mesmo peso do corpo, e suspendido no ar, que maravilha! Mas isto é alma. Finalmente, os mesmos vicios nossos nos dizem o que ella é. Uma cobiça que nunca se farta; uma soberba que sempre sóbe: uma ambição que sempre aspira; um

---

ser, deixar de haver (tudo *é* ou *são* flôres; *faz* dez annos; *deixa* de haver motivos) que dão a apparencia de discordancias, vão criando tendencias que se generalizam para outros verbos que não exprimem acção, verdadeiros solecismos, explicaveis todavia por fundamentada analogia; taes são os seguintes: — «Não quero passar tão depressa por esta palavra ciúme ou ciúmes que ou dados ou tomados *significa* um humano inferno». Dom F. Manoel de Mello — *Carta de guia*, pg. 151-152. «Aquelles cuidam que todos e tudo *fez* voto solenne de os servir». *Id. ibid.* pg. 162. «— Quanto quer? — A mim *bastava-me* dez meias dobras». Antonio José — no *Theatro comico*, tomo IV, pg. 59 da ed. 1792. «Mas *falta*-lhe (a lingua dos indios) tres letras das do *abc*». Gabriel Soares — *Tractado do Brazil*, pg. 289. O povo diz em Portugal (e tambem cá) *falta* cinco — *basta* dez — como se dissera com um sujeito neutro: *elle* falta cinco — *elle* basta dez. (E effectivamente esse sujeito apparece na linguagem popular europea; «*elle* chove» (il pleut), e ha exemplos

desejo que nunca aquieta; uma capacidade que todo o mundo a não enche, como a de Alexandre; uma altiveza como a de Adão, que não se contenta menos que com ser Deus; tudo isto que vemos com nossos olhos, é aquelle espirito sublime, ardente, grande, immenso — a alma. Até a mesma formosura, que parece dote proprio do corpo, e tanto arrebata e captiva os sentidos humanos, aquella graça, aquella proporção, aquella suavidade de côr, aquelle ar, aquelle brio, aquella vida; que é tudo senão alma? E senão, vêde o corpo sem ella, insta Agostinho: *Non facit corpus unde ametur, nisi animus?* Aquillo que amaveis e admiraveis, não era o corpo, era a alma: *Recessit quod non videtur, remansit quod cum dolore videatur:* apartou-se o que se não via, ficou o que se não póde vêr. A alma levou tudo o que havia de belleza, como de sciencia, de arte, de valor, de majestade, de

---

em M. Bernardez, Castilho e Machado de Assis. || Emquanto *não chegaram as mais visinhas* (nações) que *foram cinco dias...*; n'este lugar *que* refere-se a *em quanto*, isto é, *o qual não chegar* ou *o qual quanto* foram cinco dias. Semelhantes, em qualquer maneira são os dous casos que occorrem n'esta Selecta, *passim*, nos excerptos *Caridade e Milagre* de Fr. Luis de Sousa. || *Quebravam as flechas e* tiravam com *os pedaços ao rio*. São chamados equivalentes ou duplos syntacticos essas variações synonymicas do regimen que dão ás vezes grande realce, *comparar a*, comparar *com*; topar ou encontrar *com* (Heraclito, *Op. cit.* 157 e 252) julgar *por* capaz (Bernardez — Exerc. I, pg. 94), ler *pelos* livros, lêr por elles (Id. *Estimulo*, pg. 124) quem não *terá confiança com* a pomba se a pomba não tem fel (Id. *ibid.* pg. 38) continuar *em* o visitar (Fr. L. de Sousa — *Vida do Arceb.* 1, 66) mudar *de* e mudar a opinião (Sá de Miranda — *Vilhalp.* nas *Obras*, II, 228) usar o, usar *do*; contentar-se *de* ou *com* etc., etc., dos quaes se poderiam allegar innumeros exemplos. Estas diversidades de regimen envolvem quasi sempre qualquer differença de sentido, reforçam, realçam ou enfraquecem e minoram o valor positivo e normal da expressão.

virtude, porque tudo, ainda que a alma se não via, era a alma. (146)

As duas columnas do throno

Por morte d'El Rei Fernando, aquelle como bem disse o nosso Homero que todo o reino poz em grande aperto; viu-se a successão e coroa do primeiro Affonso em um dos maiores perigos e apertos, que se podem imaginar. O legitimo herdeiro filho d'El Rei D. Pedro, preso em Castella; o Rei, que o queria ser por força, poderosamente armado; o governo nas mãos de uma mulher e sobre mulher offendida; os grandes divididos em parcia-

---

(146) *Quereis vêr* o que *é uma alma*? —o *que* interrogativo, optativo, admirativo é palavra que começa a proposição; e em tal caso não soffre que se lhe anteponha o artigo: *Que é*? e não — *O que é*? Esta é a lição dos classicos, não raro desmentida pelo descuido ou incorrecção dos auctores contemporaneos; sirvam de exemplo os seguintes lugares de Herculano e Garrett: «*O que* nos revelam elles bem que imperfeitamente?» *Herc. Opusc.* V, pg. 120. «*O que* significam estes bispos e presbyteros? *Ibi, ibidem*, na mesma pg. «*O que* ha de um homem fazer?» Garrett — *Viagens na minha terra*, vol. I, pg. 51 «o *que* lucrou a especie humana? ibid. pg. 25 «*O que* escreve ella, o *que* discute? pg. 123: outros exemplos tambem foram recentemente colligidos por Heraclito Graça — *Factos da Linguagem* e Ruy Barbosa — *Replica*, nos lugares devidos. Pensa, comtudo, o primeiro d'estes dous escriptores que «salvo o geral dos quinhentistas, mais afferrados á syntaxe latina, já em Antonio Prestes, posto que quinhentista, já em alguns seiscentistas e em todos aquelles escriptores primorosos do seculo passado (seculo XIX) tidos como mestres, se nota muitas e muitas vezes em frases interrogativas a adjuncção do artigo ao pronome *que*» (*Op. cit.* pg. 369). Ruy Barbosa defende a syntaxe dos quinhentistas e explica e admitte a adjuncção do artigo (como aqui em Vieira) quando o *que* é parte complementar da oração, ou mais propriamente, quando *que* não a inicia mas a continúa ou completa: só em taes casos (que muitas vezes occorrem em proposições interrogativas) é que se nota a presença do artigo, e é o que se vê dos seguintes exemplos: «Homem nescio, tu sabes para onde vás ou o *que* levas?» — Vieira—*Sermões*, V, 86. Homem precipitado sabes o *que* fazes? *Ib.* II,

lidades; as cidades duvidosas; as fortalezas, muitas entregues; a segunda Nobreza seguindo a primeira; e só o povo favoravel, mas povo. Neste estado, porém, ou nesta confusão temerosa, em que tudo ameaçava a ultima e total ruina, que fariam os olhos de Deus sempre vigilantes sobre Portugal? Assim como Sansão para derrubar o templo dos Filisteus abraçou duas columnas; assim Deus levantou outras duas, para que o ediñcio, que elle fundára, se sustentasse, e não caisse. Estas columnas foram o Mestre de Aviz D. João Primeiro, e o Condestable D. Nuno Alvarez, os quaes em tantas e tam desiguaes batalhas, e com tantas e tão vantajosas victorias defenderam gloriosamente a patria, e tiveram mãos na Corôa. Mas não parou aqui a perspicacia d'aquelles olhos, que não só vêem como nós o presente, e sempre se adiantam aos

---

pg. 186. Fóra d'estes casos, ha solecismo, erro ou inadvertencia; «como nas construcções affirmativas, diz Ruy Barbosa, o artigo preceda o adjectivo *que* determinando o objecto ou individuo por elle representado, d'essas phrases passou facilmente esta syntaxe, em corruptelas do uso vulgar, para as interrogativas. D'ahi provavelmente o contagio que por inadvertencia, leva, uma ou outra vez, os seus effeitos até á practica dos bons escriptores» || *Altiveza*. O suffixo *eza* correspondente á terminação *itia*, nomeadamente comuum no baixo latim, tomou a fórma *eza* no portuguez. Dos tempos classicos para cá começaram a apparecer (em algumas palavras) as mesmas fórmas contrahidas em *ez*: *altivez*, *malvadez*, *dobrez* onde melhor será dizer *altiveza*, *malvadeza*, *dobreza*, conforme a tradição dos antigos escriptores; (é certo que além de *dobreza* havia tambem *dobrez*, mas este era masculino e tinha o plural *dobrezes*, como *revez*, *revezes*, e ao demais tinha o sentido de numeral na lingua archaica: «O seu numero era mais que *dobrez* sobre elles». Zurara — *Conquista*, pg. 75.) «Porem receio que se me ensoberbeça com a *altiveza* de seu estylo» Rodriguez Lobo — *Côrte na Aldeia*, pg. 10. É certo, porém, que as fórmas contrahidas foram sempre preferidas em alguns vocabulos: *dobrez*, *pequenez*, *surdez*, *mudez*, *pallidez*, *viuvez*. Donde concluo que não ha outra regra que a do uso, e tanto é licito dizer *malvadez* como *malvadeza*, etc., embora *grandez*, *viuveza* não tenham exemplos nos classicos.

futuros. Para fazer immortaes na vida aquelles mesmos dous Heroes, que já se tinham feito immortaes na fama, casa Deus um filho do Rei com a filha do Condestable e funda nelles a Real Casa e Ducado de Bragança, lançando nesta segundos e dobrados alicerces ao Reino seu, e nosso: e para que? Para que no caso em que faltarem os Reis, os podessem supprir e substituir os Duques. (147).

Dar esmola

Sabeis que cousa é dar esmola? Quem dá esmola ao pobre, dá a cambio a Deus. Cuida o outro que quando dá esmola, que dá para a perder, e engana-se, porque a dá a cambio; e dar a cambio não é perder o que se dá, antes é

(147) Segui n'este excerpto a lição do chamado tomo XIII (na edição primitiva das *Obras*)—*Palavra de Deus*—Lisboa, 1690—pgs. 78-80. || Que todo o reino *poz em grande aperto;* o verso de Camões é um pouco differente:—«Que todo o reino poz em *muito* aperto». *Canto* III, est. 138. São numerosos os lugares dos classicos que depois de Camões, o seguiram e mencionaram ou imitaram em verso ou em prosa; muitos do versos sua epoca e das que se lhe seguiram, se acham parafrazeados ou reproduzidos no rythmo, na fórma ou nas idéas. São camoneanos versos como de Rodriguez Lobo «Este engano, doce e breve | Que tardou tanto».—*Past. peregr.* I, 51. «Vae nas concavas velas assoprando». *Ib.* 55. «Commetteu cubiçosa e cega gente». *Id. Eclogas,* III. Dos versos de Diogo Bernardez quasi se póde dizer que são todos parafrazeados do grande epico. Em outro lugar diz Vieira repetindo os *Lusiadas*: «Para que abrimos *os mares nunca d'antes navegados*? Sermões sel. tomo III. 25. (É necessario aqui dizer que essa fraze, como algumas outras de Camões, foi tomada de João de Barros—*Dec.* 1: livro IV, cap. 9: «e mais vindos por *caminho nunca navegado*—pag. 346, da ed. de 1778). Poetas ainda quando traduziam do latim adoptavam a fórma camoneana, como o fez Caminha, não só nas suas obras como nos *Epódos* de D. de Teive («Com muitas e grandissimas tristezas» pg. 95); veja-se a imitação da *Ulyssipo,* 202. Como parecem de Camões os versos! «Vós, tesouro do céo certa esperança..E com sonoro

accrescentál-o. Quem dá a cambio, sempre tem o seu capital seguro, e sobre isso recebe as ganancias. Assim lhe acontece a quem dá esmola: segura tudo o que deu, e sobre isso recebe as ganancias. Mas que ganancias? não como as dos homens; porque Deus paga muito melhor. Os homens, se lhes daes dinheiro a cambio, dão-vos quando muito a seis e quarto por cento: e Deus não dá a seis por cento, senão no outro mundo a vida eterna, e neste, cento por um. (148).

O Tempo e o Amor

Tudo cura o tempo, tudo faz esquecer, tudo gasta, tudo digére, tudo acaba. Atreve-se o tempo a columnas de marmore quanto mais a corações de cêra! São as feições como as vidas, que não ha mais certo signal de haverem de durar pouco, que terem durado muito. São como as linhas, que partem do centro para a circumferencia, que quanto mais continuadas, tanto menos unidas. Por

---

canto e brando verso | Espalho seu valor pelo Universo — *Condestabre* I, pg. 6; «o asperrimo mugido» da *Ulysséa* pg. 90; «os casos duvidosos» pg. 107. «C'um tom da voz horrendo e desabrido» pg. 169, ed. de 1746, e assim em todo o poema de G. de Castro; outras tantas repetições mais ou menos disfarçadas se colhem no *Cerco de Diu*, no *Viriato* e em todos os epicos portuguezes, sem excluir o diffamador do Camões, o cacophonico padre José Agostinho de Macedo, que tambem imita para peior: «o mar, *nunca sulcado* (!) Canto II, est. 36, do *Oriente*.

(148) *Quem dá esmola ao pobre, dá a cambio a Deus*—quasi literalmente em verso que ficou famoso, disse V. Hugo: —Qui donne aux pauvres, prête à Dieu.» A fonte primeva d'esta comparação é da *Sagrada Escriptura*—Eccl. 17. 18 cf. Bernardez — *Floresta*, tomo IV, pg. 492 || Ganancia, hoje, juros, lucros. *Vide* nota 79.

isso os antigos sabiamente pintaram o amor menino ; porque não ha amor tão robusto, que chegue a ser velho. De todos os instrumentos, com que o armou a natureza, o desarma o tempo. Affrouxa-lhe o arco com que já não tira ; embota-lhe as settas, com que já não fere ; abre-lhe os olhos, com que vê o que não via ; e faz-lhe crescer as azas, com que vôa e foge. A razão natural de toda esta differença, é, porque o tempo tira a novidade ás cousas : descobre-lhe os defeitos, enfastia-lhe o gosto, e basta que sejam usadas para não serem as mesmas. Gasta-se o ferro com o uso quanto mais o amor ! O mesmo amar é causa de não amar, e o ter amado muito, de amar menos.

A Ausencia

Os philosophos definiram a morte pela ausencia ; e a ausencia tambem se ha-de definir pela morte, posto que seja uma morte de que mais vezes se resussita. Vede-o nos effeitos naturaes de uma e outra. Os dous primeiros effeitos da morte, são dividir, e esfriar. Morreu um homem, apartou-se a alma do corpo ; se o apalpardes logo, achareis algumas reliquias de calôr ; se tornastes dahi a um pouco, tocastes um cadaver frio, uma estatua de regelo. Estes mesmos effeitos ou poderes tem a vice-morte, a ausencia. Despediram-se com grandes demonstrações de affecto os que muito se amavam, apartaram-se em fim : e

se tomardes logo o pulso ao mais enternecido, achareis que palpitam no coração as saudades, que rebentam nos olhos as lagrimas, e que saem da boca alguns suspiros, que são as ultimas respirações do amor. Mas se tornardes depois d'estes officios de corpo presente, que achareis ? Os olhos enxutos, a boca muda, o coração socegado : tudo esquecimento, tudo frieza. Fez a ausencia seu officio ; como a morte apartou, e depois de apartar, esfriou. (149)

Dilação

Antigamente na republica hebrêa (e em muitas outras) os tribunaes e os ministros estavam ás portas das cidades... Mas que razão tiveram aquelles legisladores para situarem este lugar aos tribunaes, e para pôrem ás portas das cidades os seus ministros ? Varias razões apontam os historiadores e politicos; mas a principal em que todos con-

---

(149) *A vice-morte, a ausencia.* A este epitheto *vice-morte* já me referi em outro lugar, nota 62. E não só Vieira o empregou (e tambem *viee deus* por semideus ou *meio deus* como disse Zurara, na *Chr. de Guiné* («a estes chama elles *mêos deoses*» pg. 175), tambem o repetiram por outras variantes alguns escriptores; Diogo de Aboym, p. ex. na sua *Escola moral :* «São os reys huns *vice-deoses* da terra» pg. 23, da ed. de 1749. Como esta deparam-se em Vieira algumas imagens e epithetos atrevidos, proprios do gongorismo e da moda, como o em que compara o tempo —*á ema que digere todas as dôres*—e as derivações que fez a respeito da conjugação do verbo *rapio* em um dos seus sermões politicos || Tornar; sempre foi preferido a *voltar,* vide nota 63, em que tratei do assumpto; e não só *tornar* mas muitos outros vocabulos entre os classicos eram mais frequentes que foram hoje esquecidos, como *expres-*

vêm, era a brevidade do despacho. Vinha o lavrador, vinha o soldado, vinha o estrangeiro com a sua demanda, com a sua pretenção, com o seu requerimento, e sem entrar na cidade, voltava respondido ao mesmo dia para sua casa. De sorte que estavam tam promptos aquelles ministros, que nem ainda dentro na cidade estavam, para que os requerentes não tivessem o trabalho, nem a despeza, nem a dilação de entrarem dentro. Não saibam os requerentes a differença daquella era á nossa, para se não lastimem mais. Antigamente estavam os ministros ás portas das cidades; agora estão as cidades ás portas dos ministros. Tanto coche, tanta liteira, tanto cavallo, (que os de pé não fazem conto, nem d'elles se faz conta); as portas, os pateos, as ruas rebentando de gente, e o ministro encantado, sem se saber se está em casa, ou se o ha no mundo, sendo necessaria muita valia, só para alcançar de um criado a revelação d'este mysterio. Uns batem, outros não se atrevem a bater; todos a esperar. Sáe finalmente o ministro quatro horas depois do sol, apparece e desapparece de corrida; olham os requerentes para o céo, e uns para os ou-

---

sado e *expressar* por *exprimido ; cair no erro* (percebel-o); *tomar vingança* muitissimo mais commum que *vingar-se* (talvez porque *vingar* significava principalmente prosperar, crescer; comtudo alguma vez é usado como no *Cerco de Diu*, pg. 535); *suspirar por* em vez de *aspirar á* ou *por* que é tanto de uso moderno por influxo do francez, ainda que *aspirar* seja vocabulo legitimo; *se ha de ler* em vez de *se deve ler* quando o futuro apenas tem sentido de obrigação moral ou mera conveniencia; *buscar* que é a voz commum, em vez de *procurar*, que envolve diligencia e pesquiza; *quebrantar*, hoje substituido por varias expressões incolores; *haver nome*, fórma a perifrastica que foi substituida pela mais simples *chamar-se*. A expressão que ainda occorre no texto :—*fez a ausencia* o *seu officio* —hoje seria traduzida por est'outra : — fez a ausencia o *seu trabalho* (*son affaire*).

tros; aparta-se desconsolada a cidade, que esperava junta. E quando haverá outro *quando?* E que vivam e obrem com esta inhumanidade homens que se se confessam, quando se procediam com tanta razão homens sem fé nem sacramentos! Aquelles ministros, ainda quando despachavam mal os seus requerentes, faziam-lhe tres mercês. Poupavam-lhes o tempo, poupavam-lhes o dinheiro, poupavam-lhes as passadas. Os nossos ministros, ainda quando vos despacham bem, fazem-vos os mesmos tres damnos. O do dinheiro, porque o gastaes; o do tempo, porque o perdeis; o das passadas, porque as multiplicaes. E estas passadas, e este tempo, e este dinheiro, quem o ha de restituir? Quem ha de restituir o dinheiro a quem gasta o dinheiro que não tem? Quem ha de restituir as passadas a quem dá as passadas que não póde? Quem ha de restituir o tempo a quem perde o tempo que havia mister? Oh tempo tão precioso e tão perdido! Dilata o julgador oito mezes a demanda que se podera concluir em oito dias; dilata o ministro oito annos o requerimento que se devêra acabar em oito horas. E o sangue do soldado, as lagrimas do orphão, a pobreza da viuva, a afflicção, a confusão, a desesperação de tantos miseraveis? Christo disse que o que se faz a estes, se faz a elle. E ninguem melhor que nelle se podem vêr os effeitos terriveis de uma dilação. (150).

---

(150) Requerer. Ainda que tenha perfeito parentesco etymologico com *querer*, entretanto é verbo regular; por isso a sua 3ª pessoa

Os escravos

Uma das grandes cousas que se vê hoje no mundo e nós pelo costume de cada dia não admiramos, é a transmigração immensa de gentes e nações ethiopes, que da Africa continuamente estão passando a esta America.

A armada de Enéas, disse o principe dos poetas, que levava Troia á Italia: *Ilium in Italiam portans:* e das náos que dos portos do Mar Atlantico estão successivamente entrando nestes nossos, com maior razão podemos dizer, que trazem a Ethiopia ao Brazil. Entra por esta barra um cardume monstruoso de balêas, salvando com tiros e fumos de agua as nossas fortalezas e cada uma pare um baleato: entra uma náo de Angola e desova no mesmo dia quinhentos, seiscentos e talvez mil escravos. Os israelitas atravessaram o Mar

---

do indicativo é *requere* e não *requer* (veja-se a nota a respeito de caso semelhante). «A intenção d'ella se infere | Em obrarmos | Com aquellas tres e darmos | O que cada uma *requere*». *Auto da Ave-Maria* de Ant. Prestes, pg. 20; e em M. Bernardez «*Requere-se* uma certa tempera de pouca fraze, muita summissam e alguma confiança». *Nova Flor.* IV, 420 da 1ª ed.; no classico Fr. Pedro Corrêa «Começastes o exercicio da devoção que *requere* cessego do animo». *Triumphos eccles.* tomo I, fol. 145 da 1ª ed. de 1617. E assim nos demais auctores antigos. Hoje se diz ou antes se escreve *requer;* comtudo não é possivel adoptar esta prosodia e orthographia na occurrencia *requere-o*, pois, ninguem dirá *requer-o* ou *requer-lo*, por isso mesmo a fórma *requere*, regular como as demais inflexões d'este verbo, deve ser adoptada; o verbo *requerer* pois absolutamente não se conjuga pelo verbo *querer* (*requeri* e não *requiz*, *requerîra* e não *requizera* e conseguintemente *requere* || Inhumanidade;—sobre o prefixo negativo *in*, v. nota 120.O prefixo *in* literario e erudito, ao contrario de *des*, popular— ganhou por isso certa cortezia e

Vermelho e passaram da Africa á Asia, fugindo do captiveiro: estes atravessam o mar Oceano na sua maior largura e passam da mesma Africa á America, para viver e morrer captivos. *Infelix genus hominum* (disse bem delles Maffeo) *et ad servitutem natum*. Os outros nascem para viver, estes para servir. Nas outras terras do que aram os homens e do que fiam e tecem as mulheres, se fazem os commercios: n'aquella o que geram os paes e o que criam a seus peitos as mães é o que se vende e se compra. Oh trato deshumano, em que a mercancia são homens! Oh mercancia diabolica, em que os interesses se tiram das almas alheias e os riscos são das proprias!

Já se depois de chegados olharmos para estes miseraveis e para os que se chamam seus senhores: o que se viu nos dous estados de Job, é o que aqui representa a fortuna, pondo juntos a felicidade e a miseria no mesmo theatro. Os senhores poucos, os escravos muitos; os senhores rompendo galas, os escravos despidos e nús;

---

polidez e constitue, em neologismos, um recurso de euphemismos que cada vez mais se generaliza: *inverdade*, por *mentira*; *in*exacto; *in*delicado, *in*douto (do mesmo Vieira), *im*politico, *in*veridico, *im*merecido, *in*activo, etc.; tambem outra conclusão é que as palavras que exprimem males, vicios, defeitos, inferioridade, por sua natureza cruas, violentas e impolidas não podem mais receber o prefixo negativo. Já fiz vêr que na lingua archaica era muito preferida a negação com o adv. *não*: «gaanhos *nom* dereytos» *Leal Conselh.* pg. 63; «achando *nom* bôo meu couselho» pg. 157. Note-se que *im* é o unico prefixo no qual póde recair o accento da palavra; em casos raros, porém certos, obedeceram á quantidade latina: *ímpar* ou *none*, (por *impár*, e talvez para evitar a confusão com *himpar*; *ímpio* em vez de *impio* que é tambem usado, e *in*vio.

os senhores banqueteando, os escravos perecendo á fome ; os senhores nadando em ouro e prata, os escravos carregados de ferros ; os senhores tratando-os como brutos, os escravos adorando-os e temendo-os como deuses ; os senhores em pé apontando para o açoite, como estatuas da soberba e da tyrannia, os escravos prostrados com as mãos atadas atrás, como imagens vilissimas da servidão e espectaculos da extrema miseria. Oh D e u s ! Quantas graças devemos á fé que nos déstes, porque ella só nos captiva o entendimento para que á vista d'estas desigualdades, reconheçamos comtudo vossa justiça e providencia. Estes homens não são filhos do mesmo A d ã o e da mesma E v a ? Estas almas não foram resgatadas com o sangue do mesmo C h r i s t o ? Estes corpos não nascem e morrem, como os nossos? Não respiram com o mesmo ar? Não os cobre o mesmo céo ? Não os aquenta o mesmo sol? Que estrella é logo aquella que os domina, tam triste, tam inimiga, tam cruel ? (151)

. . . . . .

(151) U m a d a s c o u s a s que se *vê ;* esta syntaxe de concordancia é menos commum que a do plural (*uma das cousas* que se *vêem*), que é a regra geral e ordinariamente seguida. Contra a opinião de C a n d i d o de F i g u e i r e d o (e minha tambem, *Gramm.* 11ª ed. pg. 151) mostra excellentemente H e r a c l i t o G r a ç a que as duas syntaxes são perfeitamente auctorizadas. São exemplos da concordancia uo singular (que a meu ver é excepção), os seguintes d'entre outros que transcrevo dos *Factos da Linguagem*, pg. 320: «El foi um dos que mais *contradisse* a el-rei». F e r n a n L o p e z, *D. Fernando*, c. 81. « Foi uma das primeiras terras de H e s p a n h a que *recebeu* a fé de C h r i s t o . Fr. L u i s d e S o u z a, *Hist. de S. Dom.* 1 parte I c. 1. Uma das cousas que *derribou* Galba do Imperio. M. B e r n a r d e z , *N. Floresta*, t. 2, pg. 181.» «O sabio *Littré*, (diz ainda H e r a c l i t o G r a ç a), cuja competencia é indisputavel, occupando-se do assumpto na obra *Litterature et Histoire*, pg. 37-38, discorre

Madrugada

Que avezinha ha, ou tão pintada como o pintasilgo, ou tão mal vestida como o rouxinol, que não rompa o silencio da noite, com dar ou cantar as graças a seu creador, festejando a boa vinda da primeira luz, ou chamando por ella? As flôres que anoiteceram sêcas e murchas, por que carecem de vozes, postoque lhes não falte melodia para louvar a quem as fez tão formosas, ao descante mudo dos cravos, e das violas como são as Magdalenas do prado, tambem declaram os seus affectos com lagrimas. As nuvens bordadas de encarnado, e ouro, os mares com as ondas crespas em azul e prata, as arvores com as folhas voltadas ao céo, e com a variedade do seu verde natural então mais vivo, as fontes com os passos de garganta

---

nestes termos: «Não ha quem escrevendo não hesite ás vezes no emprego do plural ou do singular em phrases d'esta fórma: É um dos livros que mais me convém ou que mais me convém (C'est un des livre qui me conviennent le plus ou qui me convient le plus.)—Madame de Sevigné empregava o singular: sois um dos homens d'este mundo que mais me convém (qui me convient le plus): é uma das pessoas d'este mundo que tem (qui a) melhores qualidades; é um dos motivos que faz murmurar contra a impossibilidade. A syntaxe *permitte igualmente* o *singular* e o *plural;* a primeira phrase de Madame de Sevigné póde analysar-se bem ou com o singular: entre os homens do mundo vós sois um que mais me convém; ou com o plural: vós sois um entre os homens do mundo que mais me convém. Ha apenas uma leve differença de sentido entre as duas fórmas: com o singular, significa que entre os homens do mundo ha um que me convém mais, sois vós; com o plural, significa que entre os homens do mundo ha muitos que mais me convém, e vós sois um d'elles. O superlativo, si posso assim exprimir-me, é mais *superlativo* com o singular, e por isso Madame de Sevigné o preferia.» — «Mas, adverte Littré, concluindo, si, o substantivo se acompanha de pronome demonstrativo, cessa a liberdade de escolha; sómente com o plural deve, segundo a syntaxe, formar-se a oração subordinada, e dir-se-á falando do estudante Courtin: é um *d'esses* homens que não dor*men* senão quando sua consciencia está

mais cheios, e a cadencia mais sonora, as ovelhinhas saindo do aprisco, e os outros gados mansos á liberdade do campo, os lobos e as feras silvestres recolhendo-se aos bosques, e as serpentes mettendo-se nas suas covas, todos, ou temendo a luz, ou alegrando-se com sua vista, como a primeira obra de Deus, lhe tributam naquella hora os primeiros applausos. E que maior confusão e affronta do homem creatura racional, que quando todas as outras, ou brutas, ou insensiveis reconhecem do modo que pódem a bondade, e providencia daquelle supremo Senhor, que lhes deu o sêr, antecipando-se ao sol para lhes offerecer as primicias do dia; elle, sem memoria, sem entendimento, sem vontade, e sem sentidos naquella voluntaria sepultura do somno e do descuido, só confesse dormindo e roncando que é o mais ingrato ?

---

tranquilla.» Ainda que engenhosas, estas reflexões de Littré, não parece que tenham applicação ao portuguez; a distincção a respeito da phrase—sois o que *mais* me convém—é particularissima ao caso do superlativo, o que se não verifica, por exemplo, no trecho de M. Bernardez. A ultima consideração sobre o determinativo com o qual «cessa a liberdade da escolha» seria difficil admittir e conciliar com o segundo exemplo citado e outros tambem citados, como: «Eu fui dos derradeiros que me *recolhi*». Couto; *Decada* IV, 6, 7. || Cardume *de balêas*—e—baleato. É de certo uma das difficuldades de lingua cujos escriptos classicos são tão pouco lidos e versados, usal-a com a *propriedade* das expressões vernaculas: uma categoria numerosa de palavras proprias é a d'esses collectivos: *cardume* que se diz de peixes, de insectos, de embarcações pequenas; *cáfila*, de camellos e de negociantes do deserto; *récova*, tropa de camellos e animaes de carga, e tambem *récua; corja* (originariamente = vinte) de seda, de fazendas, de vadios, *manalha* de camaradas; *plebe* de rios e riachos (disse J. de Barros, por imagem) *eorda* de ilhas (Barros) e de serras; *maço* de peças reunidas em quantidades mais ou menos determinadas, um *rôr* e *rol* (de roupa), um *jogo*, um *par*; *bando*, *magóte* de homens; *troço* de cavalleiros e soldados; *rancho* de gente miúda ou crianças, mulheres; *rebanho* de gado miúdo, ovelhas; *manada* de gado grosso; *fato* de cabras, *vara* de porcos; *matilha* e *malta*

Onde caiu o diabo

Todas as terras, assim como têm particulares estrellas, que naturalmente predominam sobre ellas, assim padecem tambem differentes vicios a que geralmente são sujeitas. Fingiram a este proposito os allemães uma galante fabula. Dizem que quando o diabo caiu do céo, que no ar se fez em pedaços, e que estes pedaços se espalharam em diversas provincias da Europa, onde ficaram os vicios que nellas reinam. Dizem que a cabeça do diabo caiu em Hespanha e que por isso somos fumosos, altivos, e com arrogancia graves. Dizem que o peito caiu em Italia, e que daqui lhes veiu serem fabricadores de machinas, não se darem a entender e trazerem o coração sempre coberto. Dizem que o ventre caiu em Allemanha, e que esta é a causa de serem inclinados á gula, e gastarem mais que os outros com a mesa e com a taça. Dizem que os pés cairam em França, e que d'aqui nasce serem pouco sossegados, apressa-

---

de cães de caça (e de vagabundos, nocturnos); *mão, ruma, rima,* pilha, montão; a *resma,* o *caderno;* a *mancheia,* o *pugillo;* a *capoeira* de aves; a *caldeirada,* a *fornada, ninhada;* a *chusma* de criados, de forçados, de gente venal ou de serviço; *enxame* de abelhas; *nuvens* de gafanhotos, *alcatéa* de lobos. Ainda mais difficil é com acerto empregar e usar os termos proprios que variam com a edade dos animaes: tal é este do excerpto, *baleato,* que é a cria de peito da baleia. Os outros mammiferos têm muitas vezes nomes especiaes quando ainda pequenos: *borrêgos* são os carneiros até um anno; *cachorros* são em geral os filhos pequenos dos quadrupedes bravios. Os dos pombos e das aves em geral são *borrachos;* da gallinha, *pintos, pintainhos* ou *borréfos,* quando implumes, o *frango,* o *gallo.* O *bezerro,* o *mammote,* o *garrote* e o *boi; novilha, vitella, vacca; poldro, sendeiro* ou *quartão e cavallo.* || Oh mercancia diabolica! — *Mercantes* era o nome do commerciante e tambem o era *tratante,* que adquiriu sentido pejorativo e não é mais usado («é um juiz que põe preço no que se compra e vende, e tem demais disto a seu cargo que não sejam offendidos os

dos no andar, e amigos de bailes. Dizem que os braços com as mãos e unhas crescidas, um caiu em Hollanda, outro em Argel e que dahi lhes veiu (ou nos veiu) o serem corsarios. Esta é a substancia do apologo, nem mal formado, nem mal repartido; porque ainda que a applicação dos vicios totalmente não seja verdadeira, tem comtudo a similhança de verdade, que basta para dar sal á satyra. E supposto que a Hespanha lhe coube a cabeça, cuido eu que aparte della que nos toca ao nosso Portugal é a lingua: ao menos assim o entendem as nações estrangeiras, que de mais perto nos tratam. Os vicios da lingua são tantos, que fez Drexelio um abecedario inteiro, e muito copioso delles. E se as letras deste abecedario se repartissem pelos estados de Portugal, que letra tocaria ao nosso Maranhão? Não ha duvida, que o M. *M* Maranhão, *M* murmurar, *M* motejar, *M* maldizer, *M* malsinar, *M* mexericar, e, sobre tudo, *M* mentir: mentir com as palavras, mentir com as obras, mentir com

---

tratantes, decidindo-se as duvidas e discussões que ha entre elles» — Pe. Godinho — *Rel.* 162). *Mercancia* foi tambem substituida por *méree*, *mercadoria*, *fazenda*, etc., correspondentes aos menos usados *marceria*, *mercearia*, *mercimónia* (marçano; no Brazil caixeiro de *venda*) e os mais antigos *merchandía*. (Vide Corte são) de *merchante* (ainda hoje se utilizam as f. *marchante*, do trato do gado; e tambem *mercante* como adjectivo: navio *mercante*.) Não parece que tenha razão Candido Lusitano *Reflexões*, II, 105), quando, reconhecendo que *mercancia* é palavra auctorizada pelos classicos e mais commum que *mercadoria* (*Côrte na Ald.* 272, etc.) accrescenta que *mercancia* na opiuião de criticos (só conhecidos do auctor) é especialmente a *mercadoria* que se deseja ou que se vae comprar, e não toda e qualquer que está á venda. É escusado dizer como bem mostram este lugar, o dos *S. sel.* VI, 217, e o da *Côrte na Aldeia* («Dar com esperança é *mercancia*» isto é, negocio é e não desinteresse) que aquella distincção absolutamente não tem lugar.

os pensamentos, que de todos por todos os modos aqui se mente. (152)

Carta
Ao Conde da Castanheira

É coisa tão natural o responder, que até os penhascos duros respondem e para as vozes têm eccos. Pelo contrario é tão grande violencia o não responder, que aos que nasceram mudos, fez a natureza tambem surdos, porque se ouvissem e não pudessem responder, rebentariam de dôr. Esta é a obrigação e a pena em que a carta que recebi nesta frota de Vossa excellencia me tem posto, devendo eu só esperar reciprocamente que a resposta do meu silencio fosse tão muda como elle : mas quiz a benignidade de Vossa excellencia que neste excesso de favor se verificasse o pensamento dos que dizem, que para se conhecerem os amigos, haviam os homens de morrer primeiro, e

---

(152) Em Hespanha, em Allemanha: o costume dejuntar o artigo aos nomes de paizes tornou-se por assim dizer a regra geral, e hoje dir-se-ia com mais frequencia : *na* Hespanha, *na* Allemanha. São mui poucas as excepções que ainda guardam a syntaxe antiga: *em* Portugal e em alguns nomes dos antigos reinos hispanicos, *em* Leão, *em* Castella, *em* Aragão — nos quaes o uso do artigo fôra insolito e não tem exemplos, ao que supponho. Póde ser que essa apposição do artigo resultasse um pouco do emprego que houve do plural para certos paizes, então divididos em varios estados, e não era raro que se visse escripto — *as* Italias, *as* Allemanhas — para indicar a multiplicidade de estados politicos de uma só raça ou nacionalidade; mas é mais provavel que ao influxo do francez, na sua syntaxe moderna, se deva esse quasi abuso do artigo. Effectivamente, o francez tambem repellia o artigo em casos identicos, e ainda hoje segue uma syntaxe difficil e contradictoria a este respeito (exemplos : — *histoire de France* — e ao mesmo tempo — *histoire litteraire* de la *France*, cf. A. Darmesteter — *Cours de Gramm. hist.* tomo IV, pg. 33.) O hespanhol diz ainda

d'ahi a algum tempo (sem ser necessario muito) resussitar. E porque eu em não escrever fui mudo ; como morto, agora com o espaço de um anno e meio, é força que falle como resuscitado. O que só posso dizer a Vossa excellencia é que ainda vivo, crendo, com fé muito firme, não será desagradavel a Vossa excellencia esta certidão. Não posso comtudo calar que no mesmo dia de seis de Fevereiro em que entrei nos oitenta e sete annos, foi tão critico para a minha ponca saude este seteno, que apenas por mão alheia me permitte dictar estas regras, as quaes só multiplicadas em copias, sendo as mesmas, podem satisfazer a tantas obrigações, quantas devo á patria na sua mais illustre nobreza. Sendo, porém, tão singular e não usada esta indulgencia, ainda reconheço por maior a que de novo peço a todos, e é que a pena de não responder ás cartas se me commute na graça de as não receber daqui por diante, assim como é graça e piedade da natureza não ouvir quem não póde fallar. E para que o despacho deste forçado me-

---

«governo *de* Chile, *de* Mexico», e ainda tambem o diziamos, sem artigo, como testemunha outro lugar do mesmo Vieira. Muitos nomes sem serem proprios de sua natureza, repelliam o artigo: *palacio*, *casa*, vir *de* palacio, vir *de* casa, estar *em* casa; e como estas algumas outras, em commum com o uso da lingua italiana que tanto influiu na syntaxe dos nossos classicos, e taes eram: «*Papa* Martinho» ou «*o Papa* Martinho», «estar *de* cama; *na* cama ou *em* cama, e assim o disse Vieira — *Carta* XXXII do tomo III, pg. 46. «Não escrevi a V. S. todo mez passado porque estive *em cama*»; e sem artigo *o* ou *um* tambem se lê em Bernardez «Visto que estás doente consenti *cama* mais branda». *Varios trat.* t. I, pg. 222 da ed. de 1737; essas omissões sempre são intencionaes e dão ligeiro matiz ao sentido da phrase: «Esperei até *noite*» (Sá de Miranda, II, 142), equivale a—*até que se fez noite*, —e exprime menos o tempo consumido do que o desagradavel no esperar. || *Lhes véiu* ou *nos veiu* ; diz assim o classico porque estava então o norte do Brazil sob o dominio hollandez.

morial não pareça genero de ingratidão da minha parte, senão contracto util de ambas, e muito digno de aceitação, sirva-se Vossa excellencia de considerar, que se me falta uma mão para escrever, me ficam duas mais livres para as levantar ao céo, e encommendar a D e u s os mesmos a quem não escrevo, com muito maior correspondencia do meu agradecimento, porque uma carta em cada frota, é memoria de uma vez cada anno; e as da oração de todas as horas, são lembranças de muitas vezes cada dia. Estas offereço a Vossa excellencia sem nome de despedida, e posto que em carta circular e commum, nem por isso esquecido das obrigações tão particulares que a Vossa excellencia devo, e me ficam impressas no coração, D e u s guarde a Vossa excellencia muitos annos, como desejo, com todas as facilidades desta vida, e muito mais da que não tem fim. B a h i a, dia de Santo Ignacio, 31 de Julho de 1694. (153)

Ladrões

Os ladrões, de que fallo, não são aquelles miseraveis, a quem a pobreza, a vileza de sua fortuna condemnou a

---

(153) Adoptei a orthographia *resussitar* (de *resussitar, resursitare*, pela f. primitiva *resurgere*) com *ss* em vez de *sc*, como parece melhor, sendo ao mesmo tempo etymologica e prosodica; por egual teôr ha de escrever-se: avesso (aversum), almôsso (admorsum), pêssego (persicum), onde o *r* se assimilou á letra seguinte, que é *s*, conforme as leis naturaes da evolução phonetica. A mesma razão é de que se escreva *vossê* (em vez de *você*) pois é contracção successivamente de vossa mercê, *voss'*mercê, *voss'*

este genero de vida ; porque a mesma sua miseria ou escusa ou alivia o seu peccado.

Os ladrões, que mais propria e dignamente merecem este titulo, são aquelles, a quem os Reis encommendam os exercitos e legiões, ou o governo das provincias, ou a administração das cidades, os quaes já com manha, já com força roubam e despojam os povos.

Os outros ladrões roubam um homem, estes roubam cidades e reinos : os outros furtaram debaixo de seu risco, estes sem temor, nem perigo: os outros, se furtam, são enforcados, e estes furtam e enforcam. Diogenes, que tudo via com mais aguda vista, que os outros homens, viu que uma grande tropa de varas e ministros de justiça levavam a enforcar uns ladrões e começou a bradar : Lá vão os ladrões grandes a enforcar os pequenos. Ditosa Grecia, que tinha tal Prègador! E mais ditosas as outras nações, se nellas não padecera a justiça as mesmas affrontas! Quantas vezes se viu em Roma ir a enforcar um ladrão por ter furtado um carneiro, e no mesmo dia ser levado em triunfo um Consul, ou um Dictador por ter roubado uma provincia? E quantos ladrões teriam enforcado estes mesmos ladrões triunfantes? De um chamado Seronato disse com discreta contraposição Sidonio Apollinario: *Non cessat simul furta vel punire vel facere.*

---

messê (que é tambem de uso menos familiar) e *vossê*. Tal é, porém a anarchia orthographica do portuguez, que essas questões, por minimas, desprezadas e esquecidas, tocam a ridiculez.

«Seronato está sempre occupado em duas cousas: em castigar furtos, e em os fazer.» Isto não era zelo de justiça, senão inveja. Queria tirar os ladrões do mundo para roubar elle só. (154)

Jacinto Freire (155)

Discurso de Coge Çofar aos turcos

Companheiros e amigos, não vos ensinarei a temer, nem a desprezar esses poucos portuguezes, que dentro d'aquelles muros estaes vendo encerrados, porque não chegam a ser mais que homens, ainda que são soldados. Em todo o oriente até agora os acompanhou ou serviu a fortuna, e a fama das primeiras victorias lhes facilitou as outras. Com um limitado poder fazem guerra ao mundo, não podendo naturalmente durar um imperio sem forças,

---

(154) No mesmo sermão de Vieira depara-se a anecdota de Alexandre Magno e o pirata — cf. as versões do padre M. Bernardez — *Nova Floresta* IV, 121, e da *Arte de furtar*, cap. XIV, pg. 77-78, da ed. 1829.

(155) Padre Jacinto Freire de Andrade, um dos mais populares dos classicos—1597-1657. Escreveu: A) *Vida de Dom João de Castro*, a mais notavel de suas obras, outr'ora popularissima nas escolas, a qual teve umas quarenta edições. As outras producções suas alem d'esta são os versos *Fabula de Narciso*, etc., que se encontram no tomo III da *Fenis Renascida*. O estylo da sua prosa é rythmico, mas affectado e ás vezes obscuro, gongorico e improprio da historia.

sustentado na opinião ou fraqueza dos que lhes são sujeitos. Apenas tem quinhentos homens n'aquella fortaleza, os mais d'elles soldados de presidio, que sempre costumam ser os pobres ou os inuteis ; por terra não podem ter soccorro, os do mar lhes tem cerrado o inverno. Estão faltos de munições e mantimentos, assegurados na paz ou na soberba, com que desprezam tudo. Como são poucos, sempre n'aquelle muro hão de assistir os mesmos defensores, sem haver soldado reservado para o logar de outro; falta-lhes peonagem para reparar as ruinas da nossa bateria, e por força os ha de render o trabalho repartido em tão poucos. Estão insolentes com os destroços, que fizeram nas galés do Grão senhor, no cerco desta mesma fortaleza. A tão honrados Turcos e valentes Janizaros, como estaes presentes, toca acudir pela honra da vossa gente e de vosso imperio, com causa mais justa da guerra, que fazemos; que, ainda que Cambaya tem exercitos e soldados, não convem á reputação do Grão senhor vingar suas injurias com as armas alhêas. Com este fim vos trouxe a esta empresa porque vos não furtassem outros a gloria de tão justa vingança. Esta mesma terra que agora estaes pisando, cobre os ossos de vossos companheiros, parentes e amigos, que a cada um de nós (me parece) estão chamando por seu nome, contando-nos as mortes e as feridas, que destes homicidas receberam, esperando por vosso esforço poderem descançar vingados. Estes mesmos são os matadores de Badur, ingratos aos beneficios, atrevidos á majestade de principe tão grande, cuja vingança será grata a todos

os que se chamam reis, precisa a todos os que somos vassallos. (156)

Carta de D. João de Castro

— «Senhores vereadores, juizes, e povo da muito nobre e sempre leal cidade de Gôa: os dias passados vos escrevi por Simão Alvarez, cidadão d'esta cidade, as novas da victoria, que me nosso Senhor deu contra os capitães d'el-rei de Cambaya, e calei, na carta, os trabalhos e grandes necessidades em que ficava, porque lograsseis mais inteiramente o prazer e contentamento da victoria: mas já agora me pareceu necessario não dissimular mais tempo, e dar-vos conta dos trabalhos em que fico, e pedir-vos ajuda para poder supprir e remediar tamanhas cousas, como tenho entre as mãos: porque eu tenho a fortaleza de Diu derribada até o cimento, sem se poder aproveitar um só palmo de parede: de maneira, que não somente é necessario fabrical-a, este verão, de novo; mas

---

(156) Seguiu-se a lição, n'este excerpto e no seguinte, da ed. de Paris, 1757—livro II, 125-127. || Grão-senhor, o imperador turco. Tiveram os portuguezes a precedencia sobre todos os povos modernos, na traducção ou designação de titulos, e outros nomes especiaes das linguas e da civilisação do Oriente. Muitas d'estas expressões esquecidas ou menosprezadas no idioma vernaculo, tornaram modernamente com transcripções exoticas, extranhas e não raro improprias: como *shá*, *pachá*, em vez de *xá*, *paxá* ou antes *baxá*, que eram as antigas e exactas; *visir*, *kandjar*, *verandah*, *cheick* e quejandas, por *guazil* ou *alguazil*, *alfange*, *verinda* ou *varanda* e *xaque*. Do mesmo modo diz-se hoje *sultão* e os antigos diziam sempre *soldão* e alguma vez *soltão* (em Diogo do Couto). Os titulos de soberanos, grandes diguitarios ou governadores de provincias que mais occorrem são: *Baxá* (satrapa de grande provincia, grão-vizir), o *Xá*

ainda de tal arte e maneira, que perca as esperanças el-rei de Cambaya de em nenhum tempo a poder tomar. E com este trabalho, tenho outro igual, ou superior a elle; aldemenos para mim, muito mais incomportavel de todos; que são as grandes oppressões e continuos achaques, que me dão os lascarins por paga: de que lhes eu dou muita certeza; porque, d'outra maneira, se me iriam todos e ficarei só n'esta fortaleza: o que será occasião de me ver em grande perigo; e, por esse respeito, toda a India, como quer que os capitães d'el-rei de Cambaya, com a gente, que ficou do desbarato, estão em Suna, que é duas leguas d'esta fortaleza; e el-rei lhes manda, cada dia, engrossar seu campo com gente de pé e de cavallo, fazendo muitas amostras de tornar a tentar a fortuna, em querer dar outra batalha: para as quaes cousas me é necessario certa somma de dinheiro; pelo que vos peço muito por mercê, que por quanto isto importa ao serviço d'el-rei nosso senhor, e por quanto cumpre a vossas honras e lealdades, levardes avante vosso antiguo costume, e grande virtude, que é acudirdes sempre ás extremas necessidades de Sua Alteza, como bons e leaes vassallos seus, e pelo

---

(rei da Persia), o *Kan* (da Tartaria), o *Çamorim* (de Calecut), *Rumecão* (de Cambaya); melhormente *cão*, que é o titulo: *Rume Cão* Hidal *Cão*, posposto ao nome; o *Soldão* (em geral; o *Soldão* era o do Cairo e o *Grão Senhor* de todo o imperio turco), o *Negus* ou *Acegue* da Abassia ou Abissinia), *Bey* (regulo na Berberia), *Xaque* (de Malaca e outros lugares), *Xeque* ou *Xarife* (de Meca), *Calife* (dos arabes); as aristocracias religiosas ou leigas são os *bonzos* e os *mandarins*, na China; os *Bracmenes* ou *bramenes*, e os cabeças d'elles os *cabritins*. (Dec. I, fol. 181) e os *Rajas* ou governadores, na India; o *Aga*, chefe dos janizaros, os

grande e entranhavel amor, que a todos vos tenho, me queiraes emprestar vinte mil pardaus; os quaes vos prometto, como cavalleiro, e vos faço juramento dos Santos Evangelhos, de vol-os mandar pagar antes de um anno, pôsto que tenha, e me venham de novo outras oppressões, e necessidades maiores, que das que ao presente estou cercado. Eu mandei desenterrar D. Fernando, meu filho, que os Mouros mataram n'esta fortaleza, pelejando por serviço de Deus e d'el-rei nosso Senhor, para vos mandar empenhar os seus ossos; mas acharam-o de tal maneira que não foi licito ainda agora de o tirar da terra: pelo que me não ficou outro penhor, salvo as minhas proprias barbas, que vos aqui mando por Diogo Rodriguez de Azevedo: porque, como ja deveis ter sabido, eu não possuo ouro, nem prata, nem cousa alguma de raiz por onde vos possa segurar vossas fazendas, somente uma verdade sêca e breve, que me Nosso Senhor deu. Mas para que tenhaes por mais certo vossos pagamentos, e não pareça a algumas pessoas, que por alguma maneira podem

---

cad, alcaides, juizes, os *mires* (*emires*) al*mir*antes, os *miramulins* de Marrocos, na Turquia, Persia e Arabia. A lista seria demasiado extensa, se houvessemos de recensear os titulos e senhorias tão abundantes e tão conformes á vaidade e luxo dos orientaes. Titulos antigos tambem existiram, proprios da civilisação portugueza e européa, como o de *Alteza*, que se dava ao Rei, e que no dominio hespanhol foi substituido por *Majestade*, e *Dom*, equivalente ao « *Monsignor* em Italia, *Monsieur* em França, *Mossem* em Catalunha e *Micer* (ou *Misser*) em Valença. (V. Alvaro de Vera — *Origem da Nobresa*, ed. de 1781, pg. 42) e o prenome *Cid* entre os Mouros: *Cid* Hali, *Cid* Muça, etc. || Ingrato (não agradecido) e grato, agradavel, em vez de agradecido); occorrem os dous termos e com a distincção que já fizemos (nota 103) conforme o emprego que a estes dous vocabulos deram os mais abalizados classicos.

ficar sem elle como outras vezes aconteceu, vos mando aqui uma provisão para o thesoureiro de Goa, para que dos rendimentos dos cavallos, vos va pagando, entregando toda a quantia que forem rendendo, até serdes pagos. E o modo que n'este pagamento se deve ter o ordenareis lá com elle. Hei por escusado de vos affeitar palavras, para vos encarecer mais os trabalhos, em que fico, porque tenho por muito certo, por todos os respeitos, que acima digo, haverdes de fazer, n'esta parte, tudo, e mais do que poderdes; sem entrevir para isso outra cousa, salvo vossas virtudes costumadas e o amor, que todos me tendes, e vos tenho. Encommendo-me, senhores, em vossas mercês. De Diu, a 23 de novembro de 1546.» (157)

---

(157) A questão de ordem na collocação dos pronomes obliquos é materia já fastidiosamente conhecida entre nós, e não se ha de repetir o que já é por demais conhecido (*Gramm.* do auctor, 11ª ed. pg. 229) Devo comtudo notar que a próclise no estylo dos classicos quinhentistas e seiscentistas não é a mesma do uso commum actual, e tal se vê de dous exemplos n'este excerpto: «a victoria que *me* Nosso Senhor deu»; e mais adiante: «de que *lhes eu* dou muita certeza». Ha aqui dous casos especiaes: o da occurrencia de dous pronomes como no ultimo exemplo, e o da *próclise* com intercalação de outra palavra entre o pronome e o verbo; ambas as syntaxes são frequentes nos melhores classicos. A *próclise* a grande distancia do verbo encontra-se hoje apenas em raros escriptores, como Castilho, mais lidos na literatura antiga; hoje, escrever-se-ia: «a victoria que N. Senhor *me* deu». Entretanto os antigos faziam intercalar o sujeito, o adverbio e talhos inteiros de phrase entre a particula pronominal e o verbo: «Pois *nos* Deus aqui ajuntou». H. Piuto — *Imagem*, I, pg. 86. «Em que *lhes* o dia todo deu lugar». *Palmeirim*, I, pg. 13. «Se *se lhes* a *elles* apegassem as outras condições — Ferreira — *Obras* II, 298. «Onde *os* elle, quando chegaram, já estava esperando». Lucena — *S. F. Xavier*, I, pg. 25; «se *o vós* não tomardes por grande trabalho». J. de Barros — *Clarimundo*, I, 245. «Já *me* a mim começa o máu sabor da bocca». Sá de Miranda — *Obras*, II, pg. 148. E como estes innumeros e constantes exemplos. Ainda hoje é preferivel a intercalação para evitar alguma cacophonia: «As razões que *me* agora acodem» (em vez de — as razões que *agora* me acodem, etc.). Tambem é de uso commum em

Os prologos

São os Prologos um antecipado remedio aos achaques dos livros, porque andam sempre de companhia os erros e as desculpas.

Portugal, mas não no Brazil, a intercalação da negativa: «o que *se não* deve dizer—«motivos *me não* occorrem»—syntaxe que não é popular entre nós, mas merecia imitada; na literatura, já se vê. Registre-se, como sendo regra não exceptuada, que quando se combinam as particulas *se, lhe, o, me, te, vos, nos* — a particula *se* precede sempre as outras (*se, me, se, o, se lhe*, etc. e a particula *o* ou *a*, sempre vem depois (*se o, m'a, nol-o, vol-o*) e quando acaso se ligam *lhe* e *o*, a primeira nunca terá plural (*disse-lh'o*, e jamais *disse-lhei-o*) factos estes de tal arte usuaes que n'esta materia só o estrangeiro poderia cair em erro. A não ser no caso d'estas combinações, quando entravam os pronomes sujeitos *eu, tu, elle*, etc., os classicos tinham muito maior liberdade, e podiam dizer *se eu o tivera* ou *se o eu tivera; se eu lh'o dissera* ou *se lhe eu o dissera* ou *se lhe o eu dissera*. No Brazil, todo o povo começa a phrase como no hespanhol, com o pronome obliquo: «*Me diga*» syntaxe que em vão pretende passar-se aos livros; permittem-n'a os portuguezes apenas em orações intercalares: «Viveu (*se* conta) hum medico em Florença» Conde da Ericeira — *Arte Poetica* — c. IV, est. 1. «Quem fez aquellas cazarias, aquelles palacios e aquellas quintas»? *se* pergunta e *se* responde: Um governador, etc.» Fr. A. das Chagas. *Ramilh. espiritual*, pg. 16. Outro uso classico que, parece, desappareceu foi o de intercalar o pronome obliquo depois do verbo *haver*, muito commum principalmente em Vieira; apontamos apenas os exemplos: «As igrejas novas *hão-se* de fundar e estabelecer, como Christo fundou» — *Sermões selectos*, tomo III, pg. 200. «Os profetas *hão-se* de pesar, não se hão de contar». *Ibidem*, tomo IV, pg. 96. «Senhor, *hei-vos* de falar» Sá de Miranda — *Obras primas*, pg. 50. «Mas *ha-se* de soffrer que o fado désse | A tam poucos tamanho esforço e arte? Luis de Camões —*Lusiadas*, canto I, est. 75. «E quanto ao que allegastes de S. Geronymo, *ha-se* de enteuder, das pessoas que trazem cheiros para delicias» Amador Arrais — *Dialogos*, I, pg. 28. Não se generalizou felizmente o uso raro e desagradavel ao ouvido, mas com exemplos nos quinhentistas, de pospor o pronome ao futuro, cuja syllaba é sempre aguda: *direi-lhe, fará-me*, etc. Nas estrofes, que foram omitidas no canto X, dos primitivos manuscriptos dos *Lusiadas*, lia-se: «*Verá-se* emfim toda a India conjurada» (*da estrofe que devia seguir-se a 72ª do texto definitivo*). Lê-se tambem nos *Ditos da Freyra*: «Riquezas dam cuydados, e *atravessarão-se-lhe* mil desventuras».

Dom Francisco Manoel de Mello (158)

Mulheres que sabem latim

Pois comecei com os meus adagios, hei de acabar com elles. Ouvi um dia caminhando, e não era elle menos que a um chapado recoveiro (veja v. m. que enjeitei os philosophos, para citar estes actores), emfim ouvi-lhe, que Deus o guardasse de mula que faz *him*, e de mulher que sabe latim. O riso e gosto com que lhe escutei esta engraçada sentença me faz agora lembrar d'ella; não se julgue por indecente, se é proveitosa. O ponto está em que o latim não é o que damna, mas o que comsigo traz de outros saberêtes envolto aquelle saber.

Já que estou ao fogo, e como desde este lugar falo a v. m., e v. m. me ouve, e me perdoa, irá outra não peior historia. Confessava-se uma mulher honrada a um padre

---

(158) Dom Francisco Manoel de Mello, auctor classico nas duas linguas em que escreveu — em hespanhol e em portuguez; elegante erudito, excellente poeta e prosador (1621-1666). Ainda que só vivesse quarenta e cinco annos, compoz numerosas obras de que existem publicadas em portuguez: A) *Carta de guia de casados*, 1651; B) *Epanaphoras de varia historia*, 1660; C) *Cartas familiares*, 1664; D) *Auto do Fidalgo Aprendiz*, 1676; E) *Aula politica*, 1720; F) *Apologos dialogaes*, 1721: G) *Tratado da sciencia cabala*, 1724; H) *Feira de Annexins*, (edit. por Innocencio) 1875. Não mencionamos as suas numerosas e importantes obras em castelhano, nem grande numero de manuscriptos que quasi todos se perderam. Dom Francisco Manoel andou em desterro pelo Brazil, e escreveu uma obra que devia ser preciosa para a historia da civilisação americana, com o titulo de — *O Brazil-Inferno dos negros, purgatorio dos brancos e paraiso dos mulatos;* — ficou em manuscripto e não se sabe onde foi parar.

velho, e rabujento, e como começasse a dizer em latim a confissão, perguntou-lhe o confessor: Sabeis latim? Disse-lhe: Padre, criei-me em mosteiro. Tornou-lhe a perguntar: Que estado tendes? Responden-lhe: Casada. A que tornou: Donde está vosso marido? Na India, meu Padre (disse ella). Então com agudeza repetiu o velho: Tende mão, filha; sabeis latim, criastes-vos em mosteiro, tendes marido na India? Ora ide-vos embora, e vinde cá outro dia, que é força que tragais muito que dizer, e eu estou hoje muito de pressa. (159)

Segredos

Os segredos que se fizeram para os grandes corações, fiquem nelles. E traga-se sempre presente aquelle notavel dito do outro: Nunca me arrependi do que não disse.

---

(159) *Não* era elle *menos que a um chapado recoveiro;* esta syntaxe com o sujeito *elle* neutro, egual ao de *il est, il pleut*, do francez e de linguagem popular portugueza já foi tratada em outro lugar. No *Auto do Fidalgo aprendiz*, d'este mesmo escriptor e excellente poeta, ha os versos aliás desagradaveis: «Ai o bargante! | E vós, mãe, *a-lh'o* soffrer» onde Mendez dos Remedios interpreta *haveil-o soffrer;* se aquella expressão fosse um verbo, o sujeito seria neutro e então poder-se-ia lêr *ha-lh'o soffrer*, isto é: *a ella, elle ha soffrel-o;* creio, porém, que *a* e não *ha* é preposição: «E vós *a* soffrel-o». Sobre o sujeito neutro, *vide* nota 145. || Donde está? vide nota 141 || Desde este lugar; ponto de partida ou de viagem: «Lá *desde* o fundo d'alma» disse Bernardez, *Exercicios espirituaes*, II, pg. 235, da 1ª ed. 1707. «*Desde* a terra até o céo». Vieira — *Hist. do futuro*, 1ª ed., 1718, pg. 4, etc. || Saberête; diminutivo e pejorativo de saber, significa falsa sciencia de noticias e factos desconnexos. Este suffixo, como incremento dos verbos, é raro e parece indicar a idéa de companhia ou sociedade: *saberête*, é o que se aprende de ouvida e em camaradagem; *beberête* tambem é o beber em commum com outros amigos — e tudo se entende a má parte.

Vozes portuguezas

Quevedo. — Vozes soam de grande afflicção; mas, se me não engana o eco, portuguezas parecem.

Bocalino. — Pelo menos não são italianas nem francezas.

Lipsio. — Nem flamengas, nem latinas: e de caminho vos descubro este segredo, como versado nelle: sabei que todos os idiomas do mundo tem seu som particular sobre que armam sua linguagem: como latinos, hespanhoes e inglezes fazem sobre a letra O N; francezes sobre E A, como já foram os gregos; e são os mais frequentes, que todos, os ethiopes na letra E; os barbaros das Indias occidentaes se affeiçoaram tanto á letra U, que em quasi todas as dicções nella acabam suas clausulas; d'onde (se notardes) procedem dous galantes secretos: o primeiro, que, sem comprehensão de palavras, se póde averiguar qual seja a lingua em que se proferem; o segundo, que pela frequencia das letras se decifra qualquer segredo escripto nellas.

Bocalino. — Não lhe faltava mais agora a este flamengo presumido senão ensinar-nos o ABC.

Auctor. — A menos custo de prosa eu sei já, senhores, quem é o doente.

Lipsio. — Quem?

Auctor. — É o pobre Luis de Camões, que está alli lançado a um canto, sem que todos os seus *cantos*, tão nobremente cantados, lhe negociassem melhor jazigo!

Bocalino. — De que se queixa o famoso poeta portuguez?

Quevedo. — De nós todos se poderá queixar; porque, sendo honra e gloria de Hespanha, tão mal tornamos por elle que, se são poucos os que o lêem, são menos os que o entendem.

Bocalino. — Cuidei que se queixava de quatro traducções e dous commentadores, que o teem posto na espinha.

Lipsio. — Quaes são?

Auctor. — O primeiro é o bispo, Fr. Thomé de Faria, que o traduziu em latim, vindo de Targa, seu bispado: porque pela fórma da traducção mais parece romance punico que romano; mas, se um Faria o não levantou como devia, outro veiu que sobremodo o engrandeceu, como foi Manuel Severim de Faria, na vida que escreveu d'este poeta.

Lipsio. — Quem foi o segundo?

Auctor. — O segundo foi Macedo, que, a verso por verso, o quiz trocar em miudos, e no fim o deixou trocado, mas não traduzido. Os mais, é um castelhão e um franchinote, que pois lhe fizeram perder o nome que tal poeta merece, não é razão que os seus sejam sabidos. (160)

---

(160) Segue-se n'este excerpto o texto da edição (primeira) dos *Apologos Dialogaes*, 1721. || E c o, e não *ecco* ou *echo*; tenho por vezes notado quanto é anarchica a nossa orthographia portugueza, e quanto seria desejavel que ao menos reduzissemos á transcripção prosodica as chamadas letras ou grupos gregos que absolutamente não dizem com a nossa pronuncia e nem têm por si a tradição continua da escripta, na literatura por-

Se os mouros pintassem

Mostrava um christão em Ceuta certo painel de Santiago a um mouro, e tinha o Santo muitos mouros desbaratados, e rendidos aos seus pés; mostrou-lh'o, dizendo:

— Olha, pêrro, quantos mouros, que vence Santiago?

Perguntou-lhe então o mouro, muito soccorrão em sua má algarabia:

— Quem *pintar*, Senhor christão? *Pintar* christão, ou mouro?

---

tugueza; é certo, porém, que existe firme tendencia para eliminar o *ch* grego na terminação das palavras: *eco*, patriar*ca*, monar*ca*, epo*ca*, heresiar*ca*, aristarco, etc., contra a analogia da fórma orthographica *monarchia*, que continúa a ser escripta com o *ch*. O diccionarista Constancio adopta a transcripção latina *kh* que o nosso filologo Julio Ribeiro quiz lá com as suas razões e exemplo, introduzir na orthographia das mesmas palavras que entraram para o lexico portuguez, escrevendo: *monarkhia, aristarkho*, etc. No seculo passado, Verney, apesar do bom senso que em outros assumptos mostrava, preferia o *ch* ou pelo menos *k*, á grafia *qu*, ao passo que Freire da Cunha e outros adoptaram indifferentemente as escriptas: ca*qu*etico e ca*ch*etico, monar*qu*ia e monar*chia*. || O excerpto trata da prosodia das linguas, e não serão descabidas algumas observações que, de passada, vamos aqui fazer. Maior talvez que a anarchia orthographica é a prosodica, nos vocabulos tirados do grego. Ramiz Galvão, em livro ainda inédito (mas de cuja introducção já saíram a luz algumas paginas que revelam o alto valor do *Vocabulario das palavras derivadas do grego*), diz o seguinte, referindo-se ao seu *uso geral*: «Seria preciso apural-o de modo positivo, e quanto isso é difficil se demonstra com alguns exemplos: O snr. C. de Figueiredo, (no seu *Novo Diccionario*), registra como fórmas mais geralmente usadas: *arthrópodo, cephalópodo, gastrópodo* e muitos congeneres derivados de *πους, ποδός* — pé —; *hydrócele* e muitos outros compostos de *κήλη* — tumor, hernia —; *triandria, tetrandia, pentandria, hexandria* e, egualmente paroxytonos, todos os derivados de *ἀνήρ, ἀνδρός* que designam classe do systema vegetal de Linneu; *hemophilia* (comp. de *αἷμα* e *φίλος*); *pleurodynia* (aliás muito certo e bem accentuado); *paracentese* (derivado e cópia genuina do grego *παραχεντησις*, cuja penultima é essencialmente

— Como *pintar* mouro! (dizia o christão). Pintou-o um christão muito honrado. E christão velho.

— Pois (respondeu o mouro) bem *parecer;* porque se *pintar* mouro, *pôr* mouro a cavallo e mais de trinta Santiagos ao pé.

Tanto tomam as pinturas da mão de quem faz os paineis!

---

longa); *Geodesia, aeróstato* e *pólypo* (todos estes a nosso vêr mui correctamente accentuados). Pois bem. Podemos assegurar-lhe que no Brasil, onde 18 ou 19 milhões de habitantes falam portuguez, e nos circulos onde taes vocabulos de origem erudita se empregam, *o uso mais geral*, posto que ás vezes incorrecto, é inteiramente outro. Aqui é correute dizer-se: *cephalópode, hydrocéle, pentandria, homophilia, paracentêse* (todos certos), da mesma fórma que *pleurodynia, Geodésia, aerostáto* e *polypo* (que cousideramos prosodia incorrecta e carecedora de reforma).» Pela minha parte, accrescento que não é cousa facil e as vezes nem é cousa possivel, contraditar o *uso geral* e a *tradição literaria* da lingua em que se naturalizam bem ou mal, alguns vocabulos extranhos. N'esta usual prosodia as discrepancias são antignissimas e inuumeras, já porque se seguem as regras da quantidade e accento, ora do latim, ora do grego, desordenadamente: *Apotegma* e *apophthégma* dizem quasi todos; outros dizem *apóthema* (dito seutencioso, *Dicc. exegetico*, ed. 1871); *enclise* e *proclise*, é como se diz no Brazil (em Portugal, enclise e próclise, v. Cortesão —*Subsidios para um diccion. completo*); *Arío*, diz o *Dicc. exeg.*, quanto ao nome do heresiarca. *Arithmética* (segundo Moraes o *th* não se pronuncia). *A'theo*, mauda pronunciar o *Dicc. exeget.* que tambem accentúa (contra a lição de Moraes) *apótheóse. Cyclópes;* traz este accento tambem Madureira no vocabulario de sua *Orth.*. Dysenteria; Moraes diz disentéria, e assim o accentúa o Padre José Agostinho de Macedo, no *Motim literario:* «É o bicho de chaves, ó Miseria | Que eu de medo já sinto a dysentéria» II, pg. 198. Ele*phán*tino, assim o quer Madureira, e em verdade esse suffixo *ino* era de natureza breve (cris*tá*lino) mas o uso o tornou grave. Exédra (Roquette e Faria) éxedra, segundo os mais. Exegése, exegéta são pronuncias que Cortesão reprova, apezar do uso commum que creio n'esta cedeu á prosodia franceza. Epiphania é o nome da festa, segundo accentúa Moraes, e Epiphania, é pelo menos a prosodia vulgar do nome proprio de mulher. Epithéto, é como diz sempre João de Barros na sua *Gramm.* e asssim se vê em alguns poetas, e assim legislavam os culteranistas e gongoricos do seculo XVII na *Arte de Conceitos* de Leytam Ferreira, 1721, tomo II, 448 *et sequ.* Elogio é a pronuncia normal, e eulogia; mas ha quem lhe dê a prosodia latina *elógio.* Epódo, escreveu o quinhentista F. de Andrade, quando traduziu

Vicios

Era dito de um discreto que vinho, jogo e tabaco se deviam de vender nas boticas como mezinha.

A honra comparo eu á conta do algarismo ; tanto erra quem errou em um como quem errou em mil.

Diogo de Teive e evidentemente não se referiu á palavra *Épodo* (especie lirica). Genése, já se ouve dizer como neologismo das sciencias naturaes por influxo do francez e com o genero feminino; Madureira mandava dizer gene*sis*; todos os mais dizem génesis; mas é certo que nas judiarias e aljamas do antigo Portugal chamavam gene*sim* a aula em que se explicava o pentateuco. Hemicyclo, diz Moraes com o commum ; hemicyclo, diz o *Dicc. exeget.* e não sei se alguem mais. Hyper*tr*óphia, quer Cortesão que se diga, e da mesma maneira manda pronunciar es*th*ésia, anes*th*ésia, hemiplégia, hyperémia, a*tr*óphia, bioscópia, hydrotherápia, xenócarpo, etc. *Hé*lena «com o *le* breve (dizia Madureira) se chama só por uso e introducção aquella decantada rainha da Grecia roubada por Paris, que foi causa das ruinas de Troya. *Hyppó*dromo e hyppo*dro*mo dividem as opiniões: pela primeira pronuncia é Madureira; pela segunda, Moraes. Hippómanes, dizem Cortesão nos *Subsidios*, e Castilho nas *Georgicas*, 179, citado por aquelle; Moraes, porém, dá a pronuncia hipo*má*nes. Fr. Manoel do Cenaculo e antes d'elle Vieira nas suas obras escreveram sempre *diecese* por *diocêse* (lat. *diœcesis*). Idolo, dizem uns; i*dó*lo, dizem outros que seguem a prosodia latina; outros fazem d'essa divergencia duas fórmas : *ídolo*, imagem, feitura; e *idólo*, fantasia, representação puramente mental, *Dicc. exeg.* e talvez com esta prosodia, venha da linguagem philosophica tomada de Bacon, que classifica os erros logicos com esta expressão: *idóla fori*, *idóla tribus*, etc. Lit*úr*gia é a pronuncia que aconselha Moraes contra o que aconselhava Madureira, que diz — *liturgía* — e creio que é a prosodia mais commum. Metemp*sy*chose é a pronuncia de Moraes, mas quasi todos pronunciam metempsy*cho*se e o neologismo psy*cho*se. *My*ope é como diz Moraes: outros dizem *miópe* e pres*by*ta (*Dicc. exeg.*). Meta*mór*phose, disse Filinto Elysio nas suas *Fabulas* (*Obras*, XIII, pg. 7, ed. de Lisboa) mas foi por licença poetica como pela mesma liberdade, se é que não foi acerto e convicção propria, Camões nos *Lusíadas* disse *Pró*teo (Canto I, est. 19; e o mesmo Filinto *Ibid*, 159, por imitação: *Té*reo) Idol*à*tra (II, est. 54 e VIII, est. 85 ; X, est. 147) Cyc*ló*pas (II, est. 90) Théseo (II, est. 112) Dário (III, est. 41) Semir*á*mis (III, 100) Cleop*á*tra (III, 141) Ethiópes (V, est. 62) Demodoco (X, est. 8) archet*y*po (X, est. 79). Nicro*man*cia e nicro*man*cia. *O*pala, dizem Madureira e outros, e Moraes op*ú*la. Arist*ó*crata, aut*ó*crata, dem*ó*crata são as pro-

Padre Manoel Bernardez (161)

Gladiadores

Tambem os jogos dos gladiadores foram invenção do diabo, cujo estudo se não emprega em outra cousa que em desfigurar a natureza humana, e transformal-a em si, privando-a de todo o sentimento de piedade. A origem d'este uso (conforme adverte Tertulliano) foi que os antigos, por entenderem que as almas dos defuntos se pro-

---

nuncias correctas, e aconselham-as Cortesão e outros, mas não se conformam com o uso geral e popular que é differente. Pan*th*eon, era a pronuucia antiga, e dos velhos diccionaristas; Moraes acceita-a mas nota que Lucena accentuou panthe*ón*; Madureira que a palavra é esdruxula p*án*theon. *Pégaso* é a prouuncia commum; alguns dizem Pegáso, e d'este numero de certo era o Conde da Ericeira, que ua *Arte Poetica* escreveu o verso: «Ides sobre o Pegáso aos céos visinhos» — *canto* III, est. XXXIX.— Periphe*r*ia *(Dicc. exeg.)* Psychose e psy*ch*ose, já referidos acima. Par*á*clito e para*cl*éto, ambas as fórmas estão registradas nos vocabularios, e são controvertidas desde seculos; no *Dicc. sacro*, De Magri cita a proposito o parecer de um antigo bispo da egreja: «Quidam Græcus veniens in palatio Regis, cum legeretur illud evangelium, et diceretur *Paraclitus*, dixit, *Paracletus* deberet dici. *Tamem nos non audemus illud mutare ex consuetudine.*» *Sa*rcoma (*Dicc. exeg.)* sarcóma (Moraes). *Sa*tyro (da mythologia) e Sa*t*yro (querem alguns para o nome christão). Synony*mía (Dicc. exeg.)* e synon*y*mia (Moraes e outros). Te*l*ephono, tele*ph*ono e tele*ph*one. Theocra*c*ia (Moraes) e outros contra Madureira e os que dizem theo*cr*acia.

(161) Pe. Manoel Bernardez, o mais suave, ameno e variado de todos os classicos, douto e eloquentissimo, sem rival no genero epico ou narrativo da prosa portugueza, da qual Vieira e elle são os mais insignes cultores e os mais perfeitos mestres (1644-1710). Escreveu: A) *Exercicios espirituaes*, 1686; B) *Nova Floresta*, 5 vols., 1710-1728; C) *Luz e Calor*, 1696; D) *Estimulo pratico para seguir o bem*, 1730; E) *Sermões*, em 2 vols., 1711-33; F) e outras obras menores, que na melhor parte foram reuuidas sob o titulo *Varios tratados*, 1737, em dous volumes; alguns d'estes tratados como o *Pão partido em pequeninos* e *Armas de castidade*, já haviam saído e continuaram a sair á luz publica, em separado. Ha tambem do Pe. M. B. uma traducção annotada do italiano: *Paraiso de contemplativos*.

piciavam e consolavam com sangue humano, costumavam nas suas exequias sacrificar os servos proprios, ou os de má condição comprados para este effeito. Depois, quizeram d'esta impiedade fazer jogo e entretenimento, e ordenaram que elles mesmos uns aos outros se matassem, pelejando entre si de dous em dous; e para este effeito se adestravam primeiro, aprendendo as idas e venidas, entradas e retiradas com outros antigos n'este officio, a que chamavam Lanistas. Publicava-se o dia do officio do defunto (que por isso este exercicio se chamou *Munus*, e os officiaes que com elle corriam *Munerarios)*. Armava-se uma fogueira de lenha, posta com grande concerto, em cima se collocava o feretro ou esquife, com o cadaver para ser queimado.

Tudo á roda occupava o concurso do povo. Sahiam os gladiadores de dous em dous a combater; e d'estes introduziu depois o luxo e a ociosidade varias especies; porque uns pelejavam só com espadas rombas; outros, com uma espada em uma mão e uma rede na outra, com esta faziam por embaraçar e trazer a si a cabeça do seu competidor, e com a outra logo o apunhalavam.

Outros, que por isso chamavam bimaqueros, traziam em ambas as mãos espadas; outros eram anãos, escolhidos de proposito para sazonar mais o jogo com a sua estatura ridicula; e porque o appetite nunca diz basta, e sempre folga de experimentar novidade no seu gosto, vieram tambem a introduzir gladiadores, mulheres bravas e forçosas, que arregaçados os braços esgremiam entre si como homens, e se matavam como féras.

De todos estes miseraveis, poucos escapavam para outro jogo, se o povo não pedia que os manumittissem; e ficava o campo coberto de sangue, e semeado de cadaveres; e d'este modo se consolavam da morte de um com homicidios de muitos, vindo este exercicio a ter tanto maior applauso quanta maior crueldade.

Começou este exercicio por tres pares de gladiadores, na praça chamada Boaria, em Roma, no anno da sua fundação quatrocentos e noventa, exhibidos pelos filhos de Bruto, em honra e exequias da sua morte.

Depois nas exequias de Marco Emilio Lepido se exhibiram dezoito pares; logo nas de Marco Valerio Levino se exhibiram vinte e cinco pares. Depois nas de Publio Linicinio, cento e vinte pares, e nas de Crixio chegaram a cento e cincoenta pares, que todos morrêram.

Cresceu o abuso, e já sem ser a titulo de exequias, por qualquer outra causa, como de alcançar alguma dignidade ou victoria, ou de festejar o dia do seu nascimento, faziam estes espectaculos.

Nero, que foi um demonio humano, fez sahir quatrocentos senadores, e seiscentos da ordem equestre: Herodes Agrippa deu de uma vez seiscentos pares de gladiadores.

Eis-aqui o que eramos as gentes antes da lei evangelica e graça de Christo ter domado nossos corações. Eis-aqui como o principe d'este mundo estava encastellado na sua casa, e ainda estivera, se outro braço mais forte o não desapossára. E não era isto entre Massagetas, ou Scythas barbaros, senão entre Gregos e Romanos, que eram as nações mais cultivadas. E comtudo (são palavras

de Lactancio Firmiano) estava n'elles tão apagado o sentimento da piedade humana, que tinham por folguedo o matar homens.

. . . . . .

A poesia tambem é pintura, conforme o adagio antigo: *Poesis pictura loquens*, *Pictura poesis tacita*. A que hoje se usa pela maior parte merecia tambem o mesmo cadafalso.

Com razão louva S. Agostinho a Platão, de ordenar na sua republica que semelhantes poetas fossem desterrados, como corruptores publicos dos bons costumes, e constituia censores que examinassem as poesias. Oh! quanto haveria que examinar e desterrar no nosso seculo, e na nossa Espanha! E o que maior erro é, cuidam seus autores que a materia que não é profana não é tão accommodada para esta arte campear, e que o espirito devoto secca as vêas da musa. Enchem-se as paginas de conceitos, e equivocos, e certames, e delirios, sobre descrever as feições de uma mulher, e os affectos de uma paixão desordenada; e se lhes propuzessem por materia alguma acção heroica de que as vidas dos santos estão cheias, algum de tantos successos raros e memoraveis de que os sagrados livros abundam, aqui se murchou o seu louvor, e se seccou a cabalina. (162)

---

(162) Em nota correspondente ao excerpto que nesta 2ª edição foi supprimido, tratei do sentido da palavra *calma* (v. o indice de vocabulos *in fine* onde ajunto observações novas) que hoje se acha alterado, principalmente entre nós brazileiros. Não se póde negar que para isso con-

Os frades e as formigas

Foi o caso (conforme narrou um sacerdote da mesma religião e Provincia), que na capitania do Maranhão as formigas que são muitas e mui grandes, e daninhas, para estenderem o seu reino subterraneo, e ensancharem os seus celleiros, de tal sorte minaram a despensa dos frades assaltando a terra de baixo dos fundamentos, que ameaçava proxima ruina.

E accrescentando delicto a delicto, furtavam a farinha de pau que alli estava guardada para quotidiano abasto da Communidade.

Como as turmas do inimigo eram tam bastas e incansaveis a toda hora do dia e da noite, vieram os religiosos a padecer falta, e buscar-lhe o remedio ; e não aproveitando alguns de que fizeram experiencia, porque em fim a concordia na multidão a torna insuperavel ; ultimamente por instincto superior (a que se póde crer) saiu um religioso com este arbitrio : que elles, revestindo-se

---

tribuisse o influxo do francez que é a lingua quasi unica que lêem os nossos escriptores. Muitas expressões, porém, phrases e palavras passam por *gallicismos*, que o não são, e acham-se auctorizadas pelos classicos e de epocas em que só liam o latim, o hespanhol e o italiano, linguas mais conformes á indole da nossa. Aqui apontarei algumas que hoje para muita gente seriam pelo menos suspeitas : *prender o fogo* é expressão que se encontra em varias obras de M. Bernardez : Lenha secca sem humidade da graça... como *prenderá* o fogo ? *Exerc.* II, 224. Tão longe está de não apagar-se n'elle o fogo que nem chega a *prender* — *Estimulo*, pg. 46. Ainda de Bernardez são : *quarto ou apartamento* (nos *Varios trat.*. I, 97) ; *portar-se* (*Exercicios*, II, 225) ; *em ordem a* (B. do Quental, *Medit. da Ress.* 183) e outros ; *sem vos* por *se vos não fosseis*, como querem, e em verdade é mais commum (*Ibid.* 36) ; *remontar os vôos* (Fr. A. das Chagas — *Ramilh. espir.* 205) ; *presumptuoso* (H. Pinto —

daquelle espirito de humanidade e simplicidade, com que seu serafico patriarcha a todas as creaturas chamava irmãs: irmão Sol, irmão Lobo, irmã Andorinha, etc., puzessem demanda áquellas irmãs formigas, perante o tribunal da Divina Providencia e sinalassem procuradores assim por parte d'elles auctores, como d'ellas rés, e o seu prelado fosse o juiz, que em nome da Suprema Equidade, ouvisse o processado, e determinasse a presente causa.

Agradou a traça, e isto assim disposto, deu o procurador dos padres piedoso libello contra as formigas e contestadas por parte d'ellas a demanda, veiu articulando: que elles auctores, conformando-se com o seu instituto mendicante, viviam de esmolas, ajuntando-as com grande trabalho seu pelas roças daquelle paiz, e que as formigas, animaes de espirito totalmente opposto ao do Evangelho, e por isso aborrecido de seu padre S. Francisco, não faziam mais que roubal-os, e não somente procediam como ladrões formigueiros, senão que com manifesta violencia os pretendiam expellir da casa, arruinando-a.

E, portanto, déssem razão de si, ou quando não, fos-

Imag., II, 53); *homem de baixa estofa* (*Id.* na mesma pagina); *arenga*, discurso (Jac. Freire, *Vida de D. João de Castro*, 39); *sujeito*, assumpto (Vieira, *Hist. do futuro*, 32); *tapizes*, tapetes (*Id. Serm. sel.* tomo VI, 116) «A composição exterior que é a *marca* do Religioso» Fr. L. de Sousa— *Vida do Arceb.* I, 35). «Acudiu Fr. Bartholomeu ao Paço tão alheio da honra que o buscava que *toda outra* cousa fôra mais facil subir-lhe a imaginação» (Do mesmo, I, pg. 45) *mal contentes* (I, 63) e ainda muitos e numerosos vocabulos, que já se têm por genuinos da antiga lingua: *reproche* e *reprochar*, *reconto* e *recontar*, *gelosia* (Vieira,

sem todas mortas com algum ar pestilento, ou afogadas com alguma inundação, ou pelo menos exterminadas para sempre daquelle districto.

A isto veiu contrariando o procurador daquelle negro e miúdo povo, e allegou por sua parte fielmente: em primeiro lugar, que ellas, uma vez recebido o beneficio da vida por seu Creador, tinham direito natural a conserval-a por aquelle meio que o mesmo Senhor lhes ensinára. *Item*: que na praxe e execução destes meios serviam ao Creador, dando aos homens os exemplos das virtudes, que lhes mandara, a saber: de prudencia, acautelando os futuros e guardando para o tempo da necessidade: de diligencia, ajuntando nesta vida, merecimentos para a eterna: S. Jeronymo: de caridade, ajudando umas ás outras, quando a carga é maior que as forças: e (disse um douto) tambem de religião e piedade, dando sepultura aos mortos da sua especie, como escreveu Plinio e observou para a sua doutrina o monge Malco. *Item*: que o trabalho que ellas punham na sua obra era muito maior respectivamente, que o delles auctores em ajuntar as esmolas, por que a carga era muitas vezes maior que o corpo

---

no sentido de cuidado e diligencia) *rival, ponto de honra*, etc.; *remercear*, agradecer, vê-se em Ruy de Pina: «enviou a El rey sua embaixada com grandes presentes *remerceando-lhe* muito a honra. (*Chron. de D. João II*, pg. 77 e pg. 69 e outros logares); mais commum se tornou depois *remerecer* (J. Vasc. *Euphros.* 57) com sentido um tanto differente. || *Levando a tôa para terra*; atoar um barco, etc., *rebocar*, puxar por uma corda ou outro meio qualquer objecto fluctuante; está no sentido etymologico *a tona* (da agua). *Ir a toa*, ao grado da corrente, ou levando por extranho impulso; «tomou os navios dos inimigos *a toa*». Diogo do Couto,

e o animo que as forças. *Item:* que supposto que elles eram irmãos mais nobres e dignos, todavia diante de Deus tambem eram umas formigas e que a vantagem do seu grau racional harto se descontava e abatia com haverem offendido o Creador, não observando as regras da razão, como ellas observavam as da natureza, pelo que se faziam indignos de que creatura alguma os servisse e accommodasse; que maior infidelidade era nelles defraudarem a gloria de Deus por tantas vias do que nellas furtarem sua farinha. *Item*: que ellas estavam de posse daquelle sitio antes d'elles auctores fundarem; e portanto não deviam ser d'elle esbulhadas e da força que se lhes fizesse appellariam para a Corôa da regalia do Creador que tanto fez os pequenos como os grandes e a cada especie deputou seu anjo conservador. E ultimamente concluiram que defendessem elles a sua casa e farinha, pelos modos humanos que soubessem, porque isso lhes não tolhiam, porém que ellas sem embargo haviam de continuar as suas diligencias: pois do Senhor e não delles era a terra e quanto ella cria.

Vida de D. Paulo, 36. A expressão tupi *uatá, atá* passou á linguagem do norte do Brazil: — «caranguejos que andam *ao atá*»—diz-se quando andam muitos e desnorteados, o que acontece em certa epoca do anno; não é o vocabulo corrupção de *atôa* ou *atoar*, como suppoem alguns. || Parecia estarem; já observei em outra nota que os classicos empregam indifferentemente a dupla syntaxe: *parecia* estarem ou *pareciam* estar. O mesmo Bernardez disse «*pareciam* ser» em Luz e Calor, I, parte § 206. Outros verbos, como *vir, nascer* etc., tambem se constroem com a mesma syntaxe; veja-se no texto d'esta *Selecta* o exemplo de Vieira: «d'aqui *nasce* serem pouco sossegados» pg. 198. || *Converter* nadar *em* damnar; equivoco ou trocadilho, cousa muito da moda

Sobre esta contrariedade houve replicas e contra-replicas, de sorte que o procurador dos auctores se viu apertado: porque uma vez deduzida a contenda ao simples fôro de creaturas, e abstraindo razões contemplativas com espirito de humildade, não estavam as formigas destituidas de direito. Pelo que o juiz, vistos os autos e pondo-se com animo sincero na equidade que lhe pareceu mais racionavel, deu sentença que os frades fossem obrigados a sinalar, dentro de sua cerca, sitio competente para vivenda das formigas, e que ellas sob pena de excommunhão, mudassem logo a habitação visto que ambas partes podiam ficar acommodadas sem mutuo prejuizo, mormente porque elles religiosos tinham vindo alli por obediencia a semear o grão evangelico, e era digno o operario do seu sustento; e o das formigas podia consignar-se em outra parte, por meio de sua industria a menos custo. Lançada esta sentença foi outro religioso, de mandado do juiz, intimal-a em nome do Creador áquelle povo em voz sensivel nas bocas dos formigueiros.

---

dos seiscentistas, e por egual os *ecos*, *anagrammas*, *alliterações*, *paromeons*, *consonancias*, etc., de que estão cheios os escriptos do tempo, e são em geral de muito máu gosto, e d'isso não escaparam os melhores escriptores; sirvam de exemplo estes de Vieira: «Tão necessaria é a doutrina christan nos *paços*, como nas *praças*; no *estrado*, como nas *estradas*»,«Não é *symbolo* de Fé, é fé do *cymbalo* ... Que importa o *tinnir* ou os *tinos* da fé como os *desatinos* da vida?»—E, comtudo, em Vieira e em Bernardez o tributo que pagáram a essa corrupção do gosto não se compara ao dos muitos escriptores menores d'aquelle periodo. Leia-se n'esta mesma *Selecta Classica*, adiante, no periodo do seculo XVIII, o excerpto de L. A. Verney, onde se moteja do *cultismo* literario e da *Arte da agudeza*, do hespanhol Gracian, e da *A. de conceitos* de Leitão Ferreira.

Caso maravilhoso! e que mostra como se agradou deste requerimento aquelle supremo Senhor de quem está escripto que brinca com as suas criaturas. Immediatamente, sairam a toda a pressa, milhares de milhares daquelles animalejos que formando longas e grossas fileiras demandaram em direitura o signalado campo, deixando as antigas moradas e livres de sua molestissima oppressão aquelles santos religiosos que renderam a Deus as graças por tam admiravel manifestação de seu poder e providencia. (163)

O frade e o passarinho

Estando os religiosos de certo mosteiro rezando as horas canonicas, um d'elles, que mais attentamente acompanhava a oração vocal com a meditação interior, reparando no sobredito verso do Psalmo 89, onde se diz: que mil annos diante de Deus, são como o dia de hontem que passou, desejou penetrar o espirito d'esta admiravel sentença, e acabado o côro, entrou para a cerca

---

(163) Futuros; plural muito commum e hoje raro, como os *longes*, os *pertos* (Vieira, IV, 260 e VI, 131, e na *Hist. do Futuro*: — revelar-lhe os *futuros*, pg. 15;—os *futuros* portentosos, pg. 40;—noticia de seus *futuros*, pg. 48, etc. Creio que sob o influxo do francez é que nos habituamos á preferencia do singular n'esta, e até do plural em outras expressões. Em outro tempo o plural das palavras abstractas era cousa trivialissima: as *fealdades*, as *formosuras*, *amores*, *façanhas*, e ainda hoje o é — as felicidades, as necessidades, as coleras, etc. Certas expressões e dizeres corriam (quando ainda a lingua franceza era menos vulgarizada) com a fórma do plural: bons dias (hoje começa a generalizar-se

solitario e pensativo sobre o ponto. Quando de entre a espessura do arvoredo ouviu cantar um passarinho, cuja modulação era tam varia, tam seguida, tam suave, tam saudosa, que o religioso esquecido de tudo o mais, se assentou mui de proposito a ouvil-a.

Depois de um espaço, a seu parecer mui curto, explicando o passarinho os breves remos de suas ligeiras penninhas, foi cortando esse golfo dos ares e desappareceu, deixando ao seu ouvinte assás magoado; porque nada do que se possúe com gosto, se perde sem desconsolação. Voltou pois os passos para a clausura, com animo de continuar a seguinte hora, que para elle era a de terça.

Porém (oh maravilha nunca assás admirada!) o convento era outro, outras as portas, outro o côro, outros os monges e o abbade! Tudo desconhecia, como se fôra peregrino chegado então de remotos climas.

Umas vezes suspeitava se estaria sonhando, outras se padeceria alguma illusão do commum inimigo, e assim mesmo pedia experiencias que o desenganassem: nem era

---

o *bom dia* que é tradução de *bon jour;* boas noites («Deus lhe dê mui *boas noites*» — *Fidalgo aprendiz*, 49; em vez de boa noite — *bon soir;* graças — e não — graça (*grâce à...*); a olhos desarmados (a *olho nu* (!) *à l'œil nu*); as quintas essencias em vez de — as *quint'essencias*. («Sem fazer fugir experiencia das suas quintas substancias — Godinho — *Itin.* 82; e quintas essencias nos *Versos divinos* de Dom Francisco de Portugal—na pg. 16 da II parte. || É tambem certo que pelas mesmas razões em outras palavras começa a ser preferido o plural, quando o singular é que tem a seu favor o exemplo dos classicos; *riscos* em vez de—*risco;* a pés descalços—em lugar de — a pé descalço (e tambem se dirá no singular «a *pé enxuto*» — *Vida do Arc.* I, pg. 57, e em outros lugares). Estes gallicismos são, comtudo, perdoaveis, como são, ao meu ver, todos os que propriamente sem trazer palavras novas e inuteis, não alteram a composição, estylo ou a syntaxe da phrase.

menos a admiração nos outros monges, que negavam conhecel-o pelo rosto e pelo nome. Finalmente foi preciso recorrer á fé das chronicas e memorias antigas do mosteiro, nas quaes se achou declarado que no tempo de tal abbade (que era o mesmo que elle nomeava) desapparecêra o monge fulano, e nunca d'elle houvera mais noticia, e feito o cómputo dos tempos se achou serem passados trezentos annos.

N'este passo se lembrou o monge do pensamento com que saira do côro; entendeu o mysterio do caso e o declarou a todos. Pediu logo a communhão sagrada, e compondo-se honestamente sobre o leito, fechou os olhos e expirou; que foi o mesmo que abrir os da alma para lograr aquelle bem, que mil annos da sua vista, são como o dia de hontem que passou. (164)

---

(164) Esta admiravel historiazinha que já entrou para o *Folk lore* portuguez e brazileiro, foi duas vezes por varios modos recontada por Manoel Bernardez, diz na *Rev. lusit.* VIII—1, J. Leite de Vasconcellos; a presente versão é a dos *Sermões* (t. II, 241); a outra se acha no *Pão partido em pequeninos* (pgs. 4-5, dos *Varios tratados* — 11 vol.). Accrescento, completando a informação de Vasconcellos, que verifiquei haver duas versões portuguezas anteriores a estas; a do *Baculo pastoral*, pgs. 381-382 e a do *Allivio de Tristes* — no tomo I, pg. 442 (da ed. de 1754). A do *Baculo pastoral* assim começa: «Muytos authores cõtão, como he o Doutor chamado Discipulo, I, p. serm. 84, p. 318 c Henrique Granuo, no seu Speculum Exemplorum, dist. 9, c. 56, que houve um Religioso Santo e devoto, que ouvindo cantar no Officio das Matinas aquelle verso de David: *Milli anni ante oculos tuos tãquam dies hesterna, quæ præteryt;* q. quer dizer: Mil annos diante de Deus são como o dia de hontem, que já passou: e nunca acabava de entender como podesse ser isto, e ficando no côro pedio a Deus que lhe revelasse como isto podia ser e logo vio diante de si um passarinho formosissimo cõ o qual ficou tão contête, q. o foy seguindo .. etc.».. A versão do *Allivio de Tristes* é mais resumida, porém segue de muito perto a antecedente.

Na taverna

Desamparára sua vocação no ermo certo mancebo, tornando-se ao seculo. Outro monge ancião, querendo-o reduzir, foi em seu alcance, e o achou bebendo na taverna com outros freguezes da dita casa, e ouviu que, ao tirar da boca a taça já esgotada, dizia mui contente: «Oh bemdita seja a paz e a alegria da alma!» Então o velho, pondo-se-lhe diante, levantou as mãos e olhos ao céo, e disse: « Tantos annos ha que habito no deserto, orando e mortificando-me continuamente, e não pude ainda alcançar a paz e a alegria da alma, e este de um dia para o outro a achou na taverna. »

——

Os tres risos

Estando em artigo da morte um padre antigo do famoso deserto de Scithes, os outros monges rodeando-lhe a pobre cama ou esteira em que jazia, choravam amargamente. N'este ponto abriu os olhos e sorriu-se: d'alli a pouco tempo tornou a rir, e depois de outro breve intervallo, terceira vez deu a mesma mostra de alegria. Causou isto nos circumstantes não pequeno reparo, por ser austera a pessoa e formidavel a hora. Perguntaram a causa e respondeu-lhes: «A primeira vez me ri, porque vós outros temeis a morte; a segunda, porque temendo-a não estaes apparelhados; a terceira, porque já lá vai o trabalho, e

vou para o descanso. » Tornou então a cerrar os olhos, e desatou-se seu espirito. (165)

Moral politica

Muito mais se engana o principe, ou o conselheiro, ou o arbitrista, quando lhe saiu bem a sua malicia do que quando a não logrou. Incertas são todas as nossas providencias e mui poucos ou nenhuns são os lances, que póde o mais destro Architofel levar premeditados para dar *mate* a seu competidor d'este xadrêz, onde são mais as casas que em vinte labyrintos de Creta. A esfera de qualquer monarchia estriba n'estes dous polos, Religião e Justiça: sustentados estes, Deus dirigirá os mais conselhos: menos d'isso ha de enfatual-os e tornar a côrte um Egypto que não obre coisa alguma que não tenha pés ou cabeça. (166)

---

(165) No *Baculo Pastoral*, que teve muitas edições no seculo XVII e pelas fórmas exteriores da composição literaria, é uma das fontes da *Floresta*, de Manoel Bernardez, já se encontra, a pg. 359, esta mesma anecdota tirada da *Vita Patruum*. A versão de Saraiva de Sousa não tem a mesma elegancia e primor de estylo da de Bernardez, mas são ambas muito fieis. || Muitas selectas e collectaneas de classicos, trazem *Scitin* (em lugar de *Scithes*) reproduzindo um erro typographico dos *Excerptos* de Castilho.

(166) Enfatuar; não é pura a expressão *enfatuar* no sentido em que é hoje geralmente empregada; no seculo XVIII e ainda antes muito se discutiu e se contestou a conveniencia do vocabulo *enfatuar*, e do uso de Vieira que o tomou da Biblia. *Infatuare consilium*, enfatuar o conselho, traduziu o grande orador. Moraes registrou-o sob a fórma

Historia de tres cegos

Foram dous amigos a casa de outro, afim de passarem as horas da sésta em conversação honesta e proveitosa. Saindo uma criada lhes disse:

— Será necessario esperarem, porque dorme.

Tomaram elles o passeio para a alpendrada de um templo, que estava perto, determinando aguardar alli o tempo conveniente. A hora do meio-dia fizera o lugar solitario, e viram n'elle sómente tres cegos assentados, conversando entre si amigavelmente. Disseram os dous:

— Escutemos o que fallam, e cheguemos de mansinho.

Um dos cegos disse para o outro:

— Como cegaste tu?

Respondeu este:

— Eu era marinheiro, e uma vez, levantando nós ferro para passar de Africa, não sei que ar me deu nos

---

enfatuar e auctorizou com o exemplo de Vieira, e sob a fórma *infatuar* com certo sentido technico da practica da medicina. «O sal de tartaro enerva e *enfatua* ao sal corrosivo» — *Polyant. med.* fol. 420. Hoje se diz *neutraliza* e é este o sentido do lat. classico — *infatuare,* tirar o sabôr, as qualidades. No celebre *Sermão pelo bom successo das armas portuguezas contra as de Hollanda,* outra vez Vieira repete: «*conselhos enfatuados e confusos*». Nota-se que o verbo sempre se acompanha da mesma palavra *conselho,* e tambem aqui Bernardez fala de *enfatuar conselhos,* isto é, destruil-os, fazendo-os contradictorios, incompossiveis, irreconciliaveis ou contraproducentes, aniquilando-se uns pelos outros, e este era o sentido das sagradas Escripturas. Escusado é dizer que não é n'esta significação que se emprega o verbo *infatuar* ou *infatuar-se,* de hoje, que tem o valor de — tornar ou tornar-se jactancioso, vaidoso, etc.

olhos, que m'os cobriu de uma nevoa tão grossa, que não vi mais, nem mar nem terra. E tu, por que desgraça vieste a encontrar com o mesmo mal?

Respondeu o primeiro:

— Homem, fui official de fundir vidro, saltaram-me nos olhos umas chispas da fornalha, e ceguei.

Disseram então ambos ao terceiro:

— Conta-nos tu tambem a causa da tua mazella.

— Eu, se hei de dizer a verdade, respondeu elle, sendo moço, aborrecia o trabalhar, e dei-me a folgazão; pouca idade, muita ociosidade, eis a luxuria commigo, e trás d'ella a ladroeira. Um dia (por signal que o não tinha eu gastado muito em serviço de Deus) vi passar um enterro: o defunto levava ricos vestidos. Aqui temos gancho (disse eu cá com a minha roupeta), e fui-me atrás do enterro, por detrás da igreja de S. João; esperei que acabassem o responso; dei fé d'onde puzeram o corpo, e marquei as entradas e saídas. Caindo a noite, entrei na abobada, e não lhe deixei ao defunto mais que o lençol da mortalha. Saindo já com o fardel ás costas, diz-me a minha maldade, ou o diabo que me atiçava: toma tambem o lençol, que é bom. Voltei outra vez dentro, e querendo descosêl-o (ouvi uma cousa, que receio que a não crêais; mas prouvera a Deus que não fôra verdade!) eis que o defunto se assenta; e de improviso me mette os seus dedos pelos meus olhos, e m'os vasa. Tão grande foi em mim o medo, a dôr, e tribulação, que não sei como não fiquei morto e enterrado juntamente! Larguei tudo, e não me

contentando antes de sair sem a mortalha alheia, agora contentei-me de sair com a vida propria. Eis-aqui o meu conto.

Ouvindo isto os dous curiosos que estavam á escuta, acenou um ao outro que se fossem; e depois lhe disse:

— Hoje para que é estudar mais? bastante lição temos aprendido: assim nos aproveitemos d'ella! (167)

---

(167) *Nao vi mais* e não mais. Esta ultima locução na sua fórma antiga *non mais* transformou-se em *nò mais* e assim foi constantemente empregada até os ultimos tempos dos classicos. A ed. de Lisboa, das *Obras* de Filinto Elysio, no tomo IV, corrige *nò mais* para *não mais*, pg. 278, contra o que escrevera o auctor e está no *Parnaso lusitano*, IV, 18, com uma excellente nota em que se justifica o antigo cunho da expressão: «*Nò mais*, musa, *nò mais*, que a lyra tenho (*Lusiadas* X est. 145) («Ora *nò mais, nò mais!* entendida sois, senhora». *Euphros.* de J. de Vasconcellos, ed. de 1786, pg. 159. «*Nó mais* cerimonias agora» Gil Vicente III, 151. E anda existe e é de uso vulgar o vestigio *nónada* que é derivado de (non — nada) || *Para* que é *estudar mais*? esta proposição póde ter outra fórma com a omissão do verbo *para que estudar mais*? e o mesmo, no norte do Brazil, se dá na linguagem popular «*que que* queres?» «*que que* dizes?» por—*que é que*—ou *que é o que*. — Ha uma observação inedita (o que é excellente razão para a incluirmos aqui) do sr. Bias Mendes, do Ceará, a respeito d'aquellas expressões muito idiomaticas no extremo norte do paiz: «A simples repetição do *que* interrogativo constitue n'este caso um brazileirismo. Os Portuguezes dizem conforme a indole da sua lingua: *Que tem elle? que queres?* etc. Nós, porém, obedecendo a uma regra da lingua tupí, dizemos ordinariamente: *Que que tem? que que queres?* etc. E assim ajuntamos ao *que* portuguez outro *que* de procedencia americana, o qual em sua origem não era mais que um simples signal interrogativo. E a razão é que os indigenas uão significavam a interrogação sómente com o tom da voz, como nós Brazileiros o fazemos hoje em dia; mas tinham certas particulas como *taà, eerá*, que costumavam pospor ao verbo ou substantivo para mostrar quando perguntavam. Em verdade já o primeiro *que* dos nossos exemplos (que é de origem portugueza) significa *que coisa* porque é pronome dos a que chamam interrogativos, mas como os Tupís não comprehendam esta classe de palavras (por não existir na sua lingua), não podiam tam pouco limitar-se a traduzir dois vocabulos (*maã taà*) por um só (*que*)... Elles traduziram tambem o seu *taá* por outro *que;* e d'ahi a construcção *que que tem*. Pois, como não sabiam omittir na sua lingua as particulas interrogativas, não é de admirar que tenham introduzido em muitas phrases portuguezas um equivalente do seu *taá*. Similhantemente se explicam os demais exemplos. *Quando que... onde*

Sentenciar para si

Em uma terra do Brazil, fazendo-se uns jogos em que se corria um pato, houve dúvida entre dous aventureiros a qual d'elles pertencia. Constituiram arbitro a José de Anchieta, pela opinião que todos tinham de sua condição affavel. Succedeu estar alli presente um menino, mudo de nascença, e o dito veneravel padre lhe mandou decidisse a contenda. Suspensos todos, que sentença daria um menino, e que resposta um mudo, fallou este, e disse:

— Meu é o pato.

E d'alli por diante ficou com a lingua desimpedida, e levando o pato, ficou dirimida a competencia, com regozijo de todos. (168)

---

que... são outros casos d'este brazileirismo, pois tambem dizemos: *Quando que elle chegou? onde que vaes? onde que eu andei?* etc., e a razão parece a mesma que atraz se mostrou: — construcções tupís, cujo signal interrogativo passou ao nosso portuguez sob a fórma *que.*» Esta explicação, ainda que interessante e snggestiva, é ao meu parecer, muito forçada e em verdade inutil. A locução *que é que* contráe-se regularmente em *quêque* ou *quéque* do mesmo modo como se viu acima; *para que é* = *para quê?* e tambem *que é de?* contráe-se em *quêde* ou *quéde* — tanto no Brazil como em Portugal. A mesma deslocação do accento succedeu a expressão *êisque, êisk,* por *eis quê,* vide o texto do excerpto anterior e *aqui d'el-rei* transformado em *ák d'*el rei ou *águe,* como diz Gil Vicente: «Nem me valia chamar | A'que de Vasco de Foes», na farça de *Ignez Pereira,* 124.) ou simplesmente *à del rei,* como no *Fidalgo aprendiz* escreveu Dom Francisco Manoel, pg. 52.

(168) *Mandou decidisse a contenda;* em lugar de — *mandou que decidisse,* etc. Esta omissão do *que* «particula molesta» como já disse um grammatico, é muito commum em razão da euphonia da phrase: «eis chega ou eis *que* chega; onde quer se ouça, onde quer *que* se ouça, etc., e é principalmente commum antes da inflexão do subjunctivo. N'esta mesma *Selecta* podem-se ver alguns exemplos em varios excerptos. «As gazetas e avisos de Amsterdam *dizem tem* para sair uma poderosa

Da "Arte de furtar" (169)

A um cego, desses que pedem por portas, deram em certa parte um cacho de uvas por esmola; e como se guarda mal cevadeira de pobres, o que se póde pizar, tratou de o assegurar logo repartindo igualmente com o seu moço que o guiava, e para isso concertou com elle que o comessem bago e bago alternadamente: e depois de quatro idas e venidas, o cego para experimentar se o moço lhe guardava fidelidade, picou os bagos a pares: o moço vendo que seu amo falhava no contracto calou-se e deu-lhe os cabes a

---

armada». Vieira, *Cartas*, tomo IV, da nova ed., 1855, pg. 30; «atrevo-me já a *pedir se sirva* V. Ex. de me mandar dizer — *Ibid.* t. III, pg. 42; «como já me *parece tenho* dito a V. S.» *Id. ibid.* pg. 171. «Parece não quiz repetir o acto». Frei João de Ceita — *Sermões*, 1635-pg. 244 v. Muito menos usual é a syntaxe de J. Ferreira: «Nem mais cara a que se pede—por—*que a que se pede*»—*Euphrosyna*, pg. 54. E não é sómeute o *que* a unica expressão que se omitte por elegancia, euphonia ou eurythmia da phrase, quando não intencionalmente por outros motivos: «Todos meus passos (todos *os*...)». Ferreira — *Bristo*, Acto II, sc., II. «Amo todos *meus* proximos». Beruardez, *Exerc.* I, pg. 47. *Que* ou *do que*—depois do comparativo (Heraclito — *Factos da linguagem*, pg. 110) onde se ajuntam numerosos exemplos; o artigo antes do ordinal, *D. João II* ou D. João o II; o verbo *ser* antes do participio póde ser omittido «acções politicas que hão mister aprendidas». Frei Luis de Souza | *Annaes de D. João* III, pg. 6. «Não são (cravos) para cheirados | Só servem para ver». Serrão de Crasto, na *Phenix ren.* IV, 250. Algumas d'essas omissões são de regra e do bom estylo classico, como *falar verdade* e não *falar a verdade* (vide nota 55), e segundo graciosa informação do eminente philologo Heraclito Graça, parece que a omissão do artigo é a regra geral depois de *todo* e antes do *possessivo* ou de nomes proprios, como nos exemplos acima citados; em caso analogo a expressão *fazer semblante* (que não é gallicismo, e é de J. de Barros), e *mudar semblante*, que é de Fr. Luis de Sousa — *Vida do Arc.* II, 104; e *fazer conta* e outras tambem dispensam o artigo. Da omissão ou emprego do *que* nas vozes optativas, tratou Mario Barreto, nos seus valiosos *Estudos*, pg. 35.

(169) A *Arte de Furtar*. O auctor d'este livro, escripto com tanta graça, eloquencia e conhecimento da lingua, é ainda hoje desconhecido. Attribuem-n'o ao Pe. Vieira e eis porque lhe assignalamos este lu-

ternos: não lhe esperou muito o cego; e ao terceiro invite descarregou-lhe com o bordão na cabeça. Gritou o rapaz: porque me daes? Respondeu o amo: porque contractando nós que comessemos igualmente estas uvas bago e bago, tu comes a tres e a quatro. Perguntou-lhe então o moço: e quem vos disse a vós que fiz eu tal aleivosia? Isso está claro, respondeu o cego: porque faltando-te eu primeiro no contracto comendo a pares, tu te calaste sem me requereres tua justiça e não eras tu tam santo que me levasses em conta nem em silencio a minha sem-razão, senão pagando-te em dobro pela calada.

Em Angola tinha el-rei nosso senhor, não ha muitos annos um ministro (tomara-lhe muitos similhantes) que empregava os direitos reaes em escravos, que mandava ao Brazil, com direcção que se vendessem e fizessem do procedido caixas de assucar para o reino: e

---

gar. Tambem ha quem o attribua a Diogo de Almeida, a Thomé Pinheiro da Veiga (leiam-se os recentes estudos criticos de Bruno, avulsamente publ. no *Suppl. lit.* do «*Seculo*», set. 1904) a João Pinto Ribeiro e a Duarte Caldeira Corrêa (?) ou a Duarte-Vieira (?) (Duarte Ribeiro de Macedo e Antonio Vieira), e os ultimos nomes parece que os tiraram de imperfeito anagramma das palavras finaes do livro. Os caracteres internos parecem indicar que não é de Vieira; e, por outro lado, a excellencia e graça do estylo repugnam com os auctores mediocres a quem se attribue este pamphleto, que é um modelo de ironia. Quem quer que o escreveu merece um lugar na literatura classica entre Vieira e Bernardez. A *Arte de Furtar* foi publicada na 1ª edição, com a data de 1642, que é evidentemente falsa: o livro apparece de facto pelos meiados do seculo XVIII, e desde logo (1744) falsamente attribuido a Vieira.

assim se augmentasse a fazenda de Sua majestade tres vezes ao galarim; mas o ministro que respondia ao Brazil, fazia seu negocio melhor que os alheios.

Chegava uma partida de trinta ou quarenta negros; se achava serem mortos dois na viagem, lançava nos livros doze defuntos, e tomava dez para si resussitados: eram os que restavam mancebos e bem dispostos: mandava vir do seu engenho dez, ou doze, que tinha, velhos ou estropeados, punha-os no numero d'el-rei, e tirava outros tantos para si, moços e de bom recibo: e vendida a partida assim como succedia fazia o emprego da resulta nos assucares tanto a seu modo, que sempre as perdas eram reaes, e as ganhas proprias. (170)

Mãos postiças

De um ladrão se conta, que tinha uma mão de páu, tam bem cortada que parecia verdadeira, e devia de ser a direita, porque encostando-a á esquerda por entre as dobras da capa, se punha de joelhos muito devoto nas igre-

---

(170) Bago e bago. Parece que, com mui leve differença de sentido, equivalem-se as particulas *e* e *a*. Poderia n'este lugar estar escripto *bago a bago*, e a unica differença é que a primeira fórma indica a quantidade, e a segunda, a progressão ou successão. Constantemente se encontram expressões analogas e de approximada equivalencia: *pouco a pouco* —*pouco e pouco* (*Exerc. esp.* I, 71); *um a um* — *um e um*; *dois a dois* ou *dois e dois*; *duas e duas* (Menina e Moça, 207). Os nomes de numero compoem-se em geral com *e* — *vinte e seis* — mas em alguns poucos casos,

jas de concurso, junto aos que lhe parecia que poderiam trazer bem provídas as algibeiras ; e com a outra mão, que lhe ficava livre, lhes dava saco subtilmente ; e ainda que os roubados sentiam alguma coisa, olhando para o visinho de quem se podiam temer, e vendo-o com ambas as mãos levantadas como que louvava a Deus, persuadiam-se que seriam apertões da gente, o que sentiam. Assim me declaro nisto que chamo furtar com mãos postiças, de mais e accrescentadas ; e melhor ainda me declarei com os que occupam muitos officios na republica, comendo e devorando a dois carrilhos, como monstros, a substancia do reino : como se lhes não bastára a mão que tomam em uma occupação, mettem pés e mãos no meio alqueire com seu senhor, e ajuntam moios de rapinas, porque dando-lhes o pé tomarão a mão ; e já lhes eu perdoara, se só uma mão metteram na massa ; isto é, se só com um officio se contentaram ; mas manejar tres e quatro com mãos postiças é quererem agarrar este mundo e mais o outro. (171)

---

como observou J. L. Vasconcellos, com *e* ou *a:* dezaseis, dezasete (como fazem os italianos), e ainda dezóito (por que ao=ó) ou *dezeseis, dezesete, dezoito.*

(171) Dando-lhe o *pé* tomaram *a mão;* já foi ha muito feita a observação de que o singular (*pé, mão,* etc.) é mais emphatico e exprime frequentemente muito mais que o plural; é significa a faculdade ou sentido antes que o orgão. «Verdades mostradas ao olho». Fr. L. de Sousa — *Vida do Arc.* II, 102; «que todos tivessem *olho* na bandeira real». J. Barros — *Dec.* II, III, 4. «Ter *mão*» e «levar a cidade na *mão*» (vencel-a), Barros—II, III, 7; «arregalar o *olho*», «no botar do *olho*». Dom F. Manoel — na *Feira de Anexins,* 10 e 11, «metter o *dente*» ; «nem por vir *em um pé* tinha chegado». *Acad. dos Singulares,* II, 366; «achar *pé*» e «*pé* de pessoa». *Phen. ren.* 229 e 233, t. V.

Fr. Antonio das Chagas [172]

A illusão

Nos dias em que as terras e os campos estão cobertos de neve, tudo parece neve, tudo candido, tudo como umas pratas: os palacios altos, as choupanas humildes, tudo parece neve. Não só pareciam neve as flôres, os jardins frescos, e as plantas boas, mas tambem as arvores más, as palhas seccas, os ossos mirrados, os cadaveres podres, a lama corrompida e as coisas torpes e immundas. Ergue-se o sol sobre a terra, e apenas com o calor dos seus raios começa a derreter a neve, apenas começa a fulminar aquella hypocrisia branca e aquelle tam claro engano, logo se descobre a verdade e se conhece a mentira: ficam logo todas as coisas não sendo o que pareciam com a mascara da neve, mas parecendo o que são os trajes da realidade. Vê-se então que a flôr é flôr, que a arvore boa é boa, que a planta ruim é ruim, que a lama que parecia prata não é mais que lama, que as palhas que pareciam palhetas de prata, são uma vaidade amarella e uma hypocrisia oca, que as caveiras que vos pareciam um rosto de neve, são umas fealdades nuas e uns desenganos feios... [173]

(172) Fr. Antonio das Chagas, poeta de grande merito e insigne orador. As suas obras principaes são: A) *Viva Jesus. Cartas espirituaes*, 1684-87, em 2 vols.; B) *Obras espirituaes*, 1688; C) *Sermões genuinos...* 1690; D) *Ramilhete espiritual*, *Obras postumas* e *Escola da Penitencia*. Muitas das suas poesias mysticas estão publicadas na *Phenix renascida*, anonymamente (tomos IV e V). Morreu em 1682.

(173) *Hypocrisia branca; vaidade amarella;* são imagens muito do gosto e estylo a que chamava «cultura» Jacinto Freire,

Rapidez da graça

A arvore primeiro é planta, que arvore; a nuve primeiro é vapor, que nuve; o fogo primeiro é faisca, que fogo; o rio primeiro é fonte, que rio; emfim, tem seus vagares a natureza, e em qualquer obra sua muito tempo gasta. Veja-se o que se gastou na Arca de Noé, na Torre de Babel, no templo de Salamão, nas mais maravilhas profanas, de que a vaidade se admira, e a ignorancia dos eternos bens venera: gastaram muito tempo estas obras, porque eram obras da natureza.

Ao contrario o costuma fazer a graça, que toda é pressas. Vede São Paulo arrebatado até o terceiro Ceo, e do estado de Saulo, mudado em São Paulo; vede os quatro animaes, que viu Ezequiel convertidos em Cherubins, de uma hora para outra; gastaram pouco tempo estas obras, porque eram obras da graça; nem ave vôa, nem fera corre, nem peixe nada com tanta velocidade; nem nenhuma exhalação com tanta pressa cruzou os ares, nenhum raio mal parido da nuve tam veloz rasgou os ventos; nenhum pensamento tam ligeiro

---

no *Prologo* da *Vida de D. J. de Castro;* e hoje renovado pelos decadistas; é curioso e interessante relêr na *Arte de conceitos* de Leytam Ferreira, 1721 (que é um manual da rhetorica e poetica dos gongoristas) os capitulos sobre *Epithétos* e *Imagens*, tom. II, 450 *segu.* || *Hôr;* já nos quinhentistas a fórma archaica *frol* se havia tornado obsoleta; comtudo até o seculo XVII ainda reapparece na expressão que hoje poderia ser conservada: *frol de lis:* «No altar estavam tres cruzes, a do meyo que era mayor se parecia com commenda de Malta, e as duas que ficavam nas ilhargas com *frol de lis*», Fr. Gaspar de S. Bernardino — *Itiner.* 93.

penetrou o mundo, como a graça faz as suas obras ; pois nellas excede, não só ao peixe, ás feras, ás aves, e ás outras cousas da terra ; mas á exhalação, ó raio, ó relampago, ó pensamento e ás outras cousas do Ceo ; e por isso muito além, ou sobre as cousas da natureza, são as maravilhas da graça.

Muito tempo gastam no mar os navegantes, que passam de um a outro porto do Occidente ao Oriente, governando-se pelas estrellas. E governando-se por uma que Deus criou de novo, os Magos, diz o texto que em treze dias vieram do Oriente até o Occidente.

Milagrosa pressa! jornada de um anno, em tam poucos dias ? Se todos se governam por estrellas ; e as estrellas por quem commummente se regem os navegantes, foram criadas para o uso da natureza ; e por isso com vagares fazem jornadas ; como os Magos guiados por uma estrella, por espaço de um anno só com treze dias chegam com tanta pressa ? a razão é, que a estrella dos Magos foi criada de novo para trazer almas a Deus para o uso da graça.

E as cousas da graça obram com maior pressa, que as da natureza. (174)

---

(174) *Salamão, Ezequiel*, etc. ; dos nomes hebraicos e biblicos, proprios ou communs, não temos pronuncia escripta, determinada e segura : *cábala*, era e é a pronuncia que vem registrada em Moraes, e a que se encontra nos escriptores, como em Filinto Elysio: «É tudo prevenção, porfia, cábala». *Fabulas*, III, fab. 14; o povo diz *cabála* pela tendencia que sempre manifesta de tornar graves os derivados verbaes e neologismos recentes: *reverbéro, venéra, refréga* (que é aliás a pronuncia que adopta Filinto — *Fabulas*, I, fol. 22), etc. Tambem é vulgar a

Gregorio de Almeida (175)

Profecia da Restauração

Na cidade da Bahia, cabeça de todo o Estado do Brazil, succederam dous casos de grande admiração, dos quaes foi o primeiro desta sorte: no principio do dito anno de quarenta, praticando-se entre portuguezes e castelhanos, sobre Portugal haver de tornar a lograr

---

prosodia — Sodóma — em vez de *Sódoma*, como querem os lexicographos que seguem a prosodia latina (Madureira mandou pronunciar *Sodôma*; d'esta palavra deriva *somitico*, antigo *somitego*, nome ultrajante, *sodomiticus*). *Sáulo* e *Saúl*. O nome — hosanah — tem duas pronuncias: a mais commum hosanah; comtudo, Soror Violante do Céo, no seu *Parnaso de Divinos e humanos versos*, diz sempre *hosanáh*, pg. 428 e em outros lugares). Na antiga e curiosissima *Lucerna grammatical*, Bartholomeu Soarez da Fonseca (ed. de 1727 — pg. 49 *et segu.*) nota essa vacillação que se estende a muitos nomes *Sara*, *Sarah* e *Sarah*; alguns, e entre elles o Pe. Alexandre de Gusmão escreve *Saria—Hist. do Predestinado*, ed. 1685, pg. 3. O nome *Jesús*, quando contraído e composto — *Jesu Christo* — ora se ouve pronunciar — Jesú Christo, ora Jésu Christo, consoante a anarchia e variedade de opiniões n'esta materia. Leia-se o que escrevemos a respeito dos nomes gregos, nota 160 || Milagrosa pressa! o padre Godinho, menos superstic ioso que Fr. Ant. das Chagas e o admiravel Fr. João de Ceita (*Quadragena de Sermões*, 103 *segu.*) explica por meios naturaes a rapidez da viagem dos Reis Magos, e imagina que estes montavam *dromedarios*, que andam muito mais que camelos e vencem mais de trinta leguas por dia. || *O' raio, ó pensamento = ao raio, ao pensamento*; a contracção de *ao* é ó, já o notei, de passada (nota 170) e é a que se vê ainda na linguagem popular: *ó depois = ao depois*, dezóito = dezaoito (cf. dezaseis, dezasete); Vieira escreveu «os pés de Judas» por «aos pés de Judas», e esta contracção muito mais frequente é nas *Obras* de Gil Vicente, tomo III: «Edá ó demo o tanger», pg. 21; «Dou ó demo a audiencia», pg. 163. «Dae ó demo a opinião», pg. 151. «Commendou-me eu logo ó demo», pg. 120, e em muitos outros lugares. «Rodrigo Velho foi ó mundo espanto». Pedro de Andrade Caminha — *Poesias*, pg. 272. «A mesma cansa que ó repouso nega — *Malaca conq.* I, est. 17. Diogo do Couto, na *Vida de D. Paulo de Lima*, diz sempre *paró* por *parau*, pg. 17, 18, etc.

(175) Gregorio de Almeida — é pseudonymo do Pe. João de Vasconcellos; auctor modestissimo. Escreveu a obra

Rei natural, materia ordinaria das conversações destes reinos nos annos passados: estava presente Dom Fernando de Lodenha, Mestre de Campo Castelhano, e disse, apontando para um cavallo, que estava no quintal do Conde de Bunhol: *quando aquel caballo andar por ensima de los tejados, entonces averá Rey Portugués.*

Assi como este Mestre de Campo disse, assi se viu cumprir; porque no mesmo tempo, em que Deus nos fez mercê de nos dar a El Rei nosso senhor D. João, se viu naquella Cidade andar o mesmo cavallo por cima de um telhado. (176)

Pe. Bartholomeu do Quental (177)

Lenda de um peccador

Conta-se de um mancebo, que declinando dos bons costumes e virtude em que vivia, se deu a vicios e vida depravada. Caiu em enfermidades incuraveis e desconheci-

---

curiosissima: *Restauração de Portugal prodigiosa,* 1643, onde se relatam as profecias da restauração de 1640, e exprime o sentimento do sebastianismo do povo n'aquella epoca. Morreu em 1661.

(176) Como esta, outras muitas profecias que revelavam o forte sentimento messianico do povo no tempo dos reis intrusos foram annunciadas no Brazil e na India e em Africa, com os testemunhos de Fr. Christovão de Lisboa, dos Padres Antonio Vieira e Simão de Vasconcellos e outros, os quaes se podem ler por extenso no corpo da *Restauração prodigiosa,* III parte.

(177) O Pe. Bartholomeu do Quental falleceu em 1698. Escreveu: A) *Meditações da vida de Christo,* em 3 partes e 3 vols., 1666-1675-1683; B) *Medit. das domingas do anno,* 1695-99, 3 vols.; C) *Sermões,* em 2 vols. 1692. As suas obras são muito estimadas e foram varias vezes reimpressas.

das dos medicos: andava macilento e com o semblante já de condemnado; cobrou sobre si e conhecendo que a causa das suas enfermidades eram os seus peccados, confessou com muitas lagrimas e contricção, e ao ponto em que recebeu a absolvição, lançou pela boca sete sapos que eram sete vicios capitaes, os quaes logo se resolveram em uma podridão intoleravel, e o mancebo ficou com o rosto resplandescente e saúde perfeita na alma e no corpo e serviu de exemplo e edificação aos que de antes servira de escandalo. Nasciam as enfermidades do corpo das da alma e sem se curarem primeiro as da alma, não sarou das do corpo; e logo sararam as do corpo, tanto que se curaram as da alma.

Mas porque muitas vezes tambem os justos padecem enfermidades e ás vezes muito graves, se ha de advertir que havendo peccados e não estando chorados, como é nos peccadores, as enfermidades do corpo nascem muitas vezes das da alma; e não havendo peccados ou estando chorados como é nos justos, não nascem as enfermidades do corpo das da alma, mas são para prova e merecimento do justo e gloria de Deus. Era Lazaro justo, amado de Deus e estava enfermo... Tinha o paralytico do Evanlho peccados e era a sua paralysia effeito da sua culpa. E por isso o Senhor o curou primeiro na alma dos peccados e depois no corpo da paralysia. (178)

(178) Dei o titulo de *lenda* a essa historia inverosimil e absurda, reproduzida do *Speculum exemplorum* e occorre com algumas variantes no *Baculo pastoral*. || Peccados chorados = isto é, vencidos e mortos; assim se dizia — filhos, parentes *chorados* — dos que já não existiam.

Antonio de Souza de Macedo (179)

Riso e lagrima

Entre os gestos se póde contar o riso. Ha homens, que fallam sempre rindo; cuidam, que assim se fazem agradaveis; até nas ruas andam entre um riso falso, posto que nunca fallem aos que encontram nem os conheçam. Tudo é fingido, que basta para ser condemnavel. Sendo riso verdadeiro tambem o fôra, por ser sem occasião, por que é grande argumento de leviandade. Ainda nas occasiões, que o pedem, é indecente o demasiado. Dion philosopho dizia, melhor parecia um rosto chorando que rindo. Por que de lagrima se podia tirar doutrina; do riso, não.

Elzevir

Para exemplo dos impressores, refiro, que indo eu em Hollanda ver a famosa Officina *Elzeviriana*, entre os livros que em varias linguas se estavam imprimindo, era um na Castelhana, enviado de Madrid; começando eu ler uma folha delle, me impediu cortezmente Elzevir,

---

(179) Antonio de Souza de Macedo — poeta e melhor prosador que poeta. 1606-1682. Escreveu: A) *Ulyssipo*, poema heroico, 1640; B) *Eva e Ave*, obra de erudiçã religiosa e christã e a mais estimada das do auctor, 1676; C) *Armonia politica*, Haya, 1651; D) varios opusculos, cartas, discursos, panegyricos e um periodico: o *Mercurio portuguez*, que se editou de 1663 a 1667. Algumas de suas obras foram escriptas em hespanhol.

mestre e senhor da officina (sem me valer a auctoridade de Embaixador que eu era do Senhor Rei Dom João IV, dos Estados Geraes daquellas Provincias Unidas), dizendo que tinha por crime deixar ler cousa alguma do que imprimia, antes do Auctor o publicar, porque furtando-se o bom pensamento ou novidade que elle achára, ficava velho, e sem louvor quando saía o livro.

D. Francisco de Portugal (180)

Da prisão

Por força ha de ser preso eterno quem não tem de que se livre; nem póde parar em tempo, que tudo são semrazões, castigo que ha de ter fim na razão. N'esta em que os ferros que arrasto me não têm ainda dado a conhecer o erro, experimento que cada um se fabrica a si mesmo a sua ventura; cercado de barrancos quiçá que dissesse: *Mal se fôr, mal se não fôr;* mas logo tornei: n'isso que tenho, azas tenho; e deixando-me para exemplo das injustiças, deram por já remediadas as infelicidades da patria. Jupiter caçava borboletas quando o mundo abrasado

---

(180) Dom Francisco de Portugal nasceu em 1585; esteve como official da marinha portugueza na esquadra da restauração da Bahia pelo almirante Fradique Toledo Osorio (1624). Escreveu: A) *Divinos e humanos versos*, 1652, e outras obras em castelhano.

era pira de Faetonte: que se por variar é formosa a natureza, o tempo de hoje é formoso pelos desvarios....

É a justiça uma egual distribuição a todos os estados, açoute e premio de merecimentos e desmerecimentos. *A tempo o bom Rei perdoa, a tempo o ferro é mezinha.* É uma virtude geral que alcança em si todas as virtudes; uma constante e perpetua vontade, que fazendo o que deve a cada um, é amparo de todos.

E pelo contrario, a semjustiça é um vicio de vicios, filha da tirannia, ruina d'alma e das monarchias. Que monstro como uma innocencia castigada! Faz-se engano ás leis da terra, nunca ás do céo. Mas nem isso consola. A vida desapparece, entretanto geme e jaz o que caiu. Que importam os nadas dos fados do tempo se vós me defendeis de uns e me dais outros? .....

Mais puramente se dá a conhecer Amor no rustico de uma aldeia entre o saial e a innocencia do campo, que nas cidades onde tudo são fingimentos. Sendo divida de animos nobres uma singela lealdade já se não acha senão nos despovoados. Villã se tem feito a fé; nas pompas da côrte não se costumam lagrimas; suspira-se melhor pelos outeiros, por onde o interesse não sabe dar passo. (181)

---

(181) Remedear ou remediar; remedia ou remedeia; a vogal accentuada dos verbos no t. presente em geral varia progressivamente de um tom surdo, para outro mais sonoro: destruir, destróe, consumir, consome; quêrer, quére; parêcer, paréce; pedir, péde; pâssar, passa; poder, póde, etc. Para esses casos. não ha hoje quasi duvida, ainda que antigamente os classicos hesitavam e escreviam ora *destrue, consume*, como nos *Lusiadas*, ora *destroe, consome*. Hoje a duvida persiste quanto á prosodia dos verbos em *ear* ou *iar*, em que a desinencia do presente ora é

Fr. João dos Santos (182)

Mouro feiticeiro

N'esta costa de Melinde, de que vou fallando, houve grandes feiticeiros e ainda hoje ha muitos mouros que se prezam d'esta habilidade. Estando eu n'esta costa, morava

---

eia, ora *ia*. Não havendo uso constante e definido por uma ou outra das duas fórmas, é de todo impossivel estabelecer qualquer norma ou regra a este respeito. Será, comtudo, proveitoso relêr os seguintes exemplos avulsos, colhidos nos classicos, e nos quaes se nota a preferencia pela prosodia *cia*, que é quasi a unica entre os do periodo archaico: alumeia (*Leal Cons.* 162; n'este auctor acha-se *mento* por *minto*, pg. 168; *continoe* por *continue*, pg. 24; *destrue*, 298; *permette*, 273); *serva* por *sirva* (Fernão Lopez — *Chr. D. Fern.* 445). Senhorio subst. e senhoreia (Barros — *Ropica*, 141; *queiro* por quéro (Bern. Ribeiro—Menina e Moça 54; *suffrio*, 113; *compre* por *cumpre*, 106); *ncgoceia* (Fr. Luis de Souza — *V. do Arc.* II, 70 e I, 144); *reverenceia* (Vieira—*Serm. sel.* t. III, 171; e *premeia* IV, 239); *remedeia* (Bernardez—*Luz e calor*, 184, *incendeia*, *Floresta*, 111, 117 e outros lugares; e assim nos *Lusiadas* de Camões, X. 72); *commercêa* (Ericeira—*A. poet.* 23, e no *Cereo de Diu*, pg. 23) Nos *Lusiadas* observam-se as mesmas alterações da vogal accentuada: *destrue* (III, est. 88, e *cstrue*, I, 90, e III, est. 114); *fuge* (II, est. 26); *criam* e não *cream* (VIII, est. 39); *consume* (V, est. 2); *sigue* por *segue* (X, est. 76); *advirte* (*Ulyssipo*, pg. 193). Ainda hoje são vacillantes as fórmas *destrue*, *construe*, e *destroe*, *constroe*, umas e outras de bom uso; onde, porém, é maior a indecisão é no caso das desinencias *eia* ou *ia*, e a proposito, convém notar que se os verbos derivam de nomes em *eio*, a flexão em *i* não tem lugar; assim dizemos: *afeia*, *alheia*, *receia*, *arreia*, e creio que esta regra não soffre excepção; tambem é regra e util indicação saber-se que os verbos tirados de adjectivos ou nomes de côr, e de fórma inchoativa em *car*, *elar* por *ejar*, conservam a flexão *ei*: branqueia (branqueja), prateia, falseia, roxeia, passeia (de *passar*); mas, quando os verbos provêm de nomes em *io* (como *premio*, *remedio*, *odio*, *incendio*) já não ha regra fixa: *premia* e *premeia*; *diligencía* e *diligenccia*; *incendia* e *incendeia*; *negocía* e *negoceia*; *odía* e *odeia*; *remedía* ou *remedeia*. Em summa, a flexão *cia* é a mais popular e a mais commum e euphonica; comtudo, não é usada em alguns verbos: copía, pía, mía, desafía, confía, fia, allía, afia, contraría, avía, atavía, adía, varia, tosquía, sacía, estía, amacía, avalía, (f. pop. *avalna*) espía, auxilía, filía, arrelía — (é curioso e mnemonico notar que as mais d'estas excepções e desiuencias contém *l*, *f*, *v*: *lia*, *via*, *fia*).

(182) Fr. João dos Santos, dominicano, missionario no Oriente, f. em 1622. Escreveu: A) *Ethiopia oriental*, 1609, livro em que

na ilha de Zanzibar um grande feiticeiro por nome Chande, mui conhecido e nomeado por suas obras diabolicas. D'este me contaram, que tomando-lhe o feitor do capitão da costa, que ali residia, uma embarcação, para lh'a mandar a Melinde sem sua licença, elle se foi á praia onde o feitor a estava carregando para a mandar, e lhe pediu muito que lhe não tomasse a sua embarcação, nem lh'a mandasse fóra, porque tinha necessidade de fazer viagem n'ella muito cedo. Mas o feitor zomboud'isso, e não lh'a quiz largar, dizendo que a havia mister para o serviço d'El-Rei (capa com que elles ordinariamente cobrem muitas forças, que n'esta costa fazem aos mouros d'ella). Vendo Chande a força que o feitor lhe fazia, foi-se para sua casa, jurando, que o seu pangaio não havia de sahir do porto sem sua licença. Sem embargo d'isso o feitor o ficou carregando, e avisando de marinheiros, e depois de apparelhado, mandou levar fateixa e dar á vela, o que logo se fez, e a véla se encheu de vento mui bom que ventava em pôpa, mas o pangaio não se boliu nem se moveu do lugar onde estava, e assim quêdo esteve posto á vela mais de uma hora, ao que acudiu o feitor e outros portuguezes e mouros que ali se acharam, todos admirados do caso nunca visto. Disse então um d'aquelles mouros ao feitor, que se desenganasse, porque o pangaio não havia de bolir d'aquelle lugar, sem vontade de Chande,

---

se acham curiosas noticias de Africa e Asia e foi ainda recentemente reimpresso, sob a direcção de Luciano Cordeiro.

seu dono. Pela qual razão o feitor se foi logo a casa de Chande, e lhe pediu muito quizesse fretar-lhe o seu pangaio para o mandar a Melinde, porque importava muito, e que lh'o não tomara por lhe fazer força, se não pela necessidade que d'elle tinha, e que logo lh'o mandaria tornar, e lhe pagaria seu frete, e o serviria tambem outro dia no que se offerecesse. Com estas razões e palavras brandas que o feitor lhe disse, se quietou este feiticeiro, e ficou satisfeito. E logo se foi com elle á praia onde estava o pangaio posto á vela, sem se querer bolir do mesmo logar, e disse-lhe em alta voz: Pangaio, vae embora onde te manda o senhor feitor.

No mesmo ponto em que o mouro acabou de dizer estas palavras, partiu logo o pangaio do logar onde estava como uma setta e foi saindo pelo rio fóra e fez sua viagem a salvamento. (183)

Outro caso do feiticeiro

Um soldado portuguez fez um aggravo a este Chande feiticeiro, de que ficou mui maguado, mas elle por se vingar do soldado lhe fez uns feitiços graciosos, e foram taes, que todas as vezes que o soldado abria a boca para fallar, antes que dissesse alguma palavra lhe cantava um

(183) *Pangaio* — pequena embarcação. Os nomes de embarcações africanas e asiaticas occorrem naturalmente em grande numero nos escriptores antigos: *manchua, balão, parão, almadia, lantéa, vancão, lorcha, catur, funé, serós, fustinha* e *fustarrão* e *fusta* (embarcação grande)

gallo na barriga sahindo-lhe a voz de gallo pela boca tam claramente, que se ouvia muito longe ; de que o soldado andava tam envergonhado, que não ousava sair fóra de casa nem fallar com pessoa alguma, porque todos se riam d'elle e lhe davam matraca.

D'esta maneira andou mais d'um mez, e jurava mil juramentos que havia de matar Chande, suspeitando que elle lhe fizera alguns feitiços, por onde perderia o mal que tinha. Andando d'esta maneira, foi aconselhado que se fosse a casa de Chande, e se lançasse a seus pés, pedindo-lhe perdão do aggravo que lhe fizera, e que em satisfação d'isso seria mui grande seu amigo d'alli por diante, e o serviria no que lhe fosse necessario, e que lhe pedia o curasse d'aquelle mal que tinha. E posto que o soldado estava indignado contra o feiticeiro, e jurava de matar, com tudo a necessidade em que se via lhe fez mudar o parecer, e aceitou o conselho que lhe deram, e foi a casa de Chande, e pediu-lhe perdão, e remedio para sua

---

laulé, junco (nome portuguez), *tabo, sibal* ou *sibar, jarangue* ou *irarangue, zambuco, tone, champão, chalavegão* (grande, de remos, parece nome portuguez ; cf. *enxavega*, Eluc.), *pangajôa, pagel* ou *paguél, polaca, damnaca* (em Corte Real; e *dainéca* em Godinho) e outros muitos que se offerecem nos chrouistas, viajantes e missionarios do oriente. Já de si mesmos os nomes portuguezes que estão fóra de uso são numerosos e dispoem-se na ordem decrescente mais ou menos : *Náo, galeaça, galé, galé real* e *galé bastarda, galeão, galeota, caravella ; urca, charrua, zabra, paquebôte.* || Um e outro ; um ou outro, quando occorrem unidos ou separadamente. Quando as referencias de *um* e *outro* se fazem a cousas de genero differente, a regra é conservar a dita locução no masculino, e assim o fizeram com mais frequencia os nossos classicos, ainda que se apresente um ou outro exemplo em contrario. Exemplos citados na *Gramm.* 11ª ed., pg. 237 : «Assim, *a alma* e *corpo* quando unidos vae *um* para onde vae o *outro*, Bernardez — *Exerc. esp.* II, 333. «Dei-te *um corpo* com minhas mãos o mais

enfermidade. O mouro aceitou sua satisfação, disse-lhe, que elle não lhe tinha feito o mal que padecia, nem feitiço algum, mas que elle faria muito pelo curar, e sarar d'aquella enfermidade, e se fosse embora para sua casa, confiado em ter saúde; o que o soldado fez, e tanto que chegou a sua casa nunca mais cantou como gallo, como até aquella hora fazia, quando queria fallar.

Padre Manoel Godinho (184)

Pesca de perolas

Ajuntam-se dois e tres mil barcos na paragem onde tem determinado, e posto o seu arraial junto do mar com os mantimentos necessarios para o tempo que hão de gastar na pescaria, assentam o dia em que lhe hão de dar principio : nelle fazem grandes festas e com certas cousas, que alguns feiticeiros trazidos para isso lançam ao

---

perfeito, dei-te *uma* tirada das minhas entranhas e feita á minha imagem e semelhança, ornei e habilitei *um e outro*—Vieira. Accrescentem-se os seguintes: Dom Francisco Manoel escreve, depois de falar de *filhos* : «*As filhas* em convento; *uns e outros* não sejam desamparados nunca». *Carta de Guiá*, pg. 150. «*Uma loba* aberta com rabo muito comprido e *chapéo* albanez na cabeça, não diz *um* com o *outro*». *Palmeirim de Inglaterra*, t. III, nos *Dialogos, in fine*, pg. 13. Já este mesmo uso e emprego se encontra em Dom Duarte, no *Leal Conselheiro* : «E ainda entom triste e seu tallente se parte *um* do *outro*, a qual tristeza é signal manifesto que amor carnal e non outro é aquelle que os ajunta» pg. 164, e ainda outros exemplos no mesmo capitulo

(184) Pe. Manoel Godinho, da Comp. de Jesus, escriptor excellente, ameno e agradavel — fall. 1712. Escreveu: A) o cha-

mar, enfeitiçam os tubarões de maneira que não fazem todo aquelle tempo mal aos mergulhadores. Feita esta primeira diligencia, e achando que o dia é claro, o vento pouco, o mar bonançoso, se repartem os barcos coalhando o mar em que ha aljofares. Cada barco leva duas castas de gente; mergulhadores que vão ao fundo, onde em cordas estão as conchas, a que chamamos madre-perolas, pegadas no chão; e tiradores que servem de alar a cima os mergulhadores quando lhes fazem signal: por que é de saber que estes mergulhadores para irem logo ao fundo levam duas pedras grandes amarradas nos pés; e para virem acima quando o folego lhes falta vão presos pela cintura com uma corda, cuja ponta fica nas mãos dos tiradores que estão no barco. Chegado o mergulhador ao fundo, arranca as conchas, que vai mettendo em um taleigo, este cheio, ou em falta de folego, faz signal aos de cima com a mesma corda que tem cingida, e os outros, como estão á lerta, alam-no logo para o barco; se se descuidam, alguma vez, morre o mergulhador sem remedio. Despejado o taleigo, tornam a mergulhar, e acabando o dia vão para terra com toda a concharia, e a enterram para que apodreça a ostra que dentro têm; e abrindo ao depois cada qual a sua cova e conchas, tira o que acha nellas, ou sejam aljofares ou perolas. Se bem ha alguns destes tão destros em conhecer que

---

mado itinerario ou *Relação do novo caminho que fez por terra e mar vindo da India*... 1665; B) *Vida do vener. Padre Frei Antonio das Chagas*, 1687; C) outras obras menores: *Horario evangelico, Sermão de Sto. Antonio*, etc.

conchas têm perolas, que lá mesmo dêbaixo da agua abrem com faca aquellas que lhes parece terem-nas, e engolindo-as saem ao depois em terra com ellas furtadas a seus donos, que são os dos barcos, e tambem aos direitos. Sobre a producção das perolas ha uma opinião mui aceita, que eu nunca pude approvar, por mais que a quiz tirar a limpo em um anno que estive na costa da Pescaria; e é que as perolas se geram do orvalho que cae do ceu ante manhã, o qual recebem as ostras, digamos assim, vindo aquellas horas pôr-se sobre a agua, abertas as bocas. Será verdade; mas eu toda a diligencia fiz por muitas vezes, mettendo-me no mar em que se faz a pescaria ás mesmas horas em que caía orvalho, e nunca vi tal. É como a producção do ambar; sobre que havia opiniões tão erradas como por experiencia se tem achado, attribuindo á baleas o que se gera no fundo do mar. (185)

---

(185) *Mar bonançoso;* poderia ter dito *mar bonança*, porque é está a expressão usual nos classicos, e o proprio auctor a emprega em outro lugar da sua *Relação ou itinerario*, quando escreve: «Amauhecemos em calmaria e com mar *bonança*», pg. 110. Tambem Frei Antonio das Chagas: «a carga demasiada que aiuda em *mar bonança* mostra a náu nas aguas muito mettida». *Ramilh. espiritual*, pg. 28; na *Academia dos Singulares*: «pelo mar da sciencia corria veuto em popa, pelo oceano da doutrina voava *mar bonança*» no tomo II, pg. 427. Tambem se exemplifica na *Feira de Anexins*: «porque estava n'elles a *maré bonança* e o mar leite», pg. 145. Por fim, nas *Lendas da India*, de Gaspar Corrêa: «e assim chegando-se á terra e achando meuos trabalho e o *mar mais bonança*, foram correndo muito tempo», no tomo I, c. VII, pg. 18. Recentemente renovou Ruy Barbosa este antigo uso, escrevendo: «tempo limpo, céo claro e mar *bonança*». Testemunha-nos o constante mannsear dos antigos auctores, que podem substantivos e adjectivos, reciprocando-se as funcções, ser aqui ou alli utilizados quando o reclamam o calor da idéa ou a belleza da phraze; João de Barros escreveu «aquelle primeiro *subito* de vista» III, III, 2, onde *subito* é substantivo; em Gaspar Estaço, como em outros, a palavra *litoral* é

Duarte Ribeiro de Macedo(186)

Casamento do Imperador Theophilo

Resolveu o imperador casar-se, e foi esta a unica acção em que não quiz dar parte á politica, ordinaria casamenteira dos Principes, pareceu-lhe que a sua maior conveniencia neste caso era dependente da sua eleição, que nem sempre as mulheres que escolhe a razão do Estado satisfazem a inclinação do principe; porque o Estado elege pelos interesses communs sem respeito ás qualidades pessoaes. Ordenou que se juntassem em Constantinopla todas as damas formosas que havia no Imperio, de nascimento illustre, fazendo a todas esplendida e liberalmente a despeza do caminho e da hospedagem na côrte. Correram a buscar o sceptro, e como a presunção é companhia ordinaria da formosura, cada uma se promettia ser a

---

correctamente um adjectivo (*Antiguidades de Port.* pg. 292); tambem *paradoxo* é substantivo ou adjectivo, como faz Bernardez na sua *Nova Floresta* («Conhecemos aqui em Lisboa um homem que glossava motes, por difficultosos e *paradoxos* que fossem» tomo, IV 48); da mesma natureza é *anathema*, que é adjectivo (*anathema sit*) e significa — apartado, excommungado—hoje é commummente empregado como substantivo; no latim, e por isso nos antigos classicos, *declive* era adjectivo e como tal empregado; hoje é substantivo, ainda que Castilho, o grande classico contemporaneo, renovou o uso dizendo «caminho *declive*» (nota 8ª á traducção dos *Fastos* de Ovidio). Outras palavras conservam a dupla funcção do substantivo ou adjectivo: *arcano*, *monstro* (uma maçã *monstro*), *ridiculo* (por gallicismo é substantivado em lugar de *ridiculez*, *ridicularia*, etc.), *lepra* («o vicio *lepra*», Bernardez — *Estimulo pratico*, 111) etc.

(186) Duarte Ribeiro de Macedo — contemporaneo e amigo do Pe. Vieira e um dos homens publicos mais notaveis do seu tempo: a essa importancia não corresponde seu merito literario

escolhida entre todas as chamadas; porque cada uma se estimava a mais formosa de todas.

Foi Theodora em obediencia deste edito conduzida por seus pais a Constantinopla. Ia o Imperador vendo e examinando com cuidado as que chegavam á Corte, fugindo de precipitar a eleição de uma companhia, que lhe havia de ser em toda a vida, ou agradavel ou molesta.

De todo esse galhardo concurso de formosas foram só duas as que dividiram em votos e parcialidades a admiração geral da Corte: Icacia, illustre dama Grega, e Theodora. Eram ambas de vinte annos de idade, de admiravel conformidade e graça em todas as partes que compoem a formosura. Nem a inveja, nem a ambição, tiranos então deste celebre ajuntamento, tiveram que condemnar na gentileza de ambas. Quem as via separadamente acclamava uma só Imperatriz: quem as via juntas, não podendo determinar-se as acclamava ambas.

Eram verdadeiramente senhoras das liberdades porque tinham tirado á Corte a liberdade da escolha. Havia comtudo entre Theodora e Icacia uma differença conhecida porque em Theodora se via a modestia o principal adorno, e em Icacia brilhava um não sei que até

---

que, todavia, não é somenos. Escreveu: A) *Genealogia do Conde D.Henrique*, 1670; B) *Discursos politicos e obras metricas*, 1721; C) outras menores; mais tarde editaram-se as *Obras*, 1743 em 2 vols. e as *Obras e inditas*, 1817. De quanto escreveu passa por ser o melhor a *Vida da Imperatriz Theodora* 1677, opusculo que está incluido na ed. das *Obras* de 1743.

agora não soube explicar por outro nome a eloquencia. E porque nos declaramos com termos mais cortezãos que historicos os olhos são a parte dominante nas formosuras, eram em Icacia com uma natural, e viva graça mais conquistadores; em Theodora, coberta a graça natural de um pudor honesto, eram mais pacificos. Assim o mostrou o effeito, porque Theophilo sahio destes primeiros combates vencido de Icacia. Chegou o dia da escolha que havia de declarar por uma de tantas formosuras a victoria, e o imperio juntamente; e ordenou o Imperador, que se juntassem todos em uma grande e ricamente adornada sala onde concorreu toda a Corte a ver o mais novo e mais curioso espectaculo, que até então apresentara o poder do Imperio. Alli se via a formosura, antiga inquietação do Mundo, inquieta entre o temor e a esperança. Era Icacia entre todas a que confiava mais: Theodora a que esperava menos.

Entrou o Imperador na sala com uma maçã de ouro na mão, que havia de passar as mãos da Imperatriz: esteve então a maior dita em uma maçã, que foi no nascimento do Mundo a primeira e maior desgraça delle. Os olhos dos expectadores e validos occupados no agradavel objecto de tantas formosuras, se voltaram a seguir os passos do Imperador, que chegando a Icacia, lhe disse: Não ha duvida que são perigosas creaturas as mulheres, porque de uma vieram todos os males ao Mundo. Senhor (respondeu Icacia cobrindo de um encarnado mais que natural a formosura) tambem é certo, que pelas mulheres vieram

os maiores bens ao Mundo. Esta resposta, em nada desagradavel foi infeliz a Icacia, porque o Imperador, ou colhendo della que excedia os termos da modestia, ou temendo que Icacia com presunções de entendida affectaria depois no Throno o ser Senhora, ou por qualquer outra razão, depois de estar um breve espaço suspenso, deixou Icacia, e passando a Theodora lhe entregou a maçã de ouro e o Imperio. (187)

(187) Validos e válidos; é singular mas não é o unico o caso em que a mesmissima palavra tem diversos sentidos, conforme o lugar em que lhe poem o accento: *valído*, o que está em graça ou tem valimento, e *válido*, o que é são e robusto. Analoga singularidade se offerece nos vocabulos *florido* e *florído*, e explicou-a Bernardez, dizendo: «Em portuguez não diremos bem do estylo d'um prègador que é *florído* carregando no *i*, nem do ramo de uma arvore que está *florido*, carregando no o; senão ás avessas». Esta distincção que estabelece o Padre Manoel Bernardez é a que ainda hoje se observa dizendo-se — estylo *florído* — e — arvore *florída*. Outro caso conhecido é o da distiucção eutre *próvido* e *provido*.—A respeito da prosodia dos nomes de origem latina, é uso reprovavel pronunciar: *simúlacro*, *involucro* em lugar de *simulácro*, *involúcro*; *pégada*, *dêcano* em vez de *pègáda* *decáno*; *murmúrio* em lugar de *murmurío* ou murmurinho (ou *múrmuro*—*Malaca conq.* 12); *espírita* por *espiritista*; *escápula* em vez de *escapúla*; *íbero* por *ibéro*, conforme o accento latino, e é o que lhe dá o Camões (*Lus.* canto III, est. 60); mas n'esta materia e por natural liberdade foram os poetas os que mais se aproveitaram d'essas incertezas ou as tornaram mais communs. Gil Vicente disse—*domínio*, t. III, da ed.de Lisboa, pg. 61; Camões disse: *ambrósia* (*Lus.* X, est. 4). *Cesár*, (canto IV, est. 59, como tambem diz Antiveo no *Auto d'el rei Seleuco*, pg. I78, III, das *Obras*, e veja-se a nota 160) Garção diz Tupinamba (II, pg. 80), e Castilho—*Amores*, II, pg. 88, diz: *alveo*, que tambem me parece melhor que *alveo*; Filinto nas *Fabulas* diz: parásitas, voz grega, contra a prosodia commum, Fab. 3ª do L. II. O uso geral é dizer *sibilo*, contra a accentuação latina *sibilo*, o que se verifica em *silvo* que é da mesma origem. Os verbos nunca são vozes esdruxulas, e por isso se ha de dizer: desagúa, magôa, averigúa; Quebedo no *Affonso Afric.* diz affrigúa (canto I, est. 80), entretanto Castilho no *Sonho de uma noite de S. João*, escreve: «Um mero engano te enfúria» (rima com injuria, pg. 109; e um dos da *Acad. dos Singulares* tambem disse: E de ti averígo» por averigúo e para rimar com *perigo* tomo II, pg. 401); parece que a unica flexão verbal d'esta especie que não desloca o accento é resfolego. de *resfolegar*, e por isso mesmo é melhor escrever, abbreviando-a, resfólgo.

SECULO XVIII

Academias e Arcadias

SECULO XVIII

Acordaens e Jerardus

O SECULO XVIII

O seculo XVIII termina o periodo classico e abre a era do influxo exaggerado das letras francezas, que então governavam o gosto universal da Europa. Os prosadores que mais foram admirados ou lidos nada possuiam da correcção e perfeição classicas, como Verney e o Cavalleiro d'Oliveira, ou eram imitadores mediocres, como Theodoro d'Almeida e os arcades até Filinto Elysio, o maior de todos elles.

Muitos dos eruditos, como Ribeiro dos Santos, Pe. Antonio Pereira de Figueiredo, n'esse periodo que foi principalmente de erudição e estudo, merecem lugar distincto entre os cultores da ficção. O maior brilho d'essa epoca foi, porém, devido aos seus poetas, que reagiram contra o mau gosto do cultismo do seculo anterior, e entre elles brilham C. Garção, Claudio Manoel da Costa, A. Diniz da Cruz e Silva, Domingos dos Reis Quita e outros menores. Comtudo, os maiores e verdadeiros engenhos do seculo XVIII pouco se subordinaram ás Academias e ás Arcadias e são antes precursores da revolução romantica: Antonio José, o *Judeu*, Thomaz A. Gonzaga ou *Dirceu*, Nicolau Tolentino, Xavier de Mattos, o poeta camoneano injustamente hoje esquecido, e em fim Bocage.

Bispo do Pará

(Frei João de S. José)

No Amazonas

Aqui topamos varias pessoas da nossa amisade, e entre ellas Domingos Barbosa Bacellar, senhor do primeiro sitio que visitamos ao sair de Belem; o qual tem engenhos e grandes fazendas n'este rio do Capim.

É um velho de 70 annos, cheio de bondade, e dos que trabalham muito n'este estado; muito caritativo e de quem se contam historias celebres que provam seu desinteresse.

Darei uma ou outra. Descendo elle um dia o rio em uma canôa, costeando suas fazendas, que abrangem cinco ou seis leguas da terra, viu um homem mettido em um cacaoal colhendo solicitamente o fructo de que já tinha quasi cheia a canôa. Parou Barbosa e perguntou que fazia? Respondeu de dentro o visitador dos cacaoaes: «Estou aproveitando o que o ladrão do Barbosa deixou aqui perder.» Não se alterou o honrado dono, e disse: — Ora pois, aproveitar, visto que Deus é para todos.

Continuou seu caminho, e sabendo logo o aproveitador que fallara com o dono, immediatamente se foi lançar a seus pés. Foi recebido com generosa caridade e gracioso acolhimento. Teve annos Barbosa de colher mil e quinhentas arrobas de cacao, que no Pará se vende a 4$800 réis a arroba. Diverte-se com beneficiar os pobres nos seus estaleiros. Entre feitas e imperfeitas, terá oitenta canôas. E tem feito mais de oitocentas, que distribue pelos seus domesticos.

Sendo liberalissimo com todos, trata sua familia com abundancia. Ainda que veja um indio com o furto na mão, finge que não o vê, e costuma dizer: «Deixem-n'o, que isto seu é: elles o trabalham... que muito que comam o que seu suor lhes custa!» Sómente comsigo é parco, satisfaz-se com fructas, e dessedenta-se com agua.

Um poeta bahiano

Fez Gregorio de Mattos em Pernambuco uma satyra universal ao clero e religiões. Escapou-lhe um clerigo, por lhe não occorrer e viver fóra da cidade. Foi este simples sacerdote

procurar o poeta e agradecer-lhe muito não o metter na satyra. Perguntou-lhe o Mattos o nome e onde assistia. E depois accrescentou : «Reparou v. m., na obra, n'um *multitudo cavallorum* que lá vem? » — Sim, snr., — disse o clerigo. «Pois alli está v. m. mettido», concluiu o mordaz poeta.

Morreu como impio, sem embargo de o exhortarem padres mui doutos, chegando o bispo de Pernambuco a ir pessoalmente dispôl-o. Recebeu o prelado dando-lhe as costas, e virando-se para a parede. Instado por aquelle benigno pastor que se animasse e pedisse perdão a Deus, voltou-se, e vendo-lhe na mão um crucificado com os olhos cobertos de sangue, proferiu tão impia como jocosamente o sabido quarteto :

Quando meus olhos mortaes
ponho nos vossos divinos
cuido que vejo os meninos
de Gregorio de Moraes.

Os meninos d'este Gregorio de Moraes, seus visinhos, traziam os olhos inflammados. Intempestiva e indecente allusão ! E assim morreu !

Cavalleiro de Oliveira

Carta

Pede-me V. Mcê. uma prova que possa dar de que a mulher é incapaz de segredo, e diz-me que quer que seja a prova da minha mão. Impedido assim de consultar escriptos antigos e modernos, de examinar historias passadas e presentes, e de adivinhar as futuras para poder achar a prova, é necessario faze-la como V. m. ordena, muito facil e muito intelligivel, sem auctoridades, nem augmentos que a confundam. Eis aqui, meu senhor, uma certesa natural, clara, e decisiva, não se me offerecendo por ora outra mais á mão. Quiz um homem conhecer se sua mulher era capaz de guardar o seu segredo. Levou para cama um grande ovo que devia ser de perú ou de abestruz. No meio da noite começou a gritar fingindo as dores e a novidade de estar pondo um ovo.

—Um ovo? lhe perguntou a mulher admirada!

—Sim, meu amor, um ovo novo e fresco, e ei-lo aqui, disse o marido, apresentando-o á consorte. Guardai-vos bem de o dizer, lhe recommendou ao mesmo tempo. Todo o mundo me teria por uma gallinha; não digaes nada, vos peço.

Attonita a mulher com o caso creu a cousa, e prometteu com juramento de não fallar na materia. Extingue-se com as sombras da noite a obrigação da promessa, levanta-se a mulher mais cedo e mais indiscreta do que costumava, e parte logo para casa de uma visinha.

—Sabeis o que vae, Comadre? disse a mulher do parido. Não digaes nada a ninguem: meu marido me mataria. Pôz esta noite um ovo como quatro; não publiqueis o prodigio, vêde bem o que fazeis.

—Zombaes vós, minha visinha? respondeu logo a Comadre. Não temaes, ide segura se é que sabeis conhecer-me.

Volta a mulher do parido para casa, sae a outra fóra da sua, e estourando com o segredo, arrebenta e dá com elle por muitas partes, dizendo em algumas que em lugar de um tinha o homem posto tres ovos.

Uma sua amiga disse que quatro, e espalhando-se o segredo de orelha em orelha com toda a precaução necessaria, foi-se augmentando de boca em boca o numero dos ovos. Finalmente antes da noite era publico em toda cidade, que o homem tinha posto um cento d'elles. Não tenho prova nem historia que mostre melhor o muito que pésa o segredo ás mulheres para o levarem muito longe. Como V. m. não quer discursos sobre a prova, acabo a Carta dizendo a V. m. que conheço muitos homens que são mulheres. Declaro que nesta mesma materia, e em todas as de servir a V. m. declaro que me achará sempre prompto. Guarde D e u s a V. m. muitos annos.

— —

Manoel de Figueiredo

Satisfazendo ao que prometti á Arcadia, vos presento uma Tragedia. Que especie não fariam estas vozes nos corações de todos, proferidas por algum de vós outros? Que desvanecida não ficaria a Arcadia, ouvindo que a catastrofe de Edipo, deu assumpto á sua fabula? pois medindo-lhe o merecimento pelas vossas capacidades, já se lisonjearia de deixar á posteridade *mais um monumento*. Já se persuadiria de enriquecer a Lusitania á competencia da Grecia com mais perfeito original.

Porém que differentes são os effeitos! Já ouço a vossa crítica bem fundada no conhecimento da minha ignorancia. Todos sabeis que o Edipo de Sophocles é mais um objecto de pasmo que de imitação: não se occultam á vossa perspicacia as mais pequenas de suas bellezas: a nenhum de vós deixa de fazer-se bem claro que tudo o que se acha de bom nos que emprehendêram o mesmo assumpto, mais augmenta a gloria de Sophocles, que a de seus Autores. Todos se fizêram um merecimento de copial-o, e eu presumo que este não basta a sustentar nossos escritos.

Facilmente encontrára na falta das historias proprias á boa tragedia justificados motivos á eleição deste assumpto, se eu vo-lo quizéra persuadir desempenhado. Facilmente respondêra áquelles argumentos, se eu não tivêra a vaidade de ser um de vossos Socios, lembrando-me do merecimento dos Poetas, que o tratáram depois de Sophocles: porém como vos offereço este Drama como um documento da minha ignorancia, como uma prova da injustiça, que vós fizestes, admittindo-me na vossa companhia, em lugar de fazer Apologias, apontaria os erros, se vos considerasse ou menos sinceros, ou menos perspicazes. Que eu, Senhores, não venho mostrar-vos a minha capacidade, venho aprender: não tenho o juizo tão cheio de preoccupações, que me acobarde de mostrar as minhas composições a quem lhe conheça os erros, e o merecimento; e não me envergonho de as lêr a ignorantes, que ou me confundem ou me lisonjeiam.

Porém para que não presumais desde já a minha Tragedia, não só incapaz da vossa crítica, mas indigna da vossa leitura, permitti que vos excite a curiosidade, dizendo que não tem os episodios amantes, com que outros destruiram a sua fabula; que não tem a personagem de Créon, que sustenta outras sem alguma gloria de seus Autores por mais que lhe mudem o nome; que não confunde a constancia com a desesperação; que não prefere no Heróe o sentimento de uma falta, em que caiu, á fortaleza de supportar a sua degraça; que não arrisquei o verosimil fiado na subtileza de preceder á acção; que não recuei a catastrofe só porque não estava no quinto Acto; e em fim que não deixa de reconhecer-se o Heróe, só porque não quer o Poeta. Não vereis copiadas as admiraveis scenas pathéticas de Sophocles, os mesmos pensamentos, as mesmas desconfianças, a mesma moralidade, aquellas perguntas, e respostas sabidas; nem tambem achareis aquelles remorsos, aquellas pinturas, aquellas imagens poeticas, aquelles sonhos, que são a alma destas composições; temi o meu pouco talento, temi a falta de prática, temi o Theatro.

Vereis Edipo em tanta infelicidade conservar a constancia digna de hum Heróe, causando virtuosas invejas na desgraça.

Vereis Edipo não cobarde, e fraco, mas como Heróc politico moderar a sublevação de um Povo, que presume inimigo do Throno. Vereis Edipo praticando tyrannia, mas fazendo grandes as suas maldades, em querer vingar os Deoses da injúria, que lhes fazem os homens.

Vereis hum Drama sem amor, sem confidentes, sem Amas, sem solilóquios, sem á partes. Vereis desde a primeira scena que a acção é preservar Thebas do contagio da peste; vêl-o-eis marchar rapidamente, suspensos os expectadores até á ultima scena do quinto Acto: e vereis neste mais interessante que todos, as scenas mais produzidas pelo verosimil, que pelo necessario.

Vereis um exemplo digno de imitação para supportar as violencias do destino, compativel com a nossa Religião, e o nosso seculo, que supposto não devo dar aos Thebanos o caracter de Portuguezes, não devia esquecer-me que escrevi esta Tragedia para ser lida por elles, e não por Gregos.

Escrevia-a em verso solto, supposto que ignoro se a nossa lingoa tem aquellas propriedades, que grandes Autores não encontram em outras, temendo (ainda convencidos da naturalidade do metro) arriscar nelle o successo das suas Obras Dramaticas: augmentando-se o meu receio, por serem estes os meus primeiros versos, que não dou este nome a quatro Sonetos, e outras tantas Decimas, que fiz ha vinte annos: mas que Portuguez deve temer esta censura, depois do exemplo da Castro?

Introduzi-lhe Córos, que a demais de ser a prática dos Gregos, se me é permittida esta lembrança, e de serem incontrastavelmente uteis pelo seu ministerio; são muito a favor dos Poetas para conciliar a attenção dos expectadores; e me parecem indispensaveis nas acções públicas, e menos estranhos onde não ha Theatro.

A dicção é má: escrevi-a no mesmo Portuguez que fallo; conheço que esta falta quasi material é bastante a destruir a fabula mais bem conduzida; e porque passa por pedantaria em quem tem algum conhecimento de outras lingoas, permitti que vos diga, que quando o cançado trabalho dos primeiros estudos me deixava tempo para fortificar o espirito com a leitura dos poucos Autores, que podem ensinal-a, saí de Portugal, e vivi sete annos entre Castelhanos, cuja semelhança de idioma não só me fez perder a acção da minha lingoa; porém mil vezes me faz entrar na dúvida de serem, ou não Portuguezes os termos, como vós tereis notado, e como ainda vereis na Tragedia.

Em fim, Senhores, tende a bondade de lêl-a. Não é a fabula de Sophocles, Seneca, Corneille, Voltaire, nem La-Motte. Escrevi-a antes de ter a honra de vossas lições, conhecereis o que vos tenho protestado. Lisonjear-me-eis com o desengano, nem a minha

idade promette genio, nem eu quero gastar o meu tempo em escrever mais Tragedias. Olhai para diante, que nesta composição vereis unicamente desperdiçado o Porfido em uma monstruosa estatua; porque o capricho do Escultor se não satisfez com que nella se admirassem os perfis da Venus de Medicis, ou do Hercules de Farnesio: em mim vereis outro Greco, que não querendo que os seus quadros se equivocassem com os do célebre Ticiano, degenerou em um estilo tão secco, que hoje se conservam nas famosas Galarias juntos os originaes das suas differentes maneiras, para mostrar o ridiculo dos homens, que por fugir da semelhança perdêram de vista a imitação.

Se a Tragedia com tudo vos não parecer indigna das vossas observações, não só direi sobre ellas os meus sentimentos, mas apontarei escrupulosamente os reparos, que fizer a minha ignorancia depois da vossa crítica, satisfeito de que a mereça o Drama, como eu sinceramente a desejo.

Ce n'est qu'en s'eloignant des chemins fréquentés
Que l'esprit peut trouver des sublimes beautés.

MANOEL DE FIGUEIREDO.

Edipo.

Antonio José

Jupiter na figura de *Amphitrião* e Mercurio na de *Saramago* penetraram no lar de Alcmena, esposa fiel de Amphitrião, na ausencia d'este — o que mais tarde deu motivo a esta scena.

AMF.— Jámais has de perder o costume de tardar, e murmurar? Aonde estiveste até agora?

SARAMAGO — Quem? Eu?

AMF.— Pois com quem fallo eu, senão comtigo?

SARAM.— Pois supponha, que não falla commigo, porque eu não sou eu.

AMF.— Começas tu com disparates ao mesmo tempo que quero me dês noticia de Alcmena.

SARAM.— Como poderei eu dar noticias da Senhora Alcmena, se eu não sei noticias de mim proprio?

POLIDAZ.— O moço é galante peça.

AMF.— Saramago, que diabo tens, que estás fóra de ti?

SARAM.— Sim, Senhor, estou fóra de mim, porque outrem está dentro em mim.

AMF.— Explica-te, Saramago.

SARAM.— Já não sou Saramago ; não me quer entender ?
AMF.— Pois quem és ?
SARAM.— Sou cousa nenhuma. Vê? Vê-me vossa mercê aqui ? Pois supponha que me não vê.

AMF.— Explica-te por uma vez, senão te matarei.
POLVIDOZA.— Homem, falla, não desesperes a teu amo.

SARAM. — Por obedecer, ainda que sou nada, fallarei um nónada. Eis que partido eu para a nossa casa, com o recado de vossa mercê para a Senhora Alcmena, a primeira cousa que encontrei, foi a nossa cadella, que com o rabo começou a explicar a sua alegria ; donde inferi, que ha criatura, que tem a lingua no rabo.
AMF.— Vamos adiante.

SARAM.— Atrás ha de ser, que ficamos no rabo ; e como este seja ruim de esfolar, agora o verá : foi-me a cadella guiando porque eu ia cego com o escuro da noite ; achei a nossa porta aberta, e ao querer entrar por ella m'o impediu um vulto mui avultado.

AMF.— E viste quem era ?
SARAM.— Sim, Senhor.
AMF.— Conheceste-o ?
SARAM.— Sim, Senhor, conheci-o muito bem.
AMF.— Pois quem era ?
SARAM.— Era eu mesmo.
AMF.— Pois tu estavas fóra, e dentro ao mesmo tempo ?
SARAM.— Ahi é que está o enigma.
POLID.— Enigma parece na verdade !
AMF.— Pois que te succedeu com esse vulto ?
SARAM.— Que me não quiz deixar entrar ; houve luta de parte a parte, e por fim de contas alombou-me os ossos muito bem com um rebém.

AMF.— Quem seria o atrevido, que te fez tal cousa ?
SARAM.— A tal cousa fiz eu, que de medo me estava escorrendo.
AMF.— Dize a verdade, se conheceste quem foi ?
SARAM.— Oxalá que o não conhecera !
AMF.— Pois quem foi o que te deu ?
SARAM.— Fui eu mesmo.
AMF.— Ha tal loucura ! Pois tu déste em ti mesmo ?
SARAM.— Sim, Senhor, e não de qualquer sórte senão a cair, a derrubar.

AMF.— Pois não entraste a fallar a Alcmena ?
SARAM.— Como havia entrar se m'o impediam ?
AMF.— Quem te podia impedir, velhaco, embusteiro ?

SARAM. — É necessario que lh'o diga muitas vezes? Não lhe disse já que fora eu, aquelle eu, que já lá estava primeiro do que eu: aquelle eu que me disse que eu não era eu; aquelle eu em fim que deu muito murro neste eu. *Heu mihi!*

Pe Theodoro de Almeida

O campo e a cidade

I

Fallavamos sobre a amena diversão que offerece o campo nos diversos tempos do anno; porque andámos no empenho de saber onde se achará a verdadeira alegria, coisa que um velho hoje nos provou com evidencia que existia no mundo. Achai-vos agora bem como um avarento, a quem disseram que tinha no proprio campo um grande thesouro, que alvoroçado, aqui cava, ali procura, acolá revolve, gira, busca, mina, trabalha e com um «póde ser que aqui esteja» fixo no pensamento e na boca, não sossega, nem dorme nem descança; assim estamos agora.

II

Se o homem não fosse entendimento puro, bem gostoso viveria no campo, sendo companheiro das aves. Se contemplamos essas maravilhas que dizeis, ellas são bem capazes de transportar toda a alma; mas apezar de toda a philosophia, o corpo necessita de recreio, os sentidos querem o seu sustento, e o coração suspira pelas delicias e nada d'isto se acha senão nas côrtes ou nas cidades populosas.

O homem que foi feito para viver com homens, que gosto póde fazer, habitando entre pedras, troncos e brutos?

Deus tudo fez com proporção: para o ar as aves, para o mar os peixes, e as arvores para os campos... Saís a passeio, o tempo vos engana, o vento vos descompõe, a chuva vos assalta, os atoleiros vos enfadam.

III

O Verão ao mesmo tempo recreia os olhos, o olfacto e o gosto; vêr as rubicundas cerejas que como são a primeira fructa

que sae a campo, envergonhadas apparecem ás escondidas por entre as verdes folhas ; vêr a formosura dos pecegos, as romãs cheias de bellas granadas, os peros corados, as laranjas de ouro, as nielancias de carmin, os melões de balsamo, emfim todos os pomos de nectar : vêr como da insulsa terra, da agua insipida e dos duros, feios, asperos troncos saem tão mimosas delicias para recreio do homem ; vêr todos esses prodigios. senhora, encanta totalmente o juizo e deixa o coração afogado n'um bem innocente deleite...

— ...Eu ainda prefiro muito mais o Outomno. As abundantes colheitas, premio e incentivo do lavrador cuidadoso, são a alma da economia das gentes, a força dos Estados, a consolação dos povos e a mola real de toda esta machina civil do mundo. Tirae o Outomno e tudo perece, tudo se acaba ; isto é quanto ao util. E se fallaes do que póde recrear o entendimento, esta estação mais que todas as outras me transporta a alma, a qual, aturdida d'umas maravilhas, passa com pasmo novo a outras, a proporção que o anno se avança.

A. Ribeiro dos Santos

Pastoraes

I

Amaryllis rogava um dia a Lereno, que lhe trouxesse um ninho de implumes passarinhos, que debaixo das meigas azas da mãe piavam sobre o eume de um ulmeiro. Trepa Lereno; e a mãe, que vê o roubo proximo de seus filhinhos, estremece ; assusta-se ; bate as trementes azas, e pipita tão doridamente, que faz mágoa: enternece-se o pastor ; não toca o ninho, como cousa sagrada, e desce com as mãos vasias, mas innocentes. — «Amaryllis (diz elle á sua amada) não me atrevo. Que? quando nós tivermos, como ella, nossos filhos, penhores de nosso amor, soffreremos que nol-os roubem ? Quam grande seria a nossa angustia e amargura ?» Arrazaram-se os lindos olhos de Amaryllis em doces lagrimas de ternura. Reconheceu então a imprudencia de seus desejos e a virtude do seu Lereno.

II

Lamentava-se Aonio, de que o tempo corria avesso ás sementeiras, e que seus campos, os de Tityro, e os de Lereno e

Melibeu estavam todos esmoreeidos com os ardentes calores do estio. — «Os teus eampos, eomtudo (dizia elle a Silvano), estão viçosos á maravilha, que todos se pasmam da primavera, que vai n'elles.» — Ah! meu Aonio (lhe tornou Silvano), eu não semeei este campo: um dia, que chegava com meus bois para o lavrar, appareceu-me Amor, e inda de longe: — «Pára (me diz com um sorriso) pára»; parei: ehegou-se a mim, e, como se me conhecesse, poz-me a mão no hombro; ehamou-me por meu nome; deu-me uma frauta, a mais bella, que meus olhos viram. — «Vai (me diz) para a sombra d'esses ulmeiros; tóca, e canta de mim, e de Marilia»; e voltando-se para a turba dos Cupidos, que o seguiam: — «Eia, semêemos em dourada hora o campo de Silvano». Entraram afervorados no trabalho: qual larga os virotes, os arcos, e os passadores; qual os farpões. e as sectas; qual depõe os pensamentos, e os desejos, e as esperanças; qual os sustos, os ciumes, e as saudades; qual péga da rabiça, e guia os bois, que vão abrindo longos regos; quaes com as mãos formosas, vão n'elles lançando os grãos cereaes do almo trigo. Amor preside ao trabalho, e rege a obra: os zephyros refrescam o dia, soprando bafos benignos e creadores: as aves, pendentes dos ramos das arvores, festejam, com novos cantos, a lavoura do Amor. Mal se havia semeado, caro Aonio, eis que dos regos fecundos da terra rebentou logo esta seara filha do Amor; e eu, desde então, não tive outro cuidado senão eantar de Amor, e de Marilia».

Luiz A. Verney

Cultismo

Dos hespanhoes aprenderam os portuguezes e commummente se persuadem, que quem subtiliza melhor, e diz coisas menos verosimeis, é melhor poeta. Metaforas mui fóra de proposito, encarecimentos inauditos, são os seus mimosos. Ouvi gabar muito um soneto do Chagas, feito a um eavallo do Conde de Sabugal, pela metafora da Musica, e começa assim:

Galhardo bruto, teu acorde a lento
Musiea é nova, com que aos olhos canta:
Pois na armonia de cadeneias tantas,
É clave o freio; é solfa o movimento.

Mas eu considerando o tal epigramma acho, que é uma completa parvoice, desde a primeira palavra, até a ultima. Não acho nelle conceito algum: as palavras são improprias; e muitas não têm significação certa, e não conclue com pensamentos que elevem, que é a obrigação do Epigramma. Não sei como o dito poeta não fez outro a um burro de Valada, ou macho de Almagro, pela metafora da Logica, ou Geometria. Podia descobrir na seriedade destes animaes, semelhanças de um homem que filosófa: no seu passo grave, o fundado do juizo: tambem nas suas orelhas, semelhanças de uma secção conica: no corpo, vestigios de um parallelogrammo: no movimento, a ideia de varias linhas: e nas unhas, uma porção de circulo: com outras ridicularias destas. As metaforas podem ter lugar: mas não devem ser estas, que são arrastadissimas. Isto não entendem os que o louvam: mas isto deviam entender os que presumem ser poetas.

O outro ponto dos encarecimentos, é frequentissimo nestes paizes. Não ha coisa mais commum, entre estes chamados poetas, do que encarecimentos incriveis, e servir-se de palavras, que não significam nada. E sem sair do Chagas, que pareee a muitos que é bom poeta, considere V. P., o que elle diz neste Soneto, e feito a um pé pequeno de uma dama:

«Instante de jazmin, concepto breve,
Atomo de azuzena prezumido:
Pues os juzgam las aneias del sentido,
Sospeeha de cristal, susto de nieve.

Nó pie, mentira sois: pues eomo aleve,
Ni verdad em um ponto aveis complido.
Antes ereo que eserupulo aveis sido:
Pues de ser, o nó ser, la duda os mueve.

Como, si idea sois de ojos tan claros,
Hazeis los ojos fé para creeros,
Y hazeis la vista fé para miraros?

Yo me resuelvo en fin que he de perderos.
Pues si el versos es solo imaginaros;
Siendo imaginacion, como é de veros?»

Este Soneto tem tido mil applausos: e já achei quem me disse que era onde podia chegar o engenho humano. Comtudo isso eu defendo, que os que o louvam, preguntados pelas palavras do Soneto, hão de confessar, que o não entendem; primeiramente estas palavras, «instante de jazmin, concepto breve, atomo presumido, sospeeha de-

cristal, susto de nieve, ancias del sentido» são frazes que nada significam : e não só em portuguez, mas em nenhuma lingua.

Desafio a todos estes poetas portuguezes, para que me digam, se ouvissem um homem falar em prosa daquella sorte, se o entenderiam : pois é bem claro, que o que nada significa em prosa muito menos significa no verso. E temos que o primeiro quarteto nada significa ; porque querendo elle significar um pé pequeno, serve-se de termos que não significam isso. Na segunda quadra sobe de ponto o encarecimento : e não se contentando de dizer que é pequeno, é um ponto ; accrescenta, que não ha tal pé no mundo ; pois sómente fica a duvida, se o houve ou não houve. Nos tercetos desfaz, quanto tinha dito. Primeiro assenta, que o pé se vê : depois diz, que não é assim, e que sómente se póde saber por tradição que ha tal pé : e conclue que não existe senão na imaginação, e não é possivel que se veja. Esta é a analyse do dito Soneto. Ora diga-me V. P., pelo amor de D e u s , se entende o que quer dizer este Poeta. Primeiramente, elle não conseguiu o seu fim, que era mostrar que o pé da sua Dama era pequeno: provou mais do que queria; e mostrou, que não havia tal pé. Além disso não adverte a inverosimilidade do conceito. Não consiste a belleza de uma figura em ter um ponto por pé ; antes isto é deformidade : consiste, em ter um pé proporcionado : e nas mulheres a sua proporção é que o pé seja mais pequeno. E eu entendo que a Dama ficaria mais contente de ter um pé grande do que não ter pés e necessitar de mulêtas.

Filinto Elysio

A proposito de maus versos

Taxam-me alguns versos de mal-torneados e mal polidos. Coitados dos Auctores, e mais coitados do Poetas ! Que se lhes póde applicar a parodia :

Infeliz condição ! misera gente,
Que um argél de censores traz mordidos !

Ao revés do que dos V u l c a n e o s dizia C a m õ e s, Cant. VII :

Ditosa condição ! Ditosa gente,
Que não são de ciumes offendidos !

Claro está, que os ociosos, que taes reparos fazem nunca aviarão tantos versos como eu.

Ora é muito natural que a quem tanto desbarata, pela malha lhe escapem muitos com seu senão. Amigos, e inimigos censores, eu sou de boa avença, e com o coração nas mãos convenho nos meus erros. Ahi vai a verdade nua e crua. Com tanto que os taes versinhos não saiam do ventre do engenho tortos, nem aleijados, lá os deixo ir á Deus e á ventura. Alem de que, meus amabilissimos senhores, tenham a paehorra de se inteirar commigo, que desde a idade de 14 annos faço versos. Não me torçam o focinho á palavra *versos*, que eu lh'os não inculco por bons; com tanto que valham os do Macedo torto, me contento.—Continuemos com o nosso aranzél. De 14 annos até 64, que hoje tenho (por grande mercê de Deus e dos amigos), vão 50. Houve dia em que fiz 200 versos e mais, quando Apollo e as Musas estiravam mais longas vistas; n'outros dias, menos; e n'outros (por preguiça) nem um só: mettamos alto e malo a 40 por dia. Que menos se póde fazer, quando a veia corre, que dous sonetos e tres cantigas! ponhamos de parte, e com decrescenças os *ai lélé* dos estribilhos. Monta cada anno a 14.600 versos. Multiplicai-os por 50 (sem contar os dias de accrescimos nos bissextos); somma 730.000 versos. Apage! Convenho que é mui sobejo versejar! Menos de metade bastava, se fossem bons. Mas em fim são obra feita, obra que está já na tabolêta, esperando pelos freguezes.

Contémos agora o que elles me rendcram, e depois o que me pódem render, se apparecerem curiosos. Do que ganhei por elles atéqui, com verdade vos affirmo, que me não vem cada verso a meio real. Dizei-me vós em consciencia, meus criticos muito amados, qual seria o homem sizudo, que martellasse o seu juizo, para limar um verso por menos de meio real? Ah! que se eu mettesse em conta todos os ciúmes, odios, prágas, criticas, e ainda satyras, que os taes versinhos me grangearam, outros quinhentos serião! Em boa lealdade, pois, e como tendeiro honrado vos digo, que taes quaes são, não são tam mal limados para o numero, nem tão soménos para o preço. Se os que os criticam, expondo á vergonha do mundo os seus Poemas, abrissem loja, como eu abri, talvez que os não déssem nem tão bons, nem tão baratos.

Bem podera eu (a querer seriamente responder-lhes) deseulpar-me, allegando versos mais duros de Camões, Ferreira, etc., e ainda dos mais illustres modernos, que ninguem critica; que não sei eu que fado máo, fortuna escura faz que sendo muitos os culpados deste erro, só em mim venha a cahir o raio.

Creio que é porque me sentem mais bojo, e que as mais desatinadas criticas, as mais aguçadas satyras não fazem móssa na gorda pachorra, amiga velha. Eia, rapazes, fartai-vos de metter unha nos

meus versos: velhos rançosos, desembainhai as catanas academicas contra os meus atrevimentos; que d'aqui vos desafio, que um instante só me não dareis enfado: salvo se para satyrisar-me não comprardes os meus canhenhos

---

Paysagem

Um dia que Armindo, magoado de saudades, saía sobre as margens do Mondego, sem destino certo em seu passeio, tomaram largas seus passos imprudentes, devassando incognitos pomares, em parte desvallados, e (como por descuido de seu dono) abertos e franqueados. Dentro delles, mais cansado de animo que de corpo, se foi assentar á beira de um regato, que em costeadas voltas rasgava um doirado laranjal, que ao pae de Florisa viera por herança.

O perfume natural que em torno rescendia; o requebrado sussurro do ribeiro; e, mais que tudo, o cansado pensamento, que pedia repouso, o inclinaram a um aprazivel somno, em que, sem dar tino, se encontrou enredado, e no regaço do qual desfructou ditosas horas de sonhadas venturas, sem precaver o perigo a que se expuzera, se fosse ali de seus inimigos suspeitado.

.....

São todos os campos, que o Mondego banha, tam verdes, tam aformoseados de boninas! São tam crystallinas suas aguas desdobradas pela ruiva areia!...

Amadas ribeiras em que nasci, em que passei os graciosos annos da minha infancia e adolescencia, unico tempo de solida ventura, com que saudade vos recordo e vos desejo! — São tão agradaveis os oiteiros daquelles contornos, opulentos de córados racimos, e acobertados de frescas e viçosas parras, coroadas pelas cimas de sempre verdes oliveiras! Estão tam apinhadas nos pomares as arvores, curvadas co'o saboroso peso de formosos fructos, pelos valles que entre si deixam as quebradas de alegres montanhas! Estende-se um sossego tam deleitoso por aquellas campinas afortunadas!— Se não é que o interrompe ás vezes (deliciosamente) o canto melodioso dos rouxinóes e tutinegras, ou o compassado remar d'uma lenta barca remontando o rio, para ir armar ciladas aos descuidados moradores d'aquellas aguas; se tambem o não quebra a desaffectada cantilena da singela pomareira.

NOTA

ÁS ESTANCIAS DOS *Lusiadas*

Pg. 17. *Lusiadas*, canto I, est. 1 e 2. É a invocação ou proposição do poema. Pg. 19. *Lus.*, canto IX, est. 44. Gigantêa *deusa*. Leia-se a nota 187 da *Selecta Classica*. A prosodia é *gigantêa* e não *gigántea*; e a exemplo de Camões, escreveu Castilho — no *Sonho de uma noite de S. João*, pg. 156: «Faço idéa. Uma vez em Creta assisti eu A caçada real d'um urso gigauteu.» Sobre o epitheto *terceira* leia-se J. A. Macedo — *Censura das Lus.* II, 204. Pg. 23. *Lus.* canto X, est. 68. Rumes, são os romanos ou latinos mais proximos do oriente. Veja-se em João de Barros — *Dec.* IV, 4, cap. 16, e a referencia em varios poetas, A. Diniz, *Odes*, pg. 82. Os orientaes indianos davam o nome de *Rumes* não só aos thracios ou romaicos mas a todos os turcos. Temos, pois, nos nossos lexicos a synonymia: *romão* e *romã* (archaico), romano, rume, rumenho, rumaico, romance e romanico. Entendo que seria conveniente revivescer o archaismo dizendo: estylo *romão* (da architectura) e lingua *romã* para indicar essas duas criações medievaes do mesmo modo como se faz no francez dizeudo em taes casos *roman* em lugar de *romain*), e ao mesmo tempo designar com o vocabulo *Rumes*, que é classico, aos rumaicos ou romanos do oriente. Pg. 38. *Lus.* canto V, est. 40. Veja-se a critica que do episodio do Adamastor faz J. A. de Macedo, na *Censura das* (sic) *Lusiadas*, tomo I, 262. Pg. 46. *Lus.* canto I, est. 44. No manuscripto (copia do canto I) de Luis Franco, em lugar do segundo verso está: *A quem toda a armada manda e obedece;* o manuscripto de Faria e Sousa diz: *Que toda a armada manda e lhe obedece;* melhor lição que a primeira que é anti-grammatical. A lição do texto impresso é superior a ambas. Pg. 67. *Lus.* canto IX, est. 62: o começo da estancia conclue o pensamento da antecedente que diz: «Pintando estava alli Zephyro e Flora | O lyrio... a cecém» etc. Pg. 69. *Lus.* canto IX, est. 59. Pg. 72. *Lus.* canto III, est. 134. O epitheto *lascivo* dizia inquieto, travesso, traquinas, buliçoso. A palavra *donzella* tinha o sentido de *moça* ou *dama de honôr*. O proprio poeta lhe chama a Iguez de Castro: *dama delicada*, III, est. 123. Pg. 75. *Lus.* canto IX, est. 54. Pg. 79. *Lus.* canto IX, est. 55. Pg. 83. *Lus.* canto III, est. 21. Pg. 87. *Lus.* canto VI, est. 61. Não tem razão J. A. de Macedo, quando acha improprio o epitheto *dissonante;* naturalmente foi applicado a palavras-*palavras dissonantes* — depois a — *idéas dissonantes*. Pg. 90. *Lus.* canto VI, est. 72-73. No ultimo verso ha a elisão excepcional *se*, ou antes *sẽ* por *sem*. A lição do commum das edições *sem* aleijaria o verso. Pg. 115. *Lus.* canto III, est. 126-127.

BIBLIOGRAPHIA

AUCTORES ANTIGOS (1)

Academia dos humildes e ignorantes... por D. F. J. C... Lisboa—1762, varios vols.

Academia dos Singulares II—Lisboa—1698.

Adolonino em Sydonia. Opera do judeu Antonio José (Do *Theatro Com.*) Lisboa—1790.

Adriano em Syria, Opera do Judeu Antonio José. Edit. no *Theatro Comico*, Lisboa—1790.

Affonso Africano, poema de Vasco M. de Quebedo. Lisboa—1844.

Allivio de Tristes. Pelo pe. Matheus Ribeiro, em 2 tomos. 1º, 1754, 2º. Lisboa—1737.

Amfitriño, opera de Antonio José. Ed. do *Theatro Comico*, Lisboa—1787.

Anatomico Jocoso, (attrib. a Fr. Lucas de Santa Catharina), Lisboa — Ed. da *Bibl-Univ.* 1889.

Annaes d'el-rei D. João III, por Fr. Luis de Sousa. Lisboa—1844.

Antiguidades (varias) de Portugal, por Gaspar Estaço, Lisboa—ed. de 1754.

Apologia das damas, comedia de Manoel de Figueiredo. Ed. da *Bibl. Univ.* Lisboa, s. d. vid. *Theatro de M. Figueiredo.*

Apologos dialogaes de D. Francisco Manoel, 1ª ed. 1721 || Idem. Rio, 1873 (esta ed. só contém o *Apologo dos relogios*).

Aristipo ou o homem de Côrte, t. de D. Ribeiro de Macedo. Paris—1668.

Armas da Castidade, pelo pe.

(1) Não incluí n'esta bibliographia os auctores modernos, do romantismo para cá, nem as obras de critica literaria, diccionarios, etc.; só mencionei aqui as edições dos exemplares de meu uso e por ellas é que se ha de aferir qualquer cita ou chamada que occorra nas annotações da *Selecta*.

Manoel Bernardez, 1ª ed. 1699. || Outra ed. nos *Varios tratados* aqui mencionados.

Arte acatalecta. Exame de algebristas, pelop^e. Manoel Coelho de S. Payo. Lisboa 1736.

Arte da caça, por Diogo Fernandez Ferreira. Ed. da *Bibl. de Classicos port.* Lisboa—1899.

Arte de Conceitos (Ac. dos anon.) de F. Leytam Ferreira — Lisboa 1718, 2 vols.

Arte de furtar. Ed. rolland. Lisboa—1829.

Arte poetica, de Boileau. Trad. do Conde da Ericeira. Lisboa, ed. de 1818

Arte poetica de Horacio. Trad. e notas de Candido Lusitano. Lisboa—1833.

Auto da Alma. Pranto da Maria Parda. De Gil Vicente, Lisboa — 1902. (Ed. do 4º cent.)

Auto da Ave Maria e Auto dos Cantarinhos, de Antonio Prestes. Lisboa — Ed. da *Bibl. Univ.* 1889.

Auto do Fidalgo Aprendiz, por D. Francisco Manoel de Mello. Ed. Mendez dos Remedios. Coimbra — 1898.

Autos de Antonio Prestes (conf. a ed. 1587) ed. de Tito de Noronha. Porto — 1871.

Aventuras de Diofanes, por Alex. de Gusmão (falsa auctoria). Lisboa — 1790.

Baculo pastoral de flôres de exemplos, por Francisco de Sarayva de Souza, Lisboa — 1698 (deve de ser a 6ª ou 7ª ed.)

Banquete espiritual por Fr. Bartolomeu dos Martyres (o 2º) Lisboa—1761.

Biblia Sagrada. Trad. de Antonio Pereira de Figueiredo. Lisboa - 1835. (ed. e data falsas ; impressão americana).

Breve tratado da Orthografia para os que não frequentaram os estudos ou Dialogos. Seu autor João Pinheiro Freire da Cunha. Lisboa— 1788 (6ª impressão.)

Bristo. Comedia de Antonio Ferreira, separata—*Obras*, s. d.

Caramurú, Poema de Fr. J. de S. Rita Durão. —Lisboa —1781. (1ª ed.)

Carta de Guia de casados. Por D. Francisco Manoel de Mello (ed. de C. Castello Branco.) Porto || 1898. Idem Idem, rolland—1827.

Carta escr a Dom. dos Reis Quita (por L. Verney) s. l. s. d. (seculo XVIII).

Cartas espirituaes do p^e. Th. d'Almeida, Lisboa—1804.

Cartas familiares, historicas, por (o Cavalleiro) Francisco Xavier de Oliveira (Amsterdan—1741) || Lisboa—1855, em 3 vols.

Cartas a Lopez, de J. A. Maeedo. Lisboa—1827. || Cartas filos. a Attico—1815.

Cartas do p. Manoel da Nobrega. Ed. de V. Cabral. Rio—1886.

Cartas do p. Vieira. Ed. de 1854, em 4 tomos. || Ed. de 1735, 2 vols.

Cartas seleetas do p. A. Vieira, ord. por J. I. Roquette. Paris

—1838 || Outra sclecção, de T. Noronha. Porto, 1871.

Catalogo e historia dos Bispos do Porto, por D. Rodrigo da Cunha. Porto — 1623.

Cathecismo e praticas espirituaes de Dom Frei Bartholameu dos Martyres. —Lisboa, 1617.

Censura dos Lusiadas, por J. Agostinho de Macedo. Lisboa—1820, em 2 vols.

Cerco de Diu, poema de Franeiseo de Andrade, cd. de Lisboa—1852.

Chrestomathia portugueza. Anonymo, (por Pedro Gabe de Massarellos). Hamburgo—1800.

Chronica do Emperador Clarimundo, per João de Barros. Lisboa (cd. rollandiana) — 1843, 3 vols.

Chronica da Cª de Jesus, pelo p. Simão de Vasconcellos, Ed. da *Rev. do I. Hist.* Rio de Janciro.

Chronica do Conde Dom Pedro de Menezes, de G. Eannez de Azurara. Ed. da Academia—1792.

Chronicas de Fernão Lopez: D'el-rei D. Pedro ; de D. Fernando, etc. Ed. da Acad.— 1816.

Chroniea do descobr. e conquista de Guiné, por G. Eannez de Azurara. Paris — 1841.

Chronica dos Senhores Reis de Portugal, por Christ. Rodr. Aeenheiro. Ed. da Acad.— 1824.

Chronica d'el-rei D. Duarte, de el-rei D. Affonso e D. Duarte de Menczes, de Ruy de Pina. Ed. da Academia—1790-1793.

Chroniea do Cardeal Rei D. Henrique e vida de Miguel de Moura. Lisboa—ed. de 1840.

Chronica reformada dos Reis de Portugal. Duarte Nunez do Lião, Ed. 1600. 2 vols.

Chroniea de D. João I, D. Duarte, Affonso V, pelo mesmo. Lisboa —1643.

Cioso, comedia do Dr. Antonio Ferreira, separata, e s. l. s. d.

Collecção das obras portuguezas do Bispo de Leiria, Antonio Pinheiro. Lisboa—1784.

Collecção de Livros ineditos de historia port.; ed. da Academia. Lisboa — 1790 — 1824 — 5 vols.

Colloquios dos simples..., pelo Dr. Garcia de Orta. Ed. de Varnhagen. Lisboa—1872.

Commentarios de Affonso de Albuquerque, Lisboa — ed. de 1774, 3 vols.

Composição poetica de Curvo Semedo. Lisboa—1803, em 4 vols.

Condestabre (o), poema de F. Rodriguez Lobo. Ed. de Souza Farinha, Lisboa—1785.

Côrte na Aldeia, de Francisco Rodriguez Lobo. Lisboa 1722 || Idem, ed. da *Bibl. Univ.* —1890.

Decadas. Da Asia, de João de Barros e Diogo do Couto. Lisboa—1778, 25 volumes e tomos.

Dialogo rustico e pastoril (De Ferreira de Almeida) s. l. (Batavia ?) s. d. (sec. XVII

ou XVIII.) Não está descripto em Innocencio.
Descripção do reino de Portugal, por Duarte Nunez de Lião. Lisboa — 1ª ed., 1785.
Demonstração da existencia de Deus, pelo padre J. Agost. Macedo. Lisboa—1816.
Dialogo de varia historia, por Pedro de Mariz. Lisboa—1806, em 2 vols.
Dialogos de Dom Frey Amador Arráiz. Lisboa (ed. rollandiana), 1846.
Dias Gomez (F.)—Analyses criticas; volume facticio das *Memorias de Lit.*, tomo IV.
Diccionario exegetico que declara a genuina e propria significação dos vocabulos e dado ao publico por um anonymo. Lisboa — 1781 (não foi descripto por Innocencio).
Discursos varios, politicos, por Manoel Severim de Faria. Evora—1624.
Ditos da Freyra (Joanna da Gama). Ed. de T. de Noronha. Porto—1872.
Divinos e humanos Versos. De Dom Francisco de Portugal. Lisboa—1653.
Dom Quixote de la Mancha, comedia de Antonio José. Tomo I do Theatro Comico. Lisboa—1787.
Elogios dos Reis de Portugal, em latim e portuguez, por Antonio Pereira de Figueiredo. Lisboa—1785.
Elucidario de S. Rosa de Viterbo. Ed. de Innocencio. Lisboa—1865.
Encantos (novos) de Amor, opera do Judeu Antonio José. Ed. no *Th. Comico*. Lisboa—1790.
Encantos de Circe, comedia de Antonio José. No 4º t. do *Th. Comico*. Lisboa—1792.
Encantos de Medéa (os), opera de Antonio José. Lisboa—1787 (tomo I do *Th. Comico*).
Encantos (os) de Merlim, opera do Judeu Antonio José. Faz parte do tomo IV do *Th. Comico*, Lisboa—1792.
Ensaio critico (de philologia e critica) extr. *Mem. de Lit. da Acad.* de A. das Neves Pereira (tomo IV e V).
Epicos brasileiros.(S. Rita Durão e J. Bas. da Gama), Ed. de Varnhagem. Lisboa—1845.
Epinicio lusitano á mem. victoria de Montes Claros, por João Pereira da Sylva. Lisboa.—1665.
Epódos,—por Diogo de Teive, trad. do latim, por Francisco d'Andrade (conf. a ed. de 1565). Lisboa—1785.
Escola das verdades aberta aos principes. Por D. Ant. Alvarez da Cunha. Lisboa.—1761.
Escola moral e politica, de Diogo Guerreiro. C. de Aboim. Lisboa—1754.
Esopaida ou Vida de Esopo. Comedia de Antonio José. (No *Theatro Comico*) Lisboa—1787.
Espirito da lingua portugueza—estudo do vocabulario de João de Barros por Ant. P. de Figueiredo — vol. facticio; ext. dos *Mem. de lit. da Acad.*

Estimulo pratico para seguir o bem, fugir o mal... Pelo padre Manoel Bernardez. Lisboa. 1762 (2ª ed.)

Estimulos do amor da V. Maria, pelo pe. Theod. de Almeida. Lisboa—1791.

Ethiopia Oriental, por Fr. João dos Santos. Ed. da *Biblioth. de Class. port.* Lisboa—1891.

Euphrosyna, comedia de Jorge de Vasconcellos. Lisboa—1786.

Eva e Ave, por Antonio de Sousa de Macedo. Lisboa —1720.

Exercicios de perfeição do pe. Affonso Rodriguez, 1ª. ed. port. Lisboa.—1682.

Exercicios espirituaes e Meditações, pelo pe. Manoel Bernardez. Prim. parte (ed. 1784), 2ª parte (1ª ed.) Lisboa.—1707.

Fabula dos planetas, por Bertolameu da Paixam. Lisboa.—1643.

Fabulas de Filinto Elysio, (trad. ed. Londres.—1813.

Feira dos Anexins, obra post. de D. Francisco Manoel de Mello (ed. de Innocencio), Lisboa-1875.

Fenis (a) renascida. Lisboa—1716—28; 5 vols.

Filint operseguido e exaltado. Opera do judeu Antonio José. Ed. no *Theatro Com.* vol. IV. Lisboa.—1792.

Governo do mundo em seco, por S. S. da Silveira (M. José de Paiva). Lisboa—1751.

Guerras do Alecrim e Mangerona, comedia de Antonio José. Ed. no *Th. Comico*, tomo II. Lisboa—1788.

Historia da America portugueza, de Sebastião da Rocha Pita, ed. de Lisboa—1880.

Historia do Brasil, de Fr. Vicente do Salvador. Ed. da Bibl. Nacional do Rio,

Historia dos filosofos, por Francisco Luis Leal (brazil.). Lisboa—1788, em 3 vols.

Historia do Futuro, pelo pe. Antonio Vieira. Lisboa — 1718.

Historia Evangelica, de Frey F. de Jesus Sarmento. Lisboa—1777.

Historia insulana pelo pe. Antonio Cordeiro. Ed. do *Panorama*. Lisboa—1866.

Historia de Portugal, trad. e notas de Antonio Moraes Silva. Lisboa—1802. 4 vols.

Historia de S. Domingos, por Fr. Luis de Sousa, 1ª ed. —1627 ; 2ª parte, ed. de 1767.

Historia do predestinado peregrino de Alex. de Gusmão—Evora, 1685.

Historia verdadeira... do Cid. Campeador, por J. Pereira Bayam. Lisboa—1751.

Historia da vida do pe. S. Francisco de Xavier pelo pe. João de Lucena (ed. Sousa Farinha). Lisboa — 1788, em 4 vols.

Hyssope (o), por Antonio Diniz da Cruz e Silva, ed. da *Bibl. Univ.* Lisboa—1889. =Idem, no *Parn. lusit.*

Idillios de Gessner, versão de J. F. A. Freire Barbosa. Lisboa—1784.

Imagem da vida christã, por

Frei Heitor Pinto. Lisboa—1853 (ed. rollandiana em 2 vols.).

Itinerario de Antonio Tenreiro, que da India por terra veiu a Port. 1725—app. a *Peregrinação*.

Itinerario da India por terra, por Frei Gaspar de S. Bernardino. Lisboa, ed. de—1842.

Jaboatão Mystico, sermões de Fr. A. de S. Maria Jaboatão. Lisboa—1758.

Jornada ás côrtes do Parnaso, de Diogo Camacho. Lisboa—1794.

Labirinto de Creta, opera de Antonio José, ed. do *Th. Comico*, tomo II. Lisboa — 1788.

Laurea portugueza (collecção de prégadores do sec. XVII), Lisboa—1687.

Leal conselheiro, e Livro da ensinança de bem cavalgar. Lisboa, ed. rollandiana—1843.

Lendas da India, por Gaspar Corrêa, ed da Acad., em varios tomos, 8 vols. Lisboa—1858.

Lima (o) de Diogo Bernardez, ed. rolland. Lisboa — 1820.

Lisboa destruida, poema, pelo pe. Theodoro de Almeida. Lisboa—1803.

Livraria Classica; Antonio Ferreira, por Julio de Castilho. Rio | Paris — 1875, em 3 vols.

Livraria Classica; Bocage, por José F. de Castilho, Paris e Rio—Garnier—1867. 3 vols.

Livraria Classica; Fernão Mendez Pinto, excerptos. Paris e Rio—Garnier — 1865, 2 vols.

Livraria Classica; Garcia de Resende, por A. de Castilho. Paris e Rio—1865.

Livraria Classica; João de Lucena, excerptos, por José Feliciano. Paris e Rio, s.d. em 2 vols.

Livraria Classica de Castilho: pe. Manoel Bernardez, excerptos. Rio de Janeiro e Paris—1855, 3 vols.

Livro vermelho de Affonso V e Fragmentos de legisl. port. ed. da Academia. Lisboa — 1793.

Lucerna grammatical do Pe. Bartol. Soares. Lisboa — 1728.

Lusiadas de Camões, ed. do Gabinete Port. de Leitura do Rio. Lisboa—1880. Outras ed. de Biel, de Garnier, de Th. Braga, da Impr. m. do Porto; ed. ann. de Salles Lencastre; Camões, marinheiro de Almeida d'Eça, etc.

Lusitania transformada, de Fernão d'Alvarez do Oriente (conf. a ed. de 1607). Lisboa —1781.

Luz da Medicina, do doutor Morato Roma. Coimbra. 1700.

Luz e Calor, pelo pe. Manoel Bernardez. Lisboa — 1696 (1ª ed.) || A mesma obra cd. de 1871.

Malaca Conquistada, poema de Francisco de Sá de Menezes. Lisboa — 1779. (3ª ed.)

Marilia de Dirceu, de Th. Antonio Gonzaga. Lisboa

— 1819. Id. ed. rolland. — 1840.

Meditações das domingas do anno, pelo pe. Bartholomeu do Quental, 4ª ed. Lisboa —1778.

Meditações da gloriosa Ressurreição, pelo pe. Bartholomeu do Quental. Lisboa —1683, 1ª ed.

Megara, tragedia de D. Reis Quita. Lisboa—1777.

Memorial da Segunda Tavola Redonda, por Jorge Ferreira de Vasconcellos. Lisboa—1867, ed. do *Panorama*.

Memorias do Bispo do Grão-Pará, ed. de Camillo C. B. Porto—1868.

Memorias de um soldado da India (F. Rodr. Silveira), Edição de Costa Lobo. Lisboa. —1877.

Menina e Moça, de Bernardim Ribeiro. Ed. de Pessanha. Porto, 1891. || Vide tambem *Obras*.

Motim litterario. Pelo pe. José Agostinho de Macedo. Lisboa. — 1841 — varios tomos em 2 vols. (3ª ed.).

Noticias reconditas—do pe. A. Vieira — na ed. das *Obras* de 1856.

Nova Floresta—do pe. Manoel Bernardez, 1ª ed. Lisboa. —1706—1728—em 5 vols.

Novissimos do homem, poema de D. T. Child Rollim de Moura, Lisboa — ed. de 1853.

Obras de Bernardim Ribeiro, Menina e Moça e Eclogas, Lisboa, 1852. (Ed. de Mendez Leal).

Obras do doutor Duarte Ribeiro de Macedo, 2 tomos. Lisboa.—1743.

Obras de Francisco de Moraes. (O Palmeirim e Dialogos). Lisboa—1852, em 3 vols. ed. da *Bibl. port.*

Obras de Filinto Elysio. Lisboa—1836-1840, em 22 vols. || Obras completas de Filinto Elysio. Ed. de Paris. (Cito apenas um ou outro volume d'esta ed. de Paris.)

Obras primas de F. de Sá de Miranda. Edição da *Bibl. Univ.* Lisboa—1889.

Obras do Dr. Francisco de Sá de Miranda. Lisboa (ed. rollandiana) — 1784, em 2 vols. || Vide *Poesias* de S. M. (ed. de Carol. Michaëlis).

Obras completas do Dr. Antonio Ferreira, ed. pelo conego F. Pinheiro. Paris e Rio—1865, em 2 vols.

Obras poeticas de Claudio Manoel da Costa. Ed. de J. Ribeiro. Rio—1903, em 2 vols. || *Idem* — 1ª ed. Coimbra, 1768.

Obras espirituaes postumas de Fr. Antonio das Chagas. Coimbra, 1728.

Obras ineditas de D. Ribeiro de Macedo, Lisboa—1717.

Obras de Francisco de Andrade. Ed. da *Bibl. port.* Lisboa—1852.

Obras classicas do Pe. Antonio Vieira. Ed. Silva Lobo. Cartas. Lisboa—1885. Sermões selectos.

Obras de Crisfal (Christovão

Falcão) ed. de Th. Braga. Porto—1871.
Obras de Gil Vicente. Ed. de Hamburgo - 1834, em 3 vols. || *Idem* de Lisboa—1852, em 3 peq. vols.
Obras poeticas de Manoel Maria. Barbosa du Bocage. O chamado 3º t. das postumas (por Pato Muniz). Lisboa — 1850. Vide *Poesias* de.....
Obras completas de Luis de Camões. Edição critica (2ª) Porto—1877, em varios tomos, 4 vols.
Obras poeticas de P. A. C. Garção. Lisboa—1825, em 2 vols. || *Idem*, ed. de Azevedo Castro.—Roma 1888.
Obras poeticas de Gregorio de Mattos. Ed. de A. do Valle Cabral. Rio—1882. (tomo 1º e unico publicado).
Obras ineditas de D. Jeronymo Osorio. Lisboa—1818.
Obras poet. de Nicolau Tolentino. Lisboa, 1801, 2 vols. (1ª ed.) || *Idem* Ed. de J. Torres. Lisboa—1861.
Obras de D. Reis Quita. Lisboa—1831, 2 vols.
Obras inéditas do Pe. Antonio Vieira. Varios tomos em 1 vol. Lisboa. 1856.
Odes pindaricas, de A. Diniz da C. e Silva. Lisboa—1805, em 2 vols. (1ª ed.)
Odes pindaricas postumas de Ant. Diniz. Coimbra — 1801.
Oriente (o) poema de J. Agostinho de Macedo. Lisboa—1827.
Origem da Nobreza politica. Por Alvaro Ferreira de Vera. Lisboa, ed. de 1791.
Origem e orthographia da l. portug. de Duarte Nunez do Lião. Lisboa — 1854, (ed. do *Panorama*).
Orthographia de J. de M. Madureira Feijó. Ed. de Lisboa—1739.
Ortografia da Acad. española. Madrid—1779.
Ortographia da l. port. por João Franco Barreto. Lisboa—1671.
Palavra de Deus empenhada e desempenhada. Pelo pe. Antonio Vieira. Lisboa — 1690—1ª ed.
Palmeirim de Inglaterra. Por Francisco de Moraes. Ed. de Lisboa—1592, em 4 vols; ed. de 1852 em 3 vols.
Panegyricos do grande João de Barros (conforme a ed. de 1533). E elogio....de Ant. de Castilho, o quinhentista. Lisboa—1791.
Pão partido em pequeninos. Pelo pe. M. Bernardez. Rio—1891. || Outra edição — nos *Varios trat.* 2º vol.
Parnaso lusitano. Paris 1826—27—5 vols. || o 6º vol. 1834.
Parnaso lusit. de divinos e humanos versos de soror Violante do Céo. Lisboa—1733.
Pastoral do Bispo de Braga Fr. M. do Cenaculo. Lisboa—1784.
Pastor peregrino—de Rodr. Lobo. Ed. da *Bibl. Univ.* Lisboa—1890.
Peregrinação de Fernan Men-

dez Pinto. Lisboa—edição de 1725, com outros opusculos.
Poemas lusitanos do Dr. Antonio Ferreira. Ed. de 1771—2 vols.
Poesias inéditas de D. Thomas de Noronha. Ed. Mendez dos Remedios. Coimbra—1899.
Poesias cast. anteriores al siglo XV, poema del Cid etc., por T. A. Sanchez. Paris—1842.
Poesias de F. de Sá de Miranda, ed. de Carolina Michaëlis de Vasconcellos. Halle—1885.
Poesias joviaes de Antonio Lobo de Carvalho. Cadix (l. supposto)—ed. de 1852.
Poesias profanas de Souza Caldas. Obras poet. Coimbra—1836.
Poesias de Bocage, Lisboa—1806.
Poesias de Antonio Diniz da C. e Silva, Sonetos e Idilios, 2 tomos. Lisboa—1807-11-33.
Poesias e prosas de Fernão Rodr. Lobo Soropita, ed. de Camillo C. Branco, Porto—1868.
Poesias de Pedro de Andrade Caminha, ed. da Academia Real das Sciencias. Lisboa—1791.
Poetica (a) de Aristoteles, Pref. R. dos Santos. Lisboa—1779.
Politica moral e civil, por Damiam A. de L. Faria e Castro. Lisboa — 1749-54, em 6 vols.
Portugal cuidadoso e lastimado, de José Pereira Bayão. Lisboa—1737 (Vida de D. Sebastião.)
Portugaliæ Mon. hist. Os fasciculos : *Scriptores*.
Precipicio do Faetonte. Opera do judeu Antonio José. Edit. no *Theat. Com.* tomo II. Lisboa—1788.
Primavera (a) por Ant. de Castilho. Lisboa—1837.
Prosopopéa—poema de Bento Teixeira Pinto. Ed. *fac simile* da de 1601, pelo Dr. Ramiz Galvão. Rio—1873.
Quadragena de sermões, pelo padre Frei João de Ceita. —1619.
Quadras glosadas por Antonio Bersane Leite. Lisboa—1804.
Ramalhete espiritual. Por Frei Antonio das Chagas. Lisboa—1722.
Ratos da Inquisição, de Serrão de Crasto. Ed. de Camillo C. Branco. Porto—1883.
Recreação do homem sensivel. Trad. de Antonio de Moraes Silva. Lisboa—1820—21, em 4 vols.
Reflexões sobre a lingua portugueza, por Francisco José Freire (*Candido Lusitano*). Notas de J. H. da Cunha Rivara. Lisboa — 1842. 3 t. em um vol.
Reflexões sobre a vaidade, por M. A. R. da Silva d'Eça. Lisboa—1786. (brazil.)
Relação do novo caminho por terra e mar, vindo da India para Portugal, 1663, pelo p. Manoel Godinho (2ª Ed.) Lisboa—1842.

Restauração de Portugal prodigiosa, pelo D. Gregorio de Almeida. Lisboa — 1643, 3 t. em 1 vol.

Rimas de João Xavier de Mattos. Lisboa—1827, em 3 vols.

Rimas. As chamadas *Rimas* (titulo da 1ª ed. dos *Sonetos*, eclogas, etc.) são citadas com as *Obras*. Porto—1877.

Ropica pneuma e dialogo. (Compilação de varias obras de João de Barros (ed. do Visconde de Azevedo). Porto - 1860.

Roteiro da viagem de Vasco da Gama. Ed. de A. Herculano. Lisboa—1861.

Satyras e epistolas de Nicolau Tolentino de Almeida. Ed. da *Bibl. Univ.* Lisboa—1888.

Satyras em desabono de muitos vicios... por Miguel do Couto Guerreiro. Lisboa—1786.

Saudades da terra, de Gaspar Fructuoso; ed. de Ponta Delgada--1873.

Semiramis em Babylonia. Opera do judeu Antonio José. No IV vol. do *Theatro comico*. Lisboa—1792.

Sermões de Fr. Antonio das Chagas, ed. de Lisboa—1690.

Sermões do Padre Antonio Vieira, ordenados pelo Cardeal Patriarcha D. Fr. de S. Luis. Lisboa—1852, (ed. rollandiana); são os *Sermões selectos*, em 6 volumes.

Syringa (a Ninfa). Opera do judeu Antonio José, edit. no *Th. comico*, tomo 3º. Lisboa —1790.

Theatro de Manoel Figueiredo. Collecção de comedias, em 13 vols. Lisboa — 1804-1810.

Theatro Comico portuguez. Collecção anonyma das operas de Antonio José, o Judeu. Lisboa.—1787-1792.

Trabalhos de Jesus, por Frei Thomé de Jesus, ed. de Innocencio. Lisboa—1865. 2 t. em 1 vol. || Idem, ed. de 1733, em 2 vols.

Tratado descr. do Brazil, de Gabriel Soarez de Sousa. Rio—1890.

Triumphos ecclesiasticos. 1ª e 2ª parte, por Frei Pedro Corrêa, Lisboa—1617 (1ª ed. em 2 vols.).

Trovas do Bandarra. Barcelona—1809. Trovas inéditas do mesmo (apocriphas) Londres—1815.

Ulyssea ou Lisboa edificada, poema de G. Pereira de Castro, Lisboa—1746 || Idem rolland.—1826.

Ulyssipo, poema de Antonio de Sousa de Macedo. Ed. rolland, Lisboa—1848.

Uraguay, poema de José Basilio da Gama. Rio—1811; (2ª ed.)

Variedades de Protêo, opera de Antonio José. (Edit. no *Th. Com.* tomo 2º). Lisboa—1788.

Varios tratados do Padre Manoel Bernardez, 2ª ed. Lisboa—1737, 2 vols. =Ás vezes cito em separado, as *Armas da Castidade*, 1ª ed.

e o *Pão partido em pequeninos*, que depois foram incluidos nos varios tratados.

Verdadeiro Metodo de estudo. Anonymo (Luis A. Verney) Valensa—1747, 2 tomos.

Viagem extatica, poema de J. A. de Macedo, Lisboa—1830.

Vida de Dom Frei Bartholomeu dos Martyres, por Fr. Luis de Sousa, Braga—1890. Em 3 vols. || Idem, ed. de Paris. 1760 || *Idem*, ed. roll. de 1850, ambas estas ed. em 2 vols.

Vida do Beato H. Suso, Lisboa—1764 Com. varias compos. de Fr. L. de Sousa.

Vida de Jesus Christo, obra postuma de Filinto Elysio, Paris—1847

Vida de D. João de Castro, por Jac. Freire de Andrade, Lisboa, 1651 || Madrid—1802 || *Idem*, ed. de Paris, de 1759.

Vida e feitos d'el-rei D. Manoel, por Jeronymo Osorio, trad. do latim, por Filinto Elysio. Lisboa — 1804-1806, em 3 vols.

Vida de Dom Paulo de Lima Pereira, por Diogo do Couto. Lisboa, 1765.

Vida de madre Rosa Maria. Versão do Contador de Argote. Lisboa — 1749.

Vida de madre M. Perpetua da Luz, por J. Pereira Santa Anna. Lisboa—1742. (brazil.)

Vida de S. Francisco de Paula — de Fr. Franc. de P. Bossio. Lisboa, 1779.

Vida de Affonso VI, esc. em 1684. Ed. de Camillo. Porto, s. d.

Vida do adm. pe. José de Anchieta, pelo padre Antonio Franco. Rio ed. de 1898.

Vieira abbreviado, por Ans. Caet. Munhoz de Abreu Gusmam Castello Braneo. Lisboa, 1746, em 2 vols.

Viriato tragico, poema de Braz Garcia Mascarenhas. Lisboa, 1846 — 2 vols.

INDICE DAS NOTAS

(Lê-se apenas as notas grammaticaes; os numeros referem-se á annotação e não á pagina.)

A—parecer e apparecer; presentar e apresentar, etc., 103.—*A* preposto; *a* fóra, *a* segundo, 39, a (e não á) 48; *a*—diff. de *para*, 142; *a* no lugar de *c*, 170.

Abondoso, 41. «Encheram-me com grandes abondanças.» *Lusiadas*, V. 54.

Acatasolar, 124.

Achar menos, 139.

Acinte, 65, 70.

Adjectivos, 97, 99; adjectivos empregados como adverbios e preferencia que lhes dava Filinto Elysio, 122; adjectivos usados como substantivos e *vice-versa*, 185.

Agem — nomes em — *agem* eram masculinos, 126. Estes nomes em *agem*, como *personagem*, *selvagem*, etc., são mais francezes que portuguezes.

Agradecido e não grato, 103.

Aguião, 80.

Aguila, 52.

Al, suffixo, muito commum outr'ora, 86. Influencia provavel dos nomes arabicos.

Alçar a mesa, 139.

Alferes, alferezes, 107.

Alfim, alafem, a la mar, 114.

Almosso, melhor orth. que almoço, 153.

Aloes, 52.

Alto = profundo, 122, 124; alto e malo (corrija-se o erro typ. *artemala*), 130.

Altura, 124.

Alva, 35.

Amarello, etymol., 60. Apontei o etymo que mais me parece corresponder aos sentidos da palavra. Derivam-na tambem de *ambar*. (Veja Kœrting.)

Ambiguidade, 61.

Ambos de dous, ambos os dous, 111. O exemplo mais antigo que conheço é o de Ruy de Pina (*Chron.* D. João II, 122, na *Coll. de inéditos*).

Amores e amor, 138.

Ante ontem, 114.

Anathema é adjectivo, 185.

Ante tempo, 114.

A par, 43. O sentido mais commum é o de *vizinho* ou muito proximo.

Appetite, ant. sentido mais geral, 59.
Após a, após de, pós de, em pós, 107.
Apotheóse e apotheóse, 160. Em suas bellas *Cartas filologicas* propõe o nosso illustrado philologo Mario Barreto grande numero de exemplos de tacs variações de accento, em palavras eruditas, segundo a prosodia dos classicos. O erudito Dr. Ramiz Galvão, no seu *Vocabulario* de vozes gregas, indica as correcções que se devem fazer á prosodia viciosa e commum nas palavras d'aquella origem.
Aqui d'el rei; *ak'* ou *áque*, 167; *a* d'el rei, 167. Vieira chegou a escrever · *ha que de Deus!* dando assim interpretação nova a esta antiga interjectiva.
Autóerata, aristócrata, demócrata e autoeráta, etc., 160.
Ardendo e fervendo, como adject., 113.
Arraia, arrã, arrefens, 95.
Artigo em nomes de cidades, 55, 152.
Artigo com os nomes geographicos, 152; omittido em *casa, palacio, cama*, 152.
Asiaticos, nomes; de titulos, 156; de embarcações, 183.
Ás rebatinhas, 72.
Assoeegar; *sossego* melhor orth. que *soeego*, 43.
A tôa; ir *atôa*, ao grado da corrente: «tomou os navios dos inimigos *a toa* (Diogo do Couto—*Vida de D. Paulo*, 36. Lembra a expressão tupi corrente no Brazil: andar *ao atá* (errabundo). No Brazil a expressão é usada como adjectivo. É conhecido o caso de um naturalista, geologo estrangeiro, que tomou por nome vulgar especifico o de uma—*pedra atôa*—consoante a informação que um sertanejo lhe déra.
Atróphia e atrophía; hypertróphia, 160.
Ave, imperat. de haver, 55. (Como *eis, eisque* = *heis* que). Mais certo é que *eis* = *veis*, por *vês* e *vedes*, como o confirmam varios exemplos antigos portuguezes e castelhanos. No *Cerco de Diu:* Vês la vai o duque = *Eis* la vai etc. (Canto XX, pag. 347 da reimpressão).
Avel ou ivel, suffixo; vend*avel* e vend*ivel*, 143. Nem sempre o suff. *ivel* corresponde á 2ª conjugação. *Desprezivel* e não *desprezavel*, como o é no italiano.
Averigúo e não averíguo e outros casos semelhantes, 187. Comtudo, ha exemplos de *míngua* por *mingúa:* «Inda tendes lingua! Quanto á desculpa não *míngua*», Chia-

do — *Obras,* 69. Em Diogo Bernardez. «Gostos *minguam* em mim, tristezas crescem» — *Rimas varias,* ed. 1770, pag. 106.
Avôs, e não *avós,* 90. Esta distincção já foi observada nas duas primeiras edições dos *Lusiadas,* onde se escrevem *avòs* e *avós.* Leia-se a nota respectiva na ed. de Biel.
Azo e auso, 130.

Balona, 62.
Bando, 78.
Barba, 134.
Baxá, 122, e não *pachá,* 156.
Biblia; nomes da. Prosodia, 174. A variação prosodica é já attestada pelas duas fórmas *Jacób* e (sant) *Iágo.*
Bòa vontade, mais bòa vontade, melhor vontade, 65.
Boas noites e bons dias, e não —boa noite, bom dia, 39, 163.
Boca da noite, 134.
Bom successo, boa fortuna, 63.
Bonança, adjectivo, 185.
Branco, ponto em branco, 56.
Brasil e Brazil, 60.
Brenha, prenha, prenhe, 107. *Brenha* é explicado por um radical basco no lexico de Kœrting.
Bucho ou buxo, 53. O braço compõe-se de ante-braço e buxo. N'este caso parece que *buxo* vem de *bursus* por *buscus.* Gonçalves Viana dá a etymol. *musculus,* que me parece a melhor.
Buscar, alguma vez mais correcto que *procurar,* 149.

Ca, car; archaismo, 86.
Cada um per si ou cada um de per si, 88.
Cão de filhar, 57.
Cães, nomes de cães, 57. As etymologias que registrei são engenhosas e nada mais. A de *perro,* do nome *Petrus,* não tem maior probabilidade. Schuchardt faz derivar *gozo* de um radical slavo.
Cairo, o Cairo, 52, 152.
Cal, cal de rua, a calha, calheta, 82.
Calembur, gallic. inutil, 79.
Calma, mau uso que d'este vocabulo se faz, quando empregado com o sentido de frieza de animo; nos classicos *calma* é sempre o calor, o ardor do tempo. A este propozito communica-me o illustrado Dr. Afranio Peixoto o verso bem caracteristico dos *Lusiadas:* «Por fogo, ferro, agua, *calma* e frio» IV, est. 104.
Cal-te, cala-te (provavelmente do v. defectivo *calêr* (loc. ant. *não m'en cal* dos *Canc.*) como *guar-te* de *guarir,* é o que conjecturo), 135.

Camoneana, 147. Ajunte-se que o primeiro poema brazileiro, a *Prosopopéa*, é uma grosseira paraphrase de varios lugares dos *Lusiadas*. A ajuntar: a edição muito satisfactoria de Juromenha, em 6 volumes, a melhor que temos; a pequenina, mas valiosa, da *Bibl. romanica;* e a traducção pela insigne D. Carol. Michaëlis Vasconcellos, da *Vida* do grande poeta por W. Storck; a trad. allemã das obras de Camões pelo mesmo Storck, enriquecida de notas interessantes.
Carecer = precisar, não ter; precisar, 93.
Carregado, 39.
Catasol, 124.
Cem e cento, 143.
Ch — por—x, 52; *ch* grego, omittido nas syllabas finaes, 160; hesitação orthogr. *ch, c, qu* e *k, kh*, 160.
Chorado, 178.
Christo Jesus, 60.
Coitar, 62.
Colher, 48.
Color, 95.
Collectivos especiaes, 151.
Como = quando, 124.
Comparativo: mais que mim, 66; peior vontade, 65.
Concordancia variavel: *um* e *outro, cada um*, etc., 145; um e outro, invariavel, 183. As questões de concordancia são sempre aquellas que despertam tolas invectivas por parte de maus e ineptos escriptores. A concordancia por ellipse é quasi sempre mais elegante e mais portugueza que a concordancia chamada logica (mais propriamente litteral). Aqui incluo como excurso, ainda que um pouquinho longo, as excellentes observações e conceitos do nosso erudito philologo Mario Barreto, acerca d'este ponto.

«Meu caro colega: Quando o verbo precede a dois ou mais substantivos que formam um sujeito composto, póde o verbo concordar em numero singular com o mais imediato, ou ir para o plural atendendo-se á soma total de sujeitos da oração. Póde-se dizer: «aquele rosto em que se *pintava* a candura e a suavidade» ou em que se *pintavam* a candura e a suavidade; — «quando *reinava* a fé e o entusiasmo» ou quando *reinavam* a fé e o entusiasmo. Nos grandes escritores, autoridades da lingua, ha esta liberdade no emprego do singular ou do plural, e como aos que se deixam dominar pela lei de *concordancia lógica* de que «dois ou mais sujeitos equi-

valem a um sujeito do plural» lhes parece estranho o uso do verbo no singular, ajuntaremos em confirmação dêste uso alguns exemplos de bons autores. Gramáticos ha que querem a pluralização do verbo se os sujeitos são pessoas; mas não é esta a lição que se tira da atenta leitura dos mestres portugueses, mas sim a liberdade de construção a que acabamos de aludir, quer se trate de coisas, quer de pessoas, e pouco importa que um dos substantivos esteja no plural: Aqui *está* a carta e os papeis—*Assustava*-o a guerra e suas consequencias — Faliu o esteio a que se *amparava* a mulher e os dois filhos.

Não queiramos, pois, aferrando-nos aos rigores da concordancia lojica e tendo por unico bom o uso do plural, pear a libérrima construção portuguesa. Vamos aos exemplos.

O grande padre Manuel Bernárdez diz, empregando o plural: «... como *explicam* Teofilato, Maldonado e outros. «(*N. Flor.*, tom. V, p. 482) — «Dêste modo se escreve que *morreram* o Papa Victor III, e o Imperador Henrique Lucelburgense.» (*Ibid.*, p. 487) — «O mesmo *fizeram* Pico Mirandolano, Francisco Petrarca, Pedro Bembo, Torcato Tasso, e César de Buz. (*Armas da Castidade*, tom. II de *Vár. Trat.*, p. 500).—«Logo o Céu, que chamam etéreo, onde *giram* a lua, e o sol, e os mais planetas em destritos mais altos uns que os outros.» (*Vários Tratados*, tom. II, p. 118) — «... conforme *interpretam* Santo Ambrosio e S. João Crisóstomo» (*Exercicios Espirituais*, parte I, p. 243).— Usando o singular, escreve o mesmo padre oratoriano: «Dêste modo *entende* S. Gregorio e outros muitos padres aquilo do Salmista ...» (*Nova Floresta*, tom. IV, p. 347).—«Por êste sinal *saberá* minha mulher, e filhos, o estado em que vim a parar.» (*Ibid.*, tom. V, p. 271.— «... como *fazia* o Santo Bispo D. João de Palafox, e outros servos de Deus.» (*Exercicios Espirituais*, parte I, p. 26).—«Es sábio? Tambem o *foi* Lúcifer, e seus sequases.» *Ibid.*, p. 405).— «Diabo, conforme *interpretou* Tertuliano, e outros, quer dizer caluniador, e com o nome concorda o oficio, porque o diabo a todos calunia.» (*Sermões e Práticas*, tom. I, p. 54).

Camilo Castelo Branco,

escritor eastiço até a medula, ora usa o sing.,ora o plural, como se vai ver. Usa, por ex., o plural nas seguintes passajens o insigne novelista: « *Apearam* um homem e três senhoras que entraram ao páteo da hospedaria.» *(As virtudes antigas,* p. 171).— Decorridos oito dias após o trespasse de Bernardo da Veiga, *saíram* de Cascais para Lisboa o barão da Penha e Isaura.» *(Vingança,* cap. 18, p. 182).— « Breve tempo exereeu o lugar: *minguavam*-lhe paeiencia, habilidade, e reeursos para sustentar-se dignamente:» *(O romance de um homem rico,* eap.14,p. 233). Mas também esereve o elegante prosador, com o verbo no singular: «Ao lado do seu leito *estava* um menino de nove anos, e uma mulher de vinte.» *(Coisas espantosas,* cap. I, p. 6). — «*Recrudesceu* a luta e a desordem. » *(A enjeitada,* cap. 23, p. 204). — « *Faltou*-me o animo e a fala.» *(Noites de Lamego.* p. 25).— « Dahi a pedaço *desabou* o tecto e as paredes da capela, e lá ficaram enterrados todos.» (*O retrato de Ricardina,* eap.17, p. 177).— «Mas de que *serve* a má fé de meu pai, e as astúeias de meu tio?» *(Carlota Anjela,* eap. 5, p. 59). — « Agora, dinheiro foi-se todo. *Resta*-me a quinta e estas casas,e umas terras no Candal » *(A filha do doutor Negro,* cap. 21, p. 257).—«No dia seguinte, *veio* o morgado e a filha a Lisboa.» *(O romance de um homem rico,* eap. 9, p. 186).— « É tributo que *pagou* teu pai e teus avós.» *(Aventuras de Basilio Fernández Enxertado,* cap.3, p. 38).

Outros muitos exemplos puderamos para aqui trazer do grande Camilo; porém bastam êstes para incorrermos, a nosso pesar, no desagrado do *(ha um nome que se supprime)* que, em um de seus ultimos artigos publicados nesta folha, diz não gostar de citar a Camilo Castelo Branco, e a razão é porque o glorioso romancista lidava muito com o povo, cuja linguajem frequentes vezes se reflete em seus escritos. Mas isto não faz vacilar nem de leve os créditos do exeelentissimo escritor, e é até mais um titulo com que se êle recomenda á estima e admiração dos estudiosos da lingua. Um idioma é produto do povo, não um sistema artificial organizado na eabeça de quem quer que seja, e tanto mais autoridade ganha um eseri-

tor quanto mais do uso vivo se abeiram os seus escritos, que assim representam o uso de um idioma em uma época determinada. O povo, como diz um gramático moderno, é o nosso soberano mestre de linguajem: suas sentenças são sem apelação, e o uso tudo justifica,— solecismos e barbarismos.

Não ha talvez na literatura portuguesa do nosso tempo linguajem mais limpida, mais natural, mais formosa e, sobretudo, mais opulenta que a de Camilo Castelo Branco. E não adquiriu êle êsse vocabulario copioso e essa vastissima fraseologia que todos lhe gabam e invejam, recorrendo sómente ao erário dos antigos escritores classicos, que todos conhecia êle profundamente, e rejuvenescendo com grande destreza e felicidade velhas expressões e construções esquecidas, senão também explorando o manancial riquissimo da linguajem popular e dos provincianismos. Em uma nota de uma das suas novelas, nota que cito de memória, porque não pude dar com ela no oceano de suas obras, por mais que fiz pela alcançar, diz Camilo que lia muito pelo dicionario inédito do povo das provincias, se me não trai a memória, de Trás-os-Montes e Beira Alta, que, a seu juizo, sabe a lingua portuguesa como frei Luis de Sousa. A cada pájina dos livros immorredoiros de Camilo se topam palavras e frases que em balde se buscarão nos lécsicons. Só os mais recentes e laboriosos vocabularistas, como o snr. dr. A. A. Cortesão nos seus valiosos e prestantissimos *Subsidios*, e o snr. Cândido de Figueiredo em o *Novo Dicionario*, começaram a forrajear na feracissima seara dos livros de Camilo vocábulos nunca vistos, nem sabidos, dos seus antecessores. Merece lido, acima de todos, o trabalho intitulado *Fragmento de um estudo sôbre a linguajem de Camilo*, que o esclarecido filólogo português Júlio Moreira estampou em uma revista do Pôrto.

Mas continuemos com a citação de outros exemplos. Castilho põe o verbo no plural no seguinte trecho dos *Colóquios aldeões*, páj. 58: «Ali *estão* a pia baptismal, o cemitério, a capela dos casamentos, os bancos da dou

trina»; porém, emprega o sing. nestoutros lugares:

Chora o poeta, o sábio, o artífice, o guerreiro,
O relijioso, o enfêrmo, o pobre, um reino inteiro.

(O outono, p. 16).

« ... coisa de tamanha aventura, e em que tanto se *requer* certeza, e provas irrefragaveis.» *(Vivos e mortos,* vol. I, p. 37).

Seria nunca acabàr se deixássemos voar a pena pela cópia dêstes exemplos. Não há escriptor português que não tenha idêntico critério: pospostos os sujeitos ao verbo, é indiferente um ou outro número, o singular ou o plural.

As regras da, como lhe chama o filólogo João Ribeiro, *sêca e ríspida* concordância lójica exijem para a concordância a preferência do genero masculino ao femenino e que dois ou mais sujeitos do singular levem o verbo ao plural. Mas quem atentamente lê os bons escritores, observa que com extrema frequência se despreza a regra lójica e se acomoda o verbo ao número do nome mais vezinho, e o adjectivo ao género e número do substantivo mais próssimo. É esta uma tendência averiguada e incontestável de nossa lingua. Diz-se, pois, fazendo-se a concordância do adjectivo com o nome femenino mais imediato: *Muitas* são as vantajens e inconvenientes dêste sistema — *A grande* ánsia e desejo — *Aromáticas* rosas e cravos — Jorje, *perdida* a côr e o alento, caiu — *Aplacada* a inveja e seus rancores — Etc.

Tão correcto é pôr-se o verbo no plural a concordar com a totalidade dos sujeitos, como deixá-lo no singular, e neste caso o verbo se refere tão sómente ao substantivo imediato, subentendendo-se com os demais sujeitos. O verbo concorda com um só sujeito, o mais próssimo e supre-se com os outros. É igualmente o sujeito mais vezinho do verbo que atrai a concordância da pessoa, e já assim era em latim, como se vê neste exemplo do orador romano, citado por F. Antoine na sua *Síntasse latina* (Paris, 1885): «Si apud te nos, si gener tuus *valet.*» (Cic., *ad fam.*, VIII, 16,2). O padre Bernárdez escreveu na sua *Floresta,* tom. II, páj. 77: «Se são embusteiros os que nos guiam para a vida eterna, que *serás tu, e os teus,* que

meteis a pique as almas no inferno ?» — E Castilho *(O médico á força,* act. I, cena I): «*Vai* tu mais êle ao diabo !» Os seguintes exemplos são de Camilo : «O que me resta da felicidade passada *és* tu e êles» *(O judeu,* vol. I, parte seg., cap. 9, p. 213.— «Porque os herdeiros actuais dos haveres de meus avós *sou eu* e meu irmão». *(Ibid,* p. 214). — «Retira-te... e *aparece* tu e mais a justiça quando quiserem». *(A doida do Candal,* cap. II, p. 28) —«Não tenho mais ninguém que esperar da minha mocidade. *Era* ela e tu.» *(O ôlho de vidro,* cap XI, p. 110).— «A história que eu vou referir só a *sabe* em Portugal minha mulher e eu. *(Ibid.,* cap. XII, p. 118).

Consume ou consome, 126, 181.

Contra, por— defronte, para, 92. Por influxo logico d'este sentido é que no francez *contrée* (contrata) foi tirado de germanico *gegen, Gegend.*

Convite, 65.

Côr, corado, 95.

Côres, nomes de côres, 60. Côres de cavallos, 139.

Correcção de erradas pronuncias, 160, 137.

Corregor e corrigir, 55.

Correlação de verbos, 63, 68.

Crescença, quebras, 103. A ajuntar varios synonymos : *saguates, perealços, gorgetas, luvas, revoras* etc.

Cujo; pontuação, 103. Da palavra e applicação especial trato nas *Frazes feitas* (I série).

Cyclope e eyelópe, 160.

Dar de quebra, de barato, de graça, 103; dar azo, 139.

Davantagem = mais, 109.

De, explet., 66; de, partit., 75; regimen dos verbos *usar* etc., 139.

Debar e dobar, 45.

Defensavel e defensivel, 143.

D'elles, d'ellas, partit., 45.

Dentro dos braços, 149.

Deparar com, 63.

Des e in, prefixos negativos, 120, 150.

Desenho, designio, 92.

Despejado, e sem pejo, 39.

Destrue ou destróe, 181 e 126

Dezaseis e dezeseis, dezóito (no Brazil), 170.

Dobra, 95.

Dobar, 45.

D'onde, 141.

Dôr, 78.

Doutores, 50.

Dysentéria e dysenteria, 160

E, particula, em lugar de *a,* 170.

Ei = i, 133 (nota que corrige a 85ª).

Eigreja, egreja, igreja, 133.

A estas observações, com a elevação habitual, responde Gonçalves Viana, nas *Apostilas* (s. v. *igreja*). Não me convenceram, todavia, as suas razões. Teria eu agora que refazer algumas das minhas affirmativas no texto; mas a conclusão seria sempre a mesma.

Eio, eyo, eo, eia, ea, 65; a variação *eia* e *ia*, nos verbos, 181.

Eis aqui, eis = heis, haveis = hês = vês, 141.

Elemental, 86. Em Gil Vicente *interessal*.

Em = ende (ainda); em que pese, em que pés, ende que pés, 73.

Embarcações do Oriente; nomes, 183.

Empecer, empeçar, empachar, 65, 82, cf. fal*lir* e fal*har*, bra*mir* e *bramar*, *punir* e *pugnar*.

Enfatuar, mau emprego da palavra, 166.

Ensossa, parede, 128.

Entre, repetido, 142.

Enxerca, alto e malo, 130.

Epithetos syntheticos, 97, 99; epi*thé*to, 160.

Equivalentes de superlativo, 124; equivalencias syntacticas, 145.

Equivocos, trocadilhos, 79.

Escapula e não escápula, 187. (Ha, comtudo, escápola nos *Comm. de Albuqu.*, I, 13 e 14).

Espinha = espinho, 90.

Esqueceu-me, lembrou-me, por esqueci-me ou esqueci, 63, 88.

Ereita e sopé, 66.

Erros de concordancia, 145.

Esse é, esse vê, 69.

Estar por a estar, 48.

Estê, 44; estar dizendo, cantando; *brazileirismo*, 135 e 142; esteja, 44.

Estériles, fértiles, 107.

Est'outro; o elemento *est* é invariavel: *est'outros*, 70.

Ete, ête; suffixo, 159.

Euphemismos, 131, 150.

Exhuberante; melhor orthogr. sem *h*, 131.

Expedir, pedir, 65.

Fáceis, 107.

Fala falando, não é brazileirismo, segundo a affirmativa de Bias Mendes no trecho que transcrevi nesta nota (n. 135). É syntaxe que tambem apparece no portuguez: «Mas eu *zomba zombando*.» III jornada do Auto do *Fidalgo Aprendiz*. É muito commum construcção no espanhol. O dominio espanhol ao Brazil (1580-1640) trouxe muitos espanholismos. D'esta expressão tratámos nas *Frazes feitas*, explic. de prov. e loc. (II serie).

Fala falando; *brazil.*, 135; fala gritando, 142.
Falar verdade, e não falar *a* verdade, 48, 55. O assumpto foi eruditamente tratado pelo Dr. J. Leite de Vasconcellos, em um dos seus opusculos—*O texto dos Lusiadas*.
Fallecer, faltar, 66.
Fazer a saber, fazer saber, 65; fazer, para evitar repetição, 93, 110; fazer vantagem, 109; fez fazer, 110.
Ferir com os terços, 62.
Fervendo e fervente, 113.
Filhar, 57.
Fisicos e doutores, 50.
Fito = fixo, 87.
Fleima, teima, 133.
Flórido e florido, 187.
Foão, foan, 130.
Fórmas contractas, 143.
Fortuna, successo, 63.
Francezes; vocabulos ou phrazes supposlas francezas, 162.
Frautar, 38.
Frouxel, 49.
Futuros, 163; amores, 138.

Galgo, 57.
Gallicismos, 39, 87; sujeito *se*, 138; gallicismos supostos, 162.
Ganga, gaança, ganancia, 79.
Ganhado e não-ganho, 79.
Gerundios, 142.
Gil Vicente, 40. Annote-se na biographia o *Auto da festa*, descoberto e publicado pelo Conde de Sabugosa, recentemente. Ha promessas de edições de Gil Vicente na *Bibliotheca romanica*, e outra de Leite de Vasconcellos. Ed. recente dos autos portuguezes é a do Dr. Mendes dos Remedios.
Gozo, 57.
Gongorismo no estylo, 162, 173.
Grado e mangrado, 130.
Gran ou grão, e grande, 58, 143.
Gráo, 109, 124.
Grato não é agradecido; ingrato, 103.
Gregos, vocabulos; orthog. e prosodia, 160. Nunca será demais dizer que o livro principal n'este assumpto é o do Dr. Ramiz Galvão, a que me referi anteriormente.
Guadamexim, 49.
Guar-te (*guar*, por guare, de *guarir* e não *guardar*. Veja *Cal-te*, n'este indice).
Guião e aguião, 80.

H—erros orth. no emprego do *h*, 131.
Hajas benção, 52; hajas que, 68.
Havana, a Havana, 52.
Have e havei, hei medo, 68, haver de, dever de, 149.
Havre, o Havre, 52, 152.
Hebraicos, nomes; prosodia, 174. Todos os nomes hebraicos (biblicos), no francez e

nas linguas romanas, apparecem sempre muito deturpados, sem que seja possivel corrigil-os por já os ter assim approvado a Igreja catholica.
Herva, 43. A expressão torpe a que me refiro póde ter outra origem; d'ella tratei nas *Frazes feitas*. Já Cicero dizia *terræ filius*, n'uma das suas cartas VII, 9ª, com o mesmo sentido.
Hervoeira, 43. A affirmativa só se ha de aceitar *cum grano salis*. Leia-se a nota antecedente e relativa á palavra *herva*.
Historial, 86. Livros *historiaes*, os livros historicos do antigo testamento.
Hombro, escreva-se—ombro, 131.
Homizio = homicidio, homiziar, 76.
Hontem, escreva-se — ontem, 97, 114.
Hora e ponto; ponto = minuto Cf. *ponteiro*, 52, d'ahi derivado; *ponteiro*, o que marca o *ponto* ou minuto.
Hospedado, 53.

I = vae, 83; imos, 111.
Ia ou *eia*, na terminação dos verbos, 181. São verdadeiras pequices orthographicas, as estereis discussões a respeito de *ea* e *eia* em *aréa* e *areia*, *passéa* ou *passeia*, *idéa* ou *ideia*, em que se comprazem varios amadores d'esta e quejandas outras bagatelas.
Ibéro, e não ibero, 187.
Idades da vida, nomes, 69.
Igreja, Ignez, 133.
Imigos, 50, 84.
Imos ou vamos, 83, 111.
Impedir, 65.
Imperativo de haver, querer, 55.
In e des, 120. *In*—unico prefixo accent., 150. É tambem commum pronunciar *impar* em vez de *impar*.
Infatuar; infatuar conselhos, 166.
Infinitivo estar, 48.
Ingrato, agradecido e grato, 103.
Ino, suffixo atono, 160.
Inobediente, 120.
Insolvavel, 143.
Involúcro e não invólucro, 187.
Inutiles, estériles, 107.
Ir, 83, 111.
Izempto, por exempto, 133.

Jaua = Java, 122. Gonç. Viana, na *Ortogr. Nae.*

Lançar-se ou deitar-se, 39.
Lavar, 43.
Lcixar, 45, 80.
Lembrou-me, esqueceu-me. 63, 88.
Lhe, por *lhes*, nos quinhentistas; ainda hoje invariavel

na combinação *lhes o*, sempre *lh'o*, 157.
Linhagem, 126.
Litoral, adjectivo, 185.

Mais grande, 35.
Mal = máo (malo), 143.
Mancar, manquecer, 74.
Manilha, collar, 48. E tambem pulseira (manus).
Manjar, manjua, 66.
Mar oceano, 105.
Matiz, matizar, deriv. de manto, 87. — Não dou cousa alguma pela etymologia proposta. Ha outras derivações do italiano *masticc* ou, segundo imagino, *matizar* de *esmaltizar* (esmalte) etc. Faltam elementos historicos, ou não os conheço, que justifiquem qualquer d'estas hypotheses ou fantazias.
Meca, a Meca, 52.
Meio, adv. e adject., 138.
Mendes Pinto (Fernão). Espera-se a ed. do erudito portuguez General Brito Rebello.
Menos parte, 139.
Mercancia, mercante, marchante, 151.
Mimoso, unico adj. em *oso* com sentido passivo, 136.
Mingar, mingola, deriv. de mendigar, 158.—Tudo quanto se depara em nota, referente a etymologias, é um excurso de imaginação, até quando sejam devidamente esclarecidas pelos competentes.
Mistieo = mixto, 35.
Moço, rapaz, fórmas dialectaes, 63, 69. Sobre fórmas dialectaes do portuguez, são muito dignas de nota as paginas (414 a 433) que escreveu para a recente ed. da sua *Gramm. port.*, o dr. Alfredo Gomes.
Modorra e modorro, monturo, 133.
Montar a cavallo em, 128; termos de montaria, 139.
Morángão, 80.
Mui e muito, e mui muito, 143.
Murmur*ío* e não murmúrio, 187.

Neẽngatu, neẽngaiba, 144.
Negativa dupla, 179; neg. simples, 109; não mais e *nò* mais, 167.
Negativos, adjectivos, 99, 120.
Negro e preto; este, de uso mod., 132. Veja *Preto*.
Nem, isolado, 109.
Ninguem não, nenhum não, 109.
Nò mais por não mais, 167.
Nònáda, 167.
Nojo, 124.
Noticioso de, 105.

O—ó—contracção de *ao*, como *á*, contr. de *aa*, 174.
Océano e occáno, 105.
Odeia ou odia, 181.

Olho, a olho, enxerga, grado e mangrado, alto e malo, 130.
Omissão do artigo, 168, 152; do — *que* — 169; do verbo *ser*, 168.
Omizio por homizio = homicidio, 75.
Onde: pontuação, 103.
Ontem e não hontem, 97, 114.
Orientaes, nomes; a transeripção vernacula, 156 e 183. O prof. Said Ali, no seu livro *Difficuld. da lingua*, trata de muitos d'estes e de outros nomes, especialmente geographicos. Tambem tratei do assumpto em nota breve aos *Auctores Contempor.* (ed. Alves).
Ousar dizer, ousar a dizer, 65.

Paço, fazer paço, 39.
Palavras gregas, orthogr. e prosodia, 160.
Palmeirim, 47. Indique-se a ed. de Purser.—*Palmeirim*, Dublin, 1901.
Para, e a, 142; para que? para que é? — 167. Tratei d'este curioso phenomeno nas suas variadas fórmas, nas *Frazes feitas* (II série).
Paraelito e paraeléto, 160. G. Viana. *Apost.*, trata do mesmo voeabulo.
Paradoxo é adjectivo, 185.
Parede meia, parede meios, em meio, 78.
Pareeer, por appareeer, 103; parecia serem e pareciam ser, 162.
Partieipio, 103.
Pareseer e pereseer, 44.
Párvoa, e não — parva; parvoamente, 80.
Pasmado, 52.
Passiva de — *se* — 138.
Passar tempo, 83.
Passivo v., por activo, 128.
Passo = de vagar, passozinho, passinho, 39, 66.
Peeo, pequice, 79.
Peior; prefira-se pior, 85.
Peior vontade, 65.
Penten, 49.
Per, por, 88; per si, 88.
Perguntar e preguntar, 130. (Corrija-se no texto d'esta nota *arte mala*, em lugar de *alto e malo*; e *cargo* — cárrego), 130. — Responde a estas observações Gonçalves Viana nas suas *Apostilas*.
Perro, 57.
Pesar de, 73.
Pekin, o Pekin, 52.
Pilula, pillula, pirula, 130.
Pirea, 128.
Plural em — *iles*, atono, 107; plural de abstraetos, 163 e 138; plural, gallicismo, 163; póde exprimir menos que o singular, 171. É tambem um expoente em termos de earicia: amorinhos, *quindins*, *candongas*, etc.
Poial, poyal e apoiar, 52
Polhastro, polho, 78.
Policía, 105.

Pombo não é termo da especie, 57.
Ponto, de ponto em branco, 59; ponto de honra, 162.
Pontoso, 59.
Popeline, 49.
Possessivos, ambignidade, 91.
Pós de, após, em pós de, 107.
Posthumo; escreva-se sem *h*, 131.
Pouca d'agua, 66; pouco e pouco, *a* pouco, 170.
Prègar, accento secundario, 41, 75.
Premeia ou premia, 181.
Prender fogo, 162.
Prenha, brenha, 107. Veja brenha.
Preposições repetidas, 142.
Prestes, prestemente, 46.
Preto, 132. São dignas de leitura as convincentes observações de G. Viana nas *Apostilas*, a respeito d'este vocabulo. A antiga etymologia deduzida de *perto* (ant. *preto*), que está no mesmo G. Viana, em Menendez Pidal, etc., foi a que posteriormente adoptei, por preferivel ás demais.
Primeiro que, 91.
Próclise de pronomes, 157.
Progenitores, 90.
Prolação da nasal, 80.
Prolfaça, 66.
Pronomes; *próclise* com afastamento, 157; combinações, 157; *enclise* depois do verbo *haver* e no futuro, 157.
Pronuncias duvidosas ou erradas, 160, 187. Notei as duvidas, mas não indiquei o que *é correcto;* em geral, tenho que só *é correcto* o que vem do *uso bem assentado* e não da etymologia.
Prosodia de vozes gregas, 160. Vejam a observação antecedente quanto ao uso.
Leiam os excellentes conselhos que dá Candido de Figueiredo quanto aos erros communs de prosodia em varias vozes: *variola, nigromancia,* no *Falar e escrever,* em «*O que se não deve dizer*» e em todas as suas obras e estudos da lingua portugueza. Entretanto, as razões etymologicas serão sempre insufficientes, se não tiverem a favor algum uso.
Prover, provir, 62.
Próvido e provido, 187.
Pudor, pundonor, 56.

Qualificativos syntheticos, 97, 99.
Que = quem, 78, que? e — o que? que é o que? 146. Que mim, que ti, 66; quem n'o diz, 79; que — pontuação, 80, 103; que — antes do infinitivo, 87; refer. 85; que é que? *qué que (brazil.)*, 157; que é de, quéde? — 167; omissão do *que*, 168.

Quebra, erescença, 103. Veja crescença.
Quer, quere, 37, 135, 150. Querei (imperativo), 55; querer, por quizer, 62.
Quint'essencias, 163

Rabo de boi, 49.
Rebatinhas, ás, 72.
Recado, de recado, 49.
Redondo, 50.
Regimens de verbos; confiar *com*, encontrar *com*, julgar *por*, 145.
Remercear, 162.
Requere, requerer, verbo regular, 150, 57.
Resfólego (verbo) 187. Não é o unico que conserva o esdruxulo na flexão. Tambem se diz *min*gua por min*gua*. «Gostos *min*guam em mim, tristezas creseem.» em Diogo Bernardes, *Rimas varias*, 106 (ed. de 1770), assim tambem pareee soar na *Carta de Guia* (de Dom F. Manoel) logo nas primeiras paginas. Veja Mingua.
Respeito = face, 108.
Resussitar; melhor orth. que resuscitar, 153.
Revel, revelle, rebelde, 135.
Rever e revellir, 130.
Ribeira e ribeiro, 83.
Roldão e Redondo e Orlando, 50.
Roupa (ital. *roba*), bens, 135.

Sabugo, 57.
Sair e sahir, 131.
Sal, salgado, 72.
Samixuga, sanguisuga, 53.
Santo e são, 143, Santo Thomás, Santo Tyrso, santo frei, 143.
Saráus, serão, 45.
Saúde = salvação, 91.
Se — particula apassivadora, 138; *se* — sujeito, 138. — A questão do — *Se* — sujeito deu origem a varios escriptos *pro* e *contra*, nos ultimos tempos no Brazil. Citemos os do Conego Braga, Otoniel Motta, A. Moura, Said Ali, Maximino Maciel, Luiz Garnes e outros, em papeis avulsos ou artigos de revistas. Seria enfadonho entrar aqui em pormenores que todos resultam de uma equivocação geral. A *funcção* do *se* é frequentemente de sujeito; os que não querem perceber a *funcção* da palavra, arguimentam com o fundamento de que *se* não é nominativo e conseguintemente não é sujeito; elles só é que *sabem* que *se* é accusativo em latim. Grande sciencia!
Sem — no seguir, 80.
Sempre; uso muito especial, 101.
Senão = exeepto, 69.
Ser, verbo; omissão, 168.
Serão, sarau, 45.

Serro, serra, cerração, 66.
Simple, e simprezes, 107.
Singular, é alguma vez gallicismo, 163; é emphatico, e exprime mais que o *plural*, 171.
Sino, 48.
Só, 69.
Sobre, 118, 122; sobre mesa, 118.
Socegar; melhor orth. é sossegar (ant. sessegar), 43, 153.
Sóe, soer, soia, 69.
Soldão e sultão, 156.
Ss por ç ou *sc*, na orthogr., 153.
Substantivo, com uso de adjectivo, 185; subito, substantivo, 185.
Successo, bom successo, 63.
Sujeito indefinido *se*, e suj. plural, 138; sujeito *um dos que*, 151.
Suffixo *eza* e *ez*: altiveza, 146.
Superlativos, 124.
Suspirar por, 149.

Tanho, 49.
Tapiz; é voz legitima, 162.
Tenções dobradas, 79.
Tenda, tendeiro, 73.
Terços da espada, 62. Das folhas afiadas, a aresta romba que se oppõe ao *gume* chama-se *cota*.
Tesouras ou thesoura, 101.
Th por t, 101, 131.
Titulos e dignidades asiaticas: nomes portuguezes, 156.
Todo; antes dos nomes de cidades: todo Athenas, todo Valença, 52.
Tornar = voltar, 149, 63.
Trapassa (e não trapaça), traspasse, troca, 139.
Tratamento; nomes port., 156,
Travessa e travessia, 70.
Trémpen, 80.
Trocado, trocadilho, ou equivoco, 79, 162.
Tupi-guarani, lingua geral, 144.

Um dos que *sabe* ou *sabem*, 151.

Val = vale, 37.
Válido e valido, 187.
Vantagem, 109.
Vendavel e vendivel, 143. Embora *avel* convenha aos verbos em *ar* e *ivel* aos em *ir* ou *er*, ha derivações incongruentes, como *desprezivel* (ital. *sprezzabile*), convinh*avel*, que se explicam por diversa analogia. Veja aqui —avel.
Véntans e ventas, 80.
Verbos compostos ou concurrentes, 56, 65; verbos dobrados, 142; alteração da vogal dos verbos, u—o, i—e. 126; eia e ia, na terminação, 181.
Verdade, falar verdade, e não falar *a* verdade, 48.
Verdugo, 62.
Vergonha, a boa vergonha, 56,

Vice-rei, viso-rei, vice-reinar, 62, 149.

Vieram pintar por veiu pintarem; 56.

Vogal; a vogal dos verbos alterada na conjugação, 181.

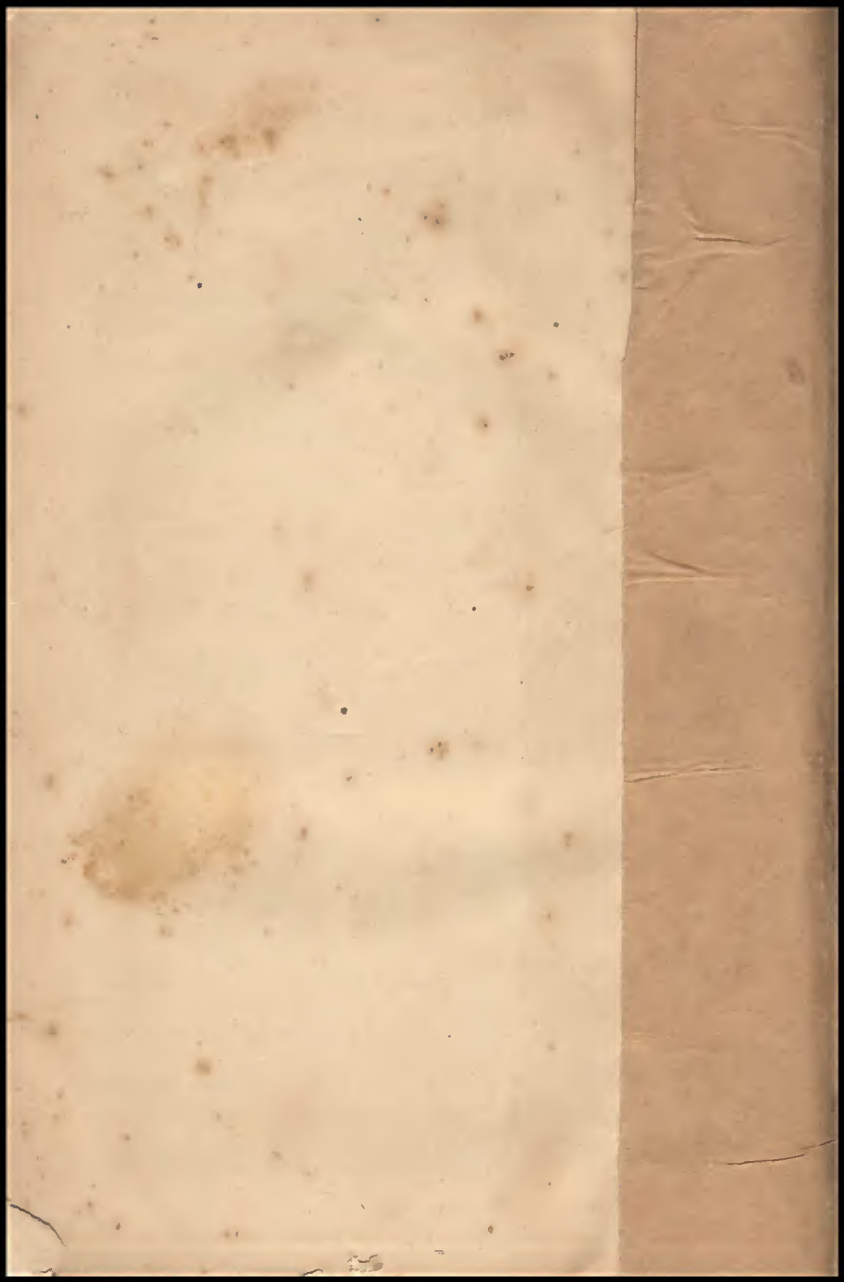
Voltar, voltas, e tornar, 63.

Vossê, melhor orth. que *você*, 153.

X e ch, na orthogr., 52.

Z ou *s*, na orthogr., 60.

N. 536 — Typ. da Livraria Francisco Alves—Setembro, 1913



Edições da LIVRARIA FRANCISCO ALVES

Anthologia Nacional, ou collecção de Excerptos dos principaes escriptores da lingua portugueza, do seculo XVI ao XIX, precedida de uma introducção grammatical e entremeiada de breves noticias bio-bibliographicas, por Fausto Barreto e Carlos de Laet. Obra adoptada no Gymnasio Nacional, Escola Normal do Districto Federal e no Collegio Militar, em diversos Lyceus e outros estabelecimentos de ensino, tanto da Capital Federal como dos Estados, 6ª edição muito melhorada. 1 vol. cart..... 4$000

Lições Praticas de Orthographia, ou Livro para o dictado nas Escolas primarias, por João da Matta Araujo. Obra approvada pelos Conselhos de Instrucção Publica da Capital e de Pernambuco, e adoptada pelo Governo para uso das Escolas Publicas de instrucção primaria, premiada com o Diploma de Merito na Exposição Industrial Nacional de 1881, 23ª edição melhorada e augmentada. 1 vol. cart... 1$000

Selecta Classica, por João Ribeiro (da Academia Brazileira), com annotações philologicas e grammaticaes, em complemento das doutrinas expostas no curso superior da *Grammatica Portugueza* do mesmo auctor. Esta *Selecta Classica* tem uma longa introducção sobre o *Periodo Ante-Classico* da lingua portugueza; 2ª edição refundida. 1 vol. in-16 fr. de 364 pags., cart..... 4$000

Autores Contemporaneos. Excerptos de escriptores brazileiros e portuguezes do seculo XIX, para uso das Escolas, Gymnasios e Lyceus, 7ª edição muito augmentada e copiosamente annotada. Obra adoptada no *Gymnasio Nacional, do 1º ao 4º anno.* 1 vol. cart..... 3$000

Factos da Linguagem, por Heraclito Graça. 1 vol. cart..... 4$000

Promptuario do Escriptor Portuguez, por Pacheco da Silva Junior. 1 vol..... 1$000

Estudos da Lingua Portugueza, por Mario Barreto, com um prefacio de João Ribeiro (da Academia Brazileira). 1 vol..... 3$000